

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

FERNANDO JOSÉ LOURENÇO FILHO

**TORNAR-SE PELÉ:  
A ASCENSÃO DE UM JOVEM JOGADOR NEGRO NO FUTEBOL  
BRASILEIRO**

(Versão corrigida)

SÃO PAULO  
2023

FERNANDO JOSÉ LOURENÇO FILHO

**Tornar-se Pelé:**

**A ascensão de um jovem jogador negro no futebol brasileiro**

(Versão corrigida)

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em História Social  
do Departamento de História da  
Faculdade de Filosofia, Letras e  
Ciências Humanas da Universidade  
de São Paulo como parte dos  
requisitos para obtenção do título de  
Mestre em História Social

Orientador: Prof. Dr. Flávio de Campos

SÃO PAULO

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

F481t Filho, Fernando José Lourenço  
Tornar-se Pelé: a ascensão de um jovem jogador negro no futebol brasileiro / Fernando José Lourenço Filho; orientador Flávio de Campos - São Paulo, 2023.  
190 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Futebol - Brasil. 2. História do Brasil. 3. Racismo - Brasil. 4. Jornalismo esportivo. 5. Negros - Brasil. I. Campos, Flávio de , orient. II. Título.



fflch

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA,  
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**

**Termo de Anuência do (a) orientador (a)**

**Nome do (a) aluno (a): Fernando José Lourenço Filho**

**Data da defesa: 13/11/2023**

**Nome do Prof. (a) orientador (a): Flávio de Campos**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 02/01/2024



**USPAssina - Autenticação digital de documentos da USP**

**Registro de assinatura(s) eletrônica(s)**

Este documento foi assinado de forma eletrônica pelos seguintes participantes e sua autenticidade pode ser verificada através do código 5NDR-6SSE-IYYT-87YM no seguinte link:  
<https://portalservicos.usp.br/iddigital/5NDR-6SSE-IYYT-87YM>

**Flavio de Campos**

**Nº USP: 771088**

**Data: 02/01/2024 10:58**



FILHO, F. J. L. **Tornar-se Pelé**: a ascensão de um jovem jogador negro no futebol brasileiro. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História Social.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

*Lina, Fernando (pai) e Sayuri, os que ficaram quando a gira girou.*

## AGRADECIMENTOS

A ideia deste trabalho nasceu no tempo “em que tudo era mato”, tempo que ainda precisávamos justificar para nossos pares, a importância de se estudar futebol dentro do universo acadêmico das ciências humanas. É por isso que meu primeiro agradecimento é dedicado ao professor Flávio de Campos, um dos pioneiros que “desbravou esse mato” e que, em diversas oportunidades, se mostrou uma pessoa generosa e incentivadora de pesquisadores nesta área. Comigo não foi diferente, desde a primeira edição da disciplina de “História Sociocultural do Futebol”, quando ele me permitiu, ainda como graduando, assistir às aulas, e depois, quando aceitou ser meu orientador nesta pesquisa. Sem aquelas aulas e o que foi discutido nelas, este projeto não existiria.

Aos integrantes da minha banca de qualificação, professores José Paulo Florenzano e Luiz Henrique de Toledo, pelas observações realizadas durante meu exame e que foram determinantes nos rumos da minha pesquisa, minha profunda gratidão.

Agradeço ao professor Hilário Franco Júnior, que também ministrou as primeiras edições da História Sociocultural do Futebol, e que com seu grande conhecimento, auxiliou de maneira fundamental na formação de toda uma geração de pesquisadores do futebol.

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, um dos meus lugares preferidos no mundo, minha gratidão eterna.

À todas professoras e professores que passaram, e ainda passam pela minha vida. Dos bancos escolares à pós-graduação, todos foram muito importantes, não apenas para a minha formação acadêmica, mas sobretudo, para minha formação enquanto indivíduo. Meus agradecimentos a todas e todos.

Aos colegas pesquisadores que conheci ao longo de toda essa jornada, meu parceiro de orientação, Micael Zaramella, meus colegas desbravadores de GIEF, Marcel Diego Tonini, Sérgio Settani Giglio, Enrico Spaggiari, João Paulo Streapco, Diana Mendes Machado, Melina Miranda e Paulo Favero, meus agradecimentos pelas discussões e reflexões onipresentes em meu trabalho.

Aos grandes amigos que fiz durante meus anos de graduação na USP, e às nossas tardes nas extintas mesinhas da História, minha gratidão pelas amizades sinceras e pelos risos compartilhados.

Aos meus grandes companheiros dos tempos de UNESP, tempos em que o calor bauruense, as zoações futebolísticas e a temperatura da cerveja eram as nossas raras preocupações, agradeço por tudo que vivemos juntos.

Ao meu pai e aos meus tios Augusto (*in memoriam*) e Carlinhos, que nas arquibancadas de cimento da antiga Fonte Luminosa, debaixo de muito sol e chuva, me ensinaram a paixão pelo futebol, ouvindo sobre os célebres duelos entre o Santos de Pelé e a Ferroviária de Bazzani, a eles agradeço por toda alegria e tristeza que este esporte me proporciona.

E agradeço, mais uma vez, a pessoa que esteve presente em todas as etapas desta pesquisa e que mais me incentivou, que me auxiliou nas revisões, na elaboração dos resumos, e nas mais variadas e aleatórias dúvidas que tive ao longo de todo este trabalho, minha companheira de caminhada, Sayuri Chan.

*“No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto  
retinto e filho do medo da noite”*

Mário de Andrade

## RESUMO

FILHO, Fernando José Lourenço. **Tornar-se Pelé**: a ascensão de um jovem jogador negro no futebol brasileiro. 2023. 186 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Esta dissertação propõe analisar a forma com que o jogador Pelé foi retratado pela imprensa esportiva brasileira durante o período em que ocorreu sua ascensão enquanto um jogador de futebol profissional. Desde as primeiras menções ao seu nome na grande imprensa, em 1956, até à conquista da Copa do Mundo da Suécia, em 1958. O texto reflete as maneiras como a figura de Pelé foi noticiada pela mídia especializada neste período. Se por vezes o atleta foi elogiado e apresentado como jogador promissor, por outras vezes, se questionou a sua capacidade futebolística, em outras ainda foi retratado como um mero coadjuvante, para, por fim, ser alçado à condição de um dos principais nomes do futebol mundial. A análise considera também outros aspectos e episódios da época, tais como: influência familiar, racismo, a ênfase em sua juventude, o assédio de vários clubes pelo seu futebol, as convocações para a seleção brasileira, a renovação de seu contrato profissional, seus desempenhos e comportamentos nas partidas que atuava, o contexto dos confrontos da Copa do Mundo e da preparação da seleção, entre outros. Todos os fatores que influenciaram na constituição de uma imagem multifacetada do jogador, que teve, com o título mundial de 1958, a sua primeira grande consagração.

Palavras chave: Pelé; racismo; futebol brasileiro; década de 1950; imprensa esportiva.

## ABSTRACT

FILHO, Fernando José Lourenço. **Becoming Pelé: The Rise of a Young Black Player in Brazilian Football.** 2023. 186 f. Master's dissertation – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

This dissertation proposes to analyze the way in which the player Pelé was portrayed by the Brazilian sports press during the period in which his ascension occurred as a professional football player. From the first mentions of his name in the mainstream press, in 1956, to winning the World Cup in Sweden, in 1958. The text reflects the ways in which the figure of Pelé was reported by the specialized media in this period. If sometimes the athlete was praised and presented as a promising player, at other times his football ability was questioned, at other times he was portrayed as a mere supporting player, to finally be raised to the status of one of the main names in world football. The analysis also considers other aspects and episodes of the time, such as: family influence, racism, the emphasis on his youth, the harassment of several clubs for his football, the calls for the Brazilian national team, the renewal of his professional contract, his performances and behaviors in the matches he played, the context of the World Cup clashes and the preparation of the selection, among others. All factors that influenced the constitution of a multifaceted image of the player, who had, with the 1958 world title, his first great consecration.

Keywords: Pelé; racism; Brazilian football; 1950s; sports press.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. A NOTÁVEL REVELAÇÃO PEIXEIRA.....	15
1.1. Uma esperança para o Santos.....	16
1.2. A estreia pela seleção.....	27
2. RUMO AO SONHO.....	49
2.1. Dois planos para o Brasil.....	50
2.2. Um autêntico Zizinho.....	60
2.3. O Personagem da Semana.....	68
3. “NÃO GOSTO DE FICAR SEM JOGAR”.....	83
3.1. Reações emocionais.....	84
3.2. A disputa por uma vaga.....	91
3.3. Pelé por um fio.....	98
4. O PRÍNCIPE DA VITÓRIA.....	109
4.1. O perigo vermelho.....	110
4.2. O máximo de nossas justas aspirações.....	124
5. PELÉ SE TORNA PELÉ.....	143
5.1. Desmoralizando granitos.....	144
5.2. O Brasil Novo.....	156
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	173
FONTES DOCUMENTAIS.....	180
BIBLIOGRAFIA.....	182



## **INTRODUÇÃO**

No dia seguinte à partida válida pelas semifinais da Copa do Mundo de 1958 na Suécia, contra a França, o *Jornal dos Sports* publicou um pequeno perfil de Pelé e uma rápida entrevista feita ao então jovem jogador. Assim o texto descreveu o atleta:

“Tímido, humilde, escondido, de voz apagada, este é Pelé, menino puro, jogador de coração generoso, absolutamente não-paulista, mas mineiro de nascimento.

De longe, pelo desassombro e audácia, parece outra coisa. Chega a parecer até convencido. Engano. Não há criança mais dócil, crack mais ausente da fama, do que o menino de Três Corações, que o football bandeirante consagrou.”<sup>1</sup>

Esta descrição tem alguns dos traços mais recorrentes na maneira como Pelé foi retratado em seu início de carreira, ressaltando a sua juventude dentro de uma perspectiva quase rousseuniana, como se Pelé fosse um Emilio à espera de sua educação, um ser puro e inocente. Entretanto, apesar deste retrato que é desenhado dele, seu desempenho em campo, segundo o *Jornal dos Sports*, criava uma falsa imagem, completamente diversa da primeira, a imagem de um Pelé, “mascarado” ou até mesmo, arrogante.

Quando este texto foi publicado, Pelé era ainda uma novidade dentro do universo do futebol brasileiro, mesmo que ele já figurasse entre os principais nomes da seleção brasileira que disputava a Copa do Mundo. Sua aparição e ascensão no futebol foi vertiginosa, e a maneira que sua imagem se transformou em um curto período de tempo, acompanhou este ritmo do início de sua carreira. Em pouco mais de um ano, ele foi visto como apenas mais jovem desconhecido, recém-chegado do interior paulista, depois como uma revelação promissora, posteriormente como um jogador cobiçado por vários clubes, conseqüentemente como presença obrigatória na seleção, depois como titular da equipe nacional e, por fim, como um dos principais destaques da Copa do Mundo.

Esta rápida sucessão de metamorfoses na imagem de Pelé, pode ser resumida em dois subtítulos da manchete, na mesma matéria do *Jornal dos Sports*: “Pelé, batizado em Três Corações, revelado em Bauru, laureado em Santos e consagrado em Gotemburgo”<sup>2</sup>, e ainda complementa: “De Edson a Pelé”<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> “Ídolo grande de um ídolo pequeno”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro: 25 de junho de 1958, p. 5.

<sup>2</sup> Op. cit., p. 5

<sup>3</sup> Op. cit., p 5

De modo sucinto, estes dois subtítulos contam o que aconteceu com Pelé. O primeiro subtítulo narra qual foi o caminho percorrido por Pelé até aquele instante, desde seu nascimento em Três Corações, seus primeiros contatos com o futebol, em Bauru, sua profissionalização futebolística em Santos e, por fim, a sua consagração na Suécia. O segundo subtítulo, por outro lado, resume a transformação pela qual Pelé passou, no caso, Edson se tornou Pelé. Observadas assim superficialmente, estas duas curtas frases apenas contam o que se passou com Pelé, mas não explicam como tudo isso aconteceu.

O objetivo deste trabalho é justamente procurar reconstruir como ocorreu esta transformação do jovem adolescente Edson em Pelé, e sobretudo identificar a partir de que momento Pelé se tornou Pelé. Para isso pesquisamos o vasto material produzido sobre Pelé, por alguns dos principais veículos de imprensa, como “A Gazeta Esportiva”, “Jornal dos Sports”, “Última Hora”, “O Estado de São Paulo”, “Manchete Esportiva” e “O Cruzeiro”, principalmente neste curto período inicial de sua carreira profissional.

Utilizamos como recorte temporal o período compreendido entre os anos de 1956, quando Pelé é mencionado pela primeira vez por um periódico de grande circulação, no caso, a Gazeta Esportiva, até os dias subsequentes à conquista da Copa do Mundo da Suécia, em julho de 1958, e dividimos esta trajetória em que Pelé se torna Pelé em cinco etapas, ou capítulos.

O primeiro, intitulado “A Notável Revelação Peixeira”, analisamos as primeiras menções ao nome de Pelé na grande imprensa, seu desempenho do Torneio Internacional do Morumbi, os interesses de outros clubes em seu futebol, além do contexto que o levou a ser convocado pela primeira vez para a seleção brasileira, na disputa da Copa Roca, contra a Argentina, assim como sua performance. nestes dois jogos contra os argentinos, influenciou na construção de sua imagem.

No segundo capítulo, nomeado “Rumo ao Sonho”, continuamos a investigar como a imagem de Pelé era tratada na imprensa, relacionando com o cenário social e econômico que o Brasil vivia naquele contexto, especificamente, os efeitos do Programa de Metas implementado sobre o governo de Juscelino Kubitschek e como isso se refletiu no futebol, principalmente por meio do Plano Paulo Machado de Carvalho, utilizado na preparação da seleção para a Copa na Suécia. Além disso, através de um exame detalhado da crônica de Nelson Rodrigues em que Pelé é

chamado de “Rei” pela primeira vez, discutimos como a figura de Pelé é transformada em um paradigma das questões raciais no Brasil<sup>4</sup>.

Em, “Não gosto de ficar sem jogar”, terceiro capítulo deste trabalho, examinamos como a imagem de Pelé foi tratada no contexto da preparação da Copa do Mundo de 1958, dando continuidade às discussões envolvendo Pelé e o racismo, além de aspectos recorrentes do modo que o jogador era descrito pela imprensa, e abordamos questões que tinham como temática a juventude de Pelé. Tratamos de sua contusão na preparação para o Mundial, como isso quase o excluiu do torneio e de que modo a imprensa lidou com este assunto.

O quarto capítulo, “O Príncipe da Vitória”, tem como foco central a participação da seleção brasileira na Copa do Mundo e obviamente como Pelé foi tratado ao longo deste torneio pelos periódicos. Analisando como a sua ausência nas duas partidas iniciais da competição, contra Áustria e País de Gales, foi tratada, além de um exame minucioso dos contextos de sua estreia contra a União Soviética, e das partidas contra País de Gales e França, quando Pelé foi decisivo para as vitórias brasileiras.

“Pelé se torna Pelé”, é o quinto e último capítulo de nossa dissertação, onde examinamos o momento no qual, acreditamos que o processo de transformação da “novata revelação peixeira” em Pelé, o grande jogador, se consolida, além de seus desdobramentos imediatos. No caso, este momento seria a vitória na final na Copa do Mundo de 1958, contra a Suécia, e as repercussões seguintes, o modo como a seleção campeã do mundo, e principalmente Pelé, foram recepcionados no retorno ao Brasil.

Vale ressaltar que, ao longo de todos estes capítulos, alguns temas recorrentes foram objetos de reflexão. Entre eles, cito o fato da figura de Pelé estar em constante processo de mutação, e que este mesmo processo não se encerrou com a Copa do Mundo na Suécia, na realidade ele continua até hoje. Reforço ainda a preocupação em demonstrar como a imagem de Pelé dialoga com questões relativas ao racismo no Brasil, seja neste breve contexto, entre os anos de 1956 e

---

<sup>4</sup> Sobre esta questão, especificamente a maneira como Nelson Rodrigues constrói a imagem de Pelé, principalmente na questão de uma imodéstia que seria característica do jovem atleta, percebemos ecos do pensamento do sociólogo Guerreiro Ramos, bastante influente em certos círculos intelectuais da época. Para Ramos, a população negra, recém egressa da escravidão, ainda não se encontrava econômica, cultural e psicologicamente preparada para vida liberta, se fazendo necessária uma superação deste quadro. (RAMOS, 2023: p. 45)

1958<sup>5</sup>, seja em períodos mais contemporâneos. Mas sobretudo assinalo o significado da figura de Pelé. Um jovem negro, de origem pobre, nascido em um país desigual e racista e que, mesmo assim, se tornou um sinônimo deste país no mundo. E se ainda isso não fosse suficiente, se tornou o maior atleta do esporte mais popular do planeta.

---

<sup>5</sup> Nas décadas de 1940 e 1950, ao menos na crônica esportiva, a ideia de que o Brasil vivia sob uma “democracia racial”, era bastante presente. Esta perspectiva influenciou de maneira considerável a visão de Mario Filho sobre o negro no futebol brasileiro, e conseqüentemente, a maneira como Pelé será visto e retratado pelo cronista, assim como por boa parte daqueles que retrataram, neste mesmo contexto, a negritude do jovem jogador sob uma perspectiva positiva. Contudo vale lembrar que esta visão não era a única sobre o negro na sociedade brasileira. Florestan Fernandes e Roger Bastide, também na década de 1950, desenharam um cenário diametralmente oposto ao da “democracia racial”, onde afirmam a existência de preconceito de cor no Brasil, ao mesmo tempo que o analisam dentro da dinâmica de uma sociedade de classes. Contudo esta última perspectiva não aparece nos periódicos esportivos analisados nesta pesquisa, seja relacionando-se à imagem de Pelé ou a de qualquer outro jogador negro contemporâneo a ele.

## **1. A NOTÁVEL REVELAÇÃO PEIXEIRA**

## 1.1. Uma esperança para o Santos

Machado de Assis disse, por meio de seu Conselheiro Aires, que as coisas só são previsíveis quando já aconteceram. Este deve ser sem sombra de dúvidas um mantra para os historiadores ao encararem um novo objeto de pesquisa. Ainda mais quando o objeto em questão trata de eventos ou personagens extremamente marcantes para a sociedade envolvida.

Não ter esta ideia em mente seria como pressupor que um mero legionário do século II a.C., fosse capaz de prever os desdobramentos expansionistas de Roma após as Guerras Púnicas. Ou que um jacobino, ao assistir a reunião na sala do Jogo de Péla, já anteviesse ali todos os detalhes da Revolução Francesa. Ou até mesmo adivinhar que Thomas Edison, ainda criança, um dia inventaria a lâmpada elétrica. Ou ainda, que uma outra criança, nascida no interior de Minas Gerais, batizada com o mesmo nome do inventor da lâmpada, seria um dia considerado um dos maiores jogadores de futebol do planeta, ultrapassando a barreira dos mil gols marcados.

Parafraseando o conselheiro machadiano, a história somente tem alguma visão das coisas, depois que elas já aconteceram, e mesmo assim, esta visão, em muitos casos, são visões, múltiplas, em constante transformação, sujeitas às mutações do tempo. Não é possível presumir que de alguma forma no passado, e para aqueles que o viveram, já estivesse ali desenhado claramente o que seria o futuro. Em outras palavras, não é possível afirmar que os contemporâneos do menino Alexandre, tivessem certeza de que um dia ele se tornaria o Grande. Ou que todos os contemporâneos do pequeno Dico, tivessem convicção, que um dia ele se tornaria Pelé.

Em julho de 1956, Waldemar de Brito, ex-jogador da Seleção Brasileira, Flamengo e San Lorenzo de Almagro, conhecido por ser um excelente descobridor de jogadores, leva de Bauru, interior de São Paulo, para o Santos Futebol Clube, um jovem jogador de nome Edson Arantes do Nascimento, que vinha se destacando nos jogos juvenis da cidade interiorana. A família do atleta inclusive já havia recusado, pouco antes, uma proposta profissional do Bangu, do Rio de Janeiro, pelo garoto. O fato de Waldemar ter sido o treinador de Edson nas categorias de base do Bauru Atlético Clube, além de Santos ser uma cidade menor que o Rio de Janeiro,

e, portanto, parecer ser menos assustadora para os Nascimentos, convenceram a família a permitir a ida do jovem para o alvinegro santista.

Chegando em Santos, com apenas 15 anos de idade, Edson já treina com o time principal. Inicialmente recebe dos colegas o apelido de Gasolina, mas pouco tempo depois passa a ser chamado pelo nome com o qual é conhecido mundialmente até hoje: Pelé.

Quando o assunto é Pelé, o aviso de Aires é na maioria das vezes ignorado pelas biografias (livros, filmes, documentários) lançadas após o fim ou em um estágio mais avançado de sua carreira. Nestas narrativas, Pelé parece trazer dentro de si, desde o início, os indícios de sua posterior grandeza. Ou seja, todos, segundo estas narrativas, de alguma maneira sabiam que aquele menino estava destinado, desde seu nascimento, a ser um dos maiores futebolistas da história. Exemplos não faltam. “Descoberto ainda criança pelo técnico Waldemar de Brito, Pelé já demonstrava em campo que era predestinado para o sucesso”<sup>6</sup>, “Sinais dispersos, mas expressivos, indicavam, desde muito cedo, que Edson Arantes do Nascimento estava predestinado a se tornar um Rei”; “Há em Pelé, desde muito cedo, incontestáveis traços de predestinação, e eles se tornam um dos elementos fundamentais na formação do Rei do futebol”<sup>7</sup>.

Esta coleção de exemplos sobre uma suposta predestinação de Pelé, como se fosse possível ver nele, mesmo ainda menino, mesmo ainda bebê, mesmo ainda um jogador juvenil o “maior jogador da história”, criam a ilusão de que o atleta nasceu pronto, e da mesma maneira, de que a imagem de Pelé, o “Atleta do Século”, foi algo sempre unânime. Mas obviamente nem sempre foi assim. A imagem de Pelé não nasceu pronta, ela se construiu e se modificou ao longo do tempo, e assim continua.

Para desconstruir esta visão, algo como estática, de um Pelé “nascido pronto”, é necessário, primeiramente, ir até o início da carreira do jogador e buscar entender como a imprensa esportiva da época o retratava. A Imprensa que foi, em boa parte, a grande responsável pelas construções das imagens de Pelé. Somente assim será possível perceber as diferentes formas como ele foi e ainda é retratado, e como estas mesmas se modificaram ao longo do tempo.

---

<sup>6</sup> BASTHI, Angélica. **Pelé: estrela negra em verdes campos**. Rio de Janeiro: Garamond/ Fundação Biblioteca Nacional, 2008, p.9.

<sup>7</sup> CASTELLO, José. **Pelé: os dez corações do rei**. Rio de Janeiro, Ediouro: 2004, p. 17



Uma das primeiras vezes que Pelé é mencionado nas páginas de um jornal de grande circulação, e somente a título de registro, foi sobre um treino entre coletivos e titulares do Santos em que ele marcou dois gols pelo time derrotado dos reservas<sup>8</sup>. Sem comentários, análises ou adjetivações ao jogador, apenas a simples menção do seu nome.

Poucos dias depois, Pelé tem a sua primeira nota mais significativa na “grande imprensa”, um perfil traçado do ainda jogador amador do Santos, há apenas 3 meses no clube. Com chamada e pequena foto na capa de “A Gazeta Esportiva” de 6 de setembro de 1956, a matéria intitulada “Pelé, uma esperança para o Santos F.C.”<sup>9</sup>, apresenta o jovem atleta que sequer havia jogado pelo time profissional. Não deixa de ser no mínimo curioso que um jogador tão jovem e quase desconhecido, já fosse destacado em um dos maiores jornais esportivos do país de então.

Pelé estava próximo de completar 16 anos e, apesar do aspecto franzino e da pouca idade, já se destacava, segundo a matéria, tanto nos treinos com os profissionais do Santos, quanto nas partidas do time amador. E foi este destaque do adolescente recém-chegado de Bauru, que levou a Gazeta a descer a serra para assistir um jogo entre os amadores do Santos e o também amador Clube Recreativo Vasco da Gama. Já neste texto aparecem alguns dos elementos sobre Pelé que seriam contados posteriormente à exaustão. O papel de Waldemar de Britto na vinda do atleta para Santos, o nascimento de Pelé em Três Corações e sua infância em Bauru, o início no Baquinho<sup>10</sup> e a carreira futebolística de Dondinho, pai do jogador.

Mas o que mais chama atenção é sobretudo a referência ao talento do jovem jogador, que mais tarde, quando já um craque consagrado, teria essas mesmas habilidades desenhadas em cores muito mais vivas e com dimensões muito maiores.

Esta primeira matéria da Gazeta sobre o futuro “Rei do Futebol” é apenas a análise de um jovem jogador promissor, assim como sobre outros atletas da mesma equipe amadora do Santos, que embora com menos destaque que Pelé, também

---

<sup>8</sup> “Segue hoje para o Rio o Santos F. C.”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 3 de setembro de 1956, p. 26

<sup>9</sup> “Pelé, uma esperança para o Santos F. C.”. **Gazeta Esportiva**, São Paulo: 6 de setembro de 1956, pp. 1 e 14.

<sup>10</sup> Pelé, em sua infância e adolescência jogou nas categorias de base do Bauru Atlético Clube, o “Baquinho”, mesmo clube que seu pai, Dondinho, também jogou em esquema semiprofissional. Waldemar de Britto foi técnico nestas mesmas categorias de base e foi assim que ele descobriu Pelé.

tem seus prospectos analisados. São eles Raimundinho, Waldir e Ari Silva, que são descritos da seguinte maneira:

“Na partida que assistimos, todavia, impressionaram-nos muito três elementos, além de Pelé. Este formou com Raimundinho, centroavante, e Waldir, meia esquerda, um trio magnífico, ágil, preciso e penetrante. Raimundinho também costuma exercitar-se entre os profissionais e nos deu a impressão de um ‘crack’ em formação. Waldir é um ponta de lança rápido e agressivo, de remate fácil e perigoso. Fez dois tentos em que revelou toda a sua ‘pinta’ de chutador. Na defesa, a linha média também se locomoveu com desenvoltura, destacando-se o centro médio Ari Silva.”<sup>11</sup>

A matéria não pode ser encarada, sob influência dos olhares de hoje, como um exercício de futurologia por parte do jornal, que tal como um vidente, vê o futuro antes dele acontecer. Ou ainda, não podemos concluir, que ali naquele jogo entre amadores, já fosse possível ver em Pelé, pelo menos aos olhos da imprensa, o craque “indiscutível”, “perfeito”, “inquestionável”. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra.

Fato é que Pelé é mostrado ali, refletindo o título da matéria, como uma esperança para o futuro. Uma grande esperança é bem verdade, mas ainda assim “apenas” uma esperança. Contrariando as versões exageradamente otimistas presentes em algumas biografias e perfis mais recentes sobre o início da carreira do jogador, que buscam construir a ideia de que Pelé desde o princípio já era universalmente visto como um craque totalmente pronto, como alguém que sempre foi tratado como um atleta indiscutível, destinado a ser desde sempre “o maior jogador de todos os tempos”. Ou seja, reproduzindo aquela visão extremamente essencialista de que os grandes jogadores brasileiros já nascem prontos, possuidores de uma habilidade que floresce naturalmente sem que seja necessário qualquer tipo de treinamento ou preparação, sendo Pelé o maior exemplo de todos.

Ao contrário, apesar das narrativas ao redor de Pelé durante seus primeiros passos como futebolista profissional serem em sua maioria elogiosas, as críticas negativas também aparecem. Assim como, em outras ele é tratado como um mero coadjuvante. Em resumo, nem sempre esse talento nato parece ser tão evidente. Esta ideia, de um Pelé craque desde o princípio, vai ser construída ao longo de sua carreira e até mesmo décadas depois de seu fim.

---

<sup>11</sup> “Pelé, uma esperança para o Santos F. C.”. **Gazeta Esportiva**, São Paulo: 6 de setembro de 1956, p. 14

No caso da matéria da Gazeta, o que domina é uma visão extremamente positiva sobre Pelé. Enfatizando sua juventude, a precocidade de seu talento e sua rápida adaptação junto ao elenco de “cobras” do time profissional do Santos, conforme mostra a pergunta do repórter ao então diretor do Santos, Antônio G. dos Santos. Ele questiona se Pelé não se sentia intimidado, ou se ainda, por conta de seu corpo franzino, típico de um adolescente, se ele conseguia acompanhar os jogadores, mais fortes fisicamente e mais experientes, durante os treinamentos. Ao que o diretor santista responde: “Se acompanha! Às vezes ele é que é acompanhado!”<sup>12</sup>. A fala do cartola santista, pode ser entendida como uma das primeiras manifestações que tratavam Pelé como se ele tivesse nascido pronto como jogador.

Longe de negar a precocidade do jogador, o que queremos dizer com esta análise, é que não existe nenhum futebolista que nasça pronto, inclusive Pelé. O talento prematuro de Edson Arantes do Nascimento se deve muito ao fato de que desde muito criança, além do futebol já ser seu passatempo favorito, o que o levava a jogar longas horas diárias, em muitos casos inclusive cabulando aulas, conforme ele mesmo diz em suas biografias, ele contava com as orientações de seu pai, um ex-jogador de futebol, que o auxiliava em treinamentos para aprender a chutar com duas pernas, técnicas de cabeceio e dicas de como agir dentro do campo. O talento que tão cedo aflorou em Pelé, não se deve portanto apenas à alguma habilidade inata, se deve sim à uma ótima compleição física que obviamente ele possuía e que facilitava o desenvolvimento de seu estilo de jogo, além de um “treinamento” intenso, traduzido em brincadeiras praticadas ao longo de quase toda sua infância e adolescência.

Em outro momento, 8 meses depois de sua estreia no time principal do Santos<sup>13</sup>, embora fosse possível perceber uma crescente de elogios ao seu futebol, já aparecem também algumas críticas.

A revista “Manchete Esportiva” de 1 de junho de 1957, traz uma matéria sobre o jogo Santos e Fluminense válido pelo torneio Rio-São Paulo<sup>14</sup>. A equipe santista é, de modo geral, criticada, principalmente por ter caído de rendimento ao

---

<sup>12</sup> “Pelé, uma esperança para o Santos FC”.. **Gazeta Esportiva**, São Paulo: 6 de setembro de 1956, p 14.

<sup>13</sup> Vale dizer que Pelé apesar de jogar pelo time principal desde setembro de 1956, ele só assinaria seu primeiro contrato profissional em junho de 1957.

<sup>14</sup> “Fluminense 2 X Santos 2, no Pacaembu: Fibras de Campeão na virada tricolor”. **Manchete Esportiva**, Rio de Janeiro: 1 de junho de 1957, pp. 3 e 4.

longo da partida. Depois de estar vencendo por dois gols até os 15 minutos do segundo tempo, o Santos cedeu o empate para o tricolor carioca, com um gol há quatro minutos do fim do confronto. Vários jogadores do alvinegro praiano, assim como o técnico da equipe, são analisados negativamente, mas, segundo o texto da revista, o pior entre todos foi Pelé. Sobre seu papel no ataque é dito que:

“De fato, o time peixeiro jogou muito mais do que o tricolor carioca nos primeiros 45 minutos. (...) O ataque manobrava com rara facilidade, tendo um único elemento claudicante, Pelé.”<sup>15</sup>

Mais à frente, quando faz um balanço final da partida, a revista dá sua opinião de forma lacônica: “Pelé, uma figura de nenhum realce”. Em uma mesma matéria o futuro “Rei do Futebol” é visto como um jogador que destoa negativamente de sua equipe, além de ser considerado um atleta sem destaque.

Mas apesar desta análise pouco favorável a Pelé, as críticas recebidas por ele nesta matéria da revista “Manchete Esportiva”, são muito mais exceções do que regras, quando se trata das menções ao jogador nestes momentos iniciais da sua carreira. A mesma revista em uma edição anterior, de 25 de maio de 1957, se refere a ele como “Pelé, a notável revelação peixeira”<sup>16</sup>, por conta de seu desempenho na partida do Santos contra o Palmeiras no dia 15 daquele mesmo mês, pelo Torneio Rio-São Paulo, em que ele fez dois dos três gols da vitória santista por 3 x 0. Ainda na mesma edição, a revista inclui Pelé em uma seleção de “novos”<sup>17</sup>, composta com “com elementos ainda menos conhecidos no início deste Rio-São Paulo”<sup>18</sup>. Dois números depois, na edição de 8 de junho, o nome de Pelé aparece novamente em outro “scratch” de “novos” feito pela revista, uma espécie de seleção brasileira “C”, ou terceiro time, que é chamado pela revista, sugestivamente, de “Seleção de Esperanças”<sup>19</sup>.

De qualquer forma, tanto pelas críticas, quanto pelos elogios, percebemos que as referências ao nome de Pelé em jornais e revistas se tornam cada vez mais

---

<sup>15</sup> Ibidem.

<sup>16</sup> “Triunfo clássico do Santos sobre o Palmeiras: 3 X 0”. **Manchete Esportiva**: Rio de Janeiro, 25 de maio de 1957, p. 10.

<sup>17</sup> O curioso é que a revista “cria” dois times, um primeiro com “jogadores que já possuem um certo cartaz e cuja maioria até já foram convocados, embora muito moços, para o plantel do scratch de seu estado de origem” e um segundo de jogadores jovens e desconhecidos. Pelé aparece no segundo.

<sup>18</sup> “Última safra do futebol brasileiro: Nomes novos, Caras Novas, Talentos Novos do Torneio Rio-São Paulo”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 25 de maio de 1957, p.14.

<sup>19</sup> “Com os ensinamentos do Rio-São Paulo, Albert Laurence escolhe três scratches: ‘A’, ‘B’ e ‘Seleção de Esperanças’”. **Manchete Esportiva**, Rio de Janeiro: 8 de junho de 1957, pp. 26 e 27.

frequentes e extensas ao longo do ano de 1957, quando justamente começa a jogar mais regularmente pelo time principal do Santos. De simples menções em escalações, ou rápidas citações dos gols que fazia, começam a aparecer perfis mais longos sobre o atleta, e seu nome surge na boca de vários dirigentes de outras equipes como alguém a ser contratado.

Um perfil é publicado pela “Manchete Esportiva” em 15 de junho de 1957, ainda não tão extenso quanto outros que aparecerão mais à frente, mas ainda assim revelador de que o talento de Pelé já começava a despertar a cobiça de outros clubes. O texto, publicado na primeira contracapa da revista, revela que Pelé, “esse negrinho que o Santos revelou no Rio-São Paulo”<sup>20</sup> teria sido recusado em um treino-teste no Palmeiras, pouco tempo antes de ser aceito no Santos. Diz ainda a matéria, que o diretor palmeirense responsável pela negativa dada ao então jovem atleta, deu uma nota de Cr\$20 e o informou de que ele não servia ao Palmeiras, atitude que “as gentes palmeirenses lamentam profundamente que não fosse o rapaz aproveitado naquela ocasião.”<sup>21</sup>

A curta matéria busca ainda apresentar Pelé para os leitores que ainda não o conheciam, respondendo uma retórica pergunta “Quem é Pelé?”. Ele é descrito como um jovem jogador, “dono de qualidades incomuns, nesta época em que são escassos os bons avantes”<sup>22</sup> e que já chama a atenção dos treinadores de outras equipes, inclusive de Aimoré Moreira, o então treinador do Palmeiras, clube que supostamente havia dispensado Pelé. Em nenhuma das suas biografias Pelé faz referência a esta recusa, o que nos faz suspeitar que este episódio não passou, até onde pudemos apurar, de um simples boato que a “Manchete Esportiva” acabou publicando.

Mas o que mais chama atenção neste pequeno perfil é a maneira pejorativa e racista como o texto se refere ao jovem atleta: “esse negrinho”. A necessidade da matéria em identificar a jovem promessa santista como um “negrinho”, precedido pelo pronome demonstrativo “esse”, transforma o atleta em uma coisa, e ressoa como fala de um senhor branco se referindo ao seu escravizado. Embora Pelé poucas vezes tenha se posicionado sobre sua identidade racial de modo mais assertivo, logo no início de sua carreira, em uma das primeiras menções a ele, o

---

<sup>20</sup> “Pelé, 20 cruzeiros para sair do Parque Antarctica...”. **Manchete Esportiva**, Rio de Janeiro: 15 de junho de 1957, pp. 2 e 3.

<sup>21</sup> *Idem, ibidem*. p. 3.

<sup>22</sup> *Idem, ibidem*, p.3

racismo estrutural, tão definidor da sociedade brasileira, já se faz presente. E de certa forma se fará presente ao longo de toda sua trajetória, tanto dentro, quanto fora dos gramados, fazendo de Pelé um paradigma dos discursos raciais no Brasil nos últimos sessenta anos<sup>23</sup>. Epítetos racistas serão frequentemente dados a ele: crioulo, negrão, etc. Este foi apenas um dos primeiros.

Poucos dias depois, no dia 28 de junho, uma nota publicada pela Gazeta Esportiva demonstra que de fato Pelé começava a ser mais notado também por outros clubes. O jornal afirma que o atleta vinha despertando o interesse do Vasco da Gama, anunciando que “dirigentes cruzmaltinos entrarão em entendimento com os santistas visando o jovem craque”<sup>24</sup>. O jogador estava integrando um combinado formado pelas equipes de Santos e Vasco, que participava naqueles dias do “Torneio Internacional do Morumbi”, campeonato de caráter amistoso disputado também pelo Belenenses de Portugal, Flamengo, São Paulo e Dínamo de Zagreb da então Iugoslávia. Pelé vinha sendo destaque na competição, já havia marcado duas vezes contra os portugueses, na vitória por 6 a 1 do combinado Santos-Vasco, e um gol em cada um dos empates contra o Dínamo e Flamengo.

Talvez influenciado por este destaque, o mesmo jornal publicou matérias, com chamadas na capa inclusive, no dia 3 de julho, uma semana depois do anúncio do interesse vascaíno pelo atleta. A primeira<sup>25</sup>, com certo ar de mistério, dizendo que haveria outro clube, só não menciona qual, também interessado pelo atleta. Por conta do ar misterioso da nota, é possível supor que se trate também de outro boato. O texto diz que o ex-jogador Hércules teria ido até Bauru, e apresentado ao pai de Pelé, um contrato para seu filho com “luvas” de Cr\$500 mil (uma bonificação pela assinatura do contrato), salário mensal de Cr\$15 mil e bolsa de estudos. Talvez o “misterioso” clube interessado fosse a Portuguesa, pois uma semana depois a Gazeta publica outra nota, com valores idênticos, afirmando que a Lusa também estaria interessada em Pelé.<sup>26</sup> Ainda na edição do dia 3, aparece também outra nota<sup>27</sup>, bem mais discreta, voltando a afirmar que o Vasco da Gama tinha interesse no atleta segundo depoimento do então presidente vascaíno, Artur Pires.

---

<sup>23</sup> SILVA, Ana Paula da. **Pelé e o complexo de vira-latas**. Niterói: Editora da UFF, 2014, p.172.

<sup>24</sup> “O Vasco quer Pelé”. **Gazeta Esportiva**, São Paulo: 28 de junho de 1957, p. 4.

<sup>25</sup> “Grande clube (quem será?) interessado em Pelé”. **Gazeta Esportiva**, São Paulo: 3 de julho de 1957, p.1.

<sup>26</sup> “Entra a Portuguesa na luta para conquistar o avante Pelé”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 10 de julho de 1957, p.4.

<sup>27</sup> “O Vasco da Gama interessado em Pelé”. **Gazeta Esportiva**, São Paulo: 3 de julho de 1957, p.9.

Essas notas pipocando na imprensa, sobre interesses de outras equipes no futebol de Pelé, se dão justamente no contexto em que aconteciam negociações envolvendo uma reformulação de seu primeiro contrato como jogador profissional com o Santos, que havia sido recém-firmado no dia 25 de junho. Ainda na edição do dia 3 de julho, a Gazeta Esportiva publica uma fala de Pelé, afirmando que Dondinho, pai do jogador, gostaria de rever o tempo de contrato com o Santos, reduzindo-o de dois para um ano, mas aparentemente concordando com os valores acertados, Cr\$13 mil por mês e “luvas” de Cr\$220 mil.. No dia seguinte, 4 de julho, o jornal publica outra nota, desta vez um pouco mais conclusiva sobre o assunto, dentro da coluna nos “Bastidores da F.P.F.”: “Encerrada a onda sobre Pelé - Terminou ontem a noite “o caso” que se criou a respeito da reforma ou não do contrato de Pelé com o Santos F.C.”<sup>28</sup>. No mesmo dia o Jornal dos Sports também publica que a “onda que vinha se formando em torno do jovem atacante Pelé<sup>29</sup>” terminou, o contrato teria sido finalmente reformado, garantindo ao jogador um salário de Cr\$16 mil, durante 16 meses. Mas apesar do que os jornais afirmavam, a onda especulativa em torno de Pelé não encerrou-se.

No dia 8 de agosto, outro clube também apareceu interessado em ter o futebol de Pelé. Segundo a Gazeta Esportiva, em matéria com chamada de capa, o Botafogo via a possibilidade de perder seu principal jogador à época, Didi, para o futebol espanhol devido a uma oferta de Cr\$8 milhões do Valencia da Espanha pelo meio-campista, em que Cr\$4,5 milhões caberiam apenas ao jogador<sup>30</sup>. Diante desta possibilidade, o clube carioca entendia, segundo o jornal, que Pelé seria o substituto ideal para Didi e para isso estaria disposto a pagar Cr\$2,5 milhões pelo passe do atleta. Mas a negociação envolvendo Didi e Valencia não se concretizou e Pelé jamais jogou pelo Botafogo. De qualquer maneira, não deixa de ser tentador imaginar como teria sido caso Pelé fosse contratado pelo alvinegro carioca. Seria a antecipação, em um clube, da sua dupla com Garrincha, uma parceria que pouco tempo depois faria enorme sucesso e marcaria época pela seleção brasileira.

Tão ou mais relevante, que a não ida de Didi para o Valencia, ou a não ida de Pelé para o Botafogo, esta notícia mostra pela primeira vez uma relação que busca aproximar, de alguma forma, Pelé e Didi. Nestes momentos iniciais da carreira de

---

<sup>28</sup> “Encerrada a onda sobre Pelé”. **Gazeta Esportiva**, São Paulo: 4 de julho de 1957, p. 8.

<sup>29</sup> “De Norte a Sul”. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro: 4 de julho de 1957, p. 7.

<sup>30</sup> “Didi na seleção da Espanha, em 1958!”. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo: 8 de agosto de 1957, pp.1 e 8.

Pelé, principalmente no período anterior à Copa de 1958, a então jovem promessa aparece frequentemente em textos que o colocam à sombra da estrela botafoguense, um dos grandes jogadores do futebol brasileiro de então, segundo a própria imprensa. Pelé aparece como um aluno, enquanto Didi é retratado como o grande mestre. Esta perspectiva é ressaltada, em variações semelhantes, ainda mais durante a Copa de 58, conforme mostraremos mais à frente.

Apesar de todas estas ofertas, ou supostas ofertas, a coluna “Nos Bastidores da FPF” da Gazeta Esportiva, do dia 15 de agosto, afirmou que “após muitas marchas e contramarchas, o avante Pelé renovou oficialmente o seu contrato”<sup>31</sup>. Seria o fim, pelo menos por enquanto, da “onda” em torno do contrato de Pelé com o Santos. Desperta curiosidade de como teriam sido os bastidores destas negociações, que resultaram numa substancial melhora financeira para o jogador. Seu salário mensal subiu dos Cr\$6 mil<sup>32</sup>, que recebia como ajuda de custo, no seu período inicial de amador para Cr\$15 mil, além de receber “luvas” de Cr\$380 mil<sup>33</sup>. A “onda”, ou as “marchas e contramarchas”, de alguma forma surtiram efeito, Pelé conseguiu um aumento de Cr\$2 mil no salário mensal, em relação a primeira versão do contrato, de 25 de junho (a oferta inicial era Cr\$13 mil) e “luvas” Cr\$160 mil mais gordas (em junho elas eram de Cr\$220 mil).

No final do mês de agosto, apesar da reforma do contrato, o nome de Pelé continuaria a aparecer como objeto de interesse de outros clubes, desta vez novamente o Vasco, o que ainda renderia algumas linhas na imprensa. Provavelmente ainda na esteira do bom desempenho do jovem atleta nos jogos do Combinado Santos-Vasco, mas também por conta dos gols marcados em suas primeiras convocações para a seleção brasileira, o Jornal dos Sports anuncia, com uma manchete de capa, que o clube carioca faria uma oferta formal por dois atletas santistas, Del Vecchio e Pelé<sup>34</sup>. Fogo de palha. Pois no dia seguinte o mesmo jornal divulga o fim das negociações através de uma firme negativa do time do Santos, reproduzida pelo diretor do Vasco, Antônio Soares Calçada, em depoimento dado ao JS: “Pelé é inegociável”<sup>35</sup>.

<sup>31</sup> “Renovou o seu contrato o avante Pelé”. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo: 15 de agosto de 1957, p. 11.

<sup>32</sup> NASCIMENTO, Edson A. **Pelé: A autobiografia**. Rio de Janeiro, Editora Sextante, 2006, p.73.

<sup>33</sup> “Renovou o seu contrato o avante Pelé”. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo: 15 de agosto de 1957, p. 11.

<sup>34</sup> “Pelé e Del Vecchio na mira do Vasco”. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro: 28 de agosto de 1957, pp. 1 e 8.

<sup>35</sup> “Bellini não tem preço”. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro: 29 de agosto de 1957, pp. 1 e 8.



A Gazeta Esportiva também faz menção, no mesmo período, a possível ida de Pelé para o Vasco, mas dá muito mais atenção a suposta troca proposta pelo presidente vascaíno, Artur Pires, envolvendo o zagueiro Bellini do Vasco e o atacante Del Vecchio do Santos<sup>36</sup>. Mas tudo pareceu ser um jogo de cena, pois segundo fonte anônima citada pelo jornal, qualquer troca que envolvesse Belini, ídolo cruzmaltino, seria impensável e caso fosse feita representaria a queda do presidente que a fizesse, ainda mais envolvendo um jogador como Del Vecchio que nem titular era em seu clube. Segundo a mesma fonte, a eventual troca não passou de pilhéria por parte do dirigente vascaíno. O nome de Pelé só é citado no final, quando é reafirmado rapidamente o interesse do Vasco por ele, dizendo que o clube carioca faria em breve uma proposta por ele e que caberia ao Santos aceitar ou não.

Dias depois, em curta nota, sem destaque, assim como já fizera o Jornal dos Sports, a Gazeta também anuncia timidamente a recusa do Santos em negociar Pelé com o Vasco, ou qualquer outro clube, ele é inegociável<sup>37</sup>.

De qualquer maneira as expressões “marchas e contramarchas”; “encerrada a onda sobre Pelé,” utilizadas pela Gazeta para se referir às negociações sobre a reforma contrato de Pelé, indicam no mínimo, que a conclusão do mesmo não foi alcançada facilmente. As notícias que apareceram com frequência às vésperas e no período exatamente posterior à assinatura do primeiro contrato sobre interesse de outros clubes, nos permitem ao menos pôr em dúvida, a narrativa presente nas biografias de Pelé, que o “casamento” entre o jogador e o Santos nasceu de um amor à primeira vista entre ambos.

Seria até natural que um jogador que começava a despontar de maneira promissora, chamando a atenção de vários clubes, sendo convocado para a seleção (Pelé, ao ser convocado para seleção com 16 anos, tornou-se o jogador mais jovem a representar o time nacional até então), procurasse, ao fechar seu contrato profissional, a situação mais vantajosa possível para si, fazendo uso de todo este destaque que vinha recebendo. Talvez isto explique porque, mesmo depois do acordo já ter sido firmado entre o clube e o atleta, ainda apareçam notas na imprensa sobre possíveis rearranjos dos termos contratuais. Os interesses dos

---

<sup>36</sup> “Não pode ser!”. **Gazeta Esportiva**, São Paulo: 29 de agosto de 1957, pp. 1 e 8.

<sup>37</sup> “Além de Pelé, Del Vecchio também difícil”. **Gazeta Esportiva**, São Paulo: 30 de agosto de 1957, p.2.

outros clubes talvez tivessem a função de pressionar os dirigentes santistas. Se Pelé e seu pai de fato fizeram esta pressão, não podemos afirmar, mas as idas e vindas das negociações ao menos nos permitem especular.

Mas o fato de seu nome já ser ventilado em tão pouco tempo de carreira em ao menos outros quatro clubes, e os elogios cada vez mais frequentes na imprensa, podem ser vistos como sinais de que as expectativas quanto ao seu futuro, vinham ganhando uma carga maior de otimismo. A revelação aos poucos se tornava uma realidade mais promissora, ao ponto de, tão jovem, já ser convocado pela primeira vez para seleção brasileira. E justamente para jogos contra a Argentina.

## 1.2. A estreia pela seleção

Nos dias 7 e 10 de julho de 1957, Pelé começou sua história pela seleção brasileira. A estreia aconteceu pouco tempo depois da assinatura do seu primeiro contrato profissional, no embalo de um notável desempenho nos jogos pelo combinado Santos-Vasco durante o Torneio Internacional do Morumbi, que fez com que parte da imprensa já cobrasse a sua convocação em meio ao festival de notas sobre interesses de outros clubes em seu futebol.

Em sua coluna no *Jornal dos Sports* do dia 2 de julho de 1957, o jornalista Geraldo Romualdo da Silva, ao fazer um balanço do Torneio Morumbi, ressalta o desempenho de Pelé, ao ponto de comparar seu início de carreira com o de um dos maiores jogadores do futebol brasileiro até então, Leônidas da Silva. Geraldo afirma que:

“A subida vertiginosa de Pelé só se compara em termos à de Leônidas em 29. Vivo, preciso, objetivo e atrevido, tem a vantagem de possuir base física e um talento inato para se não deixar ficar para trás no redemoinho das promessas não realizadas.”<sup>38</sup>

E por fim conclui, de maneira irônica, o motivo de Pelé ainda não ter sido convocado para seleção brasileira, segundo ele, se devia ao fato do jovem jogador ser “bom demais”.

Ainda na esteira das desculpas pela não convocação de Pelé, o mesmo *Jornal dos Sports*, na edição do dia seguinte, através da coluna “Petardo do Otelo”,

---

<sup>38</sup> “O que os Cracks fazem com os pés, os outros desfazem com as mãos”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro: 2 de julho de 1957, p.3

ironizou uma suposta justificativa dada pelo então técnico da seleção brasileira, Sylvio Pirillo, à ausência do jovem jogador santista na lista de convocados. Pirillo teria dito, segundo o jornal, que não convocou Pelé pois temia “queimá-lo”<sup>39</sup>, ao que a coluna rebate “Não convence, até que o sol anda fraquinho.”<sup>40</sup>, opinando com isso ser inconcebível afirmar que Pelé ainda não estava pronto para a seleção.

As críticas tanto do “Petardo do Otelo”, como de Geraldo Romualdo da Silva, são comentários precipitados sobre a ainda “não divulgada” lista de convocados de Sylvio Pirillo, e a suposta ausência do nome de Pelé. No caso da nota irônica no “Petardo do Otelo”, são opiniões baseadas em uma “barrigada” do Jornal dos Sports, já que no final das contas, Pelé foi sim chamado para as duas partidas contra a Argentina<sup>41</sup>, conforme mostra a capa de A Gazeta Esportiva do dia 2 de julho (Imagem 1), enquanto a coluna do Jornal dos Sports, publicada no dia 3, afirmava que não.

De qualquer maneira, esse temor pela possível não convocação de Pelé, manifestado nas páginas do Jornal dos Sports, assim como o aparecimento do seu nome em escalões não-oficiais da seleção, elaboradas pela imprensa da época, já demonstravam que ele, dentro do espaço de poucos meses, deixava de ser visto apenas como mais uma jovem promessa ainda não concretizada, e passava a ser tratado por parte da imprensa, como uma presença natural no time nacional.

---

<sup>39</sup> O termo queimar o jogador, utilizado no universo do futebol, significa geralmente quando um jovem jogador, apesar de promissor, é chamado à alguma responsabilidade precocemente, mas se mostra ainda imaturo e incapaz para exercê-la, prejudicando assim seu desenvolvimento enquanto atleta e até mesmo o futuro de sua carreira.

<sup>40</sup> “Petardo do Otelo”. **Jornal dos Sports**: Rio de Janeiro: 3 de julho de 1957, p.4.

<sup>41</sup> Pelé com esta convocação se tornava o jogador mais jovem, até então, a ser chamado para integrar a seleção brasileira, ele tinha, àquela altura, 16 anos de idade.

Imagem 1 - Destaque da capa de **A Gazeta Esportiva** com a primeira convocação de Pelé para a seleção brasileira<sup>42</sup>



O técnico da seleção, Sylvio Pirillo, havia sido recém escolhido para o cargo, muito pelo fato de ter se sagrado campeão do Torneio Rio-São Paulo de 1957 comandando a equipe do Fluminense. A alternância de nomes no comando do time nacional foi bastante intensa desde a saída de Zezé Moreira em 1955, ao ponto de ser possível dizer que durante o ano de 1956 existiram várias “seleções brasileiras” simultaneamente, tamanho a inconstância. No início desse mesmo ano, na disputa pela Taça Oswaldo Cruz contra o Paraguai, duas seleções foram formadas, uma carioca, comandada por Flávio Costa, para o jogo disputado no Maracanã; e outra paulista, comandada por Osvaldo Brandão, para os confrontos no Pacaembu. Traços da intensa rivalidade entre Rio de Janeiro e São Paulo na busca pela hegemonia do futebol brasileiro. Esta mesma seleção paulista, novamente comandada por Osvaldo Brandão, viria a representar a seleção brasileira no Campeonato Sul-Americano Extra que foi disputado no mês de março no Uruguai. Simultaneamente ao Campeonato Sul-Americano, uma terceira seleção formada exclusivamente por jogadores do Rio Grande do Sul, comandada pelo técnico Teté, disputou e venceu o Campeonato Pan Americano disputado na Cidade do México.

Ao final do mesmo mês de março de 1956, uma nova seleção é convocada, agora por Flávio Costa, composta por jogadores do Rio e São Paulo. Costa ficará no comando até o final do ano, com destaque para a excursão desta seleção para uma série de amistosos pela Europa, durante os meses de abril e maio, quando ocorreu

<sup>42</sup> “Eis os jogadores que defenderão o Brasil nos jogos da Taça Roca”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 2 de julho de 1957, p.1.

a primeira partida entre Brasil e Inglaterra; e novamente a disputa da Taça Oswaldo Cruz contra o Paraguai, além da Taça do Atlântico contra Uruguai e Argentina<sup>43</sup>.

Em 1957 Osvaldo Brandão retornou à seleção, comandando a equipe no Campeonato Sul-Americano, durante o mês de março, e nos confrontos contra o Peru na disputa das Eliminatórias para a Copa do Mundo de 1958. Apesar de ter conseguido a classificação para o Mundial, Brandão não foi mantido no cargo, sendo substituído por Sylvio Pirillo a partir de junho de 1957<sup>44</sup>.

A formação da seleção brasileira para as duas partidas válidas pela Copa Roca<sup>45</sup>, dentro do contexto de trocas constantes de treinadores, ou, até mesmo a “existência simultânea” de várias “seleções”, talvez não fosse o ambiente mais favorável para o teste de um jogador tão jovem como Pelé. Mas apesar disso, se observarmos as equipes nacionais formadas neste período, e que não foram compostas por jogadores de apenas um estado brasileiro (São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul ou Bahia), principalmente após a Copa do Mundo de 1954, perceberemos uma tendência entre os técnicos de sempre convocarem um ou dois jogadores estreantes na seleção, ou ainda, atletas com pouca experiência vestindo a amarelinha. Ou seja, de alguma forma, apesar da evidente falta de planejamento da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) em organizar um trabalho de longo prazo para seleção, era clara a procura dos diferentes treinadores por novos talentos, ou até mesmo de renovação da equipe brasileira, mesmo que por caminhos tortos.

Como comprovação, se listarmos as convocações entre 1955 e 1958, veremos a estreia, além do próprio Pelé, de vários atletas que farão parte dos grupos das conquistas das Copas de Mundo de 1958 e 1962, como por exemplo Garrincha, Vavá, Zito, Gylmar, Zózimo, Pepe, Joel, Dino Sani e Zagallo.

Na mesma convocação que chamou Pelé pela primeira vez para a seleção, faziam também parte da lista outros “recém-estreados” e que também viriam a compor o grupo da Copa do Mundo de 1958, os então também jovens jogadores

---

<sup>43</sup> Ainda durante o ano de 1956, e sob o comando de Flávio Costa, a seleção brasileira enfrentaria a Tchecoslováquia em duas oportunidades, uma no Maracanã e outra no Pacaembu, além da seleção italiana, também no Maracanã.

<sup>44</sup> Em setembro de 1957 é formada uma equipe de jogadores da Bahia, comandada pelo técnico Maurinho, e que representou a seleção brasileira na disputa da Taça Bernardo O'Higgins contra o Chile.

<sup>45</sup> A competição foi assim nomeada em homenagem ao presidente da Argentina, Julio Argentino Roca (1843 - 1914) e foi disputada, de maneira irregular, pelas seleções de Brasil e Argentina entre os anos de 1914 e 1976.

Mazzola, do Palmeiras, e Moacyr, do Flamengo, ambos em suas segundas convocações para vestir a amarelinha. Esta característica, sugerindo um processo de renovação na seleção brasileira, é observada no editorial da Gazeta Esportiva do dia 4 de julho de 1957, quando a lista de convocados é comentada, sob a perspectiva do confronto contra os argentinos, ressaltando esperança de que “ao lado de alguns experimentados, outros novatos em fase de revelação confirmem o que vem produzindo em seus respectivos clubes”<sup>46</sup>.

Mas apesar deste aparente e não tão coordenado processo de renovação da seleção brasileira, outro elemento também ajuda a explicar a convocação de um jogador tão jovem como Pelé, além do destaque que ele vinha obtendo por conta de seu bom desempenho nos jogos do Santos. A impossibilidade de Pirillo em convocar jogadores da maioria dos principais clubes do Rio de Janeiro, pois alguns deles estavam em excursões internacionais. Bangu e Fluminense (exceto seu goleiro, Castilho) estavam na Colômbia, Botafogo disputando um torneio na Venezuela e o Vasco, a exceção de Bellini e Paulinho, em tour pela Europa. Restando assim ao técnico da seleção brasileira, a possibilidade de somente poder convocar jogadores do Flamengo ou que atuassem no futebol de São Paulo. Resultado, dos 18 convocados, 13 jogavam em clubes paulistas, além da ausência de alguns dos principais e mais experientes jogadores, figuras recorrentes nos jogos do Brasil, como os botafoguenses Didi e Nilton Santos.

Brasil e Argentina não se enfrentaram no período entre os anos de 1946 e 1956. Este longo intervalo se deve inicialmente ao acirramento da rivalidade futebolística entre os dois países a partir de meados da década de 40, principalmente por conta das disputas da Copa Roca, em dezembro de 1945, e do Sul-Americano Extra, em fevereiro de 1946.

No jogo desempate da Copa Roca de 1945, realizado no Estádio de São Januário<sup>47</sup>, em um lance envolvendo os jogadores Ademir de Menezes, do Brasil, e Battagliero, da Argentina, este último caiu de mau jeito e fraturou a tíbia.<sup>48</sup> A jogada, aparentemente acidental, não foi vista assim pelos argentinos, que acabaram perdendo a partida e a taça para os brasileiros.

---

<sup>46</sup> “Bom Dia”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 4 de julho de 1957, p. 2.

<sup>47</sup> Brasil 3 x 1 Argentina. A partida aconteceu no dia 23 de dezembro de 1945.

<sup>48</sup> SANDER, Roberto. **Anos 40: Viagem à Década sem Copa**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004, p. 188.

Pouco mais de um mês depois, no Sul-Americano Extra, Brasil e Argentina voltaram a se enfrentar<sup>49</sup>. Antes da partida, disputada em um Monumental de Nuñez lotado, o mesmo Battagliero, que havia se contundido na partida da Copa Roca, foi exibido, de perna engessada, em uma volta olímpica pelo estádio. O “espetáculo”, planejado pelos dirigentes argentinos, inflamou os ânimos da torcida local, que se incendiaram de vez, quando, iniciada a partida, um choque entre os capitães Jair Rosa Pinto, do Brasil, e Salomon, da Argentina, causou fraturas na tíbia e na fíbula do jogador argentino. O lance foi o estopim para a invasão do campo pelos torcedores. Os jogadores brasileiros fugiram para o vestiário, onde foram obrigados a se esconder para não serem linchados. Uma hora depois, após intervenção policial, a partida recomeçou. Ao final, a seleção argentina venceu por 2 a 0, e sagrou-se campeã do torneio.

A batalha campal em que se transformou o Monumental de Nuñez, a aparente conivência das autoridades policiais com a violência durante o episódio, somada à crescente rivalidade entre Brasil e Argentina, culminou em uma crise “diplomática” entre as entidades dirigentes do futebol dos dois países. O Racing Club, da Argentina, cancelou uma série de partidas amistosas que faria no Brasil ainda naquele ano, alegando falta de segurança. Em 1949, a seleção argentina se recusaria a participar do Sul-Americano, assim como, a Copa do Mundo de 1950, ambas competições disputadas no Brasil. Por outro lado, a seleção brasileira deixaria de disputar o Sul-Americano de 1948, disputado no Equador.

Outra razão que contribuiu também, mas indiretamente, para a não realização de jogos entre as seleções brasileira e argentina durante dez anos, foi a greve geral no futebol argentino ocorrida no período de novembro de 1948 a maio de 1949. Ela foi fruto de um movimento de sindicalização dos jogadores no país desde 1944, que levou a criação do Futbolistas Argentinos Agremiados (FAA), e propiciou a eclosão da greve em 1948. Os jogadores protestavam contra o não pagamento, ou atraso, de salários, principalmente por clubes pequenos, além de exigirem a criação de um seguro de previsão social, o repasse de parte das rendas dos jogos para os atletas e o estabelecimento de um piso salarial<sup>50</sup>.

---

<sup>49</sup> Esta partida aconteceu no dia 10 de fevereiro de 1946.

<sup>50</sup> GOMES, Eduardo de Souza. **O fortalecimento de uma classe: o caso da greve geral do futebol argentino em 1948**. Ludopédio, São Paulo, v. 85, n. 12, 2016.

A greve causou um êxodo de jogadores argentinos, que por não terem onde jogar e estarem presos à Lei do Passe, foram atraídos a jogar na Colômbia, onde existia uma liga profissional autônoma não vinculada à Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), nem à Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), e por esta razão, cujos clubes integrantes não eram obrigados a pagar pelos direitos federativos dos atletas. Ou seja, eles não precisavam comprar o passe, para ter um atleta.

Este êxodo teve impacto sobre o campeonato nacional, assim como sobre a seleção, já que alguns dos principais nomes do futebol argentino foram atraídos para o “El Dorado” colombiano, como as estrelas Adolfo Pedernera e Alfredo Di Stéfano<sup>51</sup>. Desfalcada pelos “exilados” na Colômbia, a seleção argentina se enfraqueceu muito, vivendo assim, uma das maiores crises de sua história. Esta sangria explica, em parte, a não participação argentina nos Sul-Americanos de 1949 e de 1953, e da própria Copa do Mundo de 1950, mas não se resume a isso.

O então presidente da Asociación de Fútbol Argentino (AFA), Valentín Suárez, foi aconselhado pelo governo argentino, liderado por Juan Domingo Perón, a não participar dos Sul-Americanos e da Copa do Mundo no Brasil<sup>52</sup>, temendo uma campanha ruim da seleção argentina<sup>53</sup>. Este temor se devia ao fato de que desde 1946, quando assumiu o poder, Perón procurava associar sua presidência aos sucessos da equipe nacional<sup>54</sup>, e caso houvesse um vexame, esta eventual derrota também afetaria a sua imagem.

Coincidência ou não, Brasil e Argentina só voltariam a se enfrentar em 1956, após a saída de Perón da presidência. O confronto ocorreu novamente em um Sul-Americano, desta vez disputado no Uruguai.<sup>55</sup> Mas a grande “retomada” dos embates entre os dois selecionados foi justamente a Copa Roca de 1957, competição que não acontecia desde 1945.

---

<sup>51</sup> ROLDÁN, David Leonardo Quintián. **El Dorado: un bocado internacional con sabor rioplatense**. Ludopédio, São Paulo, v.81, n. 11, 2016.

<sup>52</sup> Por conta do temor de um vexame, em função do enfraquecimento da seleção causado pela fuga de jogadores argentinos para o exterior, a Argentina não participou sequer das eliminatórias para as Copas do Mundo de 1950 e 1954, só voltando a disputar um mundial em 1958.

<sup>53</sup> AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: FAPERJ/ Mauad, 2002, p. 167.

<sup>54</sup> GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002, p. 50.

<sup>55</sup> Partida disputada no dia 5 de fevereiro de 1956, com vitória brasileira de 1 a 0, gol de Luizinho Trochillo. O Uruguai sagrou-se campeão do torneio.



Se por um lado o Brasil encontrava-se em um certo processo de renovação, e a convocação de Pelé era prova disso, o mesmo valia para os argentinos, que haviam perdido seu principal trio de ataque formado por Humberto Maschio, Omar Sivori e Antonio Angelillo, para o futebol europeu. Mas havia uma grande diferença na maneira como a renovação argentina era conduzida. Enquanto a seleção brasileira vivia uma troca constante de técnicos, a seleção argentina era comandada pelo mesmo treinador, Guillermo Stábile, desde 1939<sup>56</sup>.

Existia em parte da crônica esportiva, um sentimento de inferioridade do futebol brasileiro em relação ao argentino. Em sua coluna “Bola Society” no *Jornal dos Sports*, o jornalista Dâmaso Salcede publica uma nota enfatizando o enredo e a conclusão recorrentes dos confrontos entre as duas seleções: a Argentina, na maioria das vezes, é a vencedora

Ao anunciar que o técnico argentino chegaria naquela tarde ao Rio de Janeiro, Salcede já antecipa qual seria a declaração do treinador aos jornalistas: “Los brasileños, individualmente son los mejores jugadores del mundo. Es un placer venir para una fiesta de confraternidad...”<sup>57</sup>. Segundo a nota, puro jogo de cena de Guillermo “Charles Chaplin” Stábile, fingindo humildade. O colunista dava como certo, que ao final, a Argentina levaria a Copa Roca para casa, e acreditava que Stábile pensava o mesmo, dada a superioridade histórica da Argentina.

---

<sup>56</sup> Guillermo Stábile foi técnico da seleção argentina entre 1939 e 1960, mas simultaneamente também comandou clubes argentinos como o Huracán, Estudiantes de La Plata, San Lorenzo e Racing.

<sup>57</sup> “Bola Society”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro: 4 de julho de 1957, p. 7.

Imagem 2 - Detalhe da capa de **A Gazeta Esportiva** em referência à disputa da Copa Roca de 1957<sup>58</sup>



Já fazia 12 anos desde a disputa da última Copa Roca, o que poderia sugerir um clima de grande expectativa em relação ao confronto. Mas ao folhear os jornais da época, este sentimento de ansiedade, embora presente em alguns periódicos, não era unanimidade. Em análise escrita por Ney Bianchi no *Jornal dos Sports*, na véspera da primeira partida, o texto diz que a Copa Roca, apesar de sua importância, teria se vulgarizado, apenas fazendo parte da “rotina de nossas organizações futebolísticas”. Ou desorganizações, se ficam mais satisfeitos por dizermos assim<sup>59</sup>.” Bianchi não nega que os torcedores ainda tinham interesse em assistir ao duelo de brasileiros e argentinos, porém, elenca uma série motivos que impediam um maior envolvimento do público

O maior destes fatores, seria o fato de que, na véspera do primeiro duelo da Copa Roca, ocorreu no mesmo Maracanã, um confronto amistoso entre o Benfica de Portugal e o Flamengo. O acontecimento de duas partidas com forte apelo

<sup>58</sup> “Homenagem de A Gazeta Esportiva aos campeões argentinos e brasileiros”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 6 de julho de 1957, p.1

<sup>59</sup> “Confiança e Temor, as armas dos comandantes”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 6 de julho de 1957, p. 5.

popular, em datas tão próximas, forçaria boa parte dos torcedores a escolherem apenas um dos jogos para assistirem, pois seria muito oneroso, segundo o jornalista, para o torcedor comum assistir aos dois confrontos, dois dias seguidos.

Outra razão, seria a desorganização dominante ao redor da disputa. Como exemplo, basta mencionar a dificuldade para a seleção brasileira encontrar um local para poder treinar nas vésperas da primeira partida contra a Argentina. O primeiro treinamento ocorreu em 4 de julho, dia seguinte à apresentação dos convocados no Rio de Janeiro. Inicialmente o treino estava marcado para ocorrer em dois períodos, manhã e tarde, no Estádio das Laranjeiras, pertencente ao Fluminense. Mas em cima da hora, quando os jogadores chegaram ao estádio, apareceu uma determinação da direção do Fluminense, proibindo o treinamento, sob a alegação de que o gramado acabara de ser reformado, e caso fosse utilizado naquele momento, correria o risco de ser seriamente danificado<sup>60</sup>.

Sem ter onde treinar, a CBD saiu à caça de um outro local, e a seleção acabou por treinar em General Severiano, campo do Botafogo.

Estes fatores, a “competição” do jogo entre Benfica e Flamengo, e a desorganização da confederação, contribuíram assim para quebrar “o restinho de entusiasmo que poderia subsistir” nos torcedores pela Copa Roca, que segundo Bianchi, agora sob a influência da nostalgia, já não eram o mesmo de outras edições do torneio. Mas apesar de todo este quadro, ele ainda acreditava que o confronto seria muito interessante e despertaria a atenção da crônica esportiva em todo o mundo.

Já em São Paulo, nas páginas da Gazeta Esportiva, também na véspera da primeira partida da Copa Roca, o olhar sobre o confronto era outro. O periódico denunciou<sup>61</sup>, em um texto não assinado<sup>62</sup>, uma suposta conspiração contra a seleção brasileira, articulada pelos clubes e dirigentes do futebol do Rio de Janeiro. A seleção brasileira sempre foi palco, desde o seu início, para disputas entre os dois principais centros futebolísticos do país<sup>63</sup>, Rio de Janeiro e São Paulo, rivalidade

---

<sup>60</sup> “Como se sabota o Brasil! Após verdadeiro drama treinaram os craques no Botafogo”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 5 de julho de 1957, p. 1.

<sup>61</sup> “O estilo da campanha contra a seleção do Brasil!”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 6 de julho de 1957, p. 3

<sup>62</sup> O texto, muito provavelmente, é de autoria do jornalista Thomaz Mazzoni.

<sup>63</sup> Esta “hegemonia” de Rio e São Paulo no futebol brasileiro vai prevalecer até pelo menos o final da década 60 e início da década de 70 quando ocorre a ascensão de clubes de outros estados, principalmente de Minas Gerais (Cruzeiro e Atlético) e do Rio Grande do Sul (Internacional e Grêmio).

intensa que de fato existiu dentro e fora de campo, mas que foi bastante alimentada pela imprensa esportiva dos dois estados.

Segundo a matéria da Gazeta, haveria uma ordem de sabotar a seleção com objetivo de enfraquecer a CBD, e conseqüentemente seus dirigentes. Prova desta sabotagem seriam as dificuldades para o selecionado brasileiro encontrar um lugar para treinar, além do fato da maioria dos clubes do Rio de Janeiro não cederem seus principais jogadores por conta de compromissos em excursões internacionais. O Flamengo teria inclusive retirado seu jogador, Moacyr, da concentração da seleção para que ele participasse do amistoso contra o Benfica, no dia 6 de julho.

Há verdade, mas também há muito de exagero nas palavras do jornal. As viagens internacionais nas décadas de 50 e 60 sempre foram importantes fontes de renda para os clubes brasileiros na época, além disso, mesmo assim, o Vasco e o Fluminense cederam dois de seus principais jogadores para a seleção, o zagueiro Bellini e o goleiro Castilho, respectivamente. Simplesmente condenar a atitude das equipes cariocas por não liberarem seus atletas, e ignorar que era por conta dos amistosos e viagens extremamente necessárias para a manutenção dos clubes, é uma análise rasa por parte da Gazeta, que conta uma história pela metade e finge ignorar as necessidades financeiras dos clubes.

Outra alegação que aparece na mesma matéria, é a antecipação de uma desculpa, que seria utilizada pelos dirigentes cariocas para uma eventual vitória brasileira na Copa Roca, ou também um ataque, em caso de derrota. Se o Brasil vencesse, o jornal assegura que os “sabotadores” procurariam diminuir a então seleção argentina, dizendo que ela estava enfraquecida, devido ao êxodo de alguns de seus jogadores para a Europa. Caso o Brasil perdesse, segundo o jornal, a culpa seria atribuída aos jogadores paulistas que não foram capazes de honrar a camisa da seleção.

Os dois argumentos dos “sabotadores” são rapidamente invalidados pelo jornal. A Gazeta reconhece que de fato os argentinos sentiram a perda dos jogadores que partiram para Europa, mas diminui esta perda argumentando que a Argentina possuía muitos bons jogadores capazes de formar não apenas uma boa seleção, mas várias. Diz ainda que o fato da seleção brasileira ser formada quase exclusivamente por jogadores paulistas, muitos deles com pouca experiência pela amarelinha, se devia também a ação dos mesmos “sabotadores”, única e exclusivamente, e que esta “maioria paulista” no time, não serviria de base para

eventuais críticas, uma vez que, recentemente, uma seleção formada exclusivamente por paulistas disputou o Sul-Americano Extra e derrotou a Argentina; e outra formada apenas por atletas do Rio Grande do Sul, conquistou o Pan Americano.

Por fim, a Gazeta apela ao patriotismo como medida para enfraquecer as ações dos “sabotadores”, afirmando que as rivalidades regionais não podem influenciar na avaliação da seleção, pois “na vitória ou na derrota, tudo é Brasil”<sup>64</sup>.

Em conclusão, assim como Ney Bianchi no Jornal dos Sports, a matéria não-assinada da Gazeta Esportiva, afirma que apesar dos problemas, a Copa Roca seria um evento futebolístico de repercussão mundial, afinal, tratava-se da reedição da partida decisiva do último campeonato sul-americano.<sup>65</sup> Um jogo histórico. E certamente foi, mas não pelas razões que os dois jornais imaginavam, mas por motivos que só seriam percebidos tempos depois.

No dia do jogo, os periódicos esportivos do Rio de Janeiro e de São Paulo anunciavam a partida em suas capas, exaltando a importância do confronto e o clima de ansiedade gerado por ele. O Jornal dos Sports faz um balanço dos duelos pela Copa Roca até então, apontando grande equilíbrio entre as duas seleções, além do espírito de revanche, por parte dos brasileiros, por conta da derrota para a Argentina no último Sul-Americano. Mais uma vez é ressaltado a renovação que viviam as duas seleções, e sem citar nomes, o mesmo jornal afirma a existência em ambas as equipes de “valores novos que são como risonhas esperanças para o futuro”<sup>66</sup>.

O jogo começou às 15:30h, no estádio do Maracanã, com uma presença de público muito abaixo do esperado para um confronto desta magnitude. As razões apontadas pela imprensa, vão desde acusações à CBD, pela sua desorganização; ou ao fato da seleção ser formada, em sua maioria, por jogadores paulistas, o que desestimulou a presença do público carioca, além do jogo da véspera, no mesmo Maracanã, entre Flamengo e Benfica, que “forçou” o público a escolher uma das duas partidas para assistir.

---

<sup>64</sup> “O estilo da campanha contra a seleção do Brasil!”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 6 de julho de 1957, p. 3

<sup>65</sup> Um torneio sul-americano extra foi disputado entre 7 de março e 6 de abril de 1957 em Lima, Peru. A Argentina tornou-se a campeã após derrotar o Brasil por 3 a 0, que ficou com o vice-campeonato.

<sup>66</sup> “Brasil e Argentina, sensação excepcional do Maracanã”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 7 de julho de 1957, p.3 (Seção 2).

A partida foi equilibrada, marcada por um maior número de chances de gol criadas pelo Brasil, mas com a Argentina sendo mais objetiva, produzindo menos oportunidades para marcar, porém muito mais claras que as brasileiras. Apesar desta maior presença do Brasil no ataque, quem abriu o marcador foram os argentinos, aos 29 minutos do primeiro tempo. O defensor brasileiro Paulinho perdeu a bola ao tentar driblar o atacante adversário Moyano, que a tomou, tocou para Herrera lançar em profundidade Labruna, anotando o primeiro gol dos visitantes. Erro crasso de Paulinho, que poderia ter recuado a bola para o goleiro Castilho, ou simplesmente ter dado um chutão para fora. Pelé não foi escalado entre os titulares e assistiu o primeiro tempo no banco de reservas.

A primeira etapa terminou com a vitória parcial de 1 a 0 da Argentina. Na volta para o segundo tempo, o técnico Silvio Pirilo faz duas alterações na seleção brasileira: saem Del Vecchio e Mazola, para as entradas de Pelé e Moacyr.

A presença de Pelé traz mais movimentação para o ataque brasileiro, que continuou a se fazer mais presente no campo ofensivo que a seleção argentina. Aos 32 minutos, Luizinho lança Tite, ele cruza para o meio da área, Pelé vem correndo de trás e chuta, 1 a 1. Era o primeiro gol de Pelé pela seleção brasileira.

Embora hoje possamos atribuir uma importância muito grande a este gol, por se tratar justamente do primeiro de Pelé vestindo a camisa da seleção, naquela época, ele foi apenas mais um gol, pois Pelé, apesar de já ser mencionado como um jogador promissor, ele era, naquele momento, somente isso, e não um craque consagrado.

O gol não foi tratado como uma pintura, como um feito épico e marcante, ou ainda como o sinal manifesto do nascimento de um novo gênio do futebol. Foi tratado apenas como o gol de um estreante na seleção em uma derrota perante a Argentina. Só isso. A atenção que damos a este gol em particular hoje serve, ao compararmos com a repercussão desse mesmo lance no contexto em que ocorreu, para termos uma dimensão da transformação pela qual a imagem de Pelé passou ao longo de sua carreira profissional, e até mesmo depois disso.

Nelson Rodrigues, um dos grandes responsáveis pela construção da imagem de Pelé como o “rei do futebol”; cronista que posteriormente tantas vezes, por meio dos seus exageros neobarrocos<sup>67</sup>, irá exaltar a figura de Pelé e suas habilidades

---

<sup>67</sup> MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues: O óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas**. São Paulo: Educ, 2003, pp. 95 - 96.

futebolísticas como algo que beirava ao divino e ao fantástico, em sua crônica sobre a partida<sup>68</sup> sequer menciona o lance do gol ou Pelé. Naquele contexto, nem para Nelson, Pelé já era o “Pelé”.

Apesar de seu gol e de seu bom desempenho na partida, Pelé não conseguiu impedir a derrota brasileira. Um minuto depois, em outra falha da defesa, o goleiro Castilho erra ao repor a bola em jogo, entregando-a de graça para os argentinos, que não desperdiçam a chance e se colocam novamente à frente no placar, 2 a 1, e assim se mantêm até o final da partida.

Nas páginas do *Jornal dos Sports*, Geraldo Romualdo da Silva escreve que antes da partida “havia com efeito um clima de festa e um cálido ambiente de emoção e esperança rondando o Maracanã<sup>69</sup>”, esperança alimentada pelo entusiasmo da presença de uma geração “promissora e esfuziante<sup>70</sup>” que contava com jogadores como Pelé, Mazzola, Zito e Moacyr. O cronista aponta que no primeiro tempo, o ataque brasileiro foi incapaz de vencer a marcação argentina, só conseguindo melhorar na segunda metade da partida, justamente quando Pelé e Moacyr entraram em campo.

Em sua análise da partida para a *Gazeta Esportiva*, Thomaz Mazzoni afirma que faltou “confiança” para a seleção brasileira vencer o jogo, e esta falta se devia justamente, segundo ele, a juventude dos jogadores do ataque, entre eles Pelé<sup>71</sup>. Mas apesar disso, o jornalista enxergou na presença de jogadores mais jovens, algo promissor, que através de “uma grande renovação que estamos iniciando com craques jovens verdadeiramente, em nossas linhas<sup>72</sup>”, garantiria, em breve, “bons frutos<sup>73</sup>” para o futebol brasileiro. Inclusive defendeu que Pelé deveria ter jogado a partida desde o início. Segundo Mazzoni, o garoto do Santos era “no momento o jogador paulista mais popular no Rio de Janeiro<sup>74</sup>”, e isso teria um grande “valor psicológico<sup>75</sup>” para a partida, pois faria com que a torcida carioca se envolvesse mais com a seleção.

---

<sup>68</sup> “Por que perdeu o Brasil?”. *Manchete Esportiva*. Rio de Janeiro: 13 de julho de 1957, pp. 6 -7.

<sup>69</sup> “Scratch sem tradição é ajuntamento”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro: 9 de julho de 1957, p.5.

<sup>70</sup> *Ibidem*, p.5.

<sup>71</sup> Vale mencionar, que com esta convocação, Pelé se tornou o jogador mais jovem, até então, a vestir a camisa da seleção brasileira.

<sup>72</sup> “Dois erros da defesa”. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo: 8 de julho de 1957, p. 4

<sup>73</sup> *Ibidem*, p.4.

<sup>74</sup> *Ibidem*, p.4.

<sup>75</sup> *Ibidem*, p.4.

Os dois cronistas criticam a desorganização na convocação da seleção para os jogos contra a Argentina, que resultaram não na formação de uma equipe com o que o futebol brasileiro tinha de melhor, mas sim o que era possível naquele momento. Mas apesar disso, concordam que os jogadores jovens, entre eles Pelé, mas não apenas ele, foram o fator positivo do confronto.

De qualquer forma Pelé foi novamente elogiado, inclusive a revista *Manchete Esportiva* em sua reportagem sobre o jogo<sup>76</sup>, ao listar uma longa lista de problemas e defeitos na seleção brasileira, questiona por que Pelé não foi escalado como titular desde o princípio.

Muito embora a maioria dos elogios que Pelé recebeu nesta partida ainda não fossem dedicados apenas a ele, mas sim ao grupo de jovens jogadores que compuseram a seleção naquela Copa Roca, sua estreia na seleção, fortaleceu seu nome junto à imprensa e aos torcedores. A jovem promessa começa a passar por uma transformação, se ainda não era o “rei do futebol”, aquele que em pouco menos de um ano antes, era retratado como uma esperança para o Santos, começa a ser visto como uma esperança também para o futebol brasileiro. Mas ainda sim, “apenas” uma esperança.

No dia 10 de julho aconteceu o segundo jogo da Copa Roca, em São Paulo, no estádio do Pacaembu. Boa parte da imprensa questionou o fato de Pelé não ter iniciado entre os titulares a partida do Rio. Na coluna humorística “O Time” da *Gazeta Esportiva*, o redator anônimo Picapau brinca com o assunto através de um diálogo fictício:

- “Ia começar a escrever quando o telefone tocou:  
 - Picapau?  
 - Sim.  
 - Pode dar uma informação?  
 - Pois, não.  
 - Quarta-feira, vai jogar o Pelé desde o início, ou esse negócio de Taça Roca não é assim tão importante?”<sup>77</sup>

Já no *Jornal dos Sports*, na coluna de Ney Bianchi, as críticas são mais severas e passam longe do tom satírico. Bianchi entende que existiram culpados pela derrota. Um dos “culpados” seria a demora em Pelé ter sido colocado em

<sup>76</sup> “Derrota da improvisação, Argentina 2, Brasil 1”. *Manchete Esportiva*. Rio de Janeiro: 13 de julho de 1957, pp.4 -5.

<sup>77</sup> “O Time”. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo: 9 de julho de 1957, p.2.



campo. Mas a culpa também caberia ao próprio Pelé, que apesar de ter feito o gol, estaria, segundo o cronista, “mudando de andar e enfeitando demasiadamente as jogadas”<sup>78</sup>.

Estes juízos em que são mencionados uma certa “mudança no caminhar”, ou em que o atleta é chamado de “mascarado”, geralmente são associados à jovens promessas, que em seus inícios de carreira, se deixam deslumbrar pelos primeiros sucessos, e assim transparecem arrogância. Isso ocorre quando estes atletas jogam de maneira displicente, mais preocupados em se exibirem, do que propriamente colaborarem com a equipe. Pelé nos primeiros tempos de sua carreira, algumas vezes foi acusado deste tipo de comportamento, conforme mostraremos mais à frente. A existência destas críticas quebra os paradigmas de “bom-mocismo” e de “jogador de grupo” onipresentes nas biografias posteriores de Pelé, e demonstram que, nem sempre, ele foi visto por todos como um exemplo de comportamento, ao menos em campo, a ser seguido.

Mesmo, supostamente, mudando seu andar e enfeitando demasiadamente as jogadas, para a Gazeta Esportiva, a conclusão sobre Pelé era exatamente oposta a de Ney Bianchi. Em longo texto publicado na véspera da segunda partida, e ainda dissertando sobre derrota do primeiro jogo, o diário paulista conclui que Pelé foi o melhor jogador em campo, afinal ele “superou todos, pois suas esquivas de corpo e fintas sóbrias desorientavam os defensores que atraía para abrir claros e brechas”<sup>79</sup>. Além disso, conclui que a principal causa da derrota, o que classifica como um erro elementar, foi a ausência de Pelé no primeiro tempo. Critica também a maneira como um jogador tão novato como ele foi colocado em campo, já no meio da partida e com a seleção perdendo. A atitude é classificada como um sinal de desespero por parte do técnico.

Apesar dos elogios que recebeu da Gazeta Esportiva, Pelé não teve o mesmo destaque, ao menos para o jogador argentino, Néstor Rossi. Para o meio-campista, o que realmente lhe chamou a atenção não foi nem o gol de Pelé, muito menos o desempenho do jovem jogador, mas a ausência de vários outros nomes importantes na seleção brasileira. Em depoimento dado ao mesmo jornal, ele questiona: “Não entendo o que há com o futebol brasileiro. Onde andam os seus

---

<sup>78</sup> “Onde a derrota amargou mais”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 9 de julho de 1957, p.16.

<sup>79</sup> “Faz-se tudo para a seleção não vencer...”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 9 de julho de 1957, p.3.

grandes ases? Positivamente não consigo entender porque, no Brasil, homens como Djalma Santos, Nilton Santos, Didi e Zizinho são afastados das seleções”<sup>80</sup>.

O mesmo Rossi ainda teria feito após o jogo no Maracanã, uma analogia de cunho racista, entre a partida e uma roleta de apostas. Segundo o jogador argentino, os brasileiros teriam apostado no “preto 16”, referência racista a cor e a idade de Pelé, que tinha então 16 anos, mas o número sorteado havia sido outro, “branco 39”, cor e idade do autor do gol da vitória portenha, Labruña<sup>81</sup>.

Se Rossi minimizou o desempenho de Pelé na primeira partida, e ainda por cima foi preconceituoso, o jogador da seleção argentina, provavelmente, teve que engolir suas palavras após o confronto decisivo da Copa Roca. As críticas da imprensa ao desempenho da seleção, aparentemente, foram registradas pelo técnico Sílvio Pirilo, e Pelé foi escalado para começar o segundo confronto. Pirilo, inclusive, em depoimento após o jogo no Rio, reconheceu que o ataque da seleção melhorou muito no segundo tempo, justamente quando Pelé entrou em campo.<sup>82</sup> Outras alterações feitas na escalação da seleção foram a entrada do lateral Djalma Santos e do goleiro Gylmar.

Depois da derrota no primeiro jogo, o Brasil, para conseguir conquistar a Copa Roca, necessitava vencer a partida no tempo normal, forçando uma prorrogação. E neste tempo extra, manter a vantagem. E a seleção venceu, 2 a 0, gols de Pelé e Mazzola.

De acordo com a Gazeta Esportiva, a partida foi a melhor exibição da seleção desde a Copa de 1950 e o placar só não foi maior por azar dos atacantes brasileiros. O Brasil teve inclusive uma cobrança de pênalti desperdiçada por Djalma Santos. O jornal elogia bastante Pelé, afirma que ele foi “digno de seu mestre Valdemar de Brito<sup>83</sup>” e o “maior artífice da nossa ofensiva<sup>84</sup>”.

Igualmente, o Jornal dos Sports também tece elogios ao desempenho de Pelé: “perfeito no manejo da pelota, foi ainda autor de um tento de grande inspiração. Grande figura”, mas faz uma análise mais ponderada do desempenho coletivo da seleção brasileira. O colunista Geraldo Romualdo da Silva, embora

---

<sup>80</sup> “Onde andam os grandes craques do futebol brasileiro?”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 9 de julho de 1957, p. 10.

<sup>81</sup> “Vitória do Talento Individual, da Mocidade e do Entusiasmo: 2x0”. **Última Hora**. Rio de Janeiro: 11 de julho de 1957, p.7.

<sup>82</sup> “A derrota é o reflexo dos problemas surgidos”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 8 de julho de 1957, p. 40

<sup>83</sup> “Noite de glória para o Brasil: 2 X 0”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 11 de julho de 1957, p. 14.

<sup>84</sup> Idem, *ibidem*.

classifique Pelé como “extraordinariamente fulgurante”, acha exagerado afirmar que a segunda partida contra a Argentina foi a melhor exibição do time nacional desde a Copa de 1950. Segundo ele, a seleção de 1950 era mais experiente, tinha mais entrosamento e era individualmente superior<sup>85</sup>.

Na imprensa de modo geral, mais do que destaques individuais, chamam a atenção para o desempenho da seleção como um todo, ressaltando não apenas um jogador, mas vários. Da defesa ao ataque, quase todos os jogadores são mencionados positivamente. Se Pelé é enaltecido, outros também são. Bellini, Luizinho, Oreco, Djalma Santos e Mazzola são igualmente louvados pela imprensa.

Na revista *Manchete Esportiva* do dia 20 de julho de 1957, apesar dos vários elogios pelo seu desempenho na Taça Roca, aparecem também algumas ressalvas que, mesmo superficialmente, desconstroem a imagem do menino puro e ingênuo, ou mesmo de “bom-moço”, que tantas vezes serão impressas em Pelé ao longo de sua carreira. A publicação, na matéria com o sugestivo título “1 x 1 nos socos na cara<sup>86</sup>”, narra um episódio ocorrido durante a segunda partida, que mais parece ser sobre algum “jogador-problema”, do que propriamente sobre o sempre disciplinado e comportado Pelé.

No lance do pênalti favorável para o Brasil, e que acabou sendo desperdiçado por Djalma Santos, o goleiro argentino, Carrizo, revoltado com a marcação, pegou a bola com as mãos e fez menção de esfregá-la na cara de Pelé. Antes que Pelé reagisse, Del Vecchio, se pôs entre o argentino e o jovem brasileiro, para evitar que os dois fossem às vias de fato. Mas não surtiu efeito. Enquanto o juiz advertia Del Vecchio, Pelé teria dado uma “bolacha” no rosto do goleiro argentino, se aproveitando da distração do juiz. Instantes depois, para evitar maiores confusões, o técnico substituiu Carrizo pelo seu reserva, Musimessi.

Por mais que até o momento, este episódio de “rebeldia” de Pelé, apareça mais como um caso isolado do que como a norma comportamental do jogador, reforça o que estamos tentando demonstrar desde o princípio. A imagem que eventualmente temos de Pelé hoje não nasceu pronta. Ela é fruto de um processo que ocorreu ao longo de sua carreira, e que continua até hoje, mesmo décadas depois dele ter pendurado as chuteiras. Se durante tanto tempo, e ainda hoje para muitos, a imagem de Pelé esteve de certa forma sempre ligada a valores

---

<sup>85</sup> “Fé, merecimento e força total”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 12 de julho de 1957, p. 5.

<sup>86</sup> “1 x 1 nos socos na cara”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 20 de julho de 1957, pp. 34-35.

exemplares de bom comportamento, de virtude ou algo semelhante, o tapa na cara de Carrizo, primeiro episódio de mau comportamento que conseguimos encontrar, deixam claro que nem sempre foi assim. O bom menino de Bauru também tinha seus momentos de travessuras, e não era tão ingênuo assim.

Mesmo afirmando que Pelé talvez fosse a maior revelação do futebol brasileiro, outro aspecto que a mesma publicação destaca na legenda de uma foto, é a necessidade de ele tomar cuidados com a “máscara”. Na foto, Pelé está abraçado com Julinho Botelho, ponta-direita brasileiro que então jogava pela Fiorentina, onde há pouco havia acabado de conquistar o Campeonato italiano pelo time de Florença. Julinho fez parte e foi um dos destaques da seleção brasileira na Copa de 1954, e também havia sido jogador da Portuguesa, onde foi campeão dos Torneios Rio-São Paulo em 1952 e 1955. Além disso, Julinho era também conhecido pelo seu extremo profissionalismo, dedicação e humildade, e após, o segundo jogo contra a Argentina, teria afirmado que Pelé era um novo gênio do futebol mundial e que em breve impressionaria a Europa<sup>87</sup>. Seu depoimento sobre o jovem jogador é um dos mais empolgados feitos neste contexto da Copa Rocca, e de certa forma destoa da maioria dos demais comentários feitos sobre Pelé até então, que no máximo viam o atleta como apenas um jovem de futuro promissor.

De qualquer forma, não parece ser coincidência, que o alerta sobre a possível “máscara” de Pelé, seja feito na legenda de uma foto com o “exemplar” Julinho, autor de um entusiasmado comentário sobre o jovem jogador. A publicação parece sugerir ao leitor, uma comparação entre os dois atletas. Um bem-sucedido, vitorioso em seus clubes, profissional, humilde e capaz de reconhecer as qualidades, e até mesmo a superioridade de outros atletas e outro, ainda jovem, talentoso, promissor, mas talvez excessivamente vaidoso e que, portanto, precisa tomar cuidado para não se deixar deslumbrar.

---

<sup>87</sup> “Pelé é o novo gênio do futebol mundial”. **Última Hora**. Rio de Janeiro: 11 de julho de 1957, p.8

Imagem 3 - Foto de Pelé e Julinho Botelho publicada pela **Manchete Esportiva**<sup>88</sup>



Apesar de não dar mais detalhes sobre a questão da “máscara”, esta preocupação expressa pela revista, deixa claro que parte da crônica esportiva enxergava Pelé, não como um menino puramente tímido e ingênuo, mas sim, como alguém com traços de vaidade, e que, caso esta vaidade viesse a ser excessiva, isto poderia tornar-se um obstáculo para o desenrolar da carreira do atleta.

Na mesma página em que é mencionada a “máscara” de Pelé, a publicação pergunta o que ainda faltava ao “scratch”<sup>89</sup> (a seleção), para alguns nomes da crônica esportiva, naquele momento. Entre os perguntados estava o ex-jogador Leônidas da Silva, que era comentarista da rádio Panamericana. Apesar do caráter sucinto e sem maiores reflexões, a resposta de Leônidas chama atenção não pela resposta em si, mas justamente por se tratar de uma resposta de Leônidas, aquele, que até então, era considerado por muitos como o maior jogador brasileiro de todos os tempos, e com qual Pelé já havia sido comparado, por seu início de carreira. Comparação esta que ainda continuou a acontecer, principalmente nos anos iniciais da carreira de Pelé, sendo tema frequente na crônica esportiva.

<sup>88</sup> 1 x 1 nos socos na cara”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 20 de julho de 1957, pp. 34-36.

<sup>89</sup> “O que falta ao scratch?”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 20 de julho de 1957, p. 36.

Na resposta, Leônidas apenas comenta que o que melhor se podia aproveitar dos jogos contra a Argentina, seria a revelação de novos nomes para seleção, como Pelé, Mazzola e Jadir. Esta talvez tenha sido a primeira vez, na mídia impressa, que tenha sido registrado uma opinião do “Diamante Negro” sobre o então futuro “Rei do Futebol”.

Também possivelmente pela primeira vez, a Manchete Esportiva traz no mesmo exemplar a estreia de Pelé nas crônicas de Nelson Rodrigues. Nela, Nelson faz outra comparação entre o jovem jogador e outro craque do passado: Domingos da Guia, o chamando de “Domingos da Guia do ataque”. O cronista ainda classifica Pelé como um “astro”, e completa: “Garoto ainda, com 17 anos incompletos, tem uma autoridade de gênio da pelota.”<sup>90</sup>

Na semana seguinte, a revista publica ainda uma matéria de duas páginas, com foto de página inteira de Pelé e chamada na capa. A matéria parece ter a intenção de apresentar o jogador para o grande público. Nela é narrado como Valdemar de Brito o descobriu, além das supostas recusas de Noroeste e Palmeiras ao jogador, e sua ida para o Santos. Na bela foto colorida de Pelé (Imagem 4), na segunda página da matéria, vemos o atleta agachado, de perfil, vestindo o uniforme alvinegro do Santos e olhando para o vazio. No alto da imagem, no canto esquerdo, está a seguinte legenda: “Se ainda não tinha alcançado a consagração definitiva através dos jogos do Morumbi, Pelé alcançou-a, nos matches com os argentinos. Dos três gols brasileiros (em 2 jogos), marcou 2.”<sup>91</sup>

Conforme citamos no início do capítulo, “as coisas são só previsíveis quando já aconteceram”, Pelé, a essa altura, não era ainda visto como o ‘Pelé’, ‘rei de futebol’, o craque incomparável, conforme pintam algumas de suas biografias posteriores. Em outras palavras, poucos previam, neste momento, que a “notável revelação peixeira” atingiria as dimensões que atingiu alguns anos depois. Entretanto, ele já colecionava alguns feitos relevantes, que depois reunidos em perspectiva, serão fundamentais na formação da imagem de Pelé como o “maior de todos os tempos”. Estreia pela seleção com dois gols, elogiado e destacado pela imprensa esportiva, criticado também pela mesma imprensa esportiva, comparado a grandes craques, aumento salarial e disputado por vários clubes. Teria Pelé de fato

---

<sup>90</sup> “Banho de Bola”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 20 de julho de 1957, pp. 36 - 37.

<sup>91</sup> “Pelé é cria de Valdemar de Brito”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 27 de julho de 1957, p. 19

já atingido a consagração definitiva, aos 16 anos, tão precocemente, como afirmava a legenda da foto na *Manchete Esportiva*?

Acreditamos que ainda não, o que tínhamos neste momento era a consolidação do nome de Pelé como jovem promessa do futebol brasileira. Em sua primeira autobiografia, publicada em 1961, o jogador afirma que após os jogos da Copa Roca, ele não se sentia mais um menino, se sentia mais “escolado”<sup>92</sup>, ou seja, ele mesmo percebia uma mudança em sua imagem. Contudo esta transformação estava apenas começando, e ela continuaria a ocorrer ao longo dos anos. Ou seja, a sua “consagração definitiva” ainda estava por acontecer.

Imagem 4 - Foto de página inteira de Pelé em matéria da **Manchete Esportiva**<sup>93</sup>



<sup>92</sup> NASCIMENTO, Edson Arantes do. **Eu Sou Pelé**. São Paulo: Editora Francisco Alves, 1961, p. 107.

<sup>93</sup> “Pelé é cria de Valdemar de Brito”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 27 de julho de 1957, p. 19

## **2. RUMO AO SONHO**



## 2.1. Dois planos para o Brasil

No dia 31 de janeiro de 1956, enquanto Pelé, ou melhor, Dico, ainda vivia em Bauru e a possibilidade dele se tornar um jogador da seleção brasileira parecia um sonho distante, o Brasil via um novo nome assumir a presidência da república, Juscelino Kubitschek. A posse de JK e o seu governo, representaram uma pausa temporária na profunda instabilidade política que o país vivia desde os desdobramentos que culminaram no suicídio do então presidente Getúlio Vargas, em agosto de 1954.

A jovem e claudicante democracia brasileira, gestada após o fim do Estado Novo em 1945, era constantemente ameaçada por tentativas de golpe, ora pelo conservadorismo da UDN, liderada por Carlos Lacerda, ora por setores das forças armadas que enxergavam em si próprias, dentro de uma perspectiva quase messiânica, como os “salvadores da pátria”, e ora ainda por políticos oportunistas como o deputado Carlos Luz e ex-vice-presidente Café Filho, também apoiados pela UDN. O fato é que após o resultado das eleições para presidente terem sido divulgados em outubro de 1955, o Brasil quase mergulhou em uma guerra civil, por duas vezes

Poucos dias após a posse, Juscelino foi obrigado a enfrentar um levante liderado por dois oficiais da Aeronáutica, inconformados com a vitória, segundo eles, de um “getulista” nas eleições presidenciais. Udenistas fervorosos e fiéis seguidores de Lacerda, os oficiais roubaram um avião de combate, cheio de armas e explosivos, na Base Aérea dos Afonsos, no Rio de Janeiro, e partiram para Jacarecanga, interior do Pará, onde pretendiam, a partir dali iniciar um levante cujo objetivo era retirar JK da presidência e João Goulart da vice-presidência. A tentativa de golpe que ironicamente começou em um sábado de carnaval, foi encerrada por tropas leais ao governo 19 dias depois, o que possibilitou a Juscelino finalmente “começar” a sua administração.

Apesar da pecha de “getulista” que os oficiais da Aeronáutica pintaram o presidente recém-eleito, Kubitschek alcançou sua eleição vendendo uma imagem bem diferente do ex-presidente Getúlio Vargas. Vargas procurou se apresentar, ao longo de sua vida pública, como uma figura paternal, morosa, uma verdadeira “raposa política” que dificilmente tomava medidas intempestivas, sempre pensando,

sem pressa, muito bem no que fazer, e com uma personalidade mais tímida e reservada. Já Juscelino, por outro lado, desde quando foi prefeito de Belo Horizonte, procurou sempre atrelar à sua imagem as ideias de dinamismo e modernidade, conjugadas a uma personalidade extrovertida, com um largo sorriso no rosto exalando simpatia.

O lema da campanha que o elegeu foi “50 anos em 5”, ou seja, fazer o Brasil se desenvolver o equivalente a 50 anos durante o período de 5 anos de seu governo. O slogan funcionou e Juscelino foi eleito com 36% dos votos, contra 30% do udenista Juarez Távora, que por sua vez utilizou durante a campanha eleitoral um slogan que só fez acentuar a imagem dinâmica vendida por JK: “Vote no general Juarez Távora, o tenente dos cabelos brancos”.

Dinamismo que Kubitschek já procura mostrar logo de saída. Como forma de comprovar a aceleração do desenvolvimento brasileiro pretendida por seu mandato, dois dias após a posse, é publicado, no Diário Oficial, o Programa de Metas, que tinha por objetivo principal “acelerar o processo de acumulação aumentando a produtividade dos investimentos existentes e aplicando novos investimentos em atividades produtoras”<sup>94</sup>. Para isso, o programa foi dividido no planejamento de 31 metas, distribuídas em seis grandes grupos: energia, transporte, alimentação, indústrias de base, educação e uma meta-síntese, a construção da nova capital federal, Brasília.

Dessa maneira busca, sem perder tempo, demonstrar de maneira bem firme qual era seu programa de governo, e assim garantir o apoio popular necessário para atingir maior estabilidade política, que era seriamente ameaçada por uma oposição radical e por problemas econômicos estruturais herdados das administrações anteriores<sup>95</sup>.

O Programa de Metas trouxe grandes transformações sociais e econômicas para o Brasil, tornando-se, principalmente por meio de sua meta-síntese, a construção da nova capital, Brasília, o elemento mais marcante do governo de Juscelino Kubitschek, transmitindo uma imagem forte de otimismo e prosperidade.

---

<sup>94</sup> KUBITSCHKEK DE OLIVEIRA, Juscelino. **Diretrizes Gerais do Plano Nacional de Desenvolvimento**. Belo Horizonte: Livraria Oscar Nicolai, 1955, p. 39.

<sup>95</sup> BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **O Governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política, 1956 - 1961**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, pp. 211-212.

O “sucesso” e a popularidade do programa, fará com que o modelo do mesmo seja mimetizado em outras instâncias do Brasil de então, como por exemplo no futebol.

Se o Brasil passava por mudanças políticas, econômicas e administrativas enquanto Pelé dava seus primeiros passos no profissionalismo e começava a se destacar, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entidade responsável por administrar várias atividades esportivas no Brasil, mas que tinha como seu grande foco o futebol, também passava por mudanças políticas e administrativas com as disputas eleitorais, ocorridas no segundo semestre de 1957, para a presidência da confederação.

A seleção brasileira, apesar de classificada, às duras penas, para a Copa do Mundo de 1958, na Suécia, e de ter derrotado a Argentina na disputa da Copa Roca, era bastante questionada pela imprensa e torcedores. Se JK, no início de seu governo enfrentou fortes resistências, e utilizou o Programa de Metas como forma de superá-las, o mesmo foi feito pela nova administração da CBD, presidida à partir de janeiro de 1958 por João Havelange, que também lançou o seu “Programa de Metas”, como forma também de superar as resistências ao seu recém-iniciado mandato, tratava-se de um plano coordenado pelo empresário paulista, Paulo Machado de Carvalho.

Paulo Machado de Carvalho era um bem sucedido empresário do ramo da comunicação, proprietário de uma emissora de TV e três de rádio, todas em São Paulo. Já possuía também um passado, igualmente exitoso, como dirigente do São Paulo Futebol Clube, onde foi por duas vezes vice-presidente e uma vez diretor de futebol. Esta experiência empresarial, além da grande vivência no meio esportivo, especificamente ligado ao futebol paulista, faziam de Paulo Machado, aos olhos de João Havelange, o nome ideal tanto pacificar as disputas políticas na CBD entre São Paulo e Rio de Janeiro, mas principalmente para gerenciar de maneira empresarial e científica a delegação brasileira na Copa do Mundo de 1958.

Havelange, quando ainda não era o presidente da CBD, mas já era visto como o franco favorito nas eleições que ocorreriam em janeiro de 1958, começou, ainda em 1957, a articular acordos políticos envolvendo a Federação Paulista de Futebol (FPF) e o próprio Paulo Machado, que ficaria com a missão de elaborar o seu “Programa de Metas”.

Dono de um passado até então ligado aos esportes aquáticos, Havelange vinha desde a década de 30 construindo uma carreira bastante heterogênea, com

experiências tanto como atleta, dirigente esportivo e no ramo empresarial. Participou como atleta das Olimpíadas de Berlim (1936) e Helsinque (1952), comandou o departamento de pólo aquático do Botafogo, no Rio de Janeiro, e o departamento de esportes aquáticos da então Associação Desportiva Floresta, atualmente chamada de Clube Espéria, em São Paulo. Em 1956 tornou-se membro do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), e entendia que o próximo passo dentro de sua ascensão como dirigente esportivo era justamente a presidência da CBD. Assim como Paulo Machado, João Havelange também possuía uma relativamente bem-sucedida carreira no ramo empresarial como executivo da Viação Cometa, grande empresa de transporte rodoviário.

Estes pontos em comum entre Havelange e Carvalho, dirigentes esportivos e homens de negócios bem-sucedidos, dotados de um certo dinamismo e com novos olhares sobre a administração esportiva, ao menos aparentemente, acabaram por transmitir uma imagem que refletia um espírito similar ao de JK naquele momento, ou seja, a ideia de que CBD, e conseqüentemente o futebol brasileiro, da mesma forma que o país no âmbito social e econômico, passava por uma grande transformação. E esta transformação já começava meses antes de Havelange ser eleito para a CBD, e quase um ano antes da Copa do Mundo.

Mas a escolha de Paulo Machado por Havelange, não se baseou apenas em sua experiência como empresário e dirigente esportivo. Um dos traços mais marcantes na disputa pelo poder do futebol brasileiro, praticamente desde seu início, foi a intensa rivalidade entre os dirigentes do Rio de Janeiro e de São Paulo. O nome de Carvalho para comandar a delegação brasileira na Copa do Mundo, era resultado da costura de acordos políticos feitos por Havelange. A presença de Paulo Machado como o “donatário” da “capitania” da seleção, diminuiria a desconfiança da imprensa paulista sobre o recém-empossado presidente da CBD, o carioca João Havelange, além de atrair o apoio da Federação Paulista de Futebol (FPF).

Como mencionamos acima, Juscelino em sua primeira semana de governo divulgou o seu Programa de Metas. Havelange agiu da mesma maneira, ainda no mês de janeiro de 1958, poucos dias após se tornar presidente da CBD, convocou uma grande coletiva de imprensa. Nesta coletiva, Paulo Machado de Carvalho leu um extenso calhamaço, escrito ao longo dos últimos 6 meses, composto por 96 artigos determinando, nos mínimos detalhes, como seria a preparação da seleção brasileira para a Copa do Mundo a ser disputada em junho. À semelhança do

Programa de Metas que tinha como pretensão mudar paradigmas dentro do quadro econômico brasileiro, o Plano Paulo Machado de Carvalho tinha por objetivo também mudar os paradigmas que nortearam as preparações das seleções brasileiras para as Copas do Mundo até então.

No contexto das partidas válidas pela Taça Roca, meses antes da divulgação do plano que acabaria por levar seu nome, Carvalho, em julho de 1957, concedeu uma longa entrevista à Gazeta Esportiva, onde menciona pela primeira vez, mesmo que apenas em linhas gerais, o seu “plano”. Ele é chamado pelo jornal como “Operação 58” que avisa: “Vai explodir a bomba atômica do futebol brasileiro”<sup>96</sup>. Apesar do exagero dramático por parte do periódico, neste depoimento Paulo Machado já aponta alguns dos principais “mandamentos” que farão parte de seu plano e pelo qual ele ficará conhecido.

O plano a esta altura ainda não estava pronto, a bem da verdade, é possível que no momento desta entrevista ele sequer tivesse começado a ser escrito. O planejamento foi elaborado por uma equipe escolhida a dedo pelo próprio Paulo Machado. A equipe foi composta, inicialmente, pelo experiente jornalista Ary Silva, um dos primeiros comentaristas do rádio brasileiro, o também jornalista Flávio Iazzetti, criador da Escola de Árbitros da Federação Paulista de Futebol, outro jornalista, Paulo Planet Buarque, mais jovem que os demais, mas conhecido pelo seu dinamismo e Vicente Feola, técnico de futebol, com o qual Paulo Machado já havia trabalhado várias vezes quando ocupou cargos de direção no São Paulo Futebol Clube. Este grupo se reuniu semanalmente ao longo de seis meses para discutir e redigir o plano, reuniões estas que ocorriam em um restaurante no andar térreo da antiga sede da Federação Paulista e que eram sempre coordenadas pelo próprio Carvalho.

Assim como o Programa de Metas de JK tinha sua meta-síntese, a construção de Brasília, o plano de Paulo Machado também trazia a sua, ganhar a Copa do Mundo, ou ao menos fazer uma campanha melhor que as anteriores. Na entrevista da Gazeta de julho de 1957, Carvalho começa apontando o grande objetivo do plano: “Temos um objetivo. Um grande objetivo. Organizarmo-nos, prepararmo-nos visando a realização de uma campanha como nunca fizemos.”<sup>97</sup>

---

<sup>96</sup> “Paulo de Carvalho assume o comando da ‘Operação 58’ e anuncia o acontecimento”. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo: 6 de julho de 1957, p.40.

<sup>97</sup> *Ibidem*, p.15.

Assim como o governo JK se arvorara em representar uma nova fase na história do Brasil, Paulo Machado já diferenciava seu plano em pelo menos um aspecto diferente das outras participações brasileiras em Copas do Mundo: organização. Ainda na entrevista a Gazeta ele reforça várias vezes a importância da organização e sobretudo da necessidade de um planejamento minucioso baseado em rigores científicos, planejamento que deveria ser, é essa a sua palavra, “exequível, sem grandes inovações, senão pelo lado da organização dos nossos trabalhos<sup>98</sup>.”

E este é o mantra repetido por Carvalho ao longo desta entrevista ao falar sobre seu plano ainda em gestação: organização, organização, organização, ao ponto de afirmar que a grande inovação de seu projeto é a organização.

Os dois planos apresentavam, em suas justificativas, argumentos “técnicos” baseados em uma suposta metodologia de caráter científico. O próprio lema “50 anos em 5” da campanha eleitoral de JK, e que seria posto em prática por meio de seu plano de governo, tem por trás uma lógica positivista e evolucionista, tão típica do pensamento científico ocidental concebido no século XIX. A ideia de que existe um único modelo possível de “civilização” e que ela deve obrigatoriamente caminhar, dentro de uma inevitável linha evolutiva, rumo a um progresso, também obrigatoriamente positivo.

Apesar das mudanças sociais e econômicas significativas ocorridas no Brasil, decorrentes do Plano de Juscelino, obviamente nem tudo ocorreu como planejado, nem muito menos o plano em questão pode ser isento de críticas. Ele trouxe um expressivo crescimento econômico, traduzido principalmente na consolidação do processo de industrialização do Brasil, mas não conseguiu solucionar parte dos graves problemas sociais do país, além de ter deixado como herança, aumento substancial da inflação e conseqüentemente do custo de vida. Mesmo assim, o Programa de Metas será, ao menos dentro do senso comum, muito mais lembrado pelos seus acertos do que pelos seus erros.

A mesma análise vale para o Plano Paulo Machado de Carvalho. Embora este planejamento possa ser visto e lembrado como fundamental para o sucesso da seleção brasileira na Copa de 1958 na Suécia, ele não está isento de críticas, muito pelo contrário.

---

<sup>98</sup> *Idem, ibidem.*, p.15.

No rascunho do planejamento para a Copa, esboçado na entrevista para a Gazeta, chama a atenção o estabelecimento de um critério de cunho moral na convocação dos jogadores que comporiam a seleção brasileira. Carvalho já adianta que “os jogadores não serão convocados e tão somente pelo que tenham realizado às vésperas do início dos treinos. Serão requisitados, outrossim, homens sadios por excelência, não apenas sob o aspecto físico, mas sob o aspecto moral”, e ainda reforça, “que estejam sempre com sorrisos nos lábios, que tenham personalidade forte, que tenham ânimo superior”<sup>99</sup>. Para assim proceder, afirma a necessidade da realização de exames psicotécnicos, justificando que foi esta técnica responsável pelo sucesso dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial.

Os significados exatos de “sadio sob o aspecto moral”, “mentalidade sadia”, ou ainda de “ânimo superior”, passam longe de uma explicação científica, e sabe-se lá como eles seriam identificados pelos exames psicotécnicos. Paulo Machado não deixa claro o que seriam precisamente estes termos, apenas reforça que serão critérios importantes na montagem do elenco para a Copa.

Na verdade, a utilização destas expressões, muitas delas indecifráveis para os atletas ou para os leitores do jornal, parece soar como uma tentativa de impressionar a audiência, por meio de palavras rebuscadas que remetem, de alguma forma, a algum saber supostamente científico. Este tom professoral da fala de Carvalho, além disso, também reflete a expectativa paternalista do dirigente, que pressupõe que os atletas são como folhas em branco, ou seres inacabados, ingênuos que necessitam ser orientados por alguém “mais capacitado” e dotado de algum conhecimento superior.

Nesta metodologia, com ares “técnicos”, implantada na organização da comissão técnica, ocorre a infantilização dos atletas, revelando um caráter extremamente autoritário e paternalista por parte do projeto. Os jogadores são desenhados com indivíduos quase que incapazes de se auto-organizar, ou mesmo de terem consciência por si sós, da importância de uma Copa do Mundo.

É sempre justificada a necessidade de uma instância superior que os controlassem rigidamente, determinando o que eles podiam ou não podiam fazer, como deveriam se comportar, como deveriam se alimentar, como deveriam se vestir, que horas deveriam dormir, quais deveriam ser os seus passatempos nos

---

<sup>99</sup> *Idem, ibidem*, p.15

momentos de folga, censura das correspondências com os familiares e até mesmo como deveria ser a personalidade deles. Enfim um controle total dos corpos, mentes e espíritos dos jogadores.

Esta maneira de se encararem os jogadores de futebol não é inventada pelo Plano Machado de Carvalho, ou foi extinta após a sua aplicação. Esta visão de que os atletas são seres ignorantes e ingênuos, e por isso necessitam ser tutorados por alguém, é um traço onipresente no futebol brasileiro desde sempre. Ou pelo menos desde o advento do profissionalismo.

Se o projeto de Paulo Machado, como já dissemos, mimetiza o Programa de Metas de Juscelino, outros aspectos do futebol também refletem traços gerais da sociedade brasileira como um todo. O Brasil enquanto uma sociedade capitalista, desigual, possuidora de um longo passado escravista e de um racismo definidor de suas estruturas, possui também uma classe dominante extremamente autoritária, que desconsidera ou inferioriza todas as demais classes sociais, classificando as como selvagens, ignorantes ou bárbaras, justificando todos os seus arbítrios e medidas tomadas contra elas.

De certa forma o Plano Machado de Carvalho, ou a maneira como dirigentes futebolísticos lidam com os atletas profissionais, seja tão somente uma reprodução em menor escala, dentro do universo do futebol, da maneira como as elites brasileiras enxergam e tratam as classes populares no país. Em outras palavras, as regras e critérios expressos no plano de Paulo Machado são apenas a reprise da luta de classes no Brasil, assim como do seu racismo estrutural<sup>100</sup>, em uma arena diferente. Toda comissão dirigente e técnica será formada por brancos, à exceção do massagista Mário Américo.

Interessante notar que não apenas os dirigentes esportivos enxergavam os atletas desta maneira paternalista. Nas primeiras críticas da imprensa, principalmente no Jornal dos Sports, ao Plano Machado de Carvalho, após sua divulgação, estas não censuram o aspecto excessivamente controlador do plano sobre os atletas, muito pelo contrário, elas apenas põem em dúvida os métodos utilizados, e jamais a necessidade de algum controle paternalista sobre os jogadores.

---

<sup>100</sup> Toda comissão dirigente e técnica será formada por brancos, à exceção do massagista Mário Américo.



Com base neste princípio, no dia 24 de novembro de 1957, em sua coluna “Câmera” no *Jornal dos Sports*, Luiz Bayer afirma que o plano seria rejeitado pelo Conselho Técnico de Football da CBD, sob o argumento de que “nenhum técnico se submeterá às exigências de limitar o seu trabalho ao campo apenas. Os grandes preparadores pelo menos só aceitarão com plena autoridade.”<sup>101</sup> Ou seja, mesmo sendo um plano que desconsidera as capacidades de organização dos próprios jogadores, e que possui um viés autoritário que infantiliza os atletas, o colunista não duvida da necessidade de se exercer um amplo controle sobre os jogadores da seleção, ele afirma que esta supervisão seria melhor realizada por um grande técnico, e não por toda uma comissão. Em outras palavras, nesta perspectiva, as medidas propostas pelo Plano Machado de Carvalho enfraqueceriam a autoridade do treinador, diminuindo consideravelmente as chances de sucesso da seleção na Copa do Mundo.

Ainda na mesma edição, o diretor do periódico, Mário Filho, chega a afirmar em sua coluna, que o plano de Carvalho era uma verdadeira bomba<sup>102</sup>, mas não no sentido dramático utilizado pela *Gazeta Esportiva* meses antes para se referir ao mesmo planejamento, mas sim em um sentido depreciativo. Segundo o jornalista, o plano estaria aquém do que a CBD imaginava quando incumbiu Paulo Machado de elaborá-lo. O projeto, de acordo com Filho, estaria cheio de falhas, muito em função de que Carvalho não pôde se dedicar integralmente à elaboração do programa, e delegando a tarefa a uma equipe supostamente incapaz, especialmente o jornalista Paulo Planet Buarque<sup>103</sup>.

Mas apesar das críticas, o plano foi oficialmente apresentado para a imprensa em novembro de 1957, e imediatamente começou a ser posto em prática. Ao contrário das previsões de Luiz Bayer, que afirmou que nenhum técnico aceitaria treinar a seleção, sendo obrigado a distribuir sua autoridade com uma comissão tão grande como a estabelecida pelo Plano Machado de Carvalho, Vicente Feola, que inclusive auxiliou na elaboração do programa, aceitou prontamente a função. A nomeação de Feola inclusive frustrou parte da imprensa da época, que apostava, e

---

<sup>101</sup> “Câmera”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro: 24 de novembro de 1957, p.8.

<sup>102</sup> “Confidencialmente”. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro: 24 de novembro de 1957, p.13

<sup>103</sup> Paulo Planet Buarque, jornalista, é personagem notório da célebre “Batalha de Berna”, briga generalizada ocorrida após a eliminação do Brasil pela Hungria na Copa do Mundo de 1954, envolvendo atletas e comissões das duas equipes. A fama de Buarque se deve ao fato de que ele foi o primeiro brasileiro a ocupar a capa da revista francesa *Paris-Match*, foto inteira, do jornalista aplicando uma rasteira em um policial suíço durante a batalha campal.

até fazia campanha, para que o profissional escolhido fosse Flávio Costa, o mesmo treinador da seleção brasileira no vice-campeonato da Copa do Mundo de 1950.

Na semana que antecedeu o anúncio do Plano à imprensa, A Gazeta Esportiva já especulava, como é de praxe até hoje nos meses próximos à uma Copa do Mundo, quais seriam os possíveis atletas convocados pelo futuro técnico para o torneio<sup>104</sup>. Em texto escrito pelo mesmo Paulo Planet Buarque, membro da comissão que elaborou o plano de Carvalho e nome tão contestado por Mário Filho, é feito um levantamento, ainda que superficial, dos principais jogadores, por posição, que poderiam integrar a seleção. Se formos levar em conta que Buarque certamente tinha acesso privilegiado às discussões da comissão técnica, é possível cravar com relativa certeza que a lista escrita por ele não consistia em mera especulação.

O nome de Pelé figurava na lista publicada na Gazeta, como um dos possíveis atacantes selecionáveis, demonstrando que mesmo apesar de sua juventude, para parte da imprensa e da comissão técnica, ele não era mais apenas uma simples promessa. Se ainda não era tratado como um craque indiscutível, era ao menos colocado no mesmo nível dos principais atletas brasileiros daquele momento.

E este novo status que Pelé alcançava não se devia tão somente à uma simples mudança gratuita de percepção da imprensa sobre ele. Embora sua equipe, o Santos, não tenha vencido nenhum título em 1957, o ano foi bastante favorável para o jogador, conforme mostramos no capítulo anterior. Além de ter assinado seu primeiro contrato profissional, recebeu um significativo aumento salarial e foi convocado para seleção brasileira pela primeira vez, quando marcou dois gols com a camisa amarela, destacando-se nas partidas contra a Argentina.

Se tudo isso não fosse ainda o bastante, ao final do ano se tornou o artilheiro do Campeonato Paulista daquela temporada. Somados todos estes acontecimentos, o ano de 1958, olhando em perspectiva, ano de Copa do Mundo, desenhava um horizonte auspicioso para a então notável revelação peixeira, e conforme escreveu Planet Buarque, estes feitos o transformavam em candidato a uma vaga na equipe nacional que iria para a Suécia<sup>105</sup>.

---

<sup>104</sup> “Valores novos no quadro brasileiro que disputará o Mundial de 1958”. **A Gazeta Esportiva**: São Paulo, 4 de novembro de 1957, p.4.

<sup>105</sup> A 7ª Copa do Mundo de Futebol foi disputada entre os dias 10 e 29 de junho de 1958 na Suécia.

## 2.2. Um autêntico Zizinho

Em um de seus primeiros editoriais do ano, a Gazeta Esportiva traçou um panorama do futebol brasileiro ao longo do ano de 1957<sup>106</sup>, as equipes que mais se destacaram, o desempenho da seleção e os principais atletas da temporada. No que diz respeito a este último item, dois jogadores se sobressaíram, segundo a publicação, o veterano Zizinho, eleito como melhor futebolista do ano, e Pelé, como a principal revelação.

Embora se trate apenas de uma passagem curta dentro de um texto mais amplo, que tinha por objetivo fazer a retrospectiva de todo um ano, a rápida menção dos nomes de Zizinho e Pelé, é o prenúncio de algo que será recorrente nos veículos esportivos nestes meses que antecederam a Copa do Mundo, a comparação mesmo que indireta entre os dois jogadores.

Durante o início de carreira foi frequente a colocação de Pelé como o substituto ou sucessor de algum jogador já consagrado. No capítulo anterior demonstramos que já em uma das suas primeiras aparições na imprensa, a notável revelação peixeira, tem seu início de carreira comparado com o de Leônidas da Silva. Em outra ocasião chega ser especulado como provável substituto de Didi no Botafogo, caso o "Príncipe Etíope" viesse a ser negociado com o Atlético de Madrid. Nelson Rodrigues chega a chamá-lo diversas vezes de "Domingos da Guia do ataque". No primeiro semestre de 1958, será a vez de Zizinho ser utilizado como ponto de referência para parte da imprensa analisar Pelé. A revista Manchete Esportiva chega até mesmo a fazer a seguinte pergunta: "Diga-me se um Pelé com seus risinhos 18 anos não é um autêntico Zizinho?"<sup>107</sup>.

Esta prática comparativa entre uma jovem promessa e um jogador de sucesso estabelecido, não era algo necessariamente novo na mídia esportiva de então, ou até mesmo algo que se encerrou com Pelé. De tempos em tempos, até mesmo em períodos mais recentes, comparações como essas são relativamente comuns, e Pelé não escapa à regra.

---

<sup>106</sup> "O ano que findou". **A Gazeta Esportiva**, São Paulo: 3 de janeiro de 1958, p.3.

<sup>107</sup> "Qualidade há, e muita, falta é organização". **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 18 de janeiro de 1958, p. 30.

O interessante é notar que aquele que hoje é utilizado como um dos ideais de perfeição atlética, o próprio Pelé, também tenha sido em seu início comparado com outros jogadores cujas carreiras já estavam mais consolidadas. Se hoje, ou até mesmo depois do encerramento de sua carreira futebolística, vários novos “Pelés” apareceram e aparecem na imprensa, não só no futebol, como também em outras modalidades esportivas (Pelé do vôlei, Pelé do automobilismo, Pelé do basquete, entre outros), o próprio Pelé no início de sua trajetória foi tratado em algum momento como o “novo Leônidas”; ou o “novo Didi”, ou o “Domingos da Guia do ataque” ou ainda, como o “novo Zizinho”.

A aproximação feita pela imprensa da época entre Zizinho e Pelé, foi vista, posteriormente, como uma espécie de transição no “trono” do futebol brasileiro. Pelé sempre disse em suas entrevistas, já bem mais velho, que seu grande ídolo no futebol foi o Mestre Ziza e para parte da crônica esportiva, o mesmo Zizinho, foi o grande jogador do futebol brasileiro no período anterior ao surgimento de Pelé. Embora esta “sucessão” não seja pauta das matérias do jornalismo esportivo neste período precedente a Copa na Suécia, as comparações entre ambos, vão agir subliminarmente na pressão exercida por alguns veículos para que os dois jogadores fossem convocados para seleção ou que até mesmo jogassem juntos.

Futuramente esta “campanha” da imprensa por Zizinho na Copa ao lado de Pelé, também será interpretada como mais uma suposta comprovação de que a então jovem promessa, desde seu princípio, era vista como um jogador pronto, um craque inquestionável, ao ponto de ser posto em pé de igualdade, ainda tão inexperiente, com o consagrado Mestre Ziza.

Esta conclusão, embora tentadora do ponto de vista dramático, é errônea, pois conforme pretendemos mostrar ao longo de nosso trabalho, a imagem de Pelé, tal qual como conhecemos hoje, não nasceu pronta, ela foi construída ao longo do tempo, sob a ação de múltiplos atores, estando sujeita, portanto, a um constante processo de transformação.

O fato de Zizinho e Pelé serem lembrados constantemente, neste contexto, para seleção brasileira se deve muito mais ao fato de que ambos vinham de uma temporada bastante positiva no ano 1957. Pelé mostrando o vigor de uma jovem revelação bastante promissora (ele foi artilheiro máximo de todos os campeonatos que participou naquele ano) e Zizinho sendo o grande líder do São Paulo, campeão paulista daquele mesmo ano. Soma-se ainda a este desejo por Zizinho na seleção,

o seu histórico na equipe nacional, além de sua carreira como um todo, principalmente o fato de ter sido considerado o melhor jogador da Copa do Mundo de 1950, quando o Brasil conquistou o vice-campeonato.

Mas a despeito desta campanha, o próprio Zizinho chega a esfriar o ânimo dos que torciam por sua presença na Copa do Mundo. Em entrevista publicada pela Gazeta no dia 10 de janeiro, afirma que sim, gostaria de ir à Suécia, mas como espectador. Disse ainda que o planejamento de sua carreira se resumia a apenas jogar mais um ano pelo São Paulo e depois pendurar as chuteiras. Entretanto, no mesmo depoimento, ele de alguma forma faz eco às comparações entre seu nome e o de Pelé. Perguntado sobre qual seria o seu sucessor na seleção brasileira, ele responde que - "No momento aponto Didi como o jogador que mais se assemelha ao meu estilo. Mas valores como Rafael e Pelé reúnem condições de chegar com êxito ao conjunto da CBD."<sup>108</sup>

Nestas poucas palavras, Mestre Ziza descreve qual era o status de Pelé naquele momento, um jogador bastante promissor para compor o elenco da seleção, e diz que ainda era Didi, o principal jogador de então. Pelé, assim como Rafael, reuniam condições, mas ainda não eram.

Ao citar Pelé junto com o então meia corintiano, Rafael, Zizinho demonstra o quanto o jogador santista ainda era visto, apesar de seu talento, apesar dos seus desempenhos pelo seu clube e pela seleção, como uma jovem promessa buscando ainda a consagração. Pois o Rafael citado por Mestre Ziza, apesar de ser considerado uma das principais revelações da história do Corinthians, chegando a construir uma longa e bem sucedida carreira pelo clube de Parque São Jorge, jamais chegou a ser convocado para a seleção brasileira, e nunca alcançou patamares semelhantes aos de Zizinho ou os que Pelé atingiria posteriormente, entretanto, para o então veterano jogador são-paulino, naquele momento era possível estabelecer um certo grau de similaridade entre os dois atletas.

Seguindo esta tendência analítica, baseada em comparações, muitos outros paralelos serão feitos envolvendo Pelé, como por exemplo, na coluna de Geraldo Romualdo da Silva no Jornal dos Sports, publicada no dia 4 de janeiro. Silva afirma que a Europa toda estava perguntando como seria o Brasil na Copa do Mundo, e como estavam Didi, Djalma Santos e o, segundo o jornalista, "novo Ademir desta

---

<sup>108</sup> "Não liquidem a malícia e a improvisação do...". **A Gazeta Esportiva**, São Paulo: 10 de janeiro de 1958, p.6.

época, pelo renome espalhado aos quatro cantos da terra, que chama-se ou atende pelo apelido de Pelé”<sup>109</sup>.

Novamente Pelé é comparado a outro jogador consagrado, Ademir de Menezes, outro nome, assim como Zizinho, destaque na seleção brasileira de 1950. Chama a atenção, além da comparação feita pelo cronista, o fato dele afirmar que Pelé, de maneira bastante exagerada, que já possuía um “renome espalhado pelos quatro cantos da terra”.

Embora Pelé não fosse apenas mais um jovem jogador desconhecido no Brasil, afirmar que ele já possuía um renome internacional “espalhado pelos quatro cantos da terra”, destoa da maneira como ele era retratado pela imprensa brasileira até então. Ele já era sim bastante elogiado, mas daí afirmar ser consenso que ele era alguém de fama global, neste momento, parece muito mais um deslize ufanista por parte do jornalista, do que algo concreto.

De qualquer forma, mais do que exceções, as comparações feitas envolvendo Pelé são bastante comuns neste período. Algumas delas inclusive chegam a ser “ratificadas” pelos atletas e ex-atletas com os quais ele era assemelhado pela imprensa.

Nestes dois pontos de vista sobre Pelé, o do cronista Silva e do veterano Zizinho, podemos perceber duas maneiras distintas como as jovens promessas do futebol podem ser vistas, tanto pela imprensa como por jogadores veteranos. Ou eles são comparados com outros jogadores que se encontram em estágios semelhantes de suas carreiras futebolísticas, ou seja, outras “jovens promessas”. Ou ainda, muito por conta do entusiasmo de alguns jornalistas, são equiparados a outros atletas mais célebres. De qualquer maneira, nos dois casos, parece existir uma pressa por parte da imprensa em rapidamente identificar, naquele amplo universo de jovens jogadores que aparecem e desaparecem frequentemente, a “essência” que define um grande jogador de futebol. Em muitos casos a imprensa “acerta” e precocemente descobre uma nova estrela, mas na maioria das vezes isso nem sempre acontece.

Esta urgência em identificar se aquele jovem jogador que desponta no horizonte, é ou não é um craque, ou quem sabe se um dia virá a se tornar um

---

<sup>109</sup> "Cincoenta Milhões de Coroas esperam que o Brasil chegue à final!". **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro: 4 de janeiro de 1958, p. 5.

craque, diz muito mais sobre o jornalismo em si, do que alguma característica da maneira como Pelé, especificamente, era retratado no início de sua carreira.

Em seu ensaio “O Narrador”,<sup>110</sup> Walter Benjamin aponta como a arte de narrar, ou seja, este momento de troca de experiências que ocorre por meio da narração, se encontra em vias de extinção. Esta “decadência”, segundo o pensador alemão, não é algo recente, mas uma manifestação secundária de forças produtivas históricas seculares, que afastou a narrativa da experiência, principalmente a partir do surgimento do gênero romance na Idade Moderna.

Este distanciamento ajudou a criar o romancista como alguém que isola-se dentro do seu processo criativo, enquanto o narrador relata aquilo que vivencia, compartilhando assim a sua experiência. Embora inicialmente a narrativa não tenha sido determinada pelo romance, conseguindo estabelecer um nicho próprio com novos conteúdos, ela sofrerá consequências. Estas consequências ocorrem quando o domínio da burguesia se consolida, principalmente a partir do surgimento de ferramentas que irão auxiliar a ratificar este mesmo domínio, como a própria imprensa, e seus produtos mais diretos, o romance e o jornalismo.

O jornalismo, dentro desta linha de pensamento estabelecida pelo pensador alemão, tem como traço marcante, da mesma forma que o romance, a pobreza de experiência. Esta característica seria uma consequência da proeminência burguesa e que resultaria no surgimento de uma nova forma de comunicação: a informação, supostamente, a matéria central do jornalismo.

A informação, ao contrário da notícia, que trata de assuntos distantes no tempo e no espaço, segundo Benjamin, sempre trata de algo que esteja supostamente próximo de quem a lê, e por isso sempre traz a “exigência de pronta verificabilidade”<sup>111</sup>. Ou seja, a informação sempre é, ou necessita se apresentar como algo novo, e que para isto aconteça, ela nem sempre passa por crivos mais demorados como o da experiência ou da vivência. Isto resulta na percepção de que a imprensa sempre deve ter uma opinião, ou uma explicação pronta sobre quase tudo que ela informa.

As principais fontes desta pesquisa são justamente produtos deste jornalismo, que tem na “informação” o seu principal foco. Em nosso caso, por se

---

<sup>110</sup> Benjamin, Walter.. **O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: Coleção os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980, pp.57-74.

<sup>111</sup> Ibidem, p.61.

tratar de um trabalho que tem como tema a carreira de um jogador de futebol, os materiais consultados são, em sua maioria, jornais e revistas que tratam sobre esportes, como o Jornal dos Sports e A Gazeta Esportiva.

Ao folhear as páginas desses periódicos e ler suas matérias, crônicas, editoriais, entrevistas, reportagens e até mesmo anúncios publicitários que tem como mote o futebol, percebemos que a absoluta maioria do que está ali escrito, traz junto, conforme diz Benjamin, sua “pronta verificabilidade”. Óbvio que esta comprovação sobre aquilo que é dito pelo jornal ou pela revista em questão, não é feita da mesma forma que em artigo científico, ela se dá de outra maneira.

A legitimação do discurso destes veículos se dá através de meios mais subjetivos, mas que na maioria dos casos será prontamente aceito pela grande maioria dos leitores. A Gazeta simplesmente estampava em sua capa “O mais completo jornal esportivo do Brasil”, enquanto o Jornal dos Sports se autodefinia como “O Diário Esportivo De Maior Circulação Na América do Sul”. Estes autoelogios grandiloquentes feitos pelos dois jornais, não eram apenas meros slogans publicitários, eles atuavam como selos de garantia para quem quer lesse suas páginas. Era a “certeza” de que ali obteriam informações confiáveis e facilmente verificáveis pela respeitabilidade dos veículos.

Apesar desta aura que os jornais desejam transmitir de que tudo que está ali escrito é, obrigatoriamente, sempre informação prontamente verificável, logo confiável, é dever do pesquisador que se debruça sobre este material questioná-lo constantemente.

Boa parte das informações ali expressas, que trazem, seja nas entrelinhas, ou de maneira bem explícita, o ponto de vista de quem as escreve, revelam que em muitos casos, a necessidade de sempre trazer algo novo e próximo do leitor, explicam esta pressa que caracteriza, não apenas as opiniões dos cronistas esportivos sobre jovens jogadores, e os prospectos de suas futuras carreiras, mas o jornalismo como um todo.

Não é nosso objetivo aqui elaborar um tratado sobre ética jornalística, muito menos determinar como um jornal deve ser escrito. Mas o que pudemos constatar em nossa pesquisa, partindo da análise feita por Walter Benjamin, o quanto boa parte daquilo que está escrito nos jornais é volátil, revelando uma necessidade de estar sempre trazendo o novo; fazendo as opiniões e juízos se alterarem frequentemente. O que há pouco era certeza absoluta, rapidamente vira uma



mentira escandalosa, ou vice-versa. No caso da imprensa esportiva, do período que analisamos, chama atenção a rapidez em que jogadores são alçados a deuses da bola, ou jogados no limbo dos "pernas de pau". No caso de Pelé, o instinto da maioria dos jornais, mesmo que motivado pela urgência da novidade, se mostraria mais tarde correto. Em outros, nem tanto.

Essa pressa pela novidade produziu algumas notas no mínimo pitorescas envolvendo Pelé, mesmo ainda em início de carreira. A Gazeta, por exemplo, em 4 de janeiro, comentou a passagem do jovem atleta, para as festas do final de ano, por Bauru. Apesar do caráter sucinto do texto, chama atenção a publicação de algo tão fora do universo do futebol relacionado à Pelé.

A notícia, se assim a podemos chamar, não tem como tema central o seu desempenho ao longo do ano anterior, nem as perspectivas sobre o ano que começava, muito menos sobre especulações de outros clubes. A nota apenas relatava sua presença na cidade onde “conta com um elevado número de amigos e admiradores e tem sido alvo de expressivas manifestações de aplausos pela projeção que em tão pouco tempo alcançou no futebol brasileiro”<sup>112</sup>.

O fato da Gazeta, veículo dentre os mais importantes do jornalismo esportivo da época, publicar em sua contracapa uma nota sobre um fato tão desimportante quanto uma simples viagem de fim de ano de um jovem jogador de 17 anos, demonstra que para parte da imprensa, esse jovem jogador tinha, ou aparentava ter um “algo mais” que já chamava atenção. Esta nota demonstra que Pelé aos poucos vai deixando de ser visto apenas como mais um atleta promissor. O pequeno destaque (pequeno, mas ainda sim um destaque), era sinal de que a imagem da jovem promessa começava lentamente a se transformar.

Algo muito comum de ser ver nas páginas dos diários esportivos, principalmente nos períodos que antecedem os inícios das temporadas futebolísticas, são especulações envolvendo a contratação de novos jogadores pelos clubes. Conforme já demonstramos no capítulo anterior, o próprio Pelé, mas em um contexto diferente do ano, teve seu nome envolvido em várias destas especulações.

O suposto interesse de vários clubes pelo jovem atleta do Santos era um sinal de que seu talento vinha sendo notado. Mas se entre os meses de junho e

---

<sup>112</sup> “Em Bauru o atacante Pelé, do Santos”. **A Gazeta Esportiva**: São Paulo, 4 de janeiro de 1958, p.32.

agosto de 1957, quando estas primeiras especulações aconteceram, elas poderiam ter sido muito motivadas pelo que o desempenho do futebol de Pelé prometia para o futuro. Passados um pouco mais de cinco meses, a motivação já era bem outra, não mais somente aquilo que Pelé podia prometer ser um dia, mas aquilo que ele já era.

Pelé, como já dissemos, terminara o ano como artilheiro do Campeonato Paulista, havia sido convocado para a seleção brasileira; e além disso tudo, seu nome era tido como certo, para parte da imprensa, tanto do Rio de Janeiro, quanto de São Paulo, na Copa do Mundo na Suécia. Vale a pena mais uma vez ressaltar que este conjunto de feitos alcançados tão precocemente, serão notados pela crônica esportiva, e este aumento do interesse da imprensa sobre ele, começou a alterar a maneira como ele era retratado pelos jornais.

Um pequeno sinal dessa transformação em sua imagem, aparece já no mês de janeiro de 1958, quando é noticiado em vários veículos o interesse do Santos, pelo zagueiro Pavão, do Flamengo. O então presidente rubro-negro, Hilton Santos, quando perguntado se o clube iria negociar seu jogador, respondeu, ironicamente, que só liberaria Pavão em uma troca envolvendo Pelé<sup>113</sup>. Por sua vez, o dirigente do Santos à época, Modesto Roma, também em tom espirituoso, comenta a oferta flamenguista: "Será que o Flamengo não quer, também, levar para o Rio o Estádio da Vila Belmiro?"<sup>114</sup>

O chiste do dirigente flamenguista, que várias vezes já havia demonstrado não ter interesse em ceder seu zagueiro ao clube paulista, e a "contraproposta" sarcástica do cartola santista, indicam o patamar que Pelé se encontrava naquele momento. Hilton Santos sabia que, pelo desempenho de Pelé nos últimos meses, ele era um jogador inegociável para a equipe do Santos, e isto àquela altura, não era propriamente um segredo, conforme demonstra a fala de Modesto Roma. Aceitar negociar Pavão em uma troca envolvendo Pelé, foi uma maneira do Flamengo negar definitivamente, em tom bem-humorado, qualquer pretensão santista pelo atleta rubro-negro. Do outro lado, colocar seu estádio como moeda de troca, foi a maneira do Santos, também de modo jocoso, pelo menos momentaneamente, desistir de Pavão. Por fim, as falas dos dois cartolas também expressam o quanto Pelé tinha se valorizado até aquele instante, atestando que ele

---

<sup>113</sup> "O Flamengo não quer se desfazer de Pavão". **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro:15 de janeiro de 1958, p. 4.

<sup>114</sup> "Altamente explosivo". **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 15 de fevereiro de 1958, p. 34.

não era visto mais por parte da imprensa e de dirigentes do futebol como apenas mais uma jovem promessa.

### 2.3. O Personagem da Semana

Naquele mês de janeiro de 1958, devido ao fato de que nenhum torneio oficial de futebol estava acontecendo, os jornais e revistas dedicados a cobrir o esporte, na falta de jogos mais relevantes para noticiar, voltaram suas atenções para outros assuntos. Noticiavam eventuais especulações sobre contratações de jogadores, além de tratarem dos jogos amistosos realizados pelos clubes no início do ano. Estas partidas, embora não fossem oficiais, eram muito comuns nesta época e não serviam apenas como treinos preparatórios para o início da temporada, estes confrontos também eram importantes fontes de renda para os clubes.

O Santos neste mesmo período inicial de 1958, antes de sua estreia pelo Torneio Rio-São Paulo, enfrentou as equipes do Bragantino, Prudentina, Atlético Mineiro e o Botafogo de Ribeirão Preto. Por se tratarem aqui, especificamente, de jogos de menor importância, não foram confrontos que suscitaram grande repercussão na imprensa. A exceção talvez fique por conta das três partidas seguidas contra o Atlético Mineiro, todas elas disputadas em Belo Horizonte entre os dias 30 de janeiro e 5 de fevereiro. Embora a equipe mineira seja atualmente um dos grandes clubes do futebol brasileiro, naquele contexto, assim como o próprio Santos, eram equipes de caráter regional. Mesmo assim, estes encontros amistosos entre os dois clubes foram noticiados pelos grandes diários esportivos de então, *Gazeta Esportiva* e *Jornal dos Sports*, e tiveram um relativo destaque.

Por relativo destaque entenda-se que não foram anunciados em chamadas de capa, e nem renderam longas análises por parte da crítica especializada. Mas, entretanto, as partidas foram descritas em textos de meia página. Nenhum atleta que participou destes três jogos ganhou elogios ou críticas mais exaltadas, nem mesmo Pelé<sup>115</sup>. Este tom de fala mais moderado da imprensa aparenta ser um reflexo de como a própria crônica esportiva do Rio e de São Paulo encarou estes

---

<sup>115</sup> Pelé inclusive não foi muito bem no primeiro confronto contra o Atlético, chegando a errar uma cobrança de pênalti, o primeiro erro deste tipo em sua carreira profissional.

duelos, pois não entendia que se tratavam de confrontos de grande importância, e sim apenas jogos amistosos em um início de temporada. Podemos com isso perceber qual era a real dimensão de Pelé naquele momento, a sua presença por si só ainda não era suficiente para despertar maiores atenções na imprensa, ao menos nestas partidas, mesmo se tratando de um jovem jogador com a carreira em clara ascensão.

Ou seja, o que temos quanto a Pelé neste momento, ao menos na maneira como ele é retratado pela imprensa, é um reflexo da própria volatilidade do discurso jornalístico na sua busca constante por novidades. Por vezes ele é observado com entusiasmo, muito influenciado por aquilo que o seu futebol parece prometer para o futuro. Em outras oportunidades ele é quase ignorado ou tratado como um jogador comum, igual a muitos outros. Neste movimento pendular entre o elogio e a indiferença, Pelé vai se tornando cada vez mais presente nas páginas da imprensa esportiva, e esta constância vai aos poucos alterando a natureza dos elogios que recebe, assim como diminuindo os episódios em que sua presença em campo é sequer comentada.

Esta alternância no tom como o jovem Pelé aparece nos jornais, ora sendo enaltecido, ora sendo ignorado, e raramente sendo criticado, acaba por construir uma figura muito rasa do jogador. Embora ele seja, conforme já dissemos várias vezes ao longo de nosso trabalho, bastante elogiado neste momento de sua carreira, a maneira como esta apologia é construída, e da mesma forma a maneira como seu futebol é analisado, demonstra não haver por parte da imprensa uma preocupação em compreendê-lo mais profundamente. Talvez por isso ele ainda não seja entrevistado com frequência, ou pelo menos, os jornais ainda não tenham preocupação em publicar opiniões ou depoimentos que ele eventualmente possa ter emitido.

Este aparente “silêncio”, ou melhor, silenciamento de Pelé nas páginas dos periódicos pode ser explicado de várias formas, e todas elas refletem qual era o status do atleta em questão, aos olhos da imprensa naquele contexto.

O início de uma explicação para isso passaria pela então juventude de Pelé como um empecilho para a publicação, ou pelo pouco interesse por seus depoimentos. Embora fosse um jovem atleta promissor, sua ainda pouca experiência no futebol, somados a sua timidez juvenil, talvez não fosse, segundo os

jornais da época, algo que despertasse o interesse do público. Mas não seria apenas isso.

Como demonstramos no capítulo anterior, em uma das primeiras menções relativas a Pelé na imprensa esportiva, a revista *Manchete Esportiva* se refere de forma racista a ele, o identificando como simplesmente “esse negrinho”. A palavra que identifica a negritude de Pelé é utilizada no diminutivo, de maneira depreciativa, que precedida pelo pronome demonstrativo “esse”, também soa pejorativo, com o mesmo ar que um senhor se referia ao seu escravizado. Esta forma de tratamento linguística recebida por Pelé deixa transparecer como parte da imprensa compreendia não só ele, mas os jogadores negros em sua maioria, como objetos, como coisas, figuras rasas que muito pouco de interessante tem a dizer.

Com isso não queremos dizer que não existiam depoimentos de jogadores negros nesta época. O que queremos dizer é que eles eram muito menos ouvidos do que os jogadores brancos. Os jogadores negros ouvidos eram em sua absoluta maioria figuras consagradas e já plenamente estabelecidas. Enquanto jogadores negros mais jovens, ou em um estágio mais intermediário de suas carreiras, não recebiam a mesma atenção que os jogadores brancos de níveis semelhantes.

Em outras palavras, é possível concluir que parte considerável da crônica esportiva de então, influenciada por uma série de fatores como preconceito etário e racismo, acreditava que o iniciante Pelé, “esse negrinho”, embora talentoso, não tivesse ainda muita “coisa interessante” para dizer, daí o seu “silêncio”.

Nelson Rodrigues, através de uma de suas crônicas, comentando o desempenho de Pelé na partida entre Santos e América pelo Torneio Rio-São Paulo, disputada em fevereiro de 1958, foi um dos primeiros a quebrar este mutismo do jogador. Até então Pelé era retratado de uma maneira mais rasa, muito embora recebesse em sua maioria comentários elogiosos, ele era visto tão somente como uma jovem promessa, vivendo, como dissemos anteriormente, em um pêndulo entre o elogio e a indiferença, e eventualmente, sendo alvo de críticas. A crônica de Nelson Rodrigues, vai pela primeira vez trazer um tom novo nas análises sobre o Pelé, e sobretudo, ouvi-lo um pouco mais, ou pelo menos fingir que o ouve.

De certa forma, o fato de Nelson Rodrigues dar voz a Pelé em sua crônica, é coerente a posição do cronista sobre a questão do negro no futebol brasileiro. Nelson Rodrigues, observado em perspectiva, é um dos mais importantes cronistas esportivos, além de grande dramaturgo e escritor de ficção. É de suas crônicas,

tanto esportivas, quanto de costumes, que nascem termos que irão se popularizar, como a ideia do “complexo de vira-latas”, aquele sentimento, segundo Nelson, dos brasileiros se sentirem inferiores a tudo que é estrangeiro. Sentimento este que, também segundo o próprio Nelson Rodrigues, se aprofundou com a derrota brasileira na final da Copa do Mundo de 1950 para o Uruguai, o “Maracanazo” e que só viria a ser parcialmente superado com título mundial de 1958 na Suécia, muito embora ele reapareça de tempos em tempos.

Em nenhum momento Nelson Rodrigues atribui a derrota de 1950 a aspectos raciais. A culpa pela derrota, segundo ele, se deve ao fato de que os brasileiros, sejam eles brancos, negros, mestiços ou indígenas, não foram capazes de acreditar, naquilo que aos olhos do cronista era óbvio, de que eles eram os melhores do mundo. E tamanho é o poder deste episódio, aos olhos de Nelson, que ele o classifica como o nosso Waterloo<sup>116</sup>, por conta do trauma que ele nos causou, reforçando ainda mais nosso complexo de vira-latas, e como elemento definidor da brasilidade.

A ideia de que o “Maracanazo” é um evento determinante não só para o futebol brasileiro, mas também para a formação de uma identidade nacional, como defende Nelson, mas que nada teve a ver com questões raciais, é certamente algo que ele pegou emprestado de seu irmão, outro grande jornalista esportivo, Mário Filho. Filho foi editor e fundador do *Jornal dos Sports*, periódico esportivo que chegou a ser o de maior circulação na América do Sul, e é considerado um dos fundadores do jornalismo esportivo no Brasil e o “inventor” da crônica esportiva brasileira<sup>117</sup>.

Além disso, é autor de uma das primeiras obras de teor sociológico, que tenta utilizar o futebol como meio para “explicar” o Brasil. Trata-se do livro “O Negro no Futebol Brasileiro”, publicado em 1947, e que teve várias republicações posteriores com novos textos acrescidos por Mário. Neste trabalho, o autor, influenciado pela obra “Casa-Grande e Senzala” de Gilberto Freyre, procura demonstrar como o futebol “se transformou em uma representação da brasilidade quando incorporou negros e mestiços”<sup>118</sup>, reproduzindo assim o conceito de que a miscigenação,

---

<sup>116</sup> Em referência à “Batalha de Waterloo”, episódio que marca a derrota final do exército francês nas Guerras Napoleônicas, frente a uma coalização de forças britânicas e prussianas, em 18 de junho de 1815.

<sup>117</sup> Silva, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho**. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 21.

<sup>118</sup> Silva, Ana Paula da. *Op. cit.* p. 56.

baseada nas três raças (europeus, africanos e indígenas) seria o centro da formação de uma identidade nacional.

Apesar deste traço apologético sobre a miscigenação, Mário Filho reconhece que a inclusão de negros e mestiços no futebol não se deu maneira simples. Houve muita resistência por parte dos brancos que inicialmente, segundo ele, introduziram o futebol no Brasil. E só teriam aceitado a presença dos negros e mestiços no esporte por conta de um suposto talento nato destes indivíduos, que resultou em um futebol dionisíaco, com pitadas de samba, capoeira e malandragem, diferente do praticado pelos europeus de perfil apolíneo, e muito mais sóbrio.

Desta forma o futebol funcionaria como um meio através do qual negros e mestiços seriam por fim “aceitos” pela sociedade brasileira e assim contribuiriam na gênese da brasilidade, mas não sem percalços. Segundo Mário Filho, o maior destes percalços ocorreu justamente no “Maracanazo”, quando a causa da derrota foi atribuída ao fato daquela seleção brasileira ser formada, em sua maioria, por negros e mestiços. Cabendo principalmente ao goleiro Barbosa, e ao zagueiro Bigode, ambos negros, o papel de grandes culpados pela “tragédia”.

Boa parte das crônicas de Mário Filho publicadas no Jornal dos Sports entre 1950 e 1958, frequentemente retomavam o assunto da derrota para os uruguaios em 1950. Nestes textos, o cronista tentava de várias maneiras explicar porque o Brasil perdeu a Copa do Mundo disputada em casa, ao mesmo tempo em que procurava negar os argumentos que atribuíam aos negros e mestiços a responsabilidade pela derrota. Filho parecia fazer de suas colunas, especialmente no Jornal dos Sports, um divã, onde o futebol brasileiro, e por tabela o Brasil enquanto nação, se deitavam e como em uma sessão de terapia procuravam entender a si próprios, através da rememoração desse grande trauma.

Já Nelson Rodrigues, mesmo compartilhando de certa forma da visão de seu irmão, atribui a causa desta derrota e o contínuo lembrar deste trauma, não ao caráter miscigenado da seleção, como já dissemos, mas sim ao complexo de vira-latas, e ao temor do brasileiro em acreditar em si próprio e nas suas potencialidades. A superação desta situação só aconteceria, segundo ele, quando o jogador brasileiro entendesse algo que ao seu ver era óbvio: que o melhor futebol do mundo era o brasileiro.

E ao que parece, Nelson viu justamente em Pelé a oportunidade de superar este complexo, dando, pela primeira vez, como já dissemos anteriormente, “voz” ao

jovem jogador. Só que esta “voz”, não será propriamente de Pelé, será muito mais aquilo que Nelson Rodrigues gostaria que Pelé dissesse naquele momento, e assim deixasse para trás o complexo de vira-latas.

As crônicas esportivas de Nelson Rodrigues podem ser inseridas dentro de uma estética neobarroca<sup>119</sup>, marcada por um certo exagero nos efeitos e nas cores das imagens que descreve; onde a presença do fantástico é normalizada; com uma retórica de forte apelo dramático e uma linguagem grandiloquente. Apesar do texto jornalístico, teoricamente, ter a intenção de pretensamente relatar os fatos tal qual eles aconteceram, essa não parecia ser uma preocupação para Nelson Rodrigues em suas análises futebolísticas. Seguindo esta lógica, para ele, mais do que os fatos frios de uma partida, o que realmente importava eram os significados que poderiam ser atribuídos a esses mesmos fatos. Não importava se a partida fosse uma final de Copa do Mundo, ou uma pelada disputada por um grupo de crianças, as duas poderiam perfeitamente ter importâncias equivalentes, pois segundo ele, “qualquer pelada oferece uma margem imensa de mistério, de magia, de sobrenatural”<sup>120</sup>. E por conta desta margem imensa, aos olhos de Nelson, de mistério, de magia e de sobrenatural, que Pelé se tornará pela primeira vez seu “Personagem da Semana”.

Desde 1957, Nelson Rodrigues, por sugestão do proprietário da revista *Manchete Esportiva*, Adolfo Bloch, nomeava sua coluna semanal na publicação com o título de “Meu Personagem da Semana”<sup>121</sup>. Embora o assunto mais frequente destes textos fosse o futebol, em várias oportunidades o autor chegou a tratar de outras práticas esportivas como boxe, atletismo, remo, hipismo, natação, basquete e até alpinismo. Mais do que resultados e jogos em si, o foco de Nelson ia além disso. Sua atenção também recaía sobre outros personagens que de alguma forma estavam ligados ao universo do esporte em questão. No caso de futebol, não eram apenas os jogadores que se tornavam “personagens da semana”, este título também cabia para torcedores, juízes, bandeirinhas, técnicos, cartolas e muitos outros. O cronista desta forma mostrava que sua concepção sobre o alcance do futebol ultrapassava as quatro linhas do jogo, para ele, o jogo parecia ser um meio

---

<sup>119</sup> Marques, José Carlos. *Op. cit.*, p.95.

<sup>120</sup> “A Tragédia do Fluminense”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 22 de setembro de 1956, p. 6.

<sup>121</sup> Nelson Rodrigues publicou sua coluna “Meu Personagem da Semana” na revista *Manchete Esportiva* até 1959. Posteriormente a continuou publicando por vários veículos que passou até o fim de sua vida como os jornais *Última Hora*, *Diário da Noite* e *O Globo*.



através do qual era possível vislumbrar aspectos fundamentais da natureza humana e da sociedade ao seu redor.

Daí seus personagens da semana serem, recorrentemente, a personificação de certos tipos e termos paradigmáticos do comportamento e da vida humana. Era o “canalha”, o “juiz ladrão”, “a grã-fina das narinas de cadáver”, “a conversa de terreno baldio”, “o Narciso às avessas” e o “Sobrenatural de Almeida”, além de muitos outros. Para ele, o futebol não é somente um jogo, é tanto o caminho através do qual superaremos os nossos traumas nacionais, alcançando assim a plenitude de nossas potencialidades enquanto nação, como é também um palco privilegiado para observarmos tudo aquilo que nos faz humanos.

Nesta perspectiva de Nelson Rodrigues existe uma equivalência entre os eventos e personagens do universo do futebol, e os feitos, eventos e os traços definidores da humanidade. O “juiz ladrão” seria a dicotomia do bem e do mal, “a grã-fina” seria a falta de empatia, o Maracanazo foi o nosso Waterloo, os dribles de Garrincha contra os soviéticos foram o nosso Sputnik, Mário Filho foi o nosso Homero e Pelé foi o nosso rei.

A crônica, em que Nelson Rodrigues pela primeira vez fez de Pelé seu personagem da semana, publicada em março de 1958, continha tanto os vários elementos característicos do estilo do cronista, quanto também reproduzia aquela mesma imagem construída sobre o jovem jogador até então. O texto começa com uma comparação entre Pelé e um grande jogador do passado, no caso, Nelson o chama de “Domingos da Guia do ataque”; e logo na sequência o cronista se espanta com a juventude do atleta: “Examino a ficha de Pelé e tomo um susto: - 17 anos! Há certas idades que são aberrantes, inverossímeis. Uma delas é a de Pelé. Eu, com mais de 40, custo a crer que alguém possa ter 17 anos, jamais.”<sup>122</sup> Ou seja, observamos aqui dois componentes que já eram frequentes na maneira como Pelé era tratado pela imprensa naquele contexto: a idade e a comparação com outros jogadores em um estágio mais avançado de suas carreiras.

Especificamente o espanto em relação à idade, e coincidentemente ou não, os 17 anos, não era algo exclusivo nas análises referentes a Pelé, ao menos nas crônicas de Nelson Rodrigues. No texto da semana anterior, publicado na edição do dia 28 de fevereiro<sup>123</sup>, o cronista também se espanta com a idade do nadador

---

<sup>122</sup> Rodrigues, Nelson. **O berro impresso das manchetes**. Rio de Janeiro: Agir, 2007, p. 345

<sup>123</sup> *Idem, Ibidem*. p 342..

Manuel dos Santos, recém-campeão sul-americano dos 100 metros livres e que então também contava com 17 anos.

Na continuidade do texto, o cronista escreve: “(...) o meu personagem anda em campo com uma dessas autoridades irresistíveis e fatais. Dir-se-ia um rei, não sei se Lear, se ‘Imperador Jones’, se etíope.”<sup>124</sup> Aqui temos Pelé sendo pela primeira vez chamado de rei, apelido pelo qual ficará conhecido. Mas além disso, o que também chama atenção, são os “reis” com os quais Pelé é equiparado. O primeiro, Rei Lear, é o personagem principal da peça homônima de William Shakespeare, escrita em 1605. Um dos traços mais marcantes desta tragédia é justamente a vaidade e a soberba de Lear, que mudam os ventos de sua fortuna e acabam por levá-lo à ruína, deixando a mensagem final de que nem sempre a velhice é sinônimo de sabedoria.

Imagem 5 - Coluna de Nelson Rodrigues, publicada pela **Manchete Esportiva**, em que Pelé é chamado de “rei” pela primeira vez<sup>125</sup>



<sup>124</sup> *Idem, Ibidem.* p.345.

<sup>125</sup> “Meu Personagem da Semana”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 8 de março de 1958, pp. 8-9.

Ao traçar um paralelo entre Lear e Pelé, Nelson busca ressaltar algo que, segundo sua visão, é marcante no jogador em questão, a vaidade. Algumas linhas abaixo, o cronista reproduz uma entrevista que, supostamente, Pelé teria concedido, demonstrando esta característica do atleta:

“E o meu personagem tem uma tal sensação de superioridade que não faz cerimônias. Já lhe perguntaram: - ‘Quem é o maior meia do mundo?’ Ele respondeu, com a ênfase das certezas eternas: ‘Eu.’ Insistiram: - ‘Qual é o maior ponta do mundo?’ E Pelé: - ‘Eu’. Em qualquer outro, esse desplante faria rir ou sorrir. Mas o fabuloso craque põe no que diz uma tal carga de convicção que ninguém reage e todos passam a admitir que ele seja, realmente, o maior de todas as posições. Nas pontas, nas meias e no centro, há de ser o mesmo, isto é, o incomparável Pelé.”<sup>126</sup>

Esta imodéstia atribuída a Pelé, é vista como extremamente positiva pelo cronista, ao ponto dele concluir que esta qualidade será fundamental para a vitória brasileira na Copa do Mundo na Suécia, da mesma forma que a falta dela foi determinante na derrota do mundial anterior<sup>127</sup>.

Em outros termos, Nelson Rodrigues, ao enxergar em Pelé toda esta suposta soberba, retoma um dos seus temas mais frequentes, o “Complexo de Vira-Latas”, este sentimento autodepreciativo, segundo ele, característico da brasilidade. O jovem jogador, nesta perspectiva, seria a solução definitiva para este problema, pois segundo o cronista, “(...) Com Pelé no time, e outros como ele, ninguém irá para a Suécia com a alma dos vira-latas. Os outros é que tremerão diante de nós.”<sup>128</sup>

O segundo “monarca” com o qual Pelé é comparado, também é personagem de um texto teatral. Trata-se de Brutus Jones, da peça “The Emperor Jones”, de autoria do dramaturgo Eugene O’Neill e escrita em 1920. A escolha dos dois personagens dramáticos feita por Nelson Rodrigues não é gratuita. Cada uma das figuras escolhidas pelo cronista em seus textos refletem qual era a imagem de Pelé que ele buscava construir.

Se ao utilizar Lear ele buscava mostrar um jovem jogador extremamente vaidoso, o que aos olhos de Nelson era extremamente positivo. A escolha do Jones da peça de O’Neill aparece como tentativa de reforçar ainda mais esta vaidade, mas

<sup>126</sup> *Idem, Ibidem.* pp. 345-346.

<sup>127</sup> A seleção brasileira foi eliminada nas quartas de final da 6ª Copa do Mundo de Futebol, disputada na Suíça em 1954, ao ser derrotada por 4 x 2 pela seleção húngara.

<sup>128</sup> *Idem, Ibidem.* p. 347.

sob um viés mais complexo. Na apresentação do personagem no texto de sua peça, O'Neill descreve seu protagonista com elementos que Nelson também utilizaria para descrever Pelé nesta crônica, como também em muitas outras. Estes termos não ressaltam apenas um caráter real ou imperial, tanto em Jones, quanto em Pelé, eles buscam exaltar algo além disso. Buscam demonstrar que ambas as figuras possuem auras, reflexo de suas características raciais, que exalam nobreza e naturalmente inspiram respeito em quem as vê. Ou seja, tanto Eugene O'Neill, quanto Nelson Rodrigues, buscam demonstrar que as virtudes dos dois "personagens" são de alguma forma consequência do fato de ambos serem negros.

Assim O'Neill descreve Jones:

“É um negro de pura raça, alto, possante, de meia idade. Suas feições são tipicamente negróides; entretanto, há qualquer coisa de verdadeiramente característico em seu rosto: uma força de vontade latente, uma firme e tranquila confiança em si mesmo que inspira respeito.(...) Entretanto, há em sua grandeza algo que não é de todo ridículo. Tem um modo pessoal de torná-la aceitável.”<sup>129</sup>

E assim, em termos semelhantes, Nelson Rodrigues descreve Pelé:

“Racialmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: - ponham-no em qualquer rancho e sua majestade dinástica há ofuscar toda corte em derredor.

O que nós chamamos de realeza é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: - a de se sentir rei, da cabeça aos pés.”<sup>130</sup>

A obra teatral de Nelson Rodrigues, assim como suas crônicas, romances e contos, são bastante influenciados pelo teatro de Eugene O'Neill, que tem como temática central a ideia de que a força do passado é fator “determinante das circunstâncias espirituais do ser humano, bem como de suas relações sociais”<sup>131</sup>. Em outras palavras, é possível identificar na obra dos dois autores a crença de que, assim como nas tragédias gregas, os indivíduos são profundamente afetados por seus atos do passado, além dos contextos sociais que os produziram.

<sup>129</sup> O'NEILL, Eugene. *Quatro Peças*. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1964, p. 86.

<sup>130</sup> RODRIGUES, Nelson. *Op. cit.*, p. 345.

<sup>131</sup> RABELO, Adriano de Paula. *Formas do trágico moderno nas obras teatrais de Eugene O'Neill e de Nelson Rodrigues* / São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (Tese de doutorado), 2004, p. 52.

Em “The Emperor Jones”, este mote das ações do passado se fazendo sentir ativas no presente, aparecem inseridas dentro de um debate sobre o racismo na sociedade estadunidense das primeiras décadas do século XX, buscando também demonstrar como os contextos sociais formatam os indivíduos. No caso desta peça, como o racismo afeta os membros desta sociedade, especificamente o personagem central da história, Brutus Jones.

Jones era um homem negro que trabalhava como carregador de malas em Nova York, e que em meio a um jogo de dados, mata um colega de trabalho. Ele tenta fugir, mas acaba sendo preso. Na prisão sofre com um regime severo de trabalho e com o racismo dos guardas. Esta rotina árdua faz com que, em um momento de ira, ele se revolte e mate um dos vigias da prisão. Em seguida ele foge novamente, consegue embarcar em um navio, e acaba se refugiando em uma ilha nas Antilhas.

Nesta ilha, Jones consegue manipular os nativos, transformando-se em uma espécie de imperador local e explorando a população através da cobrança de pesados impostos. O objetivo do personagem principal era acumular uma grande fortuna e fugir da ilha, mas sua arrogância, soberba e ganância o enlouquecem e acabam por revoltar seus “súditos”, que o matam enquanto ele tentava escapar.

O’Neill tenta com isso demonstrar quais as consequências para um homem negro que, por conta do racismo, tenta negar a sua ancestralidade, aderindo a valores como “o cinismo, a ganância e o utilitarismo dos brancos americanos para os quais trabalhou”<sup>132</sup>. Esta temática fará de “The Emperor Jones”, além do fato de seu protagonista ser negro, uma peça de grande influência não só em Nelson Rodrigues, mas no teatro brasileiro como um todo.

E é por conta desta temática que “The Emperor Jones” será a primeira peça a ser encenada, em 1945, pelo Teatro Experimental do Negro (TEN), grupo de teatro fundado no Rio de Janeiro pelo ator e dramaturgo Abdias do Nascimento, cujo objetivo era valorizar a influência do negro na sociedade brasileira, sobretudo através de medidas que envolvessem a arte e a educação. Este grupo terá a preocupação em formar atores e atrizes negras, visando montar espetáculos que sejam protagonizados por atrizes e atores negros, contando histórias em que os personagens principais também fossem negros e que de alguma forma tivessem

---

<sup>132</sup> Ibidem., p. 53.

uma posição antirracista e de afirmação do negro. Desta forma, segundo Nascimento, a arte de maneira geral, e mais especificamente o teatro, agiria como ferramenta de educação contra o racismo.

O fato de peças de teatro no Brasil ainda fazerem o uso de "blackface" em suas apresentações nas décadas de 40 e 50, além a ausência de protagonistas negros, talvez seja uma, dentre muitas outras, das faces mais visíveis do racismo presente no meio teatral de então. E o desejo de dar fim a esta prática, obviamente, foi um dos motivos que influenciaram na criação do Teatro Experimental do Negro. O próprio Nelson Rodrigues elogia a iniciativa<sup>133</sup> em uma entrevista concedida ao jornal "Quilombo", publicação dirigida por Abdias Nascimento, onde também comenta sobre o racismo no teatro de então, com a baixa presença de negros e negras em papéis de destaque nos palcos e sobre a prática do "blackface":

"- Acho, isto é, tenho a certeza de que é pura e simples questão de desprezo. Raras companhias gostam de ter negro em cena; e quando uma peça exige o elemento de cor, adota-se a seguinte solução: brocha-se um branco. Branco pintado - eis o negro do teatro nacional (...) É preciso uma ingenuidade perfeitamente obtusa ou uma má fé cínica para se negar a existência do preconceito racial nos palcos brasileiros. A não ser no Teatro Experimental do Negro, os artistas de cor, ou fazem moleques gaiatos, ou carregam bandeja ou, por último, ficam de fora."<sup>134</sup>

Este depoimento, além de mostrar o posicionamento de Nelson em relação ao racismo, também nos ajuda a compreender qual a imagem que ele queria construir de Pelé, e o porquê dele utilizar como referências os personagens de Shakespeare e O'Neill. No caso de Lear, como já dissemos, ele queria apresentar o jogador como um personagem altivo, mas com Brutus Jones ele deseja ir além: deseja que Pelé seja visto não apenas como um jogador orgulhoso de suas habilidades, mas sobretudo como um jogador negro, orgulhoso de suas habilidades futebolísticas e de suas origens raciais. E mais ainda, o fato de Nelson fazer uma analogia entre o atleta e o personagem principal, não por acaso negro, da primeira peça de um grupo teatral que se propunha a acabar com a marginalização dos negros nos palcos brasileiros, parece ter o intuito de alguma forma, mesmo que de

---

<sup>133</sup> Tamanho foi o impacto do Teatro Experimental do Negro em Nelson Rodrigues, que em 1946, ano seguinte ao primeiro espetáculo do grupo, ele escreveu e montou a peça "Anjo Negro", em que o personagem principal é um homem negro.

<sup>134</sup> "Há preconceito de cor no Teatro?". **Quilombo**. Rio de Janeiro: 9 de dezembro de 1948, p.1

maneira indireta, ligar aquele jovem jogador que se destacava nos campos à luta dos negros por mais visibilidade.

Ainda na mesma entrevista, quando perguntado se peças que abordassem “dramas psicológicos e sociais da gente negra”<sup>135</sup> poderiam ser encenadas nos palcos, Nelson responde positivamente e diz que o teatro brasileiro “precisava descobrir o negro”, dando aos negros papéis mais ativos, mais dramáticos e não mais personagens de função meramente decorativa, concluindo que era necessário “Transformar o negro em herói, integrá-lo no drama: admitir que ele seja trágico.”<sup>136</sup>

Se a solução para maior inclusão do negro no teatro brasileiro, segundo Nelson Rodrigues, passava pela transformação do negro em herói, algo semelhante será proposto por ele para o futebol. Ao final da crônica em que chama Pelé de rei pela primeira vez, após descrever minuciosamente um belo gol feito pelo jogador na partida contra o América, reforçando a sua altivez e sua “imodéstia absoluta”, o cronista por fim conclui: “Com Pelé no time e outros como ele, ninguém irá para a Suécia com a alma dos vira-latas. Os outros é que tremerão diante de nós.”<sup>137</sup>

Esta frase final do texto reproduz, com outras palavras, a mesma ideia daquilo que ele havia dito na entrevista dada ao Quilombo em 1948. Ao afirmar que com Pelé, e outros iguais a ele, a vitória na Suécia é certa, ele está dizendo que com Pelé e outros jogadores que também possuam a mesma vaidade, o mesmo orgulho de suas origens e a mesma confiança em suas habilidades futebolísticas, a superação do complexo de vira-latas que atormenta os brasileiros, será finalmente alcançada. E isto acontecerá, pois, a presença de atletas assim, que em sua maioria são negros, representaria o momento em que estes mesmos indivíduos negros, seriam integrados ao “drama” do futebol como protagonistas, e assim, naturalmente, seriam transformados em heróis.

O herói a que Nelson Rodrigues se refere é o herói trágico, que sempre ao final das peças acaba morrendo, ou sendo punido de alguma forma pela ira dos Deuses. No caso do herói moderno em que o cronista tenta transformar Pelé, o final é um pouco mais feliz, aqui especificamente, é um herói que representa a cristalização de nossas potencialidades e a superação de nossos traumas do passado.

---

<sup>135</sup> *Idem*

<sup>136</sup> *Idem, ibidem*, p.6.

<sup>137</sup> RODRIGUES, Nelson, *op. cit.*, p. 347

Este otimismo de Nelson Rodrigues em relação a Pelé, pode ser encarado como reflexo de um sentimento que, naquele final da década de 50 no Brasil, não se restringia apenas ao futebol. Em sua obra laudatória sobre o ano de 1958, o cronista Joaquim Ferreira dos Santos, afirma que

“JK sempre deixou claro que os ares modernos e desenvolvimentistas de seu governo - o estímulo à indústria automobilística, a abertura de estradas - assopravam e inspiravam o país rumo ao sonho”.<sup>138</sup>

Embora o olhar de Santos sobre este período seja marcado por altas doses de nostalgia, o que resulta em uma visão idealizada dos eventos que marcaram aquele ano, durante o período em que Juscelino Kubitschek esteve na presidência, parte considerável da imprensa, além de outros setores da sociedade, foram influenciadas por esta imagem otimista, dinâmica e moderna que este governo procurava fazer de si próprio.

Foi assim com o Plano Machado de Carvalho, como já tratamos aqui, elaborado visando a preparação da seleção brasileira para a Copa do Mundo na Suécia, e que de certa forma mimetizou o Plano de Metas de JK. Da mesma maneira Nelson Rodrigues, ao enxergar em Pelé a personificação da superação do complexo de vira-latas, se deixa levar por este ar esperançoso vendido pelo então presidente.

Nesta perspectiva, Pelé, que era às vezes apressadamente comparado pela imprensa com craques do passado, passa a ser um sinal, aos olhos de Nelson, de que o Brasil estava se transformando em algo novo e, ao menos no futebol, era "soprado" rumo ao sonho, no caso, rumo à conquista da Copa do Mundo.

---

<sup>138</sup> SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958: o ano que não devia terminar*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998, p.21.



### **3. “NÃO GOSTO DE FICAR SEM JOGAR”**

### 3.1. Reações emocionais

“Ao meu lado, um americano doente estrebuchava: - Vá jogar bem assim no diabo que o carregue!”<sup>139</sup>. É assim que um torcedor do América teria se referido a Pelé, segundo as tintas de Nelson Rodrigues, durante a vitória do Santos sobre o América no Torneio Rio-São Paulo de 1958<sup>140</sup>. O episódio é relatado no mesmo texto, em que o referido cronista, chama Pelé de rei pela primeira vez e que analisamos no capítulo anterior.

Apesar dos “exageros” neobarrocos de Nelson, a raiva do torcedor americano, em decorrência do grande talento de Pelé, não parece de todo inverossímil. Cerca de duas semanas depois da partida, a revista *Manchete Esportiva*, publicou um extenso perfil de Alarcon, jogador do América que esteve em campo neste mesmo jogo contra o Santos, sendo inclusive o autor de um dos três gols do time carioca. Nesta matéria o próprio Alarcon faz coro às afirmações de Nelson Rodrigues em sua crônica, quando é perguntado sobre Pelé:

“ — É o maior atacante brasileiro do momento. Figura certa para o escrete brasileiro. Dribla três ou quatro jogadores e ainda olha para trás, antes de chutar (e como chuta!). Tem uma das coisas mais importantes para um atacante: perna. Faz um esforço na corrida e ainda consegue energia para arremessar violentamente. Isso é fundamental.”<sup>141</sup>

A crônica de Nelson Rodrigues, a fúria do torcedor do América e a opinião assertiva de Alarcon, não foram casos isolados nestes meses que antecederam a Copa do Mundo de 1958. Para outras vozes cada vez mais frequentes e numerosas na imprensa, Pelé já era presença certa na seleção que iria para a Suécia, assim como também já era considerado por tantos outros, como o melhor ou um dos melhores atacantes brasileiros.

Na mesma edição da *Manchete Esportiva* em que Nelson “batiza” Pelé de rei, um perfil extenso de outro jogador também é publicado. Tratava-se do lateral botafoguense Nilton Santos, que defendia o nome de Pelé na lista dos jogadores que formariam a seleção brasileira no mundial, porém com uma ressalva. Que o

<sup>139</sup> RODRIGUES, Nelson, *op. cit.*, p. 346

<sup>140</sup> A partida, disputada no dia 26 de fevereiro de 1958, terminou com o placar Santos 5 x 3 América. Pelé fez 4 dos 5 gols santistas neste confronto.

<sup>141</sup> “Pelé é o maior atacante brasileiro!”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 15 de março de 1958, p. 23.

jovem jogador do Santos jogasse na equipe nacional ao lado de Zizinho e de Garrincha<sup>142</sup>.

As opiniões de Nilton Santos não eram necessariamente inéditas ou solitárias. A comparação ou o estabelecimento de uma relação de Pelé com Zizinho, conforme já debatemos, é recorrente neste período. A novidade que aparece aqui, é a primeira menção de alguém defendendo que Pelé e Garrincha fossem titulares da seleção.

Apesar deste grande apelo que se formava na imprensa por Pelé na Copa, não podemos afirmar que este sentimento era unânime, ou ainda, que o jovem jogador santista estivesse livre de críticas. Tanto não estava a salvo de censuras, que na partida seguinte ao jogo contra o América, e na mesma semana em que foi “coroadado” rei por Nelson Rodrigues, ele foi chamado de mascarado e teve sua presença questionada na Copa do Mundo.

Na continuidade do Torneio Rio-São Paulo, o Santos enfrentou o Botafogo no Estádio do Pacaembu, em partida que ficou marcada pela forte chuva e uma briga generalizada entre os jogadores e técnicos das duas equipes. Desta briga, ou “sururu”, como descreveu a Gazeta Esportiva, resultou a expulsão de um atleta de cada equipe, Tomé pelos botafoguenses e Pelé pelos santistas.

Esta expulsão fez com que Pelé fosse duramente criticado, ao ponto de ser responsabilizado pelo placar final da partida, empate em 2 a 2, quando o resultado mais justo, de acordo com a Gazeta, seria a vitória do Santos. Para o jornal:

“Pelé, endeusado após os quatro gols contra o América, encheu-se de importância (é sempre assim), não enxergou as redes botafoguenses, porque não o deixaram e acabou, do “alto da sua importância”, incorrendo em expulsão de campo justamente na ocasião em que o seu quadro se embalava a caminho da vitória, Se isso não é “máscara”, pensando-se que o “colored” praiano nada tinha com o incidente provocado na hora da pena máxima, então, estamos enganados e que ele vá fazer isso na Suécia, se for convocado para a seleção brasileira. Consequência, o Santos viu-se privado de um ponto precioso, mas o Santos é o Santos e o Pelé é o Pelé. Ora se é...”<sup>143</sup>

O termo “máscara” no futebol é geralmente utilizado quando se quer acusar um jogador de soberbo e arrogante. Ou seja, quando um atleta acredita que é um

<sup>142</sup> “Escrete perfeito só com Zizinho”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 8 de março de 1958, p. 4.

<sup>143</sup> “Bom dia”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 4 de março de 1958, p.2.

um jogador muito melhor do que de fato ele é. Mas por trás destes sentidos existe um outro, principalmente quando aplicado a jogadores negros, que reflete o racismo estrutural da sociedade brasileira.

A escravidão mesmo tendo sido oficialmente abolida no Brasil em 1888, pode ser ainda considerada como o elemento definidor da sociedade brasileira, e dentro disso, como fator determinante da maneira como as mulheres e os homens negros são vistos e tratados dentro desta mesma sociedade. Segundo Neusa Santos:

“a sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior.”<sup>144</sup>

Enquanto Nelson Rodrigues louvava a imodéstia de Pelé, a análise da Gazeta sobre seu desempenho contra o Botafogo, encara esse seu mesmo traço de personalidade de maneira oposta. O jornal parece se incomodar que um “colored”, mesmo termo pejorativo utilizado nos Estados Unidos para se referir a população negra, tenha uma “importância” como a que Pelé havia alcançado, chegando inclusive a colocar em dúvida este status atingido pelo jovem jogador, o chamando de mascarado.

Dentro da perspectiva das imposições comportamentais pelo racismo estrutural à população negra, espera-se que seus indivíduos, ao invés de serem altivos e orgulhosos, se apresentem como figuras subservientes e dotadas de uma humildade profunda, como se precisassem constantemente pedir desculpas por existirem.

Na crítica pela expulsão de Pelé, em nenhum momento, o jornal também critica o outro jogador expulso, assim como, de maneira vaga e genérica, não deixa claro o motivo da expulsão dos jogadores. Se resume a relatar que após um pontapé de Tomé em Pepe, ponta-esquerda do Santos, Pelé teria dito alguma coisa para o jogador do Botafogo, resultando no “sururu” generalizado que paralisou a partida por alguns instantes. Mas, novamente, em meio a este caos que se instalou no gramado do Pacaembu, somente Pelé, e mais nenhum outro jogador que participou da confusão, é alvo de censuras pelo periódico, nem mesmo o outro expulso, Tomé.

---

<sup>144</sup> SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983, p. 19.

A altivez e a confiança de Pelé, vistos por Nelson Rodrigues, desafiavam os padrões de interação entre negros e brancos estabelecidos pela estrutura racista da sociedade brasileira, além de parecer “perturbar” alguns setores da crônica esportiva da época. Na seleção, ele e os demais colegas negros da equipe, também serão obrigados a desafiar alguns pressupostos racistas para a formação da seleção brasileira.

No dia primeiro de abril de 1958 são divulgados os pré-convocados para a Copa do Mundo. Atendendo os anseios de parte da imprensa, o nome de Pelé estava na lista, composta inicialmente por 31 jogadores, para participarem dos treinos da seleção nas cidades mineiras de Araxá e Poços de Caldas. Ao final do período preparatório, somente 22 atletas viajariam para a Suécia.

Temos, portanto, a constituição de um processo seletivo entre os atletas pré-convocados, onde a comissão técnica escolheria, segundo critérios estabelecidos pelo Plano Paulo Machado de Carvalho, os melhores jogadores para compor a seleção.

Dentre estes critérios, além da capacidade técnica dos atletas, existia também, conforme Paulo Machado já havia mencionado na entrevista concedida à Gazeta Esportiva, e analisada no capítulo anterior, a preocupação de convocar jogadores não somente pelas suas habilidades ou capacidades físicas, mas também dentro de uma perspectiva moral, jogadores que possuíssem uma “personalidade forte” e um “ânimo superior”. Estes parâmetros são bastante subjetivos, o que dá margem a várias interpretações sobre qual o real critério na escolha dos jogadores para comporem a seleção.

Segundo Mário Filho, o real critério para a convocação se baseava na cor da pele. Entre um jogador negro e um jogador branco, se escolhia um branco, e só seria escalado um negro, caso seu reserva imediato também fosse negro<sup>145</sup>. A justificativa de seu argumento é baseada principalmente, na escalação da seleção brasileira em seus dois primeiros jogos na Copa da Suécia, contra Áustria e Inglaterra, formada exclusivamente por jogadores brancos, à exceção de Didi, cujo reserva era o também negro, Moacir.

Há quem defenda que as escalações nestes dois jogos, formadas apenas por brancos, à exceção de Didi, ocorreram por questões táticas, pelo fato de Pelé estar

---

<sup>145</sup> FILHO, Mário Rodrigues. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2003, pp. 322-323.

machucado e não por racismo. Entretanto, este mesmo ponto de vista não explica a titularidade do branco De Sordi até à semifinal contra a França, só saindo do time por conta de uma lesão. Djalma Santos, negro, reserva de De Sordi durante quase todo o torneio e em plenas condições físicas, mesmo tendo jogado apenas a final, foi eleito o melhor lateral da Copa e é considerado, até hoje, um dos melhores da história na posição.

Contudo, é preciso ressaltar que dentro dos 96 artigos que compõem o Plano Paulo Machado de Carvalho, nenhum deles fala explicitamente sobre esta intenção de “branquear” a seleção. Ao contrário, existe inclusive a preocupação de dispensar um tratamento igualitário aos atletas, pelo menos no que diz respeito ao pagamento dos salários, estabelecendo que todos os jogadores deveriam receber os mesmos valores, independente de quanto recebiam em seus respectivos clubes<sup>146</sup>.

Mas o que torna plausível a hipótese de Mário Filho, está nos parágrafos que tratam sobre os critérios para a convocação dos atletas. Segundo o plano, a escolha dos jogadores que comporiam o elenco da seleção teria dois parâmetros, além dos técnicos e físicos, seriam o “comportamento fora dos gramados e suas relações; e observações sobre as reações emocionais”<sup>147</sup>, refletindo a preocupação de Paulo Machado demonstrada na entrevista concedida à Gazeta Esportiva.

Um dos argumentos utilizados por aqueles que atribuíam a culpa pela derrota em 1950 aos jogadores negros, se baseava na falsa afirmação de que estes indivíduos seriam mais fracos e instáveis psicologicamente, portanto mais voláteis e imprevisíveis no que diz respeito às suas “reações emocionais.” Desta forma, a menção desta expressão no planejamento para a Copa, pode remeter a presença de algum traço racista em sua confecção.

Logo na sequência do texto aparece uma explicação exemplificando o que seriam as tais “reações emocionais”, e que poderia comprovar a inexistência de um viés racista na escalação da equipe titular. Segundo o texto:

“Exemplo: Há jogadores que parecem render mais nos jogos locais e menos quando atuam na qualidade de visitantes, observação que se faz muito importante quando se cogita de jogos no estrangeiro; jogadores que rendem mais nos jogos, tidos como de menor responsabilidade, e bem menos nos jogos de maior expressão ou projeção.”<sup>148</sup>

---

<sup>146</sup> BUARQUE, Paulo Planet. *Uma vida no plural: jornal, rádio, televisão, política, justiça e muito futebol*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003, p. 323.

<sup>147</sup> Ibidem, p. 329.

<sup>148</sup> Op. cit., p. 329.

Entretanto, a presença do argumento, de fundo racista, no plano Paulo Machado de Carvalho, o mesmo utilizado para criticar Barbosa e Bigode em 1950, não parece ser apenas uma simples coincidência. Embora a censura à presença de jogadores negros não seja explícita no texto do plano, ela se faz presente de maneira dissimulada, e assim o é por um motivo.

Segundo o antropólogo Kabengele Munanga, o racismo brasileiro “tem as suas peculiaridades, entre as quais o silêncio, o não dito, que confunde todos os brasileiros e brasileiras, vítimas e não-vítimas do racismo”<sup>149</sup>. Ou seja, mesmo não existindo um artigo afirmando com todas as letras que a cor da pele era um critério na escalação titular, o racismo “à brasileira” se manifesta muitas vezes de maneira ambígua, nas entrelinhas e no não-dito. E assim ele aparece subliminarmente no planejamento da seleção para a Copa na Suécia, com a presença do termo “reações emocionais”.

Para outra testemunha da época, a presença do racismo na seleção brasileira não era tão sutil assim. Em longa entrevista concedida a Nelson Rodrigues e publicada pela Manchete Esportiva, Gentil Cardoso afiança que foi preterido na escolha para ser técnico da seleção justamente por ser negro<sup>150</sup>. A fala do técnico é inclusive endossada por Nelson que escreve: “Meu caro Gentil, acredite, você não será técnico do esporte nem daqui a duzentos anos. E o motivo, todos nós sabemos: porque você é preto.” Ao que Gentil responde: “Mas creia no seguinte: se, dentro desses duzentos anos, eu for chamado, responderei, e com que alegria: Presente!”<sup>151</sup>.

Gentil era um técnico experiente, profundo estudioso do futebol, introdutor da tática do WM no Brasil, leitor dos filósofos Auguste Comte e Sócrates, e campeão por grandes clubes como Vasco e Fluminense. Um currículo por si só bastante respeitável e, àquela altura, equivalente ao do técnico escolhido para a seleção, Vicente Feola. Mesmo assim, seu nome nunca esteve, seja na imprensa, seja na

---

<sup>149</sup> MILENA, Lilian. “Kabengele Munanga, o antropólogo que desmistificou a democracia racial no Brasil”. **Diálogos do Sul**, 22 de maio de 2019. Disponível em:

<https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/58614/kabengele-munanga-o-antropologo-que-desmistificou-a-democracia-racial-no-brasil> . Acessado em 17 de dezembro de 2022.

<sup>150</sup> “Meu erro foi não nascer de olhos azuis!”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 5 de abril de 1958, p. 56.

<sup>151</sup> Op. cit., p. 56

CBD, entre os mais cotados para assumir o cargo de treinador. Nem em 1958, nem depois.

Ao longo da entrevista, tanto Nelson Rodrigues, quanto Gentil Cardoso, afirmam que o racismo era muito influente no time nacional, mesmo quando ele, aparentemente, “não existia”: “A cor de José do Patrocínio não permite passaporte para a Europa. Até o preconceito racial é mascarado no Brasil”<sup>152</sup>. Segundo Nelson, o fato da seleção, ao longo da sua história, contar com jogadores negros, não era prova da ausência do racismo na seleção. Muito pelo contrário, só evidenciava como tudo era mais difícil para os negros, que só tinham assegurado seus lugares na equipe, caso fossem considerados insubstituíveis e muito acima da média, como no caso de Didi.

De acordo com o cronista, Pelé embora ainda fosse muito jovem, já era obrigado a enfrentar os mesmos obstáculos encontrados por outros grandes jogadores e ex-jogadores negros como Domingos da Guia, Leônidas da Silva e Djalma Santos, que para se firmarem na seleção brasileira tiveram que se mostrar atletas extraordinários. Isto ocorria pois, segundo Nelson, a presença de negros na seleção brasileira incomodava os altos dirigentes do futebol nacional, que costumavam “cochichar o seu desagrado, face às nossas seleções: ‘Muito preto! Preto demais!’” e desejavam montar um *scratch* apenas com “craques louros e de olhos azuis como bonecas alemãs”<sup>153</sup>, obrigando assim, os negros a se esforçarem muito mais que os brancos, caso desejassem jogar na seleção.

Esta diferenciação entre negros e brancos na seleção, conforme escreveu Nelson, é um exemplo das peculiaridades do racismo brasileiro descritas por Munanga, que se diz através do não dito, que se afirma através da negação, que se mostra presente quando diz não existir, que “cochicha”, ao invés de falar em alto e bom som.

Fato é que a sombra do racismo perpassa todos os aspectos da sociedade brasileira, e o futebol não está imune a isso. Na montagem e organização da seleção e comissão técnica para a disputa da Copa de 1958, esta questão estará bem visível, mesmo desejando se fazer invisível. Todos os dirigentes serão brancos, o capitão escolhido será branco, assim como o técnico também será branco. Aos negros, quando permitidos, restará o campo do jogo.

---

<sup>152</sup> Op. cit., p. 56.

<sup>153</sup> Ibidem, p. 57.



### 3.2. A disputa por uma vaga

A lista com os pré-convocados para a Copa recebeu grande destaque nas capas tanto do Jornal dos Sports, quanto da Gazeta Esportiva. Dos 31 atletas inicialmente chamados, todos atuavam no futebol do Rio de Janeiro ou de São Paulo, e apenas oito deles, além de Pelé, eram negros.

Os jogadores se apresentaram no dia 7 de abril para três dias de exames médicos na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, passando por uma comissão médica formada por 25 profissionais. Esta medida e estes números, por si só, são mostras do alto grau de organização, com ares de rigor científico, que o Plano Paulo Machado de Carvalho desejava transparecer. Em sua passagem pela banca médica, foi identificada infecção na garganta de Pelé, que o obrigou a passar por uma cirurgia para a retirada de suas amígdalas.

No dia 10 a seleção seguiu para Minas Gerais, especificamente para Poços de Caldas onde iniciou os treinamentos. No dia 21 viajou para Araxá, também em Minas Gerais, continuando a preparação. Ali permaneceu até o dia 28, quando os atletas retornaram para o Rio de Janeiro e receberam dois dias de folga, antes das partidas contra o Paraguai, válidas pela Taça Oswaldo Cruz, que também serviram como preparatórias para a Copa do Mundo.

Durante os primeiros dias de preparação nas cidades mineiras, o marasmo era de tamanho proporcional à sede de notícias por parte da imprensa, tanto que a Gazeta publicou uma série de informações nem sempre relevantes sobre a seleção. O cardápio do primeiro jantar dos jogadores em Poços de Caldas<sup>154</sup>, o número dos quartos em que cada dupla de atletas ficaria<sup>155</sup>, o regulamento da concentração com os horários das refeições, de acordar e dormir<sup>156</sup>, os torneios de vôlei recreativo entre os jogadores<sup>157</sup>, os testes biométricos dos atletas, divulgando o peso, altura e

---

<sup>154</sup> “Boletim de Poços de Caldas”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 11 de abril de 1958, p.10

<sup>155</sup> “Poços de Caldas recebeu festivamente os craques nacionais”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 11 de abril de 1958, p. 12.

<sup>156</sup> “Regulamento da concentração dos craques brasileiros”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 12 de abril de 1958, p. 1.

<sup>157</sup> “Torneio de Voleibol entre os Craques do Brasil”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 12 de abril de 1958, p. 15..

idade de todos<sup>158</sup>, assim como os resultados dos exames odontológicos, em que Zagallo e Pelé foram os únicos “aprovados”<sup>159</sup>.

Além disso, o jornal fez um levantamento da situação do contrato dos jogadores pré-convocados com seus respectivos clubes, e quais deles tinham o valor dos passes fixados. Curiosamente, dos mais de 30 atletas chamados, apenas três tinham seus “preços” estipulados, Joel, Zagallo e Pelé. O passe de Pelé, segundo o jornal, estava avaliado em Cr\$400 mil, enquanto o de Joel, Cr\$450 mil e o de Zagallo, Cr\$100 mil<sup>160</sup>. Observando estes valores, é possível concluir que, ao menos em termos monetários, Pelé ainda não figurava entre os jogadores mais valorizados da seleção, embora já fosse considerado peça imprescindível para a conquista na Suécia por parte da crônica esportiva.

Se pouco acontecia em Poços de Caldas, restavam as especulações, tanto dos jornais brasileiros, quanto dos estrangeiros, sobre como seria a Copa do Mundo na Suécia. Como a coluna “Tudo sobre futebol”, publicada pela Gazeta, composta por notas de correspondentes internacionais da Associated Press. Neste texto, o jornalista inglês Brian Granville, faz uma série de prognósticos sobre a Copa do Mundo e o que esperar de algumas seleções. No caso do Brasil, o que chama a atenção de Granville, é a aposta em alguns jovens jogadores como Mazzola e Pelé. Para ele, esta é uma escolha arriscada pois, “podem brilhar ou não na Suécia, o mais certo é que não o façam.”<sup>161</sup> Esta visão do correspondente britânico demonstra, que apesar do “encantamento” que Pelé provocava em parte da crônica esportiva brasileira, ele não era um consenso entre a imprensa internacional, que na maioria dos casos muito pouco ou nada conhecia sobre ele.

Para alguns, o jovem jogador do Santos era ainda apenas uma jovem promessa, que até então não possuía a experiência suficiente para enfrentar uma Copa do Mundo. Granville defendia a presença de jogadores mais experientes na seleção, como Zizinho, a exemplo da Inglaterra que levaria dois veteranos da Copa de 1950, Billy Wright e Tom Finney, e a Hungria, que ainda contava com Josef

---

<sup>158</sup> “Gino emagreceu quase três quilos, mas Vavá aumentou oitocentas gramas”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 16 de abril de 1958, p. 11.

<sup>159</sup> “Somente dois aptos nos exames dentários”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 17 de abril de 1958, p.16.

<sup>160</sup> “Apenas três craques da seleção tem fixado o preço de seus passes”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 17 de abril de 1958, p. 29.

<sup>161</sup> “Tudo sobre a Taça do Mundo”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 12 de abril de 1958, p. 12.

Bozsik, remanescente da seleção magiar campeã olímpica de 1952 e vice-campeã da Copa de 1954.

Iniciados os treinamentos em Poços de Caldas, e a despeito do que pensava o jornalista inglês, Pelé já aparecia como um dos favoritos por uma vaga no ataque da seleção. Em notícia anunciando o início dos coletivos, a Gazeta Esportiva especula que o jogador santista já era nome quase certo entre os escolhidos para a Copa, ficando o posto restante, segundo a publicação, entre Dida, do Flamengo, e Almir, do Vasco<sup>162</sup>.

Apesar do duelo de posições, o clima na preparação da seleção era amistoso, ao menos se nos basearmos nos relatos dos jornais. O próprio Pelé confirma este espírito, em um curto depoimento concedido à Gazeta Esportiva, em que ele afirma se “sentir em casa”.

Mas além de sua opinião sobre o ambiente em Poços de Caldas, observamos nesta mesma breve fala, o primeiro indício de algo que ficará profundamente marcado na imagem que Pelé, ao longo de sua carreira, e que ele procurará construir de si mesmo: a preocupação em transmitir a imagem de um jogador extremamente profissional, marcado pela dedicação aos treinamentos, cuidadoso de seu corpo e norteador por uma forte valorização da ética do trabalho.

Perguntado sobre a concentração, ele responde:

“Estou apreciando muito a concentração. Sou solteiro e a minha vida em casa é treinar, jogar, ir ao cinema e dormir. De modo, que para mim, nada melhor do que estar aqui, num ambiente diferente onde todos brincam mas todos se respeitam.”<sup>163</sup>

Este bom-mocismo de Pelé, que como dissemos, será recorrente em boa parte de suas falas e posicionamentos ao longo de sua trajetória futebolística, parece aqui também ter um outro sentido: um pedido de desculpas, ou se isso é possível, um autoelogio de sua própria humildade.

Na mesma página em que aparece este depoimento de Pelé, um outro texto da mesma natureza é publicado pelo periódico. Trata-se de uma extensa entrevista de Paulo Machado de Carvalho sobre os preparativos da seleção brasileira, abordando assuntos como o pagamento de “bichos” aos jogadores, a relação entre

---

<sup>162</sup> “Vai começar o duelo pelas posições”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 17 de abril de 1958, p. 17.

<sup>163</sup> “Estou aqui como se estivesse em minha casa”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 18 de abril de 1958, p. 13.

atletas e dirigentes e sobre uma outra entrevista que Pelé havia concedido naquela semana à Manchete Esportiva.

Nesta entrevista, Paulo Machado afirma que o jogador havia dito algumas “ingenuidades”. Segundo o dirigente, esta atitude de Pelé o obrigou a corrigir o atleta, que prontamente reconheceu seus “erros”<sup>164</sup>. Observando o contexto, isto nos leva a supor que a fala de Pelé à Gazeta, talvez tenha sido um pedido de desculpas, ou ainda, um reconhecimento público de suas “ingenuidades” ditas à Manchete Esportiva. Mas quais seriam estas “ingenuidades”?

Na edição do dia 12 de abril de 1958, a revista Manchete Esportiva trouxe em suas páginas o maior depoimento já publicado, até aquele momento, de Pelé. Na entrevista, o jovem jogador revela surpresa pela sua convocação para a seleção, pois acreditava que, por conta de sua idade, ele acabaria preterido, dando lugar a jogadores mais experientes. Mas não foi esta sua opinião, a razão pela qual ele foi corrigido por Paulo Machado.

Na última pergunta da entrevista, Pelé é indagado sobre quais seriam as chances do Brasil no Mundial. Ele dá uma resposta que provavelmente os dirigentes não gostaram muito, afirmando que “Falta-nos um pouco de sorte, muita determinação e sobra-nos preleções e discursos”<sup>165</sup>.

O Plano Paulo Machado de Carvalho, conforme analisamos no capítulo anterior, procurava trazer um maior grau de organização à seleção, como nunca ocorreu antes. Todos os seus 96 artigos buscavam abranger, com riqueza de detalhes, a organização, a preparação e a montagem da seleção brasileira. Quando Pelé critica o excesso de preleções e discursos, esta sua fala soa como uma crítica ao plano, naquilo que aos olhos de um dos seus principais elaboradores, o próprio Paulo Machado, era a sua principal virtude, o zelo minucioso com que ele foi escrito e planejado. A fala de Pelé parece criticar os “ensinamentos” que a comissão técnica desejava transmitir aos jogadores através das diretrizes estipuladas pelo plano. Aos olhos do jovem jogador, todas aquelas regras eram uma verbosidade desnecessária.

A ingenuidade de Pelé, a que Paulo Machado de Carvalho se referiu na entrevista concedida à Gazeta, até poderia ser só isso mesmo, ingenuidade, mas

---

<sup>164</sup> “O segredo é esse: não fazer segredos”. **A Gazeta Esportiva**. 18 de abril de 1958, p. 13.

<sup>165</sup> “Pelé: Eu não pensava ser convocado”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 12 de abril de 1958, p. 28.

era muito mais. É uma crítica honesta, de um jovem jogador, à maneira como a classe dirigente do futebol lidava com os jogadores, pelo menos na seleção.

Por mais que o plano instituído na seleção naquele contexto, tivesse ares de modernidade, mimetizando no futebol, aquilo que o Plano de Metas estava fazendo no Brasil, ele também apresentava um outro traço bem marcante, que apontava em direção oposta, o paternalismo.

O paternalismo é uma característica determinante na maneira como dirigentes esportivos, e parte da imprensa, lidam com os jogadores de futebol. Nesta perspectiva, os atletas jamais são consultados sobre as regras que devem seguir, eles são infantilizados, tratados como indivíduos incapazes de se organizarem minimamente e que, ao menor sinal de liberdade, instalarão o caos.

Sob esta ótica os atletas devem ser sempre controlados, tutelados e vigiados, ignorando solenemente qualquer ideia que, de alguma forma, possa garantir algum tipo de autonomia aos jogadores, principalmente fora do campo de jogo. Qualquer crítica feita por algum atleta, é sumariamente repelida e, conforme a maneira como este questionamento acontece, o jogador deve ser rapidamente punido ou “orientado” sobre a gravidade de seu ato.

Este conjunto de características do paternalismo, inerente à classe dirigente do futebol brasileiro, explica tanto o porquê da elaboração de um plano como o que estava então em vigor na preparação para a Copa na Suécia, como o corretivo dado por Paulo de Machado em Pelé. Corretivo por sinal público, assim como “retratação” do jogador, igualmente pública e exemplar, pois assim funcionam as punições dentro do universo paternalista.

Apesar da bronca que recebeu, Pelé continuou fazendo parte do grupo da seleção, tanto que participou do primeiro treinamento coletivo, no qual foi um dos principais destaques. Na partida entre as equipes azul e amarela, o jovem jogador integrou a primeira, vencedora do confronto por 3 a 0, marcando um gol e dando passe para outro.

Seu desempenho neste jogo-treino suscitou opiniões conflitantes sobre o atleta. O *Jornal dos Sports* chegou a afirmar que “é de sublinhar, principalmente, a atuação fulgurante de Pelé, que parece disposto a confirmar os prognósticos gerais, ganhando definitivamente a meia-esquerda”,<sup>166</sup> e ressaltou, no dia seguinte, que o

---

<sup>166</sup> “Despontou a base da seleção brasileira!”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro: 19 de abril de 1958, p. 8.

jovem jogador foi “advertido várias vezes pelo individualismo, prejudicando com isso seus companheiros que se encontravam em melhor situação”.<sup>167</sup> Ou seja, embora Pelé tivesse se sobressaído no primeiro coletivo da seleção, o excesso de individualismo era uma ameaça a sua presença na Copa.

Em outras palavras, por mais que Pelé se mostrasse cada vez mais um forte candidato para compor o grupo definitivo da seleção, nem tudo estava garantido. Temos com isso, mais uma vez desconstruída a imagem de que Pelé, o grande craque inquestionável, tenha nascido pronto, e que assim ele foi visto de maneira unânime desde sua estreia no futebol profissional. Mesmo que ele vivesse uma excelente fase em sua carreira, marcada por desempenhos “fulgurantes”, e que justificavam sua presença na seleção, como já demonstramos em outras situações, ele não se encontrava a salvo de críticas sobre o seu futebol.

Prova disso está no decorrer dos treinamentos, quando a seleção se muda de Poços de Caldas para Araxá. As críticas sobre Pelé, assim como sobre seu colega de ataque, Mazzola, começam a se acentuar. Os dois são criticados por um suposto declínio de seus desempenhos nos coletivos da seleção<sup>168</sup>, o que ameaçava a posição dos dois jogadores, somado ao fato de que dois de seus concorrentes diretos, Vavá, do Vasco, e Dida, do Flamengo, estavam “rendendo otimamente no time de baixo”.<sup>169</sup> Tanto que, terminado os treinamentos nas cidades mineiras, nos dois primeiros jogos preparatórios para a Copa do Mundo contra o Paraguai, Pelé entra apenas no segundo tempo da primeira partida disputada no Maracanã. E mesmo tendo marcado um gol neste jogo, que lhe renderam alguns elogios por parte da imprensa<sup>170 171</sup>, ele não é escalado e não enfrenta os paraguaios no segundo confronto, que aconteceu no Pacaembu. A Gazeta chega ainda a reforçar que esta queda de performance de Pelé nos treinamentos, se devia a uma certa acomodação por parte do jovem jogador, que de alguma maneira já se achava, precipitadamente, titular da seleção<sup>172</sup>.

---

<sup>167</sup> “Novamente, em ação, os cracks brasileiros”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 20 de abril de 1958, p. 8

<sup>168</sup> “Fracassou o trio central”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 27 de abril de 1958, p. 1.

<sup>169</sup> “Vavá e Dida ameaçam Mazzola e Pelé”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 27 de abril de 1958, p. 4.

<sup>170</sup> “Vitória ampla sobre o Paraguai - 5 a 1”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo, 5 de maio de 1958, p. 22.

<sup>171</sup> “Câmera”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 7 de maio de 1958, p. 8.

<sup>172</sup> “Pelé perdeu a posição quando pensou que era titular”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 15 de maio de 1958, p. 5.

É importante ressaltar que esta crítica da Gazeta é um pouco contraditória pois, ironicamente, o mesmo veículo de imprensa, ao mesmo tempo em que critica esta suposta complacência de Pelé, elogia a postura do atleta, que assim que se percebeu ameaçado em sua titularidade por Dida, passou a se dedicar mais intensamente aos treinamentos, visando reconquistar o posto de titular.

Acomodado ou esforçado, fato é que em uma análise feita pela mesma Gazeta Esportiva sobre a possível lista final dos 22 convocados para a Suécia, o nome de Pelé era visto como certo<sup>173</sup>. Este argumento se baseava não no desempenho do jogador em si, mas na lista dos pré-convocados. Uma vez que na meia-esquerda, posição em que Pelé disputava sua presença na Copa do Mundo, havia duas vagas, e como somente ele e Dida, outro meia-esquerda, ainda faziam parte do grupo, suas presenças pareciam asseguradas, restando apenas a disputa pela titularidade. Ao contrário de outras posições onde a disputa tinha muito mais candidatos, como a ponta-esquerda, por exemplo.

Tanto que para parte da imprensa, assim como para parte dos torcedores, além de certa a presença de Pelé na lista final de convocados, sua titularidade era inquestionável. Em uma pesquisa informal feita pela Manchete Esportiva<sup>174</sup>, foi perguntado a locutores e jornalistas esportivos de diferentes veículos, qual deveria ser a seleção titular. Dos 10 profissionais consultados, o nome de Pelé apareceu como titular na lista de 9 deles. Já em um concurso feito semanalmente pela mesma publicação, em que leitores enviavam cartas, escalando o seu “escrete brasileiro de todos os tempos”, o nome de Pelé figurava entre os escolhidos, com 691 votos<sup>175</sup>, algo raro para um jogador tão jovem, segundo comentário da própria revista.

De qualquer maneira, seja por influência da imprensa, seja por pressão popular, seja pela falta de opção para Feola, ou pelo bom desempenho de Pelé nos treinamentos e no período que esteve em campo contra o Paraguai<sup>176</sup>, o jovem jogador voltou a campo nos dois confrontos seguintes contra a Bulgária. Na primeira partida, disputada no Maracanã, Pelé entrou somente no segundo tempo, no lugar de Dida, que havia iniciado como titular, mas foi substituído por contusão no intervalo. No segundo jogo contra os búlgaros, disputado no Pacaembu, Pelé

---

<sup>173</sup> “Duelos que continuarão”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo, 10 de maio de 1958, p. 10.

<sup>174</sup> “Meu escrete favorito”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 10 de maio de 1958, pp. 30-31.

<sup>175</sup> “O escrete brasileiro de todos os tempos”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 10 de maio de 1958, p. 35

<sup>176</sup> Vale lembrar que Pelé entrou na partida somente aos 30 minutos da segunda etapa, mas foi tempo suficiente para ele deixar o seu gol na vitória por 5 a 1 contra o Paraguai.

começou como titular e jogou a partida inteira, tendo inclusive marcado dois dos três gols da vitória brasileira por 3 a 1.

Estes dois gols, aliados a performance de Pelé nos jogos contra a Bulgária, pareciam assegurar sua titularidade na seleção, ao ponto de a *Manchete Esportiva* afirmar que o jogador era “imprescindível ao ataque brasileiro”<sup>177</sup>. Naquela altura a preparação da seleção brasileira, no Brasil, ia chegando ao fim. No dia 19 de maio é anunciada a lista definitiva dos 22 que iriam para a Suécia, com Pelé figurando entre os escolhidos<sup>178</sup>. No entanto, foi realizada uma partida preparatória em São Paulo, no dia 21, que quase custou a presença de Pelé na Copa.

### 3.3. Pelé por um fio

No dia 30 de maio de 1958, Duarte Gralheiro começa sua coluna “Ponta de Lança” no *Jornal dos Sports* da seguinte maneira:

“O meia Pelé está no scratch por um fio. Já no Maracanã, no último treino, aquela joelheira representava uma espécie de sinal delator. Um menino quase (17 anos), Pelé nunca precisou de usar aqueles expedientes. Confiando na sua vitalidade, o dr. Gosling não quis efetuar o corte. Seria a primeira punhalada para a torcida, que vê em Pelé a edição moderna de Leônidas da Silva. Recomendou o uso do “protetor” e não deixou mais o jogador.”

Afinal, o que teria acontecido com Pelé ao ponto de se começar a discutir seu corte da seleção?

Durante a preparação da seleção, além dos amistosos contra Paraguai e Bulgária, foram realizados também jogos-treino contra a equipe principal do Flamengo e a juvenil do Palmeiras. Estes tipos de confrontos geralmente são disputados dentro de um período mais curto, e além de não terem limites de substituições, tem como propósito permitir que a comissão técnica observe e experimente diferentes formações das equipes. Por se tratarem tão somente de treinamentos, geralmente tem um caráter mais leve, diferente de jogos “pra valer”, como os amistosos, onde a disputa, na maioria dos casos, ocorre de maneira mais intensa.

---

<sup>177</sup> “Brasil cresceu no final: 3 x 1”. *Manchete Esportiva*. Rio de Janeiro: 24 de maio de 1958, pp. 25.

<sup>178</sup> “Conhecidos, ontem, os nomes dos jogadores dispensados”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 20 de maio de 1958, p. 8.



O problema é que, como última partida antes do embarque da seleção para a Europa, a CDB marcou um jogo amistoso, mas com um forte espírito “pra valer”, contra outro clube brasileiro, o Corinthians, no Pacaembu. A diferença desta partida para as outras duas disputadas contra clubes, residia na forte campanha que parte da imprensa paulista, personalizada na figura do jornalista Geraldo Bretas, que através do microfone da Rádio Tupi de São Paulo, pedia pela convocação do então ídolo corinthiano, Luizinho, além de críticas violentas contra a preparação da seleção brasileira, e contra alguns jogadores, especialmente Pelé e Mazzola<sup>179</sup>. Esta campanha criou um espírito de vingança na torcida corinthiana, que via neste confronto contra a seleção, a chance do “Pequeno Polegar” mostrar que merecia estar no time nacional que iria para a Suécia.

Fato é que, embora Luizinho possuísse um bom histórico na seleção, tendo inclusive participado da recente conquista da Copa Roca contra Argentina, marcada pela estreia de Pelé na seleção, ele não era bem-visto pela comissão técnica, principalmente por Paulo Machado de Carvalho. Para Carvalho, o ídolo alvinegro era um jogador que só jogava bem quando tinha torcida a favor, ao contrário de jogos em que sua equipe era visitante. Nestas partidas, segundo o dirigente, era comum ele fugir de “divididas” ou jogar de maneira displicente. Esta suposta postura de Luizinho em jogos fora de São Paulo, era extremamente mal-vista pela comissão, e teria sido o motivo, apesar do seu talento inegável, da sua não convocação para a seleção<sup>180</sup>.

Como demonstração do clima que antecedeu esta partida, e a campanha paulista por Luizinho, na coluna humorística “O Time”, publicada diariamente pela Gazeta Esportiva, aparece a seguinte anedota envolvendo o ídolo corinthiano: “Fácil saber quem o Feola está querendo cortar na linha média, basta verificar quem que ele vai colocar pra marcar o Luizinho”<sup>181</sup>. Segundo este texto, era certo que o jogador do Corinthians seria um dos destaques na partida contra a seleção brasileira, “humilhando” seu marcador e, conseqüentemente, demonstraria ser merecedor de uma vaga para a Copa do Mundo.

Mas ao mesmo tempo que alimenta boas expectativas sobre um possível desempenho de Luizinho, a mesma coluna ironiza a escolha do time paulista como

---

<sup>179</sup> CARDOSO, Tom/ ROCKMANN, Roberto. **O Marechal da vitória: uma história de rádio, TV e futebol**. São Paulo: A Girafa Editora, 2005, pp. 156-157.

<sup>180</sup> Ibid, pp. 159-160.

<sup>181</sup> “O Time”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 20 de maio de 1958, p. 2.

adversário da seleção, se comparado com o nível técnico dos adversários anteriores:

“- Bem, depois de enfrentar a seleção do Paraguai, a seleção da Bulgária, vamos para o verdadeiro teste.  
- Contra quem?  
- Contra o misto do Corinthians.”<sup>182</sup>

Esta ironia, assim como as críticas à não-convocação de Luizinho e à seleção, principalmente por parte de Geraldo Bretas, está também relacionada aos desempenhos não convincentes do escrete brasileiro, segundo a Gazeta Esportiva, nos jogos contra o Paraguai e a Bulgária. Mesmo que o time nacional tenha saído invicto destes confrontos com três vitórias e um empate, tenha feito 12 gols e tenha sofrido apenas dois, para o periódico paulista o saldo final destes amistosos foi insatisfatório, gerando mais dúvidas que certezas sobre qual era o verdadeiro estágio da seleção, assim como, sobre quais seriam as reais chances na Copa do Mundo.

A “promessa” de Vicente Feola de que o melhor ainda estava por vir, não parecia assegurada aos olhos da Gazeta, que apesar de elogiar constantemente os jogadores da seleção, sendo Pelé um dos mais citados, assim como a organização da comissão técnica, afirmou que a melhora do “decantado rendimento dos melhores”<sup>183</sup> ainda era invisível. Especificamente sobre o último jogo contra a Bulgária, o jornal ainda chega afirmar severamente que:

“Analisado e focalizado pelos mais variados ângulos, o quadro do Brasil nada mais fez anteontem no Pacaembu, senão provar a torcida de como não se deve jogar futebol. E nem se salvou, com nova e atrapalhada organização, ao ganhar penosamente, no segundo tempo, de um adversário raquítico.”<sup>184</sup>

E ressalva que o “vexame” só não foi maior, devido ao fato de que “Pelé acertou na abertura do segundo tempo um desses “pontapões” que em um ano inteiro não se acertam e Pepe o imitou no lance do terceiro gol.”<sup>185</sup>

Há de se lembrar que a Gazeta Esportiva era o jornal esportivo de maior circulação no estado de São Paulo, tendo grande influência sobre leitores paulistas. Portanto as opiniões do periódico certamente, das duas uma, ou refletiam por um lado as opiniões da torcida paulista sobre a seleção, ou ajudavam a construir uma certa visão, desta mesma torcida, sobre seleção. Estas críticas rígidas da Gazeta ao

<sup>182</sup> Idem, p. 2

<sup>183</sup> “Bom dia”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 20 de maio de 1958, p. 2.

<sup>184</sup> Idem, p. 2

<sup>185</sup> Idem, p. 2.

escrete brasileiro, somadas a “campanha” por Luizinho, ídolo do clube de maior torcida em São Paulo, alimentaram um ambiente hostil para a seleção no jogo contra o Corinthians. O que era para ser um encontro futebolístico de caráter festivo, celebrando a partida do escrete brasileiro para a Copa do Mundo, ganhou cores bem mais pesadas.

No dia que antecedeu a partida, o *Jornal dos Sports* comenta que a expectativa era de um público maior do que o do encontro contra a Bulgária, ocorrido três dias antes. Além disso, também menciona o corte, recém-anunciado, da seleção, de outro jogador do Corinthians, o meio-campista Roberto, que deixou, segundo a publicação, a torcida corinthiana “magoada com o corte de um dos seus grandes ídolos”, e acrescenta outros motivos que, possivelmente, também alimentaram a mágoa dos corinthianos, a ausência de Luizinho no grupo dos convocados e a presença de apenas Gylmar entre os titulares<sup>186</sup>: “Como Luizinho, também está fora, e vai fazer força amanhã, apenas Gylmar representará o plantel do Parque São Jorge na Suécia”<sup>187</sup>.

O clima supostamente hostil no Pacaembu, não é antevisto pela *Gazeta*, o jornal chega a afirmar que

“espera-se que um grande público compareça esta noite no Pacaembu, incentivando e apoiando todos os craques do Brasil para que eles possam deixar o nosso país certos e confiantes de que ficaremos mais uma vez, torcendo pela vitória, que em última análise nos dará o título de campeões do mundo.”<sup>188</sup>

Se observarmos apenas os grandes veículos de mídia impressa esportiva da época, este “cenário de guerra” montado pela torcida do Corinthians para o jogo contra a seleção, e a campanha por Luizinho na Copa do Mundo, são mencionados apenas superficialmente. A exceção à época fica por conta do colunista Zé de São Januário, do *Jornal dos Sports*, que após a partida, elogia a torcida corinthiana por ter de fato torcido pela sua equipe, o que, segundo o jornalista, foi bom, pois a seleção precisava sentir “o peso dos apupos e não dos aplausos”<sup>189</sup>. Apupos que, para Pelé, vieram acompanhados da chuteira do zagueiro corinthiano Ari Clemente.

---

<sup>186</sup> Além do goleiro Gylmar, o Corinthians também teve o lateral-esquerdo Oreco entre os convocados para a Copa de 1958.

<sup>187</sup> “Contra o Corinthians, a despedida do scratch”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 20 de maio de 1958, p. 8

<sup>188</sup> “Adeus a São Paulo”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 21 de maio de 1958, p. 6.

<sup>189</sup> “Uma Pedrinha na Shooteira”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 23 de maio de 1958, p.4.

Boa parte das descrições de como foi este jogo entre Corinthians e Seleção Brasileira, foram relatadas, posteriormente, por biógrafos de atletas<sup>190</sup> e dirigentes<sup>191</sup> que estiveram naquela noite no Pacaembu, pelo próprio Pelé em suas duas autobiografias<sup>192</sup> <sup>193</sup> e por cronistas que cobriram a partida, como o jornalista Mário Filho<sup>194</sup>.

De acordo com estas descrições, ao entrarem no estádio, os jogadores da seleção foram recepcionados por uma chuva de fogos, gritos e vaias dos torcedores corinthianos que exigiam a presença de Luizinho. Preocupado com estas “boas-vindas”, o dirigente Paulo Machado de Carvalho teria pedido a um jogador da seleção, jogador este que, conforme a versão, seria ou o zagueiro Orlando, ou o meio-campo Zito, ou o lateral Nilton Santos, para que na primeira “firula” feita por Luizinho, um “chega pra lá” disciplinador fosse aplicado no jogador do Corinthians. Pedido este rapidamente obedecido logo no início da partida, resultando em uma queda de desempenho do “Pequeno Polegar”, que é atestada pelos jornais da época. Depois deste “corretivo” não só Luizinho, assim como todo o time do Corinthians, tiveram uma atuação bastante discreta, o que contribuiu para a goleada de 5 a 0 da seleção sobre o time do Parque São Jorge.

A “discrção” dos jogadores corinthianos teve apenas uma grande exceção, mas sob uma perspectiva negativa, o zagueiro Ari Clemente. Em uma dividida entre Clemente e Pelé, o defensor do Corinthians, deixou as marcas de sua chuteira na perna direita do jovem jogador santista, que acabou se machucando, e ameaçou sua ida para a Suécia. Entre todos que se referem a esta partida, é comum atribuir esta entrada mais forte do defensor corinthiano em Pelé, como reflexo do clima que foi criado, principalmente por Geraldo Bretas, no período que precedeu o jogo.

Em depoimento concedido a Jorge Vasconcellos, Djalma Santos, lateral-direito da seleção brasileira naquela partida, descreve de maneira bem clara o ambiente no estádio e em campo:

“Antes de sairmos para disputar a Copa, em 58, jogamos contra o Corinthians, e o Ari Clemente deu uma pancada no joelho do Pelé, e o joelho ficou enorme. O Pelé corria o risco de ser cortado da Copa, mas o

<sup>190</sup> CASTRO, Ruy. **Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 140-141.

<sup>191</sup> CARDOSO, Tom/ ROCKMANN, Roberto. Op. cit., pp. 159-160.

<sup>192</sup> NASCIMENTO, Edson Arantes do. **Eu sou Pelé**. São Paulo: Editora Francisco Alves, 1961, pp. 115-117

<sup>193</sup> NASCIMENTO, Edson Arantes do. **Pelé: a autobiografia**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006, p.83.

<sup>194</sup> FILHO, Mário Rodrigues. **Viagem em torno de Pelé**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963, p. 170.

doutor Hilton Gosling, médico da Seleção, foi categórico: ‘O Pelé vai jogar’. Deu o diagnóstico a Paulo Machado de Carvalho e disse: ‘Ele é garoto, dá para recuperar’.

Nesse jogo contra o Corinthians, no qual o Ari Clemente machucou o Pelé, fomos vaiados assim que entramos no Pacaembu. Os torcedores queriam o Luizinho na Seleção. Ele logo que pegou na bola quis fazer firula. O Zito não teve dúvida: deu-lhe uma pancada. Nós ganhamos do Corinthians, fomos para a Suécia e o Pelé foi junto.”<sup>195</sup>

A contusão de Pelé e o seu quase corte da seleção, marcaram muito a sua carreira, tanto que, posteriormente, este episódio foi visto como o início de uma “maldição” contra o Corinthians. Segundo esta “maldição”, Pelé, enfurecido pela entrada de Ari Clemente, assim como pela postura da torcida corinthiana na partida, teria dito que enquanto fosse jogador de futebol, o Corinthians nunca seria campeão. Coincidentemente, o Corinthians só voltaria a ser campeão no dia 13 de outubro de 1977, 12 dias após Pelé, oficialmente, ter encerrado sua carreira de futebol profissional, no jogo de despedida no Cosmos.

Além disso, essa mesma “maldição” teria feito do time do Parque São Jorge, a equipe que mais sofreu gols de Pelé. De acordo com os dados estatísticos que contabilizam os gols marcados pelo jogador, ele marcou 49 gols em um total de 47 jogos disputados contra o Corinthians. E se este jejum de títulos, não fosse ainda o suficiente para maltratar a torcida corinthiana, o alvinegro paulistano passou o período entre novembro de 1957 e março de 1968, sem derrotar o Santos em partidas válidas pelo Campeonato Paulista.

A idolatria que se formou ao redor da figura de Pelé ao longo de sua carreira, chega, em alguns momentos, a atribuir certos poderes “místicos” ao jogador. Como que vinculando suas habilidades futebolísticas a algo sobrenatural ou até mesmo extraterrestre. Esta suposta “praga” lançada pelo ainda jovem jogador contra o Corinthians, e o conseqüente jejum de títulos e vitórias corinthianas, seria, para os admiradores mais exaltados do jogador, mais um sinal inequívoco da extraordinariedade de Pelé.

Exageros de idolatria à parte, o fato é que a entrada de Ari Clemente machucou seriamente Pelé, e obrigou Feola, ao menos nos dois amistosos preparatórios jogados pela seleção, já na Europa, contra as equipes italianas da

---

<sup>195</sup> VASCONCELLOS, Jorge. **Recados da bola: depoimentos de doze mestres do futebol brasileiro**. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 114.

Fiorentina e da Internazionale, assim como no jogo de estreia da Copa contra a Áustria, a escalar Dida na meia-esquerda do escrete.

Sobre a contusão, os jornais da época não pareciam saber ao certo sua verdadeira gravidade, ou ao menos, essa parecia ser a intenção da comissão técnica, manter em relativo sigilo as reais condições físicas de Pelé e evitar assim, que a imprensa fizesse alarde da situação física do jogador. Tanto que, às vésperas do primeiro amistoso na Europa, contra a Fiorentina, o *Jornal dos Sports* cravava como certa a presença de Pelé em campo, iniciando a partida<sup>196</sup>, enquanto a *Gazeta* assegurava que, embora machucado no joelho e na coxa, seu quadro não era grave e ele certamente estaria em campo no primeiro treinamento na Itália<sup>197</sup>.

Outro indício da tentativa, por parte da comissão técnica, de deixar transparecer que tudo transcorria bem com a recuperação de Pelé, é uma entrevista dada por Feola, neste mesmo contexto. O treinador chega a afirmar que estava preparando um “terceiro goleiro” para a seleção<sup>198</sup>. A razão se deve ao fato que em 1958, ao menos em jogos de Copa do Mundo, não eram permitidas substituições ao longo das partidas, e caso o goleiro se machucasse, um jogador de linha obrigatoriamente teria que assumir a posição. Se esta eventualidade ocorresse, a comissão técnica, preparou outros jogadores da seleção para defender o gol, e entre os escolhidos, e aquele que mais se destacava no exercício improvisado da função, era justamente Pelé.

O fato de Feola, afirmar em entrevista, que em caso de necessidade extrema, Pelé ocuparia o gol, demonstra que, ao menos indiretamente, a discussão sobre a saída ou permanência do atleta entre os convocados, não era algo que estava acontecendo entre os membros da comissão técnica. Ou seja, em outras palavras, a fala de Feola transparece que a presença de Pelé na seleção era fato consumado e o seu eventual “corte” era algo totalmente fora de cogitação.

Contudo, segundo o próprio Pelé, em sua autobiografia escrita décadas depois, e ao contrário do que fazia crer a fala de Vicente Feola, sua presença na seleção esteve seriamente ameaçada, mesmo quando a delegação já estava na Europa. De acordo com o ex-atleta, alguns dirigentes murmuravam que ele deveria

---

<sup>196</sup> “Escalado ontem o team do Brasil”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro: 27 de maio de 1958, p. 9.

<sup>197</sup> “Mauro, Pelé e Dida seguiram sob cuidados”. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo: 25 de maio de 1958, p. 18.

<sup>198</sup> “Tenho vinte e dois jogadores em condições iguais”. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo: 25 de maio de 1958, p. 23.

ser mandado de volta para o Brasil, e que outro jogador, Almir, do Vasco da Gama, teria que ser convocado para o seu lugar. Ele ainda afirma que isto somente não ocorreu, por conta de Paulo Machado de Carvalho, que delegou ao médico da seleção, Dr. Hilton Gosling, a decisão de manter ou não Pelé no elenco<sup>199</sup>, baseando-se exclusivamente em critérios fundamentados na medicina.

Este quase corte de Pelé, citado pelo próprio ex-jogador, encontra eco nas páginas dos jornais da época, especialmente no *Jornal dos Sports*, que chega a anunciar, em chamada de capa, a possível convocação de Pagão, do Santos, ou Luizinho, aquele mesmo do Corinthians, para o lugar do jovem jogador<sup>200</sup>. Segundo a notícia anunciada pela chamada, isto aconteceria pois, embora a lesão de Pelé não fosse grave, ela era de “lenta recuperação”<sup>201</sup>, o que colocaria em risco sua participação na Copa do Mundo.

Ainda na mesma edição, o jornal informa que, embora existisse a possibilidade da exclusão de Pelé da seleção, em virtude de sua lesão, não existia nada de concreto que indicasse que isto de fato fosse acontecer, uma vez que a palavra final neste quesito sobre a permanência ou não do jogador, entre os convocados, caberia exclusivamente ao médico da seleção<sup>202</sup>.

Enquanto aguardava a sua recuperação, Pelé participava dos treinos somente como goleiro, ou ficava assistindo a movimentação de seus colegas, sempre acompanhado pelo massagista Mário Américo, ou pelo psicólogo da seleção, João Carvalhaes. Em uma dessas oportunidades, o jornalista Paulo Planet Buarque, da *Gazeta Esportiva*, se aproveitou do tempo livre de Pelé e conseguiu estabelecer uma longa conversa com o jogador. Desta conversa, da qual também participou João Carvalhaes, o jornalista produziu uma reportagem que sintetizou, em boa medida, a maneira como Pelé era retratado até então pela imprensa, além de registrar opiniões do jogador.

Uma das principais críticas que Pelé recebeu em seu início de carreira, foi o de ser chamado de “mascarado”. Buarque busca logo de início desmontar esta imagem:

---

<sup>199</sup> NASCIMENTO, Edson Arantes do. Op.cit., pp. 86 - 87.

<sup>200</sup> “Ernani, Pagão ou Luisinho seriam os novos convocados”. *Jornal dos Sports*. São Paulo: 29 de maio de 1958, p. 1.

<sup>201</sup> “Ernani, Pagão ou Luisinho seriam os novos convocados”. *Jornal dos Sports*. São Paulo: 29 de maio de 1958, p. 9.

<sup>202</sup> “Câmera”. *Jornal dos Sports*. São Paulo: 29 de maio de 1958, p. 8.

“Os que pensam ser Pelé um jogador mascarado enganam-se. O menino — o mais jovem elemento do ‘scratch’ talvez mesmo do campeonato — é de boa índole. Está, é claro, entusiasmado com a sua condição de homem da Taça do Mundo, sequioso por jogar mas não demonstra o menor sintoma desse excesso de confiança tão pernicioso e que tem estragado com tantas e tão promissoras carreiras.”<sup>203</sup>

Em seguida, faz também algo recorrente na imprensa deste período, comparar Pelé com Leônidas:

“Curiosa a semelhança das carreiras entre Leônidas e Pelé. Ambos começaram jogando como meias canhotos, ambos com dezesseis anos estrearam em quadros de primeira divisão, ambos estrearam na seleção brasileira com dezessete anos. Leônidas consagrou-se num campeonato mundial. Pelé poderá ser, da mesma maneira, o grande homem do nosso ataque num certame desse tipo.”<sup>204</sup>

Buarque ainda faz menção a uma das grandes polêmicas da crônica esportiva nesses dias que antecediam o início da Copa do Mundo, a defesa de que Pelé deveria jogar na seleção, não na meia-esquerda, mas como atacante central, o que manteria Dida na equipe. Ou seja, reforça a ideia de Pelé como titular absoluto:

“Não são poucos os que acham seja solução ideal para a nossa vanguarda a manutenção de Dida (jogando muito) e a deslocação de Pelé para o comando, posição para a qual tem, da mesma maneira, grandes atributos. Feola, porém, não pensa por enquanto em deslocações.”<sup>205</sup>

Mais a frente, o jornalista traça ainda um perfil do jogador enfatizando a sua juventude. Nesta mesma descrição ele elogia o caráter de Pelé, seu senso de coletividade e de respeito à hierarquia, afirmando que “Pelé, é um garoto de dezessete anos. Agitado, sempre alegre, bom companheiro, e fácil de ser conduzido. Parece ser de boa índole.”<sup>206</sup>

No decorrer do texto, Buarque reproduz trechos da conversa entre ele, Pelé e Carvalhaes, mostrando um jovem atleta impressionado com sua primeira viagem para a Europa e ansioso por jogar na seleção durante a Copa do Mundo. Além disso, Pelé compartilha suas impressões sobre os futuros adversários no Mundial, assim como sobre as equipes italianas enfrentadas nos amistosos preparatórios.

Mas o que mais chama atenção neste depoimento, ao menos dentro da perspectiva de evolução e transformação da imagem de Pelé neste período, é a

<sup>203</sup> “Não gosto de ficar sem jogar”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 2 de junho de 1958, p. 10.

<sup>204</sup> Idem, p. 10.

<sup>205</sup> Idem, p.10.

<sup>206</sup> Idem, p. 10.



grande autoconfiança que ele demonstrava ter em seu futebol. Quando é perguntado sobre suas expectativas em relação a Copa, ele afirma: “De minha parte estou entusiasmado e darei o máximo. Vão ter que jogar muito para me marcar. Do contrário estarei lá no barbante muitas vezes”.<sup>207</sup>

O teor desta sua última fala, com a qual é encerrada a reportagem, é muito semelhante ao do diálogo, escrito e imaginado por Nelson Rodrigues em sua crônica, quando chama Pelé de rei pela primeira vez. Embora o jovem jogador se apresente, neste depoimento, como uma pessoa humilde, e como apenas mais um jogador a compor o grupo da seleção, assim como o Pelé da crônica de Nelson Rodrigues, o Pelé entrevistado por Buarque mostra traços de uma certa vaidade. Esta característica, até então pouco mencionada sob um viés positivo, da personalidade do jovem jogador, era somente mencionada para acusá-lo de mascarado. Neste período que antecedeu a Copa do Mundo na Suécia, e principalmente após o mesmo torneio, a autoconfiança de Pelé não só é mencionada mais frequentemente nas páginas da crônica esportiva, como também começa a ser tratada de outra maneira, sendo entendida como algo fundamental para o sucesso da seleção brasileira, uma vez que boa parte da imprensa especializada atribuía justamente à falta de confiança dos jogadores em si próprios, como um dos principais motivos responsáveis pelas derrotas brasileiras nas Copas do Mundo de 1950 e 1954<sup>208</sup>. Era o complexo de vira-latas tão debatido por Nelson Rodrigues.

A ressalva que Buarque faz no início de sua reportagem sobre a suposta máscara de Pelé, e a maneira como ele conclui o mesmo texto, com uma afirmação confiante do jogador em si próprio, sinaliza a transformação pela qual a imagem de Pelé vinha passando desde o seu aparecimento, nas páginas dos jornais e revistas de grande circulação. De apenas mais um jovem jogador promissor, visto com desconfiança por alguns, ou com excessivo otimismo por outros, a um jogador que se tornava cada vez mais um titular na seleção brasileira.

Mas apesar da ascensão de Pelé ser cada vez mais evidente, a lesão sofrida por ele no jogo contra o Corinthians era ainda uma ameaça para a consolidação da transformação de sua imagem enquanto jogador, uma vez que poderia impossibilitar o atleta de participar, efetivamente, da Copa do Mundo.

---

<sup>207</sup> Idem, p.10.

<sup>208</sup> “De 1954 a 1958”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 4 de junho de 1958, p. 3.

Sua recuperação, ainda que discretamente, era constantemente noticiada pela imprensa por meio de pequenas notas dentro de textos mais amplos que acompanhavam o cotidiano da seleção na Europa. Em seu “Diário da Seleção”, o enviado da Gazeta Esportiva na Suécia, Thomaz Mazzoni, se restringe a comentar laconicamente a condição física do jogador<sup>209</sup>. Na maioria dos casos, estas mesmas notas, principalmente durante os jogos na Itália, antecipavam o pronto restabelecimento de Pelé para o jogo de estreia no mundial contra a Áustria<sup>210 211</sup>. Enquanto outras, conforme vimos acima, mais pessimistas, especulavam a possibilidade dele ser cortado da seleção por não conseguir se recuperar a tempo.

Hilton Gosling, médico da seleção, dentro de uma previsão bastante otimista, acreditava de fato, ou queria que a imprensa assim pensasse, que Pelé realmente estaria pronto para jogar na partida de estreia contra a Áustria, ou na pior das hipóteses, no jogo seguinte, contra a Inglaterra<sup>212</sup>. Além disso, Gosling, em nenhum momento deu qualquer depoimento insinuando que Pelé poderia ser cortado.

Fato é que Pelé não foi cortado, mas também não estreou na Copa nem contra os austríacos, nem contra os ingleses. Seu debut no Mundial aconteceu somente na terceira partida da seleção, contra a União Soviética, um jogo que para muitos, mudou a história do futebol mundial.

Mudou, pois, como o próprio jogador disse em sua conversa com Paulo Planet Buarque, ele não gostava de ficar sem jogar, e assim que ele pela primeira vez pisou nos gramados suecos, o mundo do futebol também passou a não gostar quando ele não jogava.

---

<sup>209</sup> “Diário da Seleção”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 1 de junho de 1958, p. 18.

<sup>210</sup> “Intensa alegria entre os craques pela vitória alcançada”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 2 de junho de 1958, p. 40.

<sup>211</sup> “Pelé continua melhorando”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 3 de junho de 1958, p. 1.

<sup>212</sup> “Todos bem até a estreia contra a Áustria”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 1 de junho de 1958, p. 18.

#### **4. O PRÍNCIPE DA VITÓRIA**

## 4.1. O perigo vermelho

Após o jogo da seleção brasileira contra a Fiorentina, e antes do amistoso contra a Internazionale, o cronista Mário Júlio Rodrigues, em sua coluna no *Jornal dos Sports*, “O Scratch e Eu”, fez um balanço do desempenho do time brasileiro contra a equipe italiana. No seu texto, ele também refletiu sobre como alguns torcedores reagiram à goleada de 4 a 0 aplicada nos italianos.

Segundo Rodrigues, estes torcedores, eivados por um espírito pessimista, buscavam diminuir a vitória da seleção, sob a alegação de que o então time da Fiorentina, vice-campeão italiano, com sete jogadores titulares da “Azzurra”, e liderado por Julinho Botelho, excelente ponta-direita brasileiro, “não era nada demais”. E dentro desta mesma lógica, já anteviam os piores cenários possíveis para os brasileiros na Copa do Mundo: eliminação ainda na primeira fase e esmagados pela Rússia.

O cronista, pelo contrário, ironiza os pessimistas e assegura que o desempenho da seleção será exatamente o oposto do que pensam estes críticos. Bastante otimista, Rodrigues acreditava no conjunto montado por Feola, mas principalmente na individualidade e nos dribles de Garrincha, Didi, Pelé e Pepe. Pois, segundo ele, “só chegaremos à campeões do mundo, entrando no *goal* com bola e tudo. Bem à brasileira”<sup>213</sup>, insinuando, em tom humorístico, que o time brasileiro “jantaria” seus adversários. Chiste reforçado pela frase final: “- Solta uma Rússia com fritas pra onze!”<sup>214</sup>.

A seleção brasileira estreou na Copa do Mundo contra a Áustria, sem Pelé, que ainda se recuperava da lesão sofrida no jogo contra o Corinthians. Ao contrário do que imaginavam os mais céticos, o time brasileiro não encontrou grandes dificuldades e derrotou a seleção europeia por 3 a 0, com dois gols de Mazzola e um de Nílton Santos.

Na partida seguinte, contra a Inglaterra, apesar do empate em 0 a 0 e da dificuldade do ataque brasileiro em ultrapassar a defesa adversária, a visão geral da imprensa sobre o desempenho foi bastante elogiosa, não alterando o clima otimista que reinava na crônica esportiva, desde a vitória contra os austríacos. Tamanha era

---

<sup>213</sup> “O Scratch e Eu”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 31 de maio de 1958, p. 5.

<sup>214</sup> *Idem*, p. 5.

a animação, que até mesmo o cauteloso chefe da delegação, Paulo Machado de Carvalho, não titubeou em afirmar que “o empate foi para nós uma vitória”<sup>215</sup>.

O Jornal dos Sports afirmou que esta tinha sido a melhor apresentação do *scratch* desde o início da preparação para a Copa e que o resultado foi justo<sup>216</sup>. Opinião não compartilhada por Vavá, atacante brasileiro, em depoimento ao jornal Última Hora: “Não creio que o empate tenha sido um resultado justo. Escore apenas determinado pela trave e pelos milagres de MacDonald. Só assim entendo.”<sup>217</sup>

A satisfação, da maior parte da crônica esportiva, com um empate sem gols, em uma partida em que a seleção dominou amplamente o adversário, pode parecer estranha para um leitor desavisado. Esta reação eufórica, não se deve ao resultado em si, mas sim em relação ao desempenho do time do Brasil em comparação ao desempenho anterior da equipe contra a mesma seleção inglesa, dois anos antes, no Estádio de Wembley, em Londres.

Este confronto no estádio londrino foi o último de uma série de partidas que a seleção brasileira fez pela Europa em 1956. A época, uma das justificativas dada pela CBD, para a realização destes confrontos, era de que eles serviriam como “estudos”, visando a preparação da seleção brasileira. O desempenho da equipe nacional e o planejamento da viagem foram duramente criticados pela imprensa, em duas grandes reportagens publicadas pela revista O Cruzeiro, a mais importante e de maior circulação no país, escritas pelos jornalistas Luiz Carlos Barreto e Davi Nasser. Os textos tiveram como alvos principais, principalmente, os “vexames” contra a Itália e a Inglaterra, partidas em que a seleção sofreu as duas derrotas da turnê, além das performances insatisfatórias, segundo os autores, nos outros jogos da excursão.

Especificamente sobre a partida em Wembley, quando a seleção perdeu por 4 a 2 para o *English Team*, placar que só não foi maior por conta da defesa de dois pênaltis do goleiro brasileiro Gylmar, ela foi interpretada como diagnóstico do real status do futebol brasileiro. Um diagnóstico, por sinal, bastante pessimista:

“Depois da volta do mundo em 40 dias, continuamos a ser os maiores apenas no jogo do bicho. A excursão serviu para os fins almejados. Deixou-nos nus, em matéria de futebol, nuzinhos em pêlo. Tirou-nos a máscara. Somos atualmente uns perna-de-pau internacionais, somos

<sup>215</sup> “O empate foi uma vitória”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 12 de junho de 1958, p.1

<sup>216</sup> “Poucas vezes o 0 a 0 espalhou tanta verdade!”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 12 de junho de 1958, p.9.

<sup>217</sup> “A trave e os milagres de MacDonald salvaram a Inglaterra da derrota!”. **Última Hora**. Rio de Janeiro: 12 de junho de 1958, p. 9.

dolorosamente, futebolisticamente, uns bolivianos. Não temos nada. Nem mesmo nada. Somos uns paráliticos.”<sup>218</sup>

Dentro desta perspectiva negativa, e que ainda fazia eco em boa parte da crônica esportiva, o empate dois anos depois em uma Copa do Mundo, mas com uma boa performance, contra os mesmos ingleses, seria, portanto, para alguns, sinal de uma clara e grande evolução do futebol praticado pelo Brasil, daí o grande entusiasmo que ele causou.

O curioso é que, se pelo lado do Brasil, o empate com a Inglaterra era tratado como uma vitória, o mesmo aconteceu pelo lado dos britânicos. Na coletânea publicada pela Gazeta Esportiva, com as manchetes de alguns dos principais jornais ingleses, sobre a partida contra a seleção brasileira, a sensação geral é de que o resultado foi positivo, ao ponto do Daily Mirror afirmar que “A Inglaterra encheu-se de glória ao empatar com o Brasil”<sup>219</sup>.

Se tanto para os ingleses, quanto para os brasileiros, o empate foi considerado um bom resultado, para o Brasil talvez ele tenha significado um pouco mais. O fato de terem jogado melhor que a Inglaterra, mesmo não vencendo a partida, significou a superação do “trauma” inglês, e a confirmação de que o Brasil tinha chances concretas de vencer a Copa do Mundo. Restava contudo, o confronto contra os soviéticos, onde seria colocada à prova a tese de Mário Júlio Rodrigues, afinal seriam os “russos” este “filé com fritas”?

Filé com fritas ou estrogonofe, o certo é que pairava um grande ar de mistério sobre a seleção e o futebol soviético, pelo menos aos olhos da imprensa brasileira. Em 1957, a equipe do Dínamo de Moscou, base da seleção soviética com cinco jogadores, dentre eles o goleiro Lev Yashin, passou pelo Brasil para a realização de jogos amistosos contra clubes brasileiros. Foi a primeira visita de um time soviético ao país, fato que causou grande curiosidade na torcida e na imprensa da época. Esta turnê, no entanto, serviu, ao menos parcialmente, para desmistificar esta imagem enigmática da União Soviética, e conseqüentemente do seu futebol. Mas apenas parcialmente.

Em longa reportagem sobre a visita da equipe moscovita, a revista “O Cruzeiro” faz menção às histórias fantásticas que eram contadas sobre o futebol soviético, mas que por conta do contato cada vez mais intenso dos times daquele

<sup>218</sup> “Astros e Párias”. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro: 26 de maio de 1956, p. 9.

<sup>219</sup> “Daily Mirror: ‘A Inglaterra encheu-se de glória ao empatar com o Brasil’”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 13 de junho de 1958, p. 1.

país, e de sua seleção nacional, com outras equipes, principalmente europeias, a publicação afirma que “o mistério das histórias quase fantásticas que se contava sobre o futebol soviético está desfeito”<sup>220</sup>. Contudo, no mesmo texto, reforça outra imagem sobre futebol praticado na União Soviética, a ideia de que o esporte praticado naquele país seguia as regras baseadas em suposto rigor científico. Ela enfatiza a adoção de várias novas metodologias científicas na preparação dos jogadores soviéticos, visando torná-los mais rápidos e ágeis<sup>221</sup>.

Tal visão sobre o futebol soviético deve ser compreendida dentro do contexto específico da Guerra Fria. Na disputa ideológica entre Estados Unidos e União Soviética por áreas de influência, traduzida em conflitos indiretos entre as duas superpotências e em uma corrida armamentista, se fazia presente também outra forma de confronto, a chamada “Corrida Espacial”.

Neste embate, os dois países, com o intuito de se demonstrarem superiores tecnologicamente ao seu inimigo, travavam uma corrida pela conquista do espaço. Nesta competição, especificamente no período entre a primeira visita do Dínamo Moscou ao Brasil e a partida da seleção brasileira contra a soviética pela Copa do Mundo na Suécia, os soviéticos lideravam com relativa tranquilidade. Somente naquele segundo semestre de 1957, a União Soviética havia lançado o primeiro satélite artificial a orbitar a Terra, o Sputnik 1, e o primeiro satélite tripulado por um ser vivo, a também orbitar o planeta, o Sputnik 2, “pilotado” pela cadela Laika. Todos estes feitos enquanto o programa espacial dos Estados Unidos mal engatinhava.

Este sucesso inicial dos soviéticos na corrida pelo espaço, contribuiu para a construção de uma imagem da União Soviética como um país onde o desenvolvimento tecnológico e científico era muito superior ao resto do mundo, e que este mesmo desenvolvimento tinha desdobramentos em vários aspectos de sua sociedade, inclusive no futebol. Daí o futebol soviético ser chamado de científico por parte da imprensa esportiva brasileira da época, que via na formação física dos atletas e na configuração tática de suas equipes, reflexos diretos do avanço tecnológico da nação socialista.

Portanto, sob este ponto de vista, quando o futebol brasileiro enfrentava o futebol soviético, seja em confronto de clubes, ou como agora, em um confronto entre as seleções dos dois países, não se tratava apenas de um simples embate

---

<sup>220</sup> “Dinamo: vitrina do futebol russo”. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro: 21 de dezembro de 1957, p. 142.

<sup>221</sup> Idem, p. 142.

futebolístico, mas algo além disso. Era como se a seleção brasileira estivesse enfrentando o próprio avanço científico e tecnológico da União Soviética, agora reproduzido no campo de jogo. Parecia que aos jogadores brasileiros não bastava vencer o goleiro Yashin, parecia ser necessário também vencer o Sputnik e a cadela Laika. Isso sem mencionar que, pelo fato do Brasil estar alinhado ao lado dos Estados Unidos na Guerra Fria, a partida se tratava também, aos olhos de alguns, de um embate entre o capitalismo e o socialismo.

Imagem 6- Charge publicada pelo **O Estado de São Paulo**



Tal espírito é reproduzido em jornais brasileiros nos dias que antecederam a partida entre as seleções soviética e brasileira, até mesmo naqueles periódicos que tratavam o futebol de maneira secundária, como o jornal “O Estado de São Paulo”. O periódico paulista, reconhecido pelo seu ferrenho anticomunismo, publicou uma charge, com o sugestivo título de “Perigo”, em que aparece ao centro um forte e altivo jogador de futebol soviético, e ao seu lado, ajoelhado, está Luiz Carlos Prestes, dirigente do Partido Comunista Brasileiro, implorando: “Cuidado! Se vocês vencem acaba o comunismo no Brasil.”<sup>222</sup> (Imagem 6)

<sup>222</sup> “Perigo”. **O Estado de São Paulo**. São Paulo: 15 de junho de 1958, p. 4.



Dentro da mesma linha, o *Jornal dos Sports*, este um periódico que tinha como foco principal o futebol, também publica uma charge sobre a partida. Nela, vemos um assustado Vicente Feola na “estrada do campeonato”, observando no horizonte uma foice e um martelo reluzentes, símbolos do socialismo. E assim como a charge publicada pelo Estado de São Paulo, a noção de perigo também se faz presente, pois a imagem é intitulada “O Próximo Perigo”<sup>223</sup>. (Imagem 7)

Imagem 7 - Charge publicada pelo *Jornal dos Sports*.



Desde a década de 10 do século XX, a imprensa brasileira era alimentada pela mitologia política do “perigo vermelho”, que se baseava em uma recusa militante ao projeto inspirado na síntese marxista-leninista do bolchevismo, do modelo soviético e de outros pensamentos mais à esquerda<sup>224</sup>. Daí a presença destes dois desenhos, ainda que dentro de uma linha humorística, reforçando a perspectiva de que o jogo da seleção brasileira contra a seleção soviética, transcendia os limites do futebol, tratando-se de um confronto entre o capitalismo e

<sup>223</sup> “O Próximo Perigo”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro: 13 de junho de 1958, p. 1.

<sup>224</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002, pp. 1 -7.

o socialismo, ou mais especificamente, uma luta contra o tal “perigo vermelho” do comunismo.

O próprio presidente da república, Juscelino Kubitschek, teria, em uma conversa com o chefe da delegação brasileira, ressaltado a importância de uma vitória brasileira contra os soviéticos<sup>225</sup>. Segundo o mandatário brasileiro, caso o Brasil vencesse, este triunfo confirmaria a imagem que o seu governo construía do país com o Plano de Metas, a de uma nação em pleno desenvolvimento, buscando se colocar no rol dos grandes do mundo.

Apesar de todo este clima, uma das principais preocupações da crônica esportiva neste momento, dentro do campo restrito do futebol, era o real estado físico de Pelé. A Gazeta Esportiva, na antevéspera da partida, anuncia em sua manchete de capa, que o teste final de Pelé, para determinar se ele seguiria no grupo da seleção e se estaria apto para enfrentar os soviéticos, ocorreria naquele mesmo dia<sup>226</sup>. Segundo a publicação, em depoimento colhido junto ao médico da delegação brasileira, Hilton Gosling, eram grandes as chances de que a “revelação” já pudesse ser aproveitada no jogo decisivo contra a União Soviética. Informação confirmada pelo Jornal dos Sports na edição do mesmo dia, e também com chamada de capa, porém com o acréscimo de que caso Pelé não estivesse recuperado, Dida jogaria em seu lugar<sup>227</sup>.

O fato dos dois principais diários esportivos do país anunciarem em suas capas o teste que decidiria o futuro de Pelé na continuidade da Copa do Mundo, dá a dimensão do status do atleta naquele momento. Mesmo que a Gazeta Esportiva ainda se referisse a ele apenas como “revelação”, a ansiedade por sua recuperação, expressa nos dois periódicos, ainda mais às vésperas de uma partida rodeada por tamanha expectativa, como a do Brasil contra a União Soviética, mostram que esta mesma “revelação” aos poucos se tornava algo um pouco maior do que isso. Ele já era visto por alguns, como uma “arma secreta”<sup>228</sup> para que a seleção brasileira conseguisse derrotar o futebol científico dos soviéticos, ou como pensavam outros, derrotar o “perigo vermelho do comunismo”.

---

<sup>225</sup> CARDOSO, Tom/ ROCKMANN, Roberto. Op. cit., p. 161.

<sup>226</sup> “Pelé - Teste final hoje”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 13 de junho de 1958, p. 1

<sup>227</sup> “Pelé será testado na manhã de sábado”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 13 de junho de 1958, p. 1.

<sup>228</sup> “‘Arma secreta’ contra os soviéticos”. **Última Hora**. Rio de Janeiro: 15 de junho de 1958, p.16.

E por ser considerado uma “arma secreta”, é com um indisfarçável tom de alívio que o *Jornal dos Sports* anuncia, em manchete de capa, na edição do dia anterior à partida, que “Pelé jogará na meia esquerda”<sup>229</sup> contra os soviéticos. Além disso, a publicação informa outras mudanças no time titular: saem Dino, Mazzola e Joel, entram Zito, Vavá e Garrincha.

Estas mudanças são comemoradas por Nelson Rodrigues em sua crônica no “Última Hora”, publicada na antevéspera do confronto, que pergunta: “Imaginem a seguinte linha: - Garrincha, Didi, Mazzola, Pelé e Pepe! Como resistir a um ataque desses?”<sup>230</sup>. Embora tenha errado na escalação que de fato enfrentou os “russos”, pois Vavá e Zagallo jogaram no lugar de Mazzola e Pepe, o entusiasmo de Nelson será justificado nos jogos seguintes da seleção durante o torneio, e até mesmo ao longo dos anos vindouros, especialmente por conta da escalação de Pelé e Garrincha.

Apesar de já terem jogados juntos uma vez, no amistoso contra a Bulgária no Pacaembu, cerca de um mês antes, este confronto contra os soviéticos foi a primeira partida tanto de Pelé, quanto de Garrincha em Copas do Mundo, e que por conta disso será vista como o símbolo, posteriormente, do início de uma parceria e de uma trajetória bastante vitoriosa para o futebol brasileiro. Pelé e Garrincha jogaram juntos pela seleção 40 partidas, e nestas 40 oportunidades em que os dois jogadores atuaram, o time nacional venceu 36 confrontos, empatou quatro e nunca perdeu.

Se o otimismo de Nelson Rodrigues em sua crônica poderá ser visto posteriormente como o prenúncio de uma dupla vitoriosa para o futebol brasileiro, naquele contexto imediatamente anterior à partida contra os “russos”, embora sem os “dons premonitórios” de Nelson, a *Gazeta Esportiva* compartilha os mesmos bons pressentimentos do cronista. A publicação afirma em manchete de capa que “Amanhã jogaremos outra ótima partida”<sup>231</sup>, principalmente por causa de Pelé e Pepe estarem aptos, além do fato que o empate contra a Inglaterra, era visto pelos jogadores como “estímulo para o prélio de domingo”<sup>232</sup> contra a União Soviética.

---

<sup>229</sup> “Pelé jogará na meia esquerda”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro: 14 de junho de 1958, p. 1

<sup>230</sup> “Como vencer a Rússia”. *Última Hora*. Rio de Janeiro: 13 de junho de 1958, p. 15.

<sup>231</sup> “Amanhã jogaremos outra ótima partida”. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo: 14 de junho de 1958, p. 1.

<sup>232</sup> “Encarado o empate com a Inglaterra como estímulo para o prélio de domingo”. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo: 14 de junho de 1958, p. 7

De qualquer maneira é importante ressaltar mais uma vez, que o otimismo reproduzido pela imprensa, em relação a seleção brasileira no “prélio” contra os soviéticos, esteja associado, em grande parte, à presença de Pelé na partida. Seu status enquanto jogador estava se transformando, ele não era mais apenas uma revelação, ou pelo menos, aparentava estar em vias de deixar de ser considerado uma, atingindo um outro patamar na sua carreira.

Reflexo desta transformação é o fato de seu nome voltar a ser ventilado em possíveis negociações, só que agora com valores muito maiores aos dos primeiros meses de sua carreira profissional. Mesmo com a maioria das atenções voltadas para a Copa do Mundo, a Gazeta Esportiva, ainda na véspera do jogo contra os soviéticos, publica uma nota afirmando que o Real Madrid, da Espanha, teria feito uma oferta de Cr\$8 milhões pelo passe de Pelé<sup>233</sup>, o mesmo valor, em cruzeiros, que o Valência, outro clube espanhol, teria oferecido ao Botafogo, por Didi em agosto de 1957. Se lembrarmos que Didi, provavelmente era o principal jogador da seleção brasileira, e que caso ele tivesse sido negociado, o Botafogo pretendia, à época, tentar contratar Pelé para substituí-lo por Cr\$2,5 milhões, fica claro que o prestígio da “notável revelação peixeira” como jogador de fato tinha mudado<sup>234</sup>. Mudado não somente no que diz respeito ao seu papel dentro da seleção brasileira, mas também mudado em aspectos financeiros, demonstrando como o atleta passava a ser percebido dentro de um universo maior do que o da imprensa brasileira, no caso, o universo do futebol europeu.

Se antes seu clube, o Santos, era assediado apenas por clubes brasileiros que buscavam ter para si Pelé, mesmo ainda não tendo estreado na Copa do Mundo, o jovem jogador passava agora a ser cobiçado também por clubes europeus, e por valores semelhantes aos oferecidos a jogadores muito mais consagrados que ele, como Didi. Se Pelé, nas comparações que anteriormente era alvo, era posto à sombra de Didi, ao menos nesta suposta oferta do Real Madrid pelo seu futebol, ele é colocado quase no mesmo nível da estrela do Botafogo.

É importante observar que mesmo nestas especulações envolvendo o nome de Pelé e um suposto interesse do Real Madrid, assim como na também suposta oferta do Valencia por Didi, um ano antes, as ofertas feitas pelos dois jogadores

---

<sup>233</sup> “8 milhões de cruzeiros daria o Real Madrid pelo passe de Pelé”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 14 de junho de 1958, p. 32.

<sup>234</sup> Cf. Capítulo 1 desta dissertação.

negros, é muito menor que o valor pago pelo Milan, da Itália, por outro jogador, porém branco, da seleção brasileira de 1958. Trata-se de Mazzola, então jogador do Palmeiras.

Tabela 1

Valores envolvendo Pelé, Didi e Mazzola				
Jogador	Proposta/Compra	Cotação do US\$ <sup>235</sup> na época	Valor em Cr\$	Valor em US\$ (aproximadamente)
Pelé	Proposta que teria sido feita pelo Botafogo (Agosto de 1957)	Cr\$76,66	Cr\$2,5 milhões	US\$32600,00
	Valor do passe fixado pelo Santos (Abril de 1958)	Cr\$119,50	Cr\$400 mil	US\$3350,00
	Proposta que teria sido feita pelo Real Madrid (Junho de 1958)	Cr\$134,40	Cr\$8 milhões	US\$60 mil
Didi	Proposta feita pelo Valencia (Agosto de 1957)	Cr\$76,66	Cr\$8 milhões	US\$105 mil
	Valor pago pelo Real Madrid (julho de 1959)	Cr\$144,00 <sup>236</sup>	Cr\$11,5 milhões	US\$80 mil
Mazzola	Valor pago pelo Milan (julho de 1958)	Cr\$135,90	Cr\$25 milhões	US\$186 mil

Convertendo os valores em dólares estadunidenses e levando-se em conta as respectivas cotações das épocas em que as ofertas foram feitas (Ver Tabela 1), é possível perceber que enquanto a soma das propostas feitas pelas equipes espanholas pelos dois atletas negros, totalizava US\$165 mil, o Milan pagou um total de US\$186 mil por Mazzola, em uma negociação que se desenrolava desde antes da Copa do Mundo na Suécia<sup>237</sup>.

<sup>235</sup> “Banco do Estado de São Paulo”. **Correio da Manhã**. São Paulo: 31 de janeiro de 1959, p. 8.

<sup>236</sup> “Câmbio e Mercados”. **Correio da Manhã**. São Paulo: 28 de junho de 1959, p. 12.

<sup>237</sup> “Recebeu o Palmeiras seis milhões de sinal pela venda do passe de Mazzola!”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 8 de julho de 1958, p. 5.

Mesmo que se pese o impacto do título mundial na valorização do atacante palmeirense, as conversas envolvendo Milan e Palmeiras foram anteriores ao torneio, e muito provavelmente foram ratificadas antes da final, já que a venda do passe do jogador foi anunciada poucos dias depois do Mundial. Portanto é preciso interpretar de outra maneira as diferenças de valores entre os três atletas.

Ou seja, por mais que Pelé, e o próprio Didi, também fossem vistos como jogadores importantes para a seleção brasileira, a valorização de um jogador branco, e ainda por cima *oriundi*<sup>238</sup>, era muito maior do que a valorização de um jogador negro, de mesmo nível, ou até mesmo superior. No caso específico de Didi, inclusive, ele acabou sendo “desvalorizado”. Enquanto a oferta do Valencia, feita em 1957, foi de US\$105 mil, o preço pago por seu passe, pelo Real Madrid, junto ao Botafogo, foi de US\$80 mil, em 1959<sup>239</sup>.

Didi já era, naquele momento, um jogador consagrado internacionalmente, eleito o melhor jogador da Copa do Mundo na Suécia, no auge de sua forma física e técnica, e mesmo assim, teve seu passe avaliado em US\$100 mil a menos do que o passe de Mazzola. Mazzola, que apesar de ser um jogador talentoso, jovem e bastante promissor, estava longe de ser um titular absoluto na equipe em que Didi era a grande estrela. Ou seja, esta diferença de valores entre Mazzola, Pelé e Didi, evidencia uma outra forma de manifestação do racismo dentro do futebol neste contexto, a de que jogadores negros, por melhor que sejam, valem menos financeiramente do que brancos.

Mesmo que se trate da comparação entre apenas três jogadores, dentro de um universo em que o número de atletas eram bem maior, e se levarmos em conta que se tratam de indivíduos que faziam parte de uma mesma pequena elite do futebol brasileiro, a seleção nacional, e como já dissemos, do mesmo nível, é no mínimo intrigante, para dizer o mínimo. Ou então como explicar que um jogador negro consagrado, titular absoluto, e um outro jogador negro, também jovem e também com um futuro promissor, juntos, valham tão menos que uma jovem revelação branca de 19 anos?

---

<sup>238</sup> *Oriundi* é o termo utilizado pelos clubes italianos para designar atletas não-nascidos na Itália, porém de ascendência italiana, como Mazzola, por exemplo.

<sup>239</sup> “Didi pertence, desde ontem, ao Real”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 24 de julho de 1959, p. 8.

A explicação se dá através da tese exposta por Nelson Rodrigues em sua entrevista com Gentil Cardoso, e comentada no capítulo anterior, que aos negros no futebol brasileiro não basta serem apenas bons jogadores, eles devem ser excepcionais se quiserem alcançar alguma forma de reconhecimento. E mesmo assim, por mais que eles se mostrem excepcionais, nem sempre eles terão seus valores, financeiros ou futebolísticos, justamente reconhecidos.

Mas apesar das diferenças de valores atribuídos a jogadores negros e brancos, e a despeito de tudo isso, Pelé de fato, ao menos no que diz respeito a sua imagem, se transformava, ou um contexto se desenhava para que isso ocorresse, conforme comprova a sua valorização, e esta transformação seria colocada a teste no jogo contra os soviéticos.

No dia da partida, o *Jornal dos Sports* publicou o depoimento do médico da seleção, Dr. Hilton Gosling, afirmando que Pelé só não jogou contra os ingleses pois estava recuperando sua forma física, mas no que diz respeito a lesão sofrida na partida contra o Corinthians, ele já estava totalmente recuperado<sup>240</sup>. Recuperação que por sinal espantou o técnico Vicente Feola: “Pelé está ainda melhor do que eu esperava”<sup>241</sup>.

A estreia de Pelé na Copa do Mundo, segundo o correspondente da *France-Presse*, Buck Canel, em texto publicado pela *Gazeta Esportiva*, era “esperada com curiosidade, entendendo-se que sua presença dará melhor coesão à linha dianteira que, na opinião geral, e na do próprio técnico Vicente Feola, sofre de vários defeitos observados nos dois encontros realizados até agora.”<sup>242</sup>

Se a linha dianteira do Brasil sofria “vários defeitos”, eles desapareceram rapidamente nos minutos iniciais da partida contra os soviéticos. Para ser mais preciso, eles desapareceram nos dois minutos iniciais. Geraldo Romualdo da Silva, cronista presente no estádio, assim descreveu os primeiros instantes da partida:

“O Brasil entrou como um tufão. Apertou os soviéticos contra a meta de Yachin. Vavá fulminou-o com um petardo terrível. O famoso goleiro russo voou e não deteve a bola que foi se esmagar contra o travessão. Didi aparou-a na volta e entregou-a a Garrincha. Fintas em Kassarev e centro rápido e violento, Zagallo emendou e a bola foi chocar-se

<sup>240</sup> “Iashin é um monstro mas nós venceremos!”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro: 15 de junho de 1958, p. 8

<sup>241</sup> “Posso caminhar mas não posso correr!”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro: 15 de junho de 1958, p. 9.

<sup>242</sup> “Brasil - a ‘vedette’ máxima da chave 4”. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo: 15 de junho de 1958, p. 11.

novamente contra o travessão. Os russos aliviaram, mas Zito interceptou um passe para Simonian e levou o Brasil novamente para o ataque. Há silêncio e ninguém respira no estádio. O quadro brasileiro é um verdadeiro rolo compressor. Didi dirige com uma manobra de corpo, serve Vavá, o comandante penetra e fuzila Yachin. Lança-se sensacionalmente o espantinho soviético mas a bola ultrapassou-o como um bólido e estufou as redes. Era o primeiro goal e revoaram aplausos por todo o Estádio.”<sup>243</sup>

Este início fulminante da seleção brasileira ficaria conhecido como os “dois minutos que mudaram o futebol”. Como bem descreveu o cronista no trecho acima, o *scratch* nacional encurralou os soviéticos dentro de seu próprio campo, massacrando a defesa adversária, mandando três bolas na trave e marcando um gol neste curto período de tempo. Passado este ímpeto inicial, os soviéticos equilibraram o jogo, ao menos no primeiro tempo. Na segunda etapa o time brasileiro desequilibra novamente o confronto, muito por conta dos dribles de Garrincha na ponta, os lançamentos de Didi, e as tabelas entre Vavá e Pelé, que envolvem facilmente a defesa soviética, e culminam com o segundo gol do Brasil, novamente pelos pés de Vavá, mas desta vez, fruto de um passe de Pelé.

Se observarmos como a imprensa da época retratou a partida, perceberemos que, embora a seleção brasileira, como um todo, em seu conjunto, tenha sido bastante elogiada, o grande destaque do confronto, de acordo com a mesma crônica esportiva, foi Mané Garrincha, e em um segundo plano, o artilheiro do jogo, Vavá. Embora também elogiado em sua atuação, Pelé não foi tratado como um protagonista, mas tão pouco foi tratado como apenas um jovem jogador de futuro promissor. As análises sobre seu desempenho, versaram muito mais sobre seu entrosamento com Vavá, além de relatarem uma timidez inicial, talvez por conta de ser sua estreia na Copa do Mundo, ou ainda, por estar voltando de uma lesão. De qualquer maneira, este seu receio no começo do confronto, foi rapidamente superado<sup>244</sup>.

A exceção dentro desta linha de análise sobre o jogo entre Brasil e União Soviética é Nelson Rodrigues, em sua coluna publicada no *Última Hora*, no dia seguinte ao jogo. Para ele, assim como para a maioria dos periódicos, o destaque da partida foi sem dúvida Garrincha, mas diferentemente dos demais, para Nelson, não foi só ele, Pelé merecia destaque igual. Inclusive reforça mais uma vez, sua

<sup>243</sup> “Venceu e deu ‘show’ a equipe do Brasil”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 16 de junho de 1958, p. 3.

<sup>244</sup> Idem.



visão de que Pelé, assim como Garrincha, eram peças fundamentais para que o brasileiro superasse seu complexo de vira-latas, ao afirmar que:

“o brasileiro é um sujeito que, de fraldas, antes mesmo da primeira chupeta, já precisa deitar-se num divã de psicanalista e abrir as suas inexauríveis torneiras interiores. Mas Garrincha e Pelé, não. São, a meu ver, as duas maiores e mais completas sanidades mentais do Brasil. Podem crer que, face à Rússia, eles não acreditaram nem no Czar, nem no Kruschev, nem no ‘sputnik’. No primeiro minuto da partida, Garrincha saiu driblando até as barbas de Rasputin. Pelé idem: olhava o adversário de alto a baixo.”<sup>245</sup>

Mas se para a imprensa brasileira, em linhas gerais, a partida contra a União Soviética não representava uma grande transformação na imagem de Pelé, o mesmo não se pode dizer sobre a crônica estrangeira. O *Última Hora*, na mesma página que publicou a crônica de Nelson Rodrigues, reproduziu as opiniões da imprensa internacional sobre a partida, atribuindo papel decisivo a Garrincha no confronto, mas no entanto, com a ressalva, que “Pelé, foi igualmente constante em suas jogadas, mas outro jogador se colocou em especial evidência: Didi. Foi ele, de certo modo, o arquiteto da vitória brasileira.”<sup>246</sup>

Opinião sobre Didi que é corroborada alguns dias mais tarde pela *Manchete Esportiva*, na véspera da final contra a Suécia. Se a imprensa internacional, apesar dos elogios a Pelé, considerou Didi o “arquiteto da vitória brasileira”, o periódico brasileiro reforça o protagonismo do atleta que foi eleito o melhor jogador das oitavas de final<sup>247</sup>, em um jogo que classifica como a “revolução verde-amarela no campo vermelho”<sup>248</sup>, em virtude do desempenho coletivo da equipe na partida, mas sobretudo pelo desempenho individual de Didi.

Ou seja, mesmo que em sua estreia Pelé tenha sido bastante elogiado, não é possível afirmar, ao observar os periódicos da época, que a partida contra a União Soviética tenha sido o momento em que o jogador pela primeira vez foi alçado à condição de grande protagonista na seleção brasileira. Este status, conforme tentamos demonstrar ao longo de nossa pesquisa, é alcançado dentro de um processo de lenta transformação. Mesmo porque, este posto de destaque da equipe

<sup>245</sup> “O Brasileiro é o maior”. *Última Hora*. Rio de Janeiro: 16 de junho de 1958, p. 15.

<sup>246</sup> “Garrincha, o Indomável; Didi, arquiteto da grande vitória”. *Última hora*. Rio de Janeiro: 16 de junho de 1958, p. 15.

<sup>247</sup> “Queria ser o pior jogador, mas com a faixa de campeão do mundo”. *Manchete Esportiva*. Rio de Janeiro, 28 de junho de 1958, p. 54.

<sup>248</sup> “Vavá deixou a Rússia vermelha”. *Manchete Esportiva*. Rio de Janeiro; 28 de junho de 1958, p. 50.

ao longo da maior parte da Copa do Mundo de 1958, caberá na maioria das vezes a Didi.

A grande mudança que ocorre em sua imagem, a partir do confronto contra os soviéticos, e da partida seguinte, contra os galeses, é o fato dele deixar de ser desconhecido pela imprensa internacional, e passar a ser visto como uma das figuras mais importantes da seleção brasileira naquele contexto, gozando de prestígio semelhante ao de outros jogadores da equipe. Pelo menos esta é a opinião do próprio atleta, de acordo com sua primeira biografia, publicada em 1961, quando ele afirma que:

"Antes da minha estreia contra a Rússia, somente os brasileiros me conheciam e vinham falar comigo, me entrevistar, saber como andava meu joelho. Depois daquele jogo, e principalmente depois do jogo contra o País de Gales, a coisa mudou. Fiquei conhecido como que por encanto e, então, passei a ser assediado como os 'cobrões' do time, Didi, Gilmar, Nilton Santos, Belini e todos os demais"<sup>249</sup>.

Se contra a União Soviética, ou contra Gales, ou se ainda nas partidas posteriores do torneio, é possível perceber, efetivamente, uma transformação da imagem de Pelé ao longo de sua participação na Copa do Mundo na Suécia. E dentro desta metamorfose, o confronto contra os galeses será, sem sombra de dúvidas, o seu primeiro grande momento de destaque individual no torneio. Sua atuação nesta partida foi decisiva para que a seleção brasileira avançasse para a próxima fase, e também para que seu status atingisse um patamar ainda mais elevado.

## 4.2. O máximo de nossas justas aspirações

No dia da partida entre Brasil e o País de Gales, válida pelas quartas-de-final da Copa do Mundo, a Gazeta Esportiva publicou uma entrevista com Vicente Feola na capa de sua edição. Na conversa com o periódico, o treinador da seleção brasileira deu a seguinte resposta, quando perguntado sobre suas expectativas para o confronto contra a equipe britânica: "É uma autêntica incógnita. Mas uma incógnita

---

<sup>249</sup> NASCIMENTO, Edson Arantes do. *Eu sou Pelé*. São Paulo: Editora Francisco Alves, 1961, pp. 135 -136.

que procuraremos resolver no campo, onde faremos o máximo para manter nossas justas aspirações”, e ainda acrescentou,

"O favoritismo que nos atribuem não nos envaidece a ponto de esquecermos que todos os adversários são difíceis. Somente no gramado, e na hora do jogo, é que nossos jogadores poderão demonstrar se são favoritos ou não. Mesmo porque, antes do resultado final, o favoritismo é uma temeridade."<sup>250</sup>

Apesar do suposto desconhecimento que Feola alegou ter sobre a seleção galesa, é difícil acreditar que ele fosse realmente verdadeiro. A comissão técnica da seleção brasileira, desde a elaboração do Plano Paulo Machado de Carvalho, enviou “olheiros” para a Europa, com objetivo de traçar um perfil dos possíveis adversários da equipe nacional durante o torneio na Suécia, entre eles, Gales, além de continuar observando estas mesmas equipes durante o desenrolar<sup>251</sup> do mundial<sup>252</sup>. Portanto, o fato do técnico brasileiro se referir a seleção galesa como uma incógnita, talvez fosse muito mais uma estratégia, onde Feola tentava esconder o que de fato sabia sobre os britânicos, e assim, de alguma forma surpreender os adversários.

Muito embora Feola também tentasse diminuir o favoritismo da seleção brasileira no confronto, era muito difícil, pelo menos aos olhos da imprensa, negá-lo. Terminada a primeira fase do torneio, boa parte da crônica esportiva, tanto a brasileira<sup>253</sup>, quanto a europeia<sup>254</sup>, passaram a considerar o Brasil, não apenas o favorito no confronto contra Gales, mas também o favorito para levar a taça.

A tentativa de diminuir a questão do favoritismo brasileiro, talvez esteja muito mais ligada à uma certa etiqueta esportiva por parte do treinador, evitando assim alimentar um clima de “já ganhou”, além de demonstrar respeito pelo adversário.

Mas apesar da modéstia e do respeito de Feola, era óbvio que o Brasil era sim o favorito no confronto. Principalmente se compararmos a trajetória das duas equipes até aquela partida. Enquanto os brasileiros haviam se classificado para o mundial após somente enfrentarem o Peru em duas partidas, uma em Lima e outra

---

<sup>250</sup> “Vamos dar o máximo para manter nossas aspirações”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 19 de junho de 1958, p. 1.

<sup>251</sup> “Olheiros da CBD no jogo de País de Gales e Hungria”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 18 de junho de 1958, p. 4.

<sup>252</sup> “D. Santos contra o País de Gales”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 18 de junho de 1958, p. 8.

<sup>253</sup> “Observações à margem do Campeonato do Mundo”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 18 de junho de 1958, p. 6.

<sup>254</sup> “Brasil: Favorito para cada 85 pessoas em 100”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 17 de junho de 1958, p. 6.

no Rio de Janeiro, o caminho dos galeses para chegarem à Suécia tinha sido bem mais complicado, além de ter contado com a ajuda da sorte, como ironicamente relatou a revista *O Cruzeiro*: “O País de Gales chegara à Suécia pela entrada de serviço.”<sup>255</sup>

Nas Copas do Mundo anteriores, algumas das seleções que as disputaram, chegaram ao torneio sem sequer terem jogado uma partida de eliminatórias. Isto aconteceu pelo fato de que, em muitas ocasiões, os adversários simplesmente desistiram de participar. Para evitar este tipo de situação, a FIFA instituiu a regra, a partir do Mundial de 1958, que todas as seleções participantes da competição deveriam disputar ao menos uma partida eliminatória.

A seleção de Israel, foi a “campeã” das eliminatórias envolvendo as equipes dos continentes da África e da Ásia, mas como ela havia alcançado este “título” sem disputar uma partida sequer, por conta de uma série de desistências dos seus adversários, a FIFA determinou a realização de um sorteio entre as seleções europeias que haviam terminado em segundo lugar em seus grupos nas eliminatórias, em que a equipe sorteada enfrentaria a seleção israelense.

Sorteio o qual, a seleção de Gales estava credenciada para participar, pois, inicialmente, a equipe não havia se classificado para a Copa, pois terminara em segundo lugar no Grupo 4 das eliminatórias europeias, atrás da Tchecoslováquia.

Mas para determinar qual seria a seleção que enfrentaria Israel, foram necessários dois sorteios. No primeiro, a equipe contemplada foi a Bélgica, que também desistiu da disputa, forçando a realização de um novo sorteio. Na segunda extração, a sorte sorriu para o País de Gales, que acabou enfrentando e derrotando Israel em um confronto de duas partidas e assim se classificou para a Copa do Mundo na Suécia.

Tamanho foi a conjunção de fatores que permitiu a presença de Gales no torneio, que ao traçar uma retrospectiva da seleção britânica, o *Jornal Dos Sports*, definiu a classificação galesa para o Mundial, como fruto de uma “intervenção dos deuses” e um “milagre”<sup>256</sup>.

Se por ação divina ou não, fato é que as campanhas do Brasil e do País de Gales na competição também eram bem distintas, e de certa forma refletiam as

---

<sup>255</sup> “Os galeses jogaram um futebol duro à moda europeia”. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro: 28 de junho de 1958, p. 126.

<sup>256</sup> “País de Gales classificado por intervenção dos deuses”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro: 19 de junho de 1958, p.8.

trajetórias díspares das duas equipes. Enquanto a seleção brasileira havia sido a primeira colocada de seu grupo, considerado pela crônica esportiva como o mais difícil do torneio, com duas vitórias, um empate e sem sofrer um único gol, os galeses faziam uma campanha bem menos brilhante. Eles haviam empatado suas três partidas na fase de grupos, e por isso foram obrigados a disputar uma partida de desempate contra a Hungria, para definir o segundo colocado de seu grupo.

Todo este contexto fazia do Brasil, terminada a primeira fase do torneio, conforme já dissemos, ser visto como um dos principais favoritos ao título, enquanto por outro lado, a vitória de Gales sobre a Hungria, e a sua consequente classificação para as quartas-de-final, causava grande espanto na imprensa<sup>257</sup>. A partida era vista como um encontro de opostos.

Oposição que se ressaltava também no estilo do futebol praticado pelas duas equipes. Enquanto a seleção brasileira, era considerada uma equipe equilibrada, com um ataque envolvente e uma defesa, até aquele momento, intransponível, a seleção galesa era toda fundamentada na defesa, aguardando que a equipe adversária lhe permitisse algum contra-ataque ao longo da partida. Tanto que, aos olhos da crítica especializada da época, os melhores jogadores de Gales eram justamente aqueles responsáveis pelo funcionamento desta estratégia, o goleiro Jack Kelsey, e o atacante John Charles<sup>258</sup>.

Estratégia esta que foi decisiva na segunda partida contra os húngaros, que mesmo amplamente superiores aos galeses no ataque, foram derrotados em dois dos raros contra-ataques da equipe britânica<sup>259</sup>, e assim se despediram prematuramente da Copa.

Mas apesar da surpresa contra a Hungria, segundo Leônidas da Silva, nos comentários durante a transmissão da partida desempate entre galeses e húngaros, pela Rádio Continental, a equipe de Gales era muito fraca<sup>260</sup>, e o Brasil não teria maiores dificuldades em superá-los, pois segundo ele, a seleção brasileira de 1958 era “tão boa, ou melhor do que aquela de 1938, da qual participei. Leva a vantagem

---

<sup>257</sup> “Causa a classificação do País de Gales”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 18 de junho de 1958, p. 7.

<sup>258</sup> “Tática secreta para desbaratar o Brasil”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 19 de junho de 1958, p. 8.

<sup>259</sup> “Os jogadores do País de Gales voltaram cantando”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 18 de junho de 1958, p. 8.

<sup>260</sup> “Câmera”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 18 de junho de 1958, p. 8.

de ser (uma) equipe mais jovem e melhor preparada técnica, física e moralmente”<sup>261</sup>.

Entretanto, se Leônidas demonstrava grande entusiasmo, o mesmo não pode ser dito sobre Vavá, autor dos dois gols brasileiros na vitória contra a União Soviética. Para o atacante, ainda “era muito cedo para festejarmos”<sup>262</sup>. Este sentimento era compartilhado por outros colegas de equipe, como Zagallo, que anteviam, apesar do favoritismo brasileiro, uma partida muito difícil contra Gales. E os que pensavam assim, estavam corretos.

Como já era esperado os galeses entraram em campo, como definiu o *Jornal dos Sports*, “jogando na defesa, com entusiasmo e desespero”<sup>263</sup>. Segundo o mesmo periódico,

“o País de Gales fez uma verdadeira cortina defensiva, tentando desesperadamente resistir ao Brasil. Essa tática e a figura exponencial do arqueiro dos ‘gunners’,<sup>264</sup> Kelsey, fixou o marcador em um a zero. Foi uma vitória difícil em um jogo fácil.”<sup>265</sup>

A seleção brasileira dominou amplamente as ações da partida, chegando a chutar ao gol, somente no segundo tempo, 25 vezes. Mas apesar do domínio ofensivo por parte dos brasileiros, a vitória só foi alcançada graças a uma jogada individual de Pelé, que marcou o único gol da partida.

Devido ao contexto específico da partida, este gol de Pelé, tanto pela plasticidade do lance, quanto pelo desempenho “desesperado” da defesa galesa, que dificultava enormemente as tentativas do ataque brasileiro, será um marco na carreira do atleta. O passe de cabeça de Didi, o belo “chapéu” aplicado por Pelé no defensor de Gales, o drible, apenas girando o corpo, e a definição rápida, de “bico”, antes da chegada de outro zagueiro adversário, no canto direito de Kelsey, farão com que o jovem jogador deixe de ser visto tão somente como apenas um jovem jogador em ascensão, e passe a gozar, definitivamente, de um status semelhante a de outros grandes atletas da seleção.

<sup>261</sup> “Leônidas entusiasmado”. *Última Hora*. Rio de Janeiro: 18 de junho de 1958, p. 15.

<sup>262</sup> “É cedo pra festa, o pior virá agora”. *Última Hora*. Rio de Janeiro: 18 de junho de 1958, p. 15.

<sup>263</sup> “Foi um grande triunfo”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro: 20 de junho de 1958, p. 1.

<sup>264</sup> Gunners é o epíteto da equipe do Arsenal Football Club, de Londres, Inglaterra, time então defendido pelo goleiro galês, Jack Kelsey.

<sup>265</sup> “Kelsey foi o herói solitário de Gales”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro: 20 de junho de 1958, p. 8.

No dia seguinte à partida, praticamente todos os grandes periódicos esportivos brasileiros, ou até mesmo aqueles que não tinham seu foco central no futebol, destacaram em suas manchetes de capa a atuação e o gol de Pelé. Gol que por sinal, foi seu primeiro em uma Copa do Mundo.

A Gazeta Esportiva, publicou, em um tom misto de alívio e euforia: “Irresistível o Brasil! Ganhamos minha gente!”, com o seguinte comentário “martelando sem cessar o último reduto do País de Gales, conseguimos aos 26 minutos um gol sensacional de Pelé”<sup>266</sup>. Já o Jornal dos Sports enfatizou o feito decisivo de Pelé: “Brasil 1 X 0: De Pelé o tento da grande vitória!”<sup>267</sup>. O mesmo fez o Última Hora, que além de destacar o gol de Pelé, feito dentro de um contexto complicado para a seleção, chamou o jovem atleta de herói: “Gol custou mas veio, e Pelé foi o herói: 1 X 0”<sup>268</sup>.

Enquanto isso, a Manchete Esportiva, por se tratar de um periódico semanal, normalmente publicado aos sábados, só faz referência a partida contra Gales, na edição do dia 28 de junho, nove dias depois que ela aconteceu. Mas o “atraso” da revista só ocorreu muito mais por questões de logística de impressão, do que por uma eventual falta de interesse. Prova disso é o grande destaque que a publicação deu à partida e a Pelé. Tanto que a revista trouxe uma foto, tomando toda a sua capa, de um close do rosto de Pelé, sob a legenda “Brasil 1 X 0: rendeu-se Gales aos príncipes do futebol”<sup>269</sup> (Imagem 8).

---

<sup>266</sup> “Ganhamos minha gente!”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 20 de junho de 1958, p. 1.

<sup>267</sup> “Brasil 1 X 0”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 20 de junho de 1958, p. 1.

<sup>268</sup> “Gol custou mas veio”. **Última Hora**. Rio de Janeiro: 20 de junho de 1958, p. 1.

<sup>269</sup> “Brasil 1 X 0”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 28 de junho de 1958, p. 1.

Imagem 8 - Capa da **Manchete Esportiva**<sup>270</sup>

Contudo, ainda na mesma edição, em uma análise mais detalhada da partida, o semanário traz breves comentários, escritos pelo correspondente Ney Bianchi, sobre os desempenhos de alguns jogadores de ambas as equipes, entre eles Pelé, que apesar de ter feito o gol decisivo do embate, não fica a salvo das críticas. Bianchi, que também critica os desempenhos de Garrincha e Mazzola, mas elege Didi como o melhor atleta em campo, assim resumiu a performance de Pelé: “escorregando muito, mas com o mérito do gol”<sup>271</sup>.

Mas como diria o poeta Augusto dos Anjos, “a mão que afaga é a mesma que apedreja”. Pois o mesmo jornalista, se por um lado critica Pelé por escorregar em demasia, algumas páginas mais à frente, ainda na mesma edição da *Manchete Esportiva*, reproduz outro olhar sobre a partida, desta vez em tom bem mais eufórico. No caso, ele transcreve as opiniões dos técnicos do Brasil e de Gales, sobre confronto, além de trazer uma rápida descrição do gol, segundo o próprio Pelé.

<sup>270</sup> “Brasil 1 X 0”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 28 de junho de 1958, p.1

<sup>271</sup> “Agora contra a França”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 28 de junho de 1958, p. 25.



No caso de Feola, ele valoriza a vitória sobre Gales, muito por conta da qualidade do adversário, especialmente o goleiro Jack Kelsey, que segundo ele, é um verdadeiro mestre. Pelé, se refere ao seu gol, mas de uma maneira diferente a que ele fará em suas duas biografias escritas posteriormente. Tanto na escrita em 1961, “Eu Sou Pelé”<sup>272</sup>, quanto no texto de 2006, “Pelé: a autobiografia”<sup>273</sup>, o jogador se refere a partida contra Gales como a mais difícil e a mais importante de sua carreira, no entanto, no depoimento dado a *Manchete Esportiva*, no calor do pós-jogo, ele descreve seu gol com a típica arrogância de um adolescente: “Kelsey deu sopa uma vez, fiz o gol”<sup>274</sup>. Já o depoimento do treinador galês, Jimmy Murphy, parece dar razão à soberba juvenil de Pelé, pois ele afirma: “Para mim, Pelé é o maior jogador brasileiro, não só por ter feito o gol, mas também pela rapidez e astúcia.”<sup>275</sup> Este papel decisivo de Pelé na partida contra Gales continuará a ser exaltado mesmo após o fim da Copa, quando a mesma *Manchete Esportiva*, o chamará de o “Príncipe da Vitória”<sup>276</sup>.

Ao observarmos as análises feitas pela imprensa, durante a Copa do Mundo de 1958, embora Pelé fosse bastante elogiado, ele não era, salvo algumas exceções, considerado o melhor jogador ou a estrela da seleção brasileira, este posto era dado de maneira muito mais frequente para Didi. O depoimento de Murphy pode ser considerado como uma das primeiras ocasiões que Pelé é apontado como o melhor jogador da seleção, algo que em breve se tornaria bem mais recorrente.

Se para um certo senso comum gestado ao longo das décadas posteriores à Copa na Suécia, Pelé é considerado, não apenas o melhor jogador brasileiro durante o torneio, mas também o melhor jogador da história do futebol brasileiro, ou até mesmo o melhor jogador da história do futebol como um todo. Naquele longínquo ano de 1958 isto poderia ser visto como um exagero, ou ainda uma visão extremamente prematura, pois como estamos afirmando ao longo de nossa pesquisa, a figura de Pelé tal qual conhecemos hoje é resultado de uma longa transformação que vem acontecendo desde do início de sua carreira profissional no futebol, e cujo processo de metamorfose continua até os dias atuais.

---

<sup>272</sup> NASCIMENTO, Edson Arantes do. *Eu sou Pelé*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1961, p. 135.

<sup>273</sup> Idem. *Pelé: a autobiografia*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2006, p. 95.

<sup>274</sup> “Kelsey deu sopa uma vez, fiz o gol”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 28 de junho de 1958, p. 33.

<sup>275</sup> Op. cit, p.33.

<sup>276</sup> “Pelé, o príncipe da vitória: 1x0”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 5 de julho de 1958, p. 46.

De qualquer maneira, é possível dizer que o técnico galês, Jimmy Murphy, talvez tenha sido um dos primeiros a acreditar que Pelé era, ao menos, o melhor jogador brasileiro. Mas ele certamente não era o único. Como já tratamos anteriormente no Capítulo 2, um dos primeiros cronistas, se não o primeiro, a tratar Pelé pelo apelido de “Rei”, foi Nelson Rodrigues, que via no jovem jogador não apenas um excelente atleta de futebol, mas também alguém que por conta de seu talento e de sua suposta imodéstia, a figura através da qual os brasileiros superaríamos o “complexo de vira-latas”, e além disso, alguém que também seria fundamental na luta contra o racismo.

Todos estes componentes aparecem mais uma vez quando, em virtude do gol de Pelé contra o País de Gales, na mesma edição da *Manchete Esportiva*, o jogador é novamente o “Personagem da Semana” na crônica de Nelson Rodrigues. Muito embora o gol marcado por Pelé seja bastante louvado pelo cronista, ele também faz referência, assim como Ney Bianchi, a um suposto desempenho ruim do atleta na partida. Mas aborda a questão de uma maneira diferente. Para Nelson, pouco importa se Pelé jogou bem ou mal contra os galeses, o que importa é que ele fez o gol: “Poderão objetar que Pelé jogou mal. Quem faz, numa quarta-de-final, o gol da vitória, não jogou mal coisíssima nenhuma” e acrescenta;

“Mas admitamos que Pelé tenha jogado pedrinhas. Fez o gol. Amigos, nada descreve o uivo, o urro que soltamos, aqui, quando o *speaker* atirou o seu berro bestial: Gol! (...) E veio Pelé e fez o milagre. Podia ter enchido o pé. Mas foi genialmente sóbrio. Apenas colocou. E o arqueiro do País de Gales, que estava apanhando tudo, até pensamento, foi miseravelmente enganado. E ficou falando sozinho.”<sup>277</sup>

Nelson ainda faz referência ao ex-jogador Leônidas da Silva, que comentava os jogos da seleção brasileira durante a Copa do Mundo, nas transmissões da Rede Brasileira dos Esportes. Segundo o cronista, o “Diamante Negro”, vivia “a negar os méritos do escrete”<sup>278</sup> e por isso criticava insistentemente os melhores jogadores da seleção, além de elogiar apenas os adversários do Brasil. Esta postura do ex-atleta, de acordo com Nelson Rodrigues, era solitária, contrária ao que a maioria dos torcedores e da crônica esportiva, de fato pensava sobre a seleção. Portanto, dentro desta lógica, para Nelson, qualquer crítica negativa de Leônidas ao escrete deveria

<sup>277</sup> “Meu Personagem da Semana”. *Manchete Esportiva*. Rio de Janeiro, 28 de junho de 1958, p. 8.

<sup>278</sup> Op. cit. p.8.

ser vista, na verdade, como um sinal de que tudo caminhava bem para a equipe comandada por Feola.

Mas vale mencionar que durante o período preparatório da seleção e após a primeira partida, contra a Áustria, Leônidas criticou a convocação e a titularidade de Dida, meia do Flamengo, o qual disputava a posição justamente com Pelé. Leônidas defendeu a titularidade de Pelé desde antes do início da Copa. Contudo, Nelson se revoltou com as críticas do Diamante Negro ao meia flamenguista, e por conta disso, passou a atacá-lo em seus textos, afirmando que o ex-jogador era invejoso e torcia contra a seleção, criticando excessivamente a equipe<sup>279</sup>. Ataques estes, que o cronista continuará a praticar mesmo depois da Copa do Mundo encerrada<sup>280</sup>.

Contudo, não é possível ter certeza que Leônidas fosse tão crítico assim da equipe nacional, já que são bastante frequentes, opiniões do ex-atleta, colhidas pela mídia impressa da época, em que o tom de seus comentários é absolutamente outro. Enquanto Nelson Rodrigues chega a afirmar que Leônidas pediu que Pelé, após o jogo contra Gales, fosse retirado do time titular, ou que ainda teria chamado Pelé de “perna-de-pau”, o que é comum de se ver na verdade, são elogios entusiasmados de Leônidas à equipe, como o que ele fez, e que já mencionamos acima, na véspera da partida contra os galeses.

Por conta disso, é difícil acreditar que o ex-atleta tenha mudado de opinião tão radicalmente e em tão pouco tempo, ainda mais depois da vitória emblemática obtida contra Gales, nos fazendo crer que a virulência dos comentários de Rodrigues contra Leônidas, se deva muito mais a um recurso retórico por parte do cronista. Recurso baseado na necessidade de ter uma oposição, que aos seus olhos, personificasse o complexo de vira-latas ou o pessimismo daqueles que eventualmente criticassem a seleção, e o escolhido para ser este “opositor” foi Leônidas.

Talvez a escolha de Nelson por Leônidas como seu “opositor favorito”, se deve justamente ao fato de que o ex-jogador atuava como comentarista, in loco, dos jogos da seleção na Copa. E nesta função, é claro que, eventualmente, ele tecia alguma crítica mais severa sobre o time comandado por Feola. Algo imperdoável aos olhos do ufanismo futebolístico de Nelson Rodrigues em suas crônicas.

---

<sup>279</sup> RIBEIRO, André. *O diamante eterno: biografia de Leônidas da Silva*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999, p. 248.

<sup>280</sup> “Meu Personagem da Semana”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 30 de agosto de 1958, p. 9.

Mas nem só de fazer de Leônidas seu bode expiatório, versava a crônica de Nelson Rodrigues sobre a partida entre Gales e Brasil. Na verdade, o foco maior do texto falava sobre o papel decisivo de Pelé no confronto. E ao escrever sobre o gol, além de descrever o impacto que o mesmo teve sobre a torcida brasileira, ele ressaltou a juventude de Pelé, algo comum nas análises do jogador até então, e enfatiza fato dele ser negro, mas dentro de uma perspectiva apologética de sua negritude, comparando-o, mais uma vez, ao outro grande jogador negro da equipe, Didi:

“E pergunto: como esquecer que foi Pelé, um garoto de cor, dos seus 17 anos, quem nos arrancou, ontem, de nossa agonia e nossa morte? ‘Garoto de cor’, disse eu. Mas um tipo racionalmente nobre, como Didi, por exemplo. Pelé em ação, dentro de campo, tem, na sua corrida, a cadência de certos cavalos de charrete, com perdão da imagem. Como Didi, daria um belo príncipe de rancho. E o bonito é que esse menino não se abafa, nem se entrega. Possui a sanidade mental de um Garrincha. Ao contrário do brasileiro em geral, suscetível de se apavorar face os títulos do inimigo, ele não acredita em nada.”<sup>281</sup>

Se nos distanciamos um pouco do contexto em que esta crônica foi escrita, fica claro que alguns dos termos utilizados por Nelson Rodrigues para se referir ao fato de Pelé e Didi serem negros, sejam considerados, acertadamente, como racistas. Porém se faz necessária a ressalva que, apesar das expressões empregadas pelo cronista terem na primeira metade do século XXI uma carga pejorativa, na década de 50 do século XX, o fato de um jornalista com a visibilidade de Nelson, dar tanto destaque positivo à duas personalidades negras, e sobretudo enfatizando que elas são negras, e que este traço definidor desses mesmos dois personagens é algo que deve ser louvado, faz com que sua atitude, na época em que foi escrita, seja vista como um forte posicionamento contra o racismo estruturante da sociedade brasileira de então, na medida que se coloca contra a invisibilização dos negros.

Além disso, Nelson Rodrigues vê em Pelé, e no futebol consequentemente, caminhos para a superação do complexo de vira-latas que, segundo ele, aflige o povo brasileiro. Na medida que este esporte é, dentro da perspectiva rodrigueana, o campo mais propício para demonstrarmos as nossas melhores qualidades, e consequentemente superarmos nossas deficiências, Pelé seria o melhor exemplo disso, já que ele seria uma síntese dos melhores jogadores da seleção, logo uma

---

<sup>281</sup> Meu Personagem da Semana”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro, 28 de junho de 1958, p. 8.

síntese daquilo que o próprio Brasil melhor “produziu”. E se lembrarmos que Rodrigues enfatiza que o melhor que o Brasil “produziu”, em todos os seus aspectos, é justamente “um garoto de cor, dos seus 17 anos”, percebemos que a imagem de Pelé, construída pelo cronista, não é apenas a de um grande jogador de futebol, mas também a de um símbolo da afirmação e da visibilidade do negro, e de um ícone na luta pela superação do racismo.

De certa forma, a maneira como Nelson Rodrigues retrata Pelé nesta crônica, é a retomada do tema de seu depoimento dado ao jornal Quilombo em 1948, e o resgate de alguns elementos utilizados por Rodrigues na primeira vez em que chamou Pelé de “rei”<sup>282</sup>. Naquela entrevista, ele defende a necessidade de que os negros sejam protagonistas nas peças de teatro, e quando chama Pelé de “rei” pela primeira vez em uma crônica, Nelson compara Pelé ao Imperador Jones, personagem negro e protagonista na peça homônima de Eugene O’Neill, a primeira encenada pelo Teatro Experimental do Negro.

Esta defesa do protagonismo do negro no teatro, e posteriormente a comparação de Pelé com o personagem de O’Neill, de uma peça cuja encenação é um importante marco para o movimento negro brasileiro, como já demonstramos anteriormente, podem ser vistas como uma associação sugerida por Nelson Rodrigues, mesmo que de modo indireto, entre Pelé e a luta dos negros por mais visibilidade. Visibilidade que o cronista parece reforçar ao enfatizar em seus textos, repetidamente, que não só Pelé, mas Didi também, são negros e os protagonistas da seleção brasileira.

E estes exemplos, em que Rodrigues busca fazer esta associação, estão longe de serem casos isolados. Em outra crônica, esta publicada pelo Última Hora, alguns dias antes da coluna publicada pela Manchete Esportiva, e também comentando a partida contra os galeses, Nelson, novamente vincula as imagens de Pelé e Didi, à figuras emblemáticas na luta por direitos dos negros.

Didi é comparado ao mesmo Imperador Jones de O’Neill, enquanto Pelé, desta vez não é vinculado a um personagem da ficção, mas a uma pessoa “real”, e que cuja comparação, dá a dimensão grandiosa que Nelson Rodrigues desejava dar à figura do atleta, não apenas como jogador, mas como personalidade. Retratando assim, o jogador não como ele de fato era, mas como ele, Nelson Rodrigues,

---

<sup>282</sup> As análises da entrevista ao jornal “Quilombo” e da crônica em que Nelson Rodrigues chama Pelé de rei pela primeira vez, estão no Capítulo 2 desta dissertação.

desejava que Pelé fosse. Em outras palavras, um retrato de Pelé fiel aos sonhos, às convicções e à imaginação do cronista, e não necessariamente à realidade.

Rodrigues afirma nesta crônica que Pelé é “de uma dignidade racial de um Paul Robeson”<sup>283</sup>. Paul Robeson, foi um conhecido ativista antifascista, socialista e pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Além disso, foi primeiro ator negro a interpretar o personagem Otelo, da peça homônima de William Shakespeare; um dos primeiros atores negros a atuarem na Broadway, fazendo dele um precursor para que outros atores, igualmente negros, também ocupassem a posição de protagonistas nos meios do teatro e do cinema, como Sidney Poitier e Harry Belafonte. Paul Robeson foi ainda perseguido pelo movimento de “caça às bruxas” do Macartismo, por conta de seu posicionamento político, além ter sido escritor, cantor e um destacado atleta profissional de beisebol e futebol americano, o que lhe permitiu pagar seus estudos no curso de Direito na prestigiosa Universidade de Columbia.

De qualquer maneira estas associações feitas por Nelson Rodrigues, envolvendo o nome de Pelé, apesar de exageradas, revelam além da posição do cronista em relação ao papel do negro na sociedade brasileira, um prenúncio de como o próprio Pelé será retratado ao longo de sua carreira. Posteriormente, no decorrer de sua vida futebolística, será construída uma imagem grandiosa do jogador, tal qual a das personalidades e dos personagens referenciados por Nelson.

Mesmo que Pelé ao longo de sua vida, raramente tenha tomado posicionamentos minimamente semelhantes aos de Robeson, a maneira como seus feitos serão narrados e vistos, por boa parte da crônica esportiva, ainda que com cores menos fortes do que as pintadas por Nelson Rodrigues, no decurso de sua carreira como jogador profissional, o colocarão, aos olhos desta mesma crônica, em um patamar de impacto tão ou mais relevante, que figuras como Lear, Jones, o próprio Robeson, ou outras equivalentes.

Apesar disso, neste momento, durante a Copa do Mundo de 1958, este processo ainda se encontrava em seu início, mas mesmo assim já é possível enxergar os indícios de como, futuramente, a figura de Pelé seria tratada, e conforme avançamos no tempo, como esta imagem em gestação, baseada em superlativos e em grandiosidades, se tornava cada vez mais nítida.

---

<sup>283</sup> “Garrincha contra a cultura francesa”. **Última Hora**. Rio de Janeiro: 23 de junho de 1958, p. 16.

Na continuidade do Mundial, se a partida contra Gales foi muito mais difícil do que esperava a crônica esportiva da época, o adversário seguinte não se mostrava mais fácil, tratava-se da França, equipe que até aquele momento tinha o melhor ataque da Copa, assim como o artilheiro da competição. Conforme definiu a Gazeta Esportiva, por meio de uma coletânea de notas, escritas por correspondentes estrangeiros da Agência France-Presse, “a inspiração e o impulso dos franceses serão mais perigosos para os brasileiros do que os metódicos ingleses, soviéticos e galeses”.<sup>284</sup> Contudo, isto não parecia ser um problema para Pelé, pois o gol contra os galeses, segundo palavras do próprio jogador, fez a sua “autoconfiança disparar de vez”,<sup>285</sup> ao ponto dele afirmar, ao jornal Última Hora, que “contra a França vamos fazer nossos golzinhos. Em compensação os franceses não farão nenhum contra nós.”<sup>286</sup>

Mas se por um lado Pelé se mostrava confiante em seu futebol e em um bom resultado contra os franceses, o mesmo não podia ser dito sobre a crônica esportiva europeia, ao menos segundo Duarte Gralheiro em sua coluna “Ponta de Lança”, publicada poucos dias antes da semifinal contra a França, no Jornal dos Sports. De acordo com o texto, os jornais europeus acusavam o ataque brasileiro de fraco, pois havia vencido Gales por apenas um gol, enquanto a equipe francesa havia alcançado uma vitória expressiva, goleando a Irlanda do Norte<sup>287</sup>.

No entanto, o mesmo texto faz pouco caso dessas críticas, ao comparar um dos principais jogadores franceses, Raymond Kopa, com Pelé. Segundo Gralheiro, Kopa era um jogador pouco imaginativo, ao contrário do jovem jogador, que tinha “picardia ou aquele ‘*quid*’ indefinível que transforma um buraco sem saída em goal de vitória”<sup>288</sup>.

Kopa, além de ser o principal articulador das jogadas do ataque da França, era um dos destaques do elenco recheado de estrelas do Real Madrid, tais como Alfredo Di Stéfano e Ferenc Puskas<sup>289</sup>. Portanto, o fato de Gralheiro dizer que Pelé tinha mais recursos do que um jogador consagrado e experiente como o francês,

<sup>284</sup> “Considerações sobre os semi-finalistas”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 21 de junho de 1958, p.8.

<sup>285</sup> NASCIMENTO, Edson Arantes do. Op cit, 1961, p. 95..

<sup>286</sup> “Vamos fazer ‘goals’ mas a França não fará nenhum”. **Última Hora**. Rio de Janeiro: 21 de junho de 1958, p.12.

<sup>287</sup> A França venceu a Irlanda do Norte por 4 a 0.

<sup>288</sup> “Fantasma”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 21 de junho de 1958, p.6.

<sup>289</sup> Raymond Kopa, ainda em 1958, após a Copa do Mundo na Suécia, recebeu a Bola de Ouro da revista France Football, prêmio dado, naquela época, ao melhor jogador europeu do ano.

mostra mais uma vez o elevado grau de prestígio que o futebolista do Santos tinha alcançado naquele momento, ao menos junto a alguns setores da crônica esportiva brasileira.

A seleção da França, contudo, não se resumia apenas a Kopa. Outro jogador em evidência daquela equipe, era o atacante Just Fontaine, que viria a ser o artilheiro máximo do torneio com um total de 13 gols, tornando-se o maior goleador em uma única edição de Copa do Mundo<sup>290</sup>.

Se observamos, portanto, as credenciais dos principais jogadores franceses, somado ao fato de que até aquele ponto da Copa do Mundo da Suécia, a seleção francesa já havia marcado 15 gols, fica claro que o clima de franco favoritismo para a seleção brasileira, que existiu na partida contra o País de Gales, já não era o mesmo no período que antecedeu o confronto contra a França. Os franceses, pelo menos antecipadamente, aparentavam ser um adversário muito mais difícil para o Brasil.

Mas as aparências às vezes enganam, pois, se parte da crônica esportiva europeia, segundo Gralheiro, questionava a força do ataque brasileiro, por outro, ela parecia ignorar outros detalhes das equipes envolvidas na partida. Se a França fazia muitos gols, por outro lado, os “bleus” tomavam outros tantos. Até aquele momento sua defesa já havia sido vazada sete vezes, enquanto a meta de Gylmar estava invicta. Outro detalhe ignorado, este, talvez naquele contexto, mais compreensível, era o fato de parte da imprensa europeia não considerar a presença de Pelé naquela partida como algo que pudesse ser tão ou mais temível que o próprio ataque francês. Esta postura se deve a vários motivos. O primeiro se deve ao fato de que Pelé, ainda não era uma grande estrela, ao menos os olhos dos europeus. Ele era na verdade, até então para alguns jornalistas do Velho Mundo, apenas um jovem bom jogador.

Outra hipótese a ser considerada sobre este “favoritismo” francês, está relacionada a um certo racismo ou ranço colonial por parte desta mesma imprensa. Afinal, como esta crônica essencialmente branca, europeia e oriunda de países colonialistas, como a própria França, por exemplo, poderia aceitar que uma seleção latino-americana formada por negros e mestiços, em sua maioria, pudesse ser

---

<sup>290</sup> Posição ocupada por Fontaine até o momento em que escrevemos esta dissertação.



considerada favorita frente a outras três seleções igualmente europeias e predominantemente brancas?

Muito embora a própria seleção francesa contasse em seu elenco com jogadores imigrantes ou descendentes de imigrantes, porém brancos, como Kopa, que era filho de poloneses, ou Fontaine, que nascera no Marrocos, esta insistência em diminuir a capacidade do ataque brasileiro, demonstra ou um desconhecimento desta mesma imprensa sobre o futebol praticado pelo Brasil, ou um racismo incomodado pela ascensão de uma equipe formada em sua maioria por negros e mestiços, somado a um excesso de otimismo por conta da vitória expressiva, conquistada contra a Irlanda do Norte.

Às vésperas das partidas semifinais, são vários os depoimentos de jornalistas<sup>291</sup> e técnicos europeus<sup>292</sup> apontando as falhas do Brasil e o favoritismo francês<sup>293</sup>. As exceções ficam por conta do técnico da União Soviética, que após a sua eliminação frente à Suécia, declarou que o Brasil, em sua opinião, era o grande favorito para conquistar a Copa do Mundo,<sup>294</sup> e o técnico da seleção sueca, que afirmou que a sua equipe, e o próprio Brasil, eram os grandes favoritos para vencer o Mundial<sup>295</sup>.

Da mesma forma, são muitas as afirmações por parte da crônica esportiva brasileira apontando, ainda que discretamente, senão um favoritismo para o Brasil, ao menos uma ligeira superioridade da equipe verde e amarela<sup>296</sup>, comprovando assim que, ao menos nas páginas das revistas e dos jornais, o confronto entre as seleções brasileira e francesa era equilibrado e assim prometia ser a partida. Mas fora do papel e dentro do gramado, este equilíbrio não se confirmou, e a atuação de Pelé foi fundamental para que a partida se desenrolasse de maneira extremamente favorável para os brasileiros.

Ao menos no que diz respeito à torcida, a vantagem dos franceses era incontestável, pois cerca de 6 mil franceses viajaram até à Suécia, animados com a

---

<sup>291</sup> “França e Suécia são os favoritos”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 22 de junho de 1958, p.7

<sup>292</sup> “Confiantes os franceses”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 21 de junho de 1958, p.9.

<sup>293</sup> “Tudo sobre a Taça do Mundo”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 21 de junho de 1958, p.8

<sup>294</sup> “Para os soviéticos, o Brasil é o favorito”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 21 de junho de 1958, p. 8.

<sup>295</sup> “Brasil e Suécia decidirão o título”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 24 de junho de 1958, p.24.

<sup>296</sup> “França: maior team da Copa depois do Brasil”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 21 de junho de 1958, p. 9.

performance de sua equipe no torneio<sup>297</sup>. Na abertura da partida, pela Rádio Nacional, após a execução dos hinos nacionais e de divulgar a escalação da seleção brasileira, Jorge Cury, um dos locutores da transmissão, assim reproduziu suas expectativas sobre o desempenho do Brasil contra a seleção francesa: “11 homens que, se Deus quiser, farão sacudir 60 milhões neste nosso imenso território, com uma bonita vitória contra a equipe da França.”<sup>298</sup> E de fato foi isso que aconteceu, pouco importando se a torcida francesa era maioria nas arquibancadas do estádio Rasunda.

Logo aos dois minutos de partida, Vavá abriu o placar para a seleção brasileira, completando um lançamento de Didi. No confronto entre o melhor ataque e a melhor defesa da Copa<sup>299</sup>, a quantidade de chances criadas pelas duas equipes, fez com que os goleiros Gylmar, do Brasil, e Claude Abbès, da França, fossem bastante exigidos. Tanto que Fontaine, de tanto insistir, conseguiu, enfim, fazer o que até então ninguém havia feito no torneio, um gol em Gylmar, empatando assim a partida, ainda no primeiro tempo.

A partida se mostrava equilibrada, e o placar em 1 a 1, refletia com justiça o que acontecia em campo. Porém, aos 31 minutos do primeiro tempo, em uma dividida entre o zagueiro francês, Robert Jonquet, e o ataque brasileiro, Vavá, o primeiro levou a pior, fraturando sua perna. Mesmo machucado, Jonquet permaneceu em campo, só para fazer número.

Com um jogador a mais, o Brasil passou a dominar amplamente o confronto, e no final do primeiro tempo, Didi, com uma “folha seca”<sup>300</sup>, marcou o segundo gol brasileiro. Na volta do intervalo, a seleção manteve o ritmo, e foi quando Pelé, se aproveitando disso, cumpriu o que havia prometido às vésperas da partida, e fez os seus “golzinhos”, três precisamente. Em uma performance digna de um veterano, Pelé demonstrou que não era apenas mais um jovem jogador em ascensão, ou que seu belo gol contra Gales, havia sido apenas uma obra do acaso. Seu *hat trick*<sup>301</sup>,

<sup>297</sup> “Invade Estocolmo a torcida da França”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 23 de junho de 1958, p. 5.

<sup>298</sup> O Rádio nas Copas de 58 e 62: Brasil 5 X 2 França - semifinal da Copa de 1958 - Rádio Nacional #8. [Locução de]: Jorge Cury e Oswaldo Moreira. [S.I.]. Acervo de Thiago Uberreich, fevereiro de 2020. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1gWlkeVUMuNvEbrsqGGIGz?si=84c8d4413fe74708> . Acesso em: 06 de abril de 2023.

<sup>299</sup> “Duelo entre ataque e defesa”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo, 23 de junho de 1958, p. 16.

<sup>300</sup> Nome ao chute com efeito, característico de Didi, em que a bola repentinamente muda de rumo durante a sua trajetória, ludibriando o goleiro.

<sup>301</sup> Expressão, em inglês, que define quando um jogador marca três gols em uma mesma partida.

além de fazer com que parte da imprensa europeia fosse obrigada a engolir seu ranço colonial, sacramentou a passagem do Brasil para a final da Copa do Mundo, possibilitou que o atleta galgasse algumas casas a mais na ascensão de sua carreira.

No dia seguinte à partida, como era de se esperar, a crônica esportiva deu grande destaque a vitória brasileira, assim como ao desempenho de Pelé no “match” contra os franceses. O *Última Hora* reproduziu uma fala em que o próprio Pelé confirma a sua ascensão dentro da seleção brasileira. Segundo ele: “Pensaram em segurar Didi e Garrincha e esqueceram de mim, marquei três”. Pelé que, nesta fase inicial de sua carreira, por conta de sua idade, tantas vezes foi posto à sombra de outros atletas mais consagrados, como Didi, por exemplo, demonstra com essa fala que sempre teve noção deste *status*, e que seus três gols contra os franceses representaram o fim, ou início do fim, deste papel secundário que era atribuído a ele. Além disso, também revela a opinião que ele tinha de si próprio, enquanto futebolista, a de que era pelo menos tão bom naquele momento, quanto Didi e Garrincha.

Opinião que será corroborada pela imprensa da época, pois na mesma página em que este depoimento é publicado, o colunista Álvaro Paes Leme, ao dissertar sobre a partida entre Brasil e França, reitera que Pelé já não era apenas um jovem jogador que vivia à sombra de Didi, era alguém de nível equivalente e, além disso, capaz de executar um futebol de nível extraordinário. De acordo com Paes Leme:

“Pelé foi o grande artilheiro do encontro. Marcou três tentos, além de criar grandes jogadas para seus companheiros. Revezou por vezes com Didi permitindo a este descer mais para o ataque. E desta vez, Pelé voltou a ser aquele garoto de jogadas incríveis que todos nós conhecemos, nota 10.”<sup>302</sup>

Igualmente a *Gazeta*, assim como os demais periódicos esportivos, comemorou entusiasticamente a classificação da seleção brasileira para a final da Copa do Mundo. Em sua capa trouxe a manchete “Lá se foi a ‘douce France’! Ó lá lá!”<sup>303</sup>. Mas, mais do que as grandes letras vermelhas da capa do jornal e sua mensagem de euforia, outra frase, quase que escondida nas páginas do noticioso, discretamente sinaliza mudanças na imagem de Pelé. Ainda nos comentários sobre a vitória contra os franceses, deixa claro que o status de Pelé estava em

<sup>302</sup> “Os Generais da Batalha”. *Última Hora*. Rio de Janeiro: 25 de junho de 1958, p. 15.

<sup>303</sup> “Lá se foi a ‘douce France’! Ó lá lá!”. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo: 25 de junho de 1958. p. 1.

transformação, e que seu papel de coadjuvante ficava para trás. Ao descrever um dos gols do jogador na partida, o texto se refere a Pelé como a “‘revelação’ de 18 anos”<sup>304</sup>. O fato da palavra “revelação” aparecer entre aspas, demonstra que este termo já não era suficiente para defini-lo.

As três partidas iniciais de Pelé na Copa do Mundo: contra a União Soviética, contra o País de Gales e especialmente contra França, evidenciaram para um público ainda maior, que a notável revelação peixeira, já não era mais uma revelação, ou apenas um jovem promissor. Os quatro gols que ele já havia marcado no torneio, sua desenvoltura nos confrontos, aceleraram a metamorfose na maneira como sua imagem era percebida pela imprensa esportiva. Metamorfose que ganhará ainda mais força após a final contra a Suécia, ao ponto de fazê-lo se tornar algo ainda maior do que um protagonista da seleção brasileira.

Após a final da Copa do Mundo, veremos que Pelé, agora, se tornará um outro Pelé, um Pelé de dimensões bem maiores. Se tornará um Pelé diferente de dois anos antes, quando ele estreou profissionalmente pelo Santos, ou de um ano antes, quando jogou pela primeira vez com a camisa da seleção brasileira.

Em síntese, após a final da Copa do Mundo de 1958, Pelé se tornará Pelé.

---

<sup>304</sup> “Brasil, 5 x França, 2”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 25 de junho de 1958, p. 4.

## **5. PELÉ SE TORNA PELÉ**

## 5.1. Desmoralizando granitos

A partida contra a França foi sem dúvida uma etapa decisiva na contínua transformação pela qual a imagem de Pelé passava. Além da percepção por parte da crônica esportiva, de que o termo “revelação” já não definia adequadamente o então status de Pelé, para outra parcela dessa mesma imprensa, o jogador era a síntese de todos os aspectos positivos da seleção brasileira que disputava a Copa do Mundo de 1958.

Ainda refletindo os impactos da vitória brasileira na semifinal, o jornal *Última Hora* chega a afirmar que Pelé era “um senhor tranquilidade, o verdadeiro retrato do Brasil modelo 58”<sup>305</sup>. Ou seja, aos poucos, mesmo que sua juventude ainda fosse bastante ressaltada neste contexto, Pelé vai cada vez mais deixando para trás a imagem de jovem promessa, assim como as eventuais características que são atribuídas a atletas neste estágio da carreira, e passa a ser cada vez mais retratado como um jogador consagrado, experiente, frio e que não se deixa abalar, da mesma maneira que seus companheiros de seleção, como Didi, Zagallo, Nilton Santos e Vavá.

Se antes da partida entre França e Brasil, setores da imprensa europeia, principalmente a francesa, tentavam construir a imagem de que o confronto seria equilibrado, ou com um ligeiro favoritismo para os franceses, segundo uma nota pitoresca publicada pela *Gazeta Esportiva*, esta imagem teria rapidamente se alterado assim que a bola começou a rolar. De acordo com o texto, o atacante Just Fontaine ficou “emocionado” com o terceiro gol de Pelé, e o cumprimentou, com a partida ainda em andamento, pelo feito<sup>306</sup>. Se o atacante francês teve ou não esta atitude, não é possível saber ao certo, contudo o fato da imprensa brasileira publicar uma “informação” deste tipo, já prenuncia a maneira como Pelé será retratado a partir de então e no decorrer de sua carreira como jogador. Ele será muitas vezes descrito como alguém que, além de praticar um futebol espetacular, é também capaz de suscitar as mais diferentes e inesperadas reações, seja em seus adversários, seja nos torcedores, seja nos árbitros, ou até mesmo nos locais por onde ele passa.

---

<sup>305</sup> “Domingo contra a Suécia: lance final na marcha para o trunfo!”. *Última Hora*. Rio de Janeiro: 25 de junho de 1958, p. 17.

<sup>306</sup> “Belo gesto de Fontaine”. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo: 25 de junho de 1958, p. 28.

Mesmo que em muitos casos, alguns destes episódios não sejam possíveis de serem confirmados, e até mesmo comprovadamente negados, eles serão vistos, de modo geral, principalmente pelo senso comum, como eventos de uma veracidade inquestionável. Embora Pelé de fato vá colecionar, ao longo de sua carreira, uma série de feitos e eventos singulares e verídicos, outros, no entanto, serão ligeiramente aumentados, e acabarão residindo em um nebuloso território em que não é, em muitos casos, possível discernir entre o que é e o que não é real.

Como na partida contra a França, por exemplo. Não há como negar que um jovem jogador, de apenas 17 anos, fazer três gols em uma semifinal de Copa do Mundo seja algo extraordinário, mas daí um membro da equipe adversária, nesta mesma partida, correr para abraçá-lo quando ele fez um dos gols, é algo pouco verossímil.

De qualquer modo, se Fontaine cumprimentou ou não Pelé pelo seu terceiro gol, antes que a partida tivesse acabado, fato é que, o desempenho da notável revelação peixeira impressionou profundamente os adversários e a imprensa europeia. Raymond Kopa, chegou a afirmar que o Brasil, sem dúvida nenhuma, seria o campeão mundial<sup>307</sup>. Abbes, goleiro francês, disse que não era vergonha nenhuma, por conta de sua superioridade, perder para a seleção brasileira<sup>308</sup>. Já a agência de notícias, France Press, escreveu que o Brasil não possuía rival no mundo e que “a atuação de Garrincha, os malabarismos de Didi, o gênio de Pelé e as arrancadas de Zagallo e de Vavá são capazes de desmoralizar um rochedo de granito e abalar os nervos de qualquer mortal”<sup>309</sup>.

Chama atenção no comentário da France Press, a maneira como o texto se refere aos jogadores. Enquanto Garrincha, Didi, Zagallo e Vavá tem ressaltadas suas habilidades técnicas como “atuação”, “arrancada” e malabarismos”, Pelé tem a sua personalidade destacada, principalmente na maneira como ela se reflete em seu comportamento dentro de campo. Se lembrarmos que em algumas de suas primeiras partidas profissionais pelo Santos, Pelé foi acusado de “mascarado”, e em outros por se exaltar, o fato de ter o seu gênio elogiado, é mais um indício das transformações pela qual a sua imagem estava passando neste contexto.

---

<sup>307</sup> “Não tenho dúvidas: o Brasil será o novo campeão mundial”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 26 de junho de 1958, p. 8.

<sup>308</sup> “Contra esses endiabrados a derrota não envergonha”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 26 de junho de 1958, p.8.

<sup>309</sup> “Brasil poderá provar que não possui rival no mundo”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 26 de junho de 1958, p. 8.

A juventude de Pelé deixava, definitivamente, de ser mencionada sob uma perspectiva negativa. A imprensa deixava de lado as ressalvas quanto ao risco dele se mascarar, ou de que ele se amedrontasse perante os adversários, ou que ainda perdesse a cabeça durante as partidas. Pelo contrário, ele passaria a ser visto como um retrato de tranquilidade e até mesmo de experiência, ao ponto de ser elevado pelo *Última Hora*, em sua capa, à condição de mestre e Deus do futebol. O periódico destaca que “Garoto ainda (17 anos), Pelé mal deixou o banco escolar para ensinar ao mundo como se joga futebol<sup>310</sup>” e ainda reforça que sua trajetória, até aquele momento, era comparável à uma fábula, a fábula do “Craque de 7 botas”, que o alçava a patamares dignos de um divindade. Assim o jornal sintetizava a ascensão do jovem jogador: “antes de chegar aos 16 era ídolo de um clube; com 17, é um pequeno Deus de todo um povo”<sup>311</sup>.

E não era apenas isso, na mesma edição, o jornal publica uma reportagem sobre a família do jogador, e como ela estava vivenciando o sucesso de Pelé. A reportagem foi até Bauru, visitou a casa dos pais do jogador, conversou com seus familiares e com as lideranças políticas da cidade. Todos os depoimentos revelaram um grande entusiasmo com os feitos de Pelé, até aquele momento.

Vemos na matéria uma das primeiras tentativas de uso político da imagem de Pelé, uma das muitas que se sucederam ao longo de sua carreira. No caso, trata-se do então prefeito de Bauru, Avallone Júnior, que, posando em uma foto junto com Dondinho, pai do atleta, garantia a realização de uma grande festa para recepcionar o jogador, além de já decretar, antecipadamente, feriado municipal no dia em que ele visitasse a cidade após regressar da Suécia. Segundo o político, em um típico discurso demagógico, com ares de promessas de campanha:

“não quero que ninguém venha a ser privado do direito de levar-lhe o seu abraço. Pelé merece isso, porque tem honrado o nosso nome esportivo, porque tem provado, juntamente com seus companheiros, que não somos uma sub-raça. Aquele menino tem nas veias o sangue dos fortes: é filho adotivo desta terra!”<sup>312</sup>.

---

<sup>310</sup> “Pelé ensina o mundo a fazer gol e mostra ao Brasil o caminho da Copa”. *Última Hora*. Rio de Janeiro: 27 de junho de 1958, p. 1.

<sup>311</sup> “Craque das Sete Botas”. *Última Hora*. Rio de Janeiro: 27 de junho de 1958, p.1

<sup>312</sup> “Meu Pelézinho será campeão do mundo, se Deus quiser!”. *Última Hora*. Rio de Janeiro: 27 de junho de 1958, p. 5.



O político com isso, parece querer transformar a visita de Pelé em uma realização de sua administração, além de tentar pegar carona no sucesso do jogador, construindo uma ligação entre os dois, por serem ambos “filhos” de Bauru e compartilharem, segundo a lógica do prefeito, o mesmo “sangue dos fortes”.

Seus pais, por outro lado, orgulhosos dos feitos do filho, relembram a trajetória que o levou até Santos, o papel decisivo de Waldemar de Brito, suas travessuras de infância, as equipes amadoras que defendeu e a precocidade de seu talento, que com 16 anos já figurava entre os profissionais da equipe santista, e aos 17 anos brilhava na Copa do Mundo.

Pelé, portanto, ao menos aos olhos da imprensa brasileira e até mesmo de políticos e de seus familiares, fazia jus a sua capacidade de, conforme escreveu a France Press, desmoralizar até mesmo um rochedo de granito com o seu futebol. Ele começava a ser descrito, apesar dos seus 17 anos, como um jogador decisivo, experiente, capaz de dar verdadeiras lições de futebol, e além disso, adorado como um Deus. Mas ainda restava um “granito” no caminho, e desta vez eram os donos da casa, a Suécia.

Um “granito” que de maneira surpreendente chegara até a final. A Gazeta Esportiva, na antevéspera da partida, previa que seria uma “peleja” difícil, e elenca os vários motivos que compunham este prognóstico, mas não deixa de lado os pontos fracos dos locais. Assim escreveu o jornal sobre as perspectivas do confronto:

“Os suecos terão inúmeros fatores a favor, tais como campo e torcida, contudo podem ser batidos na velocidade, porque exceção feita aos dois extremos, os demais jogadores são lentos em demasia (pelo menos o foram nas duas vezes em que vimos jogar o selecionado local). A preocupação dos suecos vai ser ‘fechar’ o ‘miolo’, procurando o bloqueio de Didi, enquanto buscarão procurar os lançamentos longos de bola para Hamrin e Skoglund”<sup>313</sup>.

O futebol sueco tinha uma grande tradição no futebol olímpico, e por conta disso, para privilegiar esta modalidade, relutou por muito tempo em se profissionalizar. Por conta desta questão, os principais atletas suecos que, caso desejassem jogar profissionalmente, eram obrigados a atuarem em equipes de outros países. A profissionalização só veio a ocorrer em 1956 o que permitiu a formação de uma equipe mais competitiva para a disputa da Copa do Mundo.

---

<sup>313</sup> “Hamrin e Skoglund: os grandes perigos da Suécia”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 27 de junho de 1958, p. 15.

Embora, antes do início do torneio, a seleção sueca não fosse considerada, pela crônica especializada, uma das favoritas ao título, muito por conta de sua recente profissionalização, não se tratava de algo tão surpreendente assim que os donos da casa tivessem chegado até aquele estágio da competição. Além dos fatores citados pela análise publicada na Gazeta, como o grande apoio da torcida, por exemplo, é importante ressaltar que boa parte dos principais jogadores profissionais da Suécia jogavam em grandes clubes da Itália, talvez o mais importante campeonato nacional do continente europeu naquele contexto.

Esta experiência em gramados estrangeiros, por parte de alguns jogadores da seleção sueca, chegou inclusive a chamar a atenção da Manchete Esportiva, meses antes do início da Copa, que publicou um texto listando atletas suecos e de outras nacionalidades que jogavam na Itália, e que poderiam participar do campeonato mundial<sup>314</sup>. Chama atenção que o país com mais nomes atuando na Itália, de acordo com a publicação, fosse justamente a Suécia.

O ponta-direita Hamrin, jogava pelo Padova, o versátil Skoglund defendia as cores da Internazionale, além de Lindskog, meia da Udinese, Selmosson, atacante da Lazio e Gustavsson, zagueiro do Atalanta. A equipe nórdica ainda contava com dois remanescentes da equipe campeã olímpica em Londres, no ano de 1948, os veteranos, Liedholm, atacante do Milan, e Gunnar Gren, com longa passagem por várias equipes italianas.

A Suécia havia trilhado uma campanha respeitável ao longo do torneio, superando a favorita Hungria e o surpreendente País de Gales na fase de grupos. Na sequência eliminou os soviéticos nas quartas de final, e a então campeã mundial, Alemanha, na semifinal. Ou seja, mesmo que fossem “novatos” no profissionalismo, os suecos não se mostravam ingênuos na prática do futebol, tanto que o seu treinador, George Raynor, esbanjava confiança, chegando a afirmar que “a nossa equipe está tão boa, que pode, perfeitamente, derrotar o Brasil.”<sup>315</sup>

Opinião corroborada pela imprensa sueca, segundo o Jornal dos Sports. De acordo com o periódico brasileiro<sup>316</sup>, um jornal do país nórdico, cujo nome não é citado, teria publicado em sua capa fotos das duas últimas derrotas do Brasil em

---

<sup>314</sup> “Calcio presente na Suécia”. **Manchete Esportiva**. Rio de Janeiro: 15 de março de 1958, p. 50.

<sup>315</sup> “Modificaremos a tática sem alterar o estilo”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 26 de junho de 1958, p. 6.

<sup>316</sup> “Hamrin repetirá o feito de Ghiggia”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 28 de junho de 1958, p. 8.

Copas de Mundo: o segundo gol uruguaio, na final de 1950, a batalha campal entre brasileiros e húngaros após a eliminação do Brasil em 1954, e ainda afirmado que Hamrin seria o novo Ghiggia<sup>317</sup>. Esta capa provocativa foi feita pelo diário sueco, ainda segundo a opinião do JS, com o intuito de desestabilizar a seleção brasileira.

Entretanto, apesar do desempenho da seleção sueca na Copa do Mundo até aquele momento, o otimismo de seu técnico, e a suposta tentativa de um periódico escandinavo em assustar os jogadores brasileiros, estes fatores pareciam afetar muito pouco a crença da torcida e da imprensa brasileira, de que o Brasil conquistaria pela primeira vez a Taça Jules Rimet. Da mesma forma, aos olhos desta mesma torcida, e da maior parte da crônica esportiva da época, o bom futebol praticado por Hamrin, parecia ser irrelevante, se comparado com que Pelé vinha jogando, ou como escreveu o *Jornal dos Sports*, “os suecos são favoritos deles mesmo e os brasileiros do mundo inteiro”<sup>318</sup>.

Prova desta confiança brasileira, tanto no título, quanto em Pelé, pode ser vislumbrada em uma nota publicada pelo *Última Hora* na antevéspera da final. Trata-se de um pedido feito pelos verdureiros, peixeiros, açougueiros e demais comerciantes dos mercados municipais de São Paulo, ao Secretário de Higiene, para que estes estabelecimentos comerciais permanecessem fechados no dia do jogo contra a Suécia, permitindo aos trabalhadores deste setor econômico acompanhar a decisão. Além disso, este mesmo grupo de comerciantes, demonstrando grande ansiedade, pediam aos clientes que antecipassem suas compras para sábado, pois no domingo, quando a partida ocorreria, seus comércios estariam fechados<sup>319</sup>.

O periódico ainda informou que o pedido foi por fim aceito pelo secretário, e ainda concluiu que com isso, a torcida não só pela seleção, mas também por Pelé estaria agora aumentada. Ou seja, a publicação ao emitir esta opinião, associa a torcida por Pelé como uma torcida também pela seleção, fazendo assim uma simbiose entre o jogador e a equipe, como se ambos fossem a mesma coisa. Esta junção dos dois, Pelé e seleção em um mesmo “corpo”, demonstra outro aspecto

---

<sup>317</sup> Ghiggia ou Alcides Edgardo Ghiggia Pereyra foi o autor do gol decisivo do Uruguai, na final da Copa do Mundo de 1950, contra o Brasil.

<sup>318</sup> “Brasil e Suécia, no match da decisão”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 29 de junho de 1958, p. 9.

<sup>319</sup> “São Paulo: até os mercados fecharão no domingo do jogo”. **Última Hora**. Rio de Janeiro: 27 de junho de 1958, p. 6.

novo que a figura da “notável revelação peixeira” estava adquirindo: o de quase uma personificação da própria seleção brasileira.

Mesmo que ainda discretamente, esta simbiose ganharia aspectos muito maiores no decorrer da carreira do atleta, ao ponto de Pelé chegar a ser compreendido por muitos não só como a corporificação da seleção brasileira, mas como também a personificação do próprio futebol brasileiro, e até mesmo do próprio Brasil no cenário internacional. Mas esta imagem só será perceptível, como já dissemos, em uma fase bem posterior de sua carreira, que no entanto tem os seus alicerces edificados justamente durante a Copa de 1958.

Na véspera e no dia da partida, a ansiedade em relação a grande decisão, não era exclusividade apenas dos açougueiros, peixeiros e verdureiros paulistas, ela também se refletia na capa dos jornais brasileiros. O Última Hora afirmava que o país inteiro estava em suspense, ao mesmo tempo em que informava que Pelé, antes mesmo de encerrado o campeonato, já havia sido eleito pelo periódico soviético Trud, o melhor jogador jovem da competição<sup>320</sup>. Já a Gazeta Esportiva, trazia, de forma inédita, uma foto colorida da seleção brasileira, abaixo da manchete “Lutaremos hoje pelo título! Força minha gente!”<sup>321</sup>, enquanto o Jornal dos Sports, também demonstrava partilhar da angústia que precedia a partida, ao anunciar: “Brasil em suspense: surgirá hoje o campeão do mundo!”<sup>322</sup>.

Da mesma forma, até mesmo as colunas sociais, normalmente distantes de assuntos de interesses mais populares, como o futebol, voltavam suas atenções para a grande final. Em sua coluna “Sociedade e Adjacências”, Jacinto de Thormes faz um retrato de como a “alta sociedade” estava lidando com a Copa do Mundo. O texto descreve algumas superstições e manias que membros das elites adotavam durante as partidas da seleção. Era um banqueiro que não roía as unhas durante a semana, para ter o que roer na hora do jogo, eram senadores que tinham as suas camisas ou pijamas da sorte, socialites que só escutavam a partida em determinadas estações de rádio, sozinhas, trancadas em seus quartos de hotéis ou

---

<sup>320</sup> “Brasil: mesmo time com uniforme azul!”. **Última Hora**. Rio de Janeiro: 28 de junho de 1958, p. 1.

<sup>321</sup> “Lutaremos hoje pelo título! Força minha gente!”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 29 de junho de 1958, p.1

<sup>322</sup> “Brasil em suspense: surgirá hoje o campeão do mundo!”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 29 de junho de 1958, p. 1.

jovens playboys que se reuniam no bar do Country Club. Enfim, como ele mesmo escreveu, “uma simpática fauna de torcedores”<sup>323</sup>.

Thormes menciona ainda que alguns políticos importantes, como o próprio presidente Juscelino Kubitschek, o ex-presidente Eurico Gaspar Dutra, e o líder comunista Luís Carlos Prestes, se recusaram a dar seus palpites sobre o placar da partida, com medo de darem azar. A exceção foi Jânio Quadros, que categoricamente afirmou que o Brasil perderia, pois Adhemar de Barros, então prefeito de São Paulo, iria assistir a partida no estádio, trazendo má sorte para a seleção.

Em resumo, dos trabalhadores comuns à “grã-finas com narinas de cadáver”<sup>324</sup>, ao ler os jornais dos dias que antecederam a partida entre as seleções brasileira e sueca, a sensação que se tem é que de fato todo, ou quase todo o país, estava envolvido com a decisão, compartilhando um sentimento que oscilava entre a apreensão e o otimismo. A Gazeta Esportiva em seu editorial publicado no dia da final, sintetizou o clima que, segundo os jornais da época, pairava no Brasil:

"Desnecessário será colocar em realce que todos os brasileiros, mesmo com os nervos à flor da pele, contando os minutos e os segundos que nos separam da grande peleja, confiam plenamente na seleção que defenderá as cores do nosso País, no epílogo do VI Campeonato Mundial de Futebol."<sup>325</sup>

Confiança, de acordo com a imprensa, pois várias comemorações e todo um carnaval estava planejado para acontecer, como celebração por uma vitória que era tida como certa<sup>326</sup>. Nervosismo e confiança que se transformaram em uma grande alegria após o fim da partida. E foi justamente Pelé, um dos grandes responsáveis por esta alegria.

Como disse certa vez João Saldanha, “se macumba ganhasse jogo, o campeonato baiano terminava empatado”. Se a seleção sueca soubesse o que era macumba, ou quem era naquela altura, João Saldanha, muito provavelmente parafraseasse o cronista brasileiro após o resultado da final. Só que talvez, ao invés

---

<sup>323</sup> “O Campeonato do Mundo e a Sociedade”. **Última Hora**. Rio de Janeiro: 28 de junho de 1958, p. 2.

<sup>324</sup> A “grã-fina com narinas de cadáver” é uma personagem frequente nas crônicas de Nelson Rodrigues, que simboliza o distanciamento e a alienação das elites brasileiras em relação ao amplo universo da cultura popular nacional.

<sup>325</sup> “Bom dia!”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 29 de junho de 1958, p. 2.

<sup>326</sup> “Se o Brasil vencer, vai haver carnaval da cidade”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 29 de junho de 1958, p. 12.

de fazerem referências a orixás e entidades, os suecos provavelmente citariam deuses da mitologia nórdica, e possivelmente diriam que se rezar para Thor ou Odin ganhasse jogo, a equipe do Brasil não venceria com tanta facilidade a partida.

Entretanto, a decisão começou favorável para os suecos, que logo aos 4 minutos de jogo, inauguraram o placar com Liedholm. A seleção brasileira parecia nervosa, mas Didi, eleito posteriormente o melhor jogador da Copa, tratou de tranquilizar seus companheiros. O jogador caminhou para dentro do gol, pegou a bola e a colocou debaixo dos braços, enquanto caminhava calmamente em direção ao meio de campo. Pelé e Zagallo correm em direção a ele e tentam apressá-lo. Didi continua sereno. O estádio de Solna está em festa. O juiz reinicia a partida. Vavá rola a bola para Didi, e este do centro do campo, faz um longo lançamento para Garrincha na direita. O ponta chega à linha de fundo e desfere um forte chute que acaba batendo na rede pelo lado de fora. A seleção brasileira pressiona a Suécia. Zagallo cobra um escanteio pela esquerda, a bola sobra para Didi, ele tenta passar para Vavá, mas a zaga sueca corta e a pelota fica com Zito que rapidamente lança Garrincha. Garrincha novamente avança em direção a linha do fundo e faz um cruzamento rasteiro para Vavá empatar a partida aos 8 minutos do primeiro tempo.

Dois minutos depois, a primeira jogada mais perigosa de Pelé. Ele recebe a bola de Vavá há cerca de dois metros da área, domina com a perna direita e chuta forte com a esquerda. A bola bate na trave e sai na lateral. “Um tiro sensacional de Pelé!”, narrou Oswaldo Moreira, na transmissão pela Rádio Nacional.

O Brasil é superior e encurrala os suecos em seu campo de defesa, que tentam sair em contra-ataque. Aos 32 minutos, em um lance quase idêntico ao do primeiro gol brasileiro, Garrincha mais uma vez avança pelo lado direito, até o final do campo, e serve para Vavá virar o placar.

Terminado o primeiro tempo, durante o intervalo, o comentarista Guilherme Sibemberg, da Rádio Nacional, analisa um a um, todos os jogadores da seleção brasileira. Sobre Pelé, o qual ele classifica como “infernálíssimo”, o jornalista observa: “Está dando um trabalho desesperador à defensiva sueca. Pelé era o jogador que a seleção nacional precisava contar nesses jogos finais. Calmo, joga serenamente e faz a tabela com Vavá de forma espetacular.”

Meses antes, quando Pelé surgia no cenário futebolístico brasileiro, e recebia as suas primeiras convocações para a seleção brasileira, existiram comentários que questionavam o temperamento do jogador, o classificando como emocionalmente

instável e mascarado (Ver Capítulo 3). O comentário de Sibemberg durante a transmissão da partida contra a Suécia, ressaltando a serenidade e tranquilidade do jogador, além de seu papel fundamental no embate, demonstram como as impressões sobre Pelé haviam se alterado.

Transformação que se acelera ainda mais quando a partida é reiniciada e Pelé faz um dos gols mais memoráveis de sua carreira. Aos 9 minutos do segundo tempo, depois de um lançamento feito por Nílton Santos, pelo lado esquerdo do ataque, Pelé ajeita a bola no peito, escapa de um pontapé de um defensor sueco, dá um lençol em outro, e de perna direita faz o terceiro gol do Brasil na partida.

Na continuidade da partida, a seleção brasileira continuou a dominar, tanto que Zagallo fez o quarto gol do Brasil aos 23 minutos. Pouco tempo depois, Simonsson descontou para os donos da casa, mas nada adiantou. No minuto final, Pelé disputa de cabeça e ganha da zaga da Suécia, encobrando o goleiro sueco e fazendo seu segundo gol na final, e quinto do Brasil.

A comemoração deste último gol de Pelé se confundiu com a comemoração da conquista do título pelo Brasil, tanto que a equipe da Rádio Nacional, durante sua transmissão, não sabia se o gol tinha ou não tinha sido validado pelo árbitro, tamanha a confusão que se estabelece em campo depois deste lance.

Após a conclusão da jogada Pelé desmaia em campo, Garrincha e Djalma Santos levantam o jovem jogador. Um atleta sueco vem cumprimentá-los, membros da comissão técnica brasileira e jornalistas invadem o gramado. Em meio ao caos, o juiz encerrou a partida. O Brasil por fim conquistava a Copa do Mundo.

Desde então muitos historiadores, escritores, jornalistas e pesquisadores em geral, se dedicam a falar sobre os significados e a importância desta conquista para o futebol brasileiro. Mas algo curioso é que em boa parte das vezes em que se fala da Copa do Mundo de 1958 e da vitória da seleção brasileira, parece haver a necessidade de se lembrar a derrota contra o Uruguai em 1950. Desde Mário Filho, Thomaz Mazzoni e Nelson Rodrigues, até trabalhos acadêmicos contemporâneos, ao se falar da vitória contra os suecos, são comuns referências ao “Maracanazo”. A razão desta lembrança se deve ao fato de que a conquista da Copa na Suécia é vista como a redenção da derrota contra os uruguaios, e esta percepção é algo comum tanto na imprensa, quanto na academia ou até mesmo no senso comum.

Um exemplo no meio acadêmico é Denaldo Alchorne de Souza, que mostra em seu trabalho a construção dos mitos de Pelé e Garrincha como um reflexo de

uma luta simbólica travada entre Estado, trabalhadores e grande imprensa, cujo objetivo é a construção de uma identidade nacional através do futebol. E esta luta se intensifica, segundo o autor, justamente a partir da derrota brasileira na final de 1950, e se consolida na construção das figuras de Pelé, e também de Garrincha, durante e após a Copa de 1958; “mitos forjados pelos trabalhadores, numa espécie de síntese das diversas representações de identidade nacional que se confrontavam e coexistiam em um mesmo contexto”<sup>327</sup>.

Já na imprensa esportiva, principalmente no contexto da Copa de 1958, e especialmente nos textos de Mário Filho e Nelson Rodrigues, aparecem referências quase diárias à Copa de 1950. Ambos fazem um paralelo constante entre as partidas daquele primeiro mundial realizado no Brasil, e as partidas que eram disputadas pela seleção brasileira na Suécia. Ao ler alguns trechos dos dois cronistas, se tem a impressão que o Brasil não estava disputando a Copa do Mundo da Suécia, mas sim, que ele jogava novamente a Copa do Mundo de 1950, tamanha a obsessão dos dois com o “Maracanazo”. Era como se partidas jogadas em 1958, fossem na verdade reedições ou reencenações das partidas disputadas em 1950.

Mas esta rememoração constante da final contra os uruguaios, não era algo restrito aos irmãos Rodrigues<sup>328</sup>, na transmissão radiofônica da partida, pela Rádio Nacional, o locutor Oswaldo Moreira, em discurso emocionado afirma: “Apagamos o 16 de julho do mapa do esporte brasileiro, temos agora o 29 de junho. Sem dúvida nenhuma, a data magna do esporte brasileiro!”. No momento da maior vitória do futebol brasileiro até então, Moreira, tem a necessidade de lembrar sua maior tristeza, mesmo que seja para dizer que a “apagamos” do mapa do esporte brasileiro. Mas não apagamos, pelo menos não até 2014.

Em várias oportunidades, mesmo após 1958, o trauma do Maracanazo ressurgia de tempos em tempos na imprensa esportiva ou na sociedade brasileira. Seja às vésperas de algum confronto entre Brasil e Uruguai, como na semifinal da Copa do Mundo de 1970<sup>329</sup>, ou no jogo das Eliminatórias para a Copa de 1994<sup>330</sup>. Seja no racismo sofrido pelo goleiro Barbosa, personagem culpabilizado

---

<sup>327</sup> SOUZA, Denaldo Alchorne de. **Pra Frente, Brasil! Do Maracanazo aos mitos de Pelé e Garrincha, a dialética da ordem e da desordem (1950 - 1983)**. São Paulo: Intermeios/Fapesp, 2018, p. 17.

<sup>328</sup> Mario Filho e Nelson Rodrigues eram irmãos.

<sup>329</sup> Brasil 3 x 1 Uruguai. Partida disputada no dia 17 de junho de 1970, no Estádio Jalisco, Guadalajara, México.

<sup>330</sup> Brasil 2 x 0 Uruguai. Partida disputada no dia 19 de setembro de 1993, no Estádio do Maracanã.



injustamente pelo Maracanazo. Seja em livros, filmes e matérias jornalísticas sobre o assunto.

Esta ferida, talvez, só tenha sido efetivamente “curada”, quando Maracanazo perdeu seu peso de “trauma nacional”, e isto pode ser explicado por meio de várias hipóteses. A primeira se deve ao fato que este episódio já aconteceu há algumas décadas, e por conta disso, muitos torcedores brasileiros sequer sabem quem foi Ghiggia, Barbosa ou Obdulio, muito menos que o Brasil, diante de um Maracanã lotado, perdeu uma final de Copa do Mundo para o Uruguai. Outra razão se dá por conta da seleção brasileira ter sofrido, bem mais recentemente, uma derrota ainda maior e muito mais humilhante: a goleada para os alemães, por 7 a 1, na Copa do Mundo de 2014, disputada, como em 1950, no Brasil. Outro aspecto que também não pode ser desconsiderado é o fato que o futebol, talvez não possua mais o mesmo protagonismo na sociedade brasileira, que possuía na segunda metade do século XX.

De qualquer maneira, em 1958, será atribuído um papel redentor à conquista da Copa do Mundo na Suécia, o que também marcará a imagem de alguns jogadores que participaram deste feito. Garrincha, Vavá, Didi, Mazzola, Zagallo, entre outros, serão bastante lembrados por seus papéis de “redentores”. Mas foi principalmente Pelé, um dos atletas que mais personificaram esta vitória, e esta personificação influenciará muito a maneira como ele será visto e tratado no decorrer de sua carreira.

Na biografia romanceada de Pelé, “A Viagem em torno de Pelé”, escrita por Mário Filho e publicada em 1963, o cronista afirma que “o campeonato do mundo de 58 abriu os olhos do Brasil para Pelé. Antes se via Pelé como se não fosse Pelé. Era o mesmo Pelé mas não era ainda Pelé”<sup>331</sup>. Ou seja, o título mundial transformou não apenas o status do jovem jogador, alterou até mesmo a semântica de seu nome. O que antes era apenas um apelido sem algum significado maior, o que antes era apenas um apelido de um jogador, como tantos outros apelidos pelos quais vários jogadores são conhecidos, passou a ser compreendido de outra maneira, como um sinônimo de grandeza.

Em outras palavras, podemos dizer que o Pelé, em letras maiúsculas, surge e é descoberto como o grande Pelé, com a conquista da Copa do Mundo na Suécia.

---

<sup>331</sup> FILHO, Mário. **Viagem em torno de Pelé**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963, p. 281.

## 5.2. O Brasil Novo

Nos dias seguintes à conquista, os periódicos esportivos não se cansavam de publicar mais e mais homenagens, e todas as referências possíveis aos campeões mundiais e seu feito. Inúmeras publicidades de empresas dos mais variados ramos de atividade, que buscavam atrelar suas imagens à dos jogadores, também estampavam as páginas dos jornais. Eram cestas de Natal, lojas de departamento, achocolatados, companhias aéreas, bolas de futebol, fábricas de automóveis, televisões, cervejas, vestuários, relógios, empreendimentos imobiliários, entre muitos outros, acompanhados por manchetes eufóricas e sob fotos “apoteóticas dos brasileiros após a conquista do título.”<sup>332</sup>

Esta sucessão de anúncios e imagens retratam não apenas a alegria pela vitória na Copa do Mundo, mas também as mudanças pelas quais o país passava. São sinais manifestos do fortalecimento de uma cultura de consumo, decorrente do crescimento e da diversificação da economia, e da industrialização promovidos pelo Programa de Metas do governo de Juscelino Kubitschek. Estas transformações, conforme vimos no Capítulo 2, buscavam transmitir uma forte imagem de otimismo e prosperidade, que acabavam se fazendo presente em vários aspectos da sociedade brasileira de então, dentre eles o próprio futebol.

Portanto, tendo este cenário em mente, podemos concluir que este título mundial alcançado por Pelé e seus companheiros, será visto por parte da imprensa e por certos setores da sociedade, tanto à época, quanto posteriormente, como uma confirmação dos “bons ventos” que sopravam pelo Brasil durante a presidência de JK, e a euforia traduzida nas festas dos torcedores, assim como nas páginas dos jornais, será a comprovação deste quadro.

Euforia, em muitos casos, que se cristalizou na “necessidade” de se presentear os jogadores da seleção, como a lista de subscrições, organizada pela Gazeta Esportiva, em parceria com a Rádio Panamericana e a TV Record. Entre os doadores figuravam sindicatos, políticos, empresas, escolas, clubes, associações e uma infinidade de pessoas comuns que de alguma forma queriam agradecer aos jogadores pelo feito na Suécia. Só para se ter uma pequena noção, traduzida em

---

<sup>332</sup> “Cenas apoteóticas dos brasileiros após a conquista do título”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 2 de julho de 1958, p. 12.

termos monetários, da comoção causada entre os torcedores brasileiros, o valor arrecadado pela lista, em 10 dias de campanha, totalizou Cr\$897280,00<sup>333</sup>, algo equivalente ao valor de cerca 236 salários mínimos da época.

E esta não foi a única, nem a maior, tentativa de presentear financeiramente os membros do *scratch*. O então presidente do Flamengo, segundo o jornal Última Hora, teria solicitado ao presidente da república uma premiação de 1 milhão de cruzeiros para cada um dos atletas campeões do mundo<sup>334</sup>, solicitação esta que teria sido atendida

A alegria pela vitória na Suécia estampada pelos jornais era, em boa medida, um reflexo da mesma alegria que contagiava o país. Felicidade que chegou até a suspender um velório no Rio de Janeiro. O líder de um grupo de amigos que organizava festas na rua Miguel Lemos, no bairro de Copacabana, durante as transmissões dos jogos da seleção, foi assassinado na véspera da final. Mas a felicidade da vitória foi tanta, que a despeito da tristeza pela morte do camarada, o grupo da Miguel Lemos comemorou de maneira barulhenta o título da seleção, graças a 1 milhão e 200 mil cruzeiros em fogos de artifícios doados pela Caramuru, fábrica deste tipo de material<sup>335</sup>.

Juscelino Kubitschek, e outros políticos, também tentavam embarcar nos festejos da torcida. O presidente mandou fazer medalhas de ouro comemorativas para presentear os atletas, Ademar de Barros, prefeito de São Paulo, fez publicar o telegrama enviado por ele à seleção brasileira, parabenizando a conquista da Copa do Mundo, e Sílvio Lopes Fernandes, prefeito de Santos, anunciava uma grande homenagem aos jogadores do Santos Futebol Clube, que integravam a seleção campeã, entre eles, Pelé, além do goleiro Gylmar, que apesar de ser atleta do Corinthians, era nascido em Santos<sup>336</sup>.

Até mesmo clubes brasileiros, que por ventura se encontravam em excursões internacionais, eram homenageados como se fossem a própria seleção nacional. Foi o caso do Fluminense que estava no Uruguai, no dia seguinte ao título na Suécia, para a realização de um encontro amistoso contra o Peñarol. Antes da

---

<sup>333</sup> "Encerrada a campanha de subscrição popular...". **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 12 de julho de 1958, p. 14.

<sup>334</sup> "Apelo do presidente do Flamengo a JK: um milhão de prêmio a cada campeão!". **Última Hora**. Rio de Janeiro: 3 de julho de 1958, p. 1.

<sup>335</sup> "Véspera de sangue não empanou a festa da vitória na Miguel Lemos". **Última Hora**. Rio de Janeiro: 30 de junho de 1958, p. 9.

<sup>336</sup> "Santos também vibrou com a grande conquista". **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 2 de julho de 1958, p. 16.

partida, os alto-falantes do Estádio Centenário, parabenizaram os jogadores do tricolor carioca e tocaram o hino nacional do Brasil. Além disso, a bandeira brasileira foi hasteada no mastro olímpico de homenagens, o que, segundo uma testemunha, foi feito entre “entusiásticos aplausos” do público presente<sup>337</sup>.

Os jornais e revistas publicaram um amplo material, buscando traçar o retrato mais completo possível sobre a conquista com balanços da campanha na Suécia, retrospectivas contando a trajetória da seleção ao longo do torneio, crônicas sobre a conquista, antologias de manchetes<sup>338</sup> de jornais estrangeiros<sup>339</sup>, poemas<sup>340</sup> laudatórios à equipe<sup>341</sup>, e análise dos desempenhos individuais dos atletas

Neste último caso, a Gazeta Esportiva fez uma análise da performance de todos os jogadores brasileiros na final da Copa, por meio de seu correspondente na Suécia, Paulo Planet Buarque, que assim escreveu sobre Pelé:

“O garoto de ouro do time brasileiro jogou como sempre joga no Santos. Senhor da área, certo nas fintas, perigoso nos arremates, perigosíssimo nas cabeçadas. Se tivéssemos contado com Pelé em todas as partidas, principalmente nos prélios contra a Áustria e a Inglaterra, teríamos ganho com facilidade ainda maior contra os austríacos e vencido a Inglaterra. Marcou um gol de alta classe, o terceiro, e voltou a assinalar no final do “match” quando as coisas começavam a complicar.”<sup>342</sup>

A conclusão, feita por Planet Buarque a respeito de Pelé, é mais um sinal da transformação do status do atleta, principalmente perante a imprensa. Qualquer índice de instabilidade emocional do jogador ou de seu futebol, é apagado, ou melhor, estas suspeitas que pairavam sobre ele quando começou a jogar profissionalmente pelo Santos, parecem com o texto do jornalista, nunca sequer terem existido. Da mesma forma, as críticas daqueles que defendiam seu “corte” da seleção, após sua contusão na partida contra o Corinthians, parecem ser eventos que nunca aconteceram, ou de alguma realidade paralela. De fato, neste contexto exatamente posterior à Copa da Suécia, Pelé será efetivamente tratado como um

<sup>337</sup> “Campeões mundiais de 50 (Uruguai) vibram com o título dos brasileiros”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 1 de julho de 1958, p. 32.

<sup>338</sup> “Rapidez e eficácia foram as grandes armas da equipe campeã”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 1 de julho de 1958, p. 32.

<sup>339</sup> “O futebol mundial conheceu o seu verdadeiro mestre”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 1 de julho de 1958, p. 16.

<sup>340</sup> “Vencedores”. **Última Hora**. Rio de Janeiro: 2 de julho de 1958, p. 1.

<sup>341</sup> “Semo Campião”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 4 de julho de 1958, p. 3.

<sup>342</sup> “Um a um, os brasileiros, na grande final”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 2 de julho de 1958, p. 22.

jogador imprescindível para qualquer seleção brasileira que se queira organizar, ou seja, ele se consolidava, efetivamente, como um “garoto de ouro”.

Além disso, a performance de Pelé nos campos suecos parece funcionar como o início de uma nova fase de sua carreira. A jovem revelação, o garoto promissor, é agora substituído por outro jogador, um atleta experiente e central, não apenas para o futebol brasileiro, mas para o futebol como um todo. Entre os vários comentários da imprensa internacional sobre o desempenho de Pelé na Copa do Mundo, uma observação feita pelo jornal *Il Paese*, de Roma, parece resumir esta nova etapa na trajetória profissional do atleta. O periódico italiano escreveu que “nunca mais esqueceremos da fábula esportiva de um jovem de 17 anos, Pelé”<sup>343</sup>.

Ao afirmar que jamais esqueceríamos aquilo que Pelé fez na Copa da Suécia, *Il Paese*, ressalta a grandiosidade que a figura do atleta em questão já havia alcançado. E ao fazer isso, o jornal italiano, por outros caminhos, descreve Pelé de maneira semelhante a que Homero se referia aos heróis de suas epopeias, como Aquiles e Odisseu, personagens que por conta de seus feitos atingiram a *kléos*, a glória de se tornarem semelhante aos deuses e, por conta disso, serem lembrados para sempre e jamais esquecidos. Ao afirmar que nunca esqueceremos Pelé, o *Il Paese*, à sua maneira, afirma que aquele jovem de 17 anos nos campos da Suécia, ou seja, Pelé, atingiu a *kléos*.

E é sob a aura desta “glória eterna”, que muitas vezes a imprensa irá se referir ao jogador a partir deste contexto. O próprio filme produzido décadas depois sobre Pelé, “Pelé Eterno”, desde seu título parece referendar a *kléos* atingida pelo jogador em 1958, confirmando-a através da exibição de outros feitos dignos de nota, alcançados por Pelé, no desenrolar de sua carreira<sup>344</sup>. Contudo, como boa parte dos traços que identificamos até aqui, e que são determinantes no modo como a imagem de Pelé foi tratada nestes primeiros anos de futebolista profissional, esta *kléos* atribuída aqui ao jogador, é apenas uma, das muitas maneiras que a imprensa, e até mesmo a torcida, irá se referir a ele.

O *Jornal dos Sports*, assim como a *Gazeta*, também publicou um balanço individual de cada um dos jogadores brasileiros que atuaram na partida final contra a Suécia. Sobre Pelé, especificamente, o periódico escreveu o seguinte:

---

<sup>343</sup> “O título mundial foi realmente para os melhores, os brasileiros”. **A Gazeta Esportiva**. São Paulo: 2 de julho de 1958, p. 27.

<sup>344</sup> PELÉ Eterno. Aníbal Massaini Neto. São Paulo: TeleImage/ Anima Produções/ Cinearte Produções, 2004.

“Seu estilo desconcertante assenta como luva com a finura e a arte de Didi e a valentia indomável de Vavá. Fez tentos maravilhosos, despontando irresistivelmente depois que recuperou o seu melhor estado físico . Está célebre na Europa inteira. É um saci incontível e endiabrado que faz lembrar, pela mobilidade, os nossos individualistas do passado como Valdemar de Brito e Leônidas da Silva. Nota dez.”<sup>345</sup>

Nesta análise reaparecem algumas das maneiras com as quais a crônica esportiva costumava se referir ao jovem jogador em seu início de carreira, como o estabelecimento de uma relação entre ele e Didi. Só que desta vez, ao invés de Pelé ser simplesmente comparado com Didi, ele é posto em pé de igualdade com o experiente meio-campista, e é elogiado pelo entrosamento estabelecido em campo com o próprio Didi, e com seu colega de ataque, Vavá.

O jornal ainda ressalta a fama alcançada por Pelé com a Copa do Mundo, contudo, descreve o atleta sobre uma perspectiva racista, chamando-o de saci. Poucos dias depois a revista *O Cruzeiro* também se referiu ao jogador com o mesmo termo, colocando como legenda, em uma foto colorida (Imagem 9), posada, de um sorridente Pelé, de página inteira, onde aparece o seguinte texto: “Pelé, com jeito de saci de história popular, não deu confiança à idade: com as pernas mágicas dos seus 17 anos conquistou o título de campeão mundial”<sup>346</sup>.

Mesmo Pelé tornando-se o jogador mais jovem a conquistar uma Copa do Mundo, mesmo sendo decisivo nessa conquista, mesmo tendo marcado 6 gols ao longo do torneio, mesmo tendo sido eleito a revelação do campeonato, mesmo assim, a imprensa faz uso de uma figura como a do Saci, que é interpretada, em muitas regiões do Brasil, como uma entidade maléfica e desordeira<sup>347</sup>, para defini-lo. Em nenhum momento, o belo sorriso estampado no rosto do jovem jogador é associado a felicidade do atleta por ter recém conquistado a Copa do Mundo, pelo contrário, a legenda escolhida é para fazer referência a uma figura do folclore brasileiro, que apesar de graciosa, é sinônimo de mau agouro e que tem suas origens vinculada ao passado escravista brasileiro.

<sup>345</sup> “Um a um os onze campeões da última batalha”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 30 de junho de 1958, p. 5.

<sup>346</sup> “Pelé com jeito de saci...”. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro: 12 de julho de 1958, p. 46.

<sup>347</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ediouro, s/d, p. 794.

Imagem 9 - Foto em página inteira de Pelé publicada pela **O Cruzeiro**

O racismo expresso pela publicação, e pelo uso do termo “saci”, se torna ainda mais evidente em uma foto publicada do capitão da seleção brasileira, Bellini, na mesma edição. Assim como Pelé, outros jogadores da seleção também tiveram fotos coloridas posadas e de página inteira publicadas neste número de *O Cruzeiro*. A diferença é que enquanto o negro Pelé é chamado de “saci” pela revista, o capitão branco aparece segurando a Taça Jules Rimet e sendo beijado pela Miss Brasil 1958, Adalgisa Colombo (Imagem 10), e sob legenda, a seguinte descrição de sua chegada à redação do periódico: “Ele desceu do elevador, o porte elegante no amassado uniforme de viagem. Não parecia um jogador de futebol. Tinha até jeito de galã de cinema.”<sup>348</sup> O mesmo ocorrendo na capa da publicação, que ao invés de trazer uma foto de toda a equipe, ou do melhor jogador do torneio, o negro Didi, ou de outros destaques da seleção. como o indígena Garrincha, ou o próprio Pelé,

<sup>348</sup> “Ele desceu do elevador...”. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro: 12 de julho de 1958, p.43.

preferiu estampar duas fotos, uma de Bellini, com o uniforme da seleção, fazendo embaixadas e outra, de Adalgisa Colombo, em roupas de banho<sup>349</sup> (Imagem 11).

Imagem 10 - Foto de Bellini e Adalgisa Colombo publicada pela **O Cruzeiro**



<sup>349</sup> “Na redação de O Cruzeiro os campeões viveram...”. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro: 12 de julho de 1958, p. 1.



Imagem 11 - Capa de **O Cruzeiro** com Bellini e Adalgisa Colombo

Nas páginas seguintes, são exibidas mais fotos de Bellini durante sua passagem pela redação, em uma ele aparece novamente, com a Jules Rimet em suas mãos e ao lado de outra “miss”, Ana Maria Carvalho, a Miss Bahia 1958. Em outra imagem, em uma foto espontânea, ele está de perfil, mas o que chama a atenção, novamente, é a legenda: "Bellini parece uma figura olímpica"<sup>350</sup>.

A diferença de tratamento entre os dois atletas pela revista, evidencia os papéis sociais esperados tanto de Pelé, enquanto negro, quanto de Bellini, enquanto branco, de acordo com a visão da publicação. Pelé é o “saci”, a figura graciosa, porém maléfica e desordeira, enquanto Bellini, reflete os ideais de um questionável conceito de “beleza universal”, o que o faz ser cobiçado por belas mulheres. Pelé, ao ser descrito desta forma, também lembra como o negro é percebido e descrito negativamente nesta sociedade, ou seja, conforme define Sodré, como o negro na perspectiva racista é compreendido, enquanto um “inumano universal’ ou como outra espécie biológica não plenamente identificável

<sup>350</sup> “O grande capitão Hidelaldo Bellini”. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro: 12 de julho de 1958, p. 44.

como humana<sup>351</sup>. Afinal ele não é um homem, é uma entidade mística, um “saci”, segundo O Cruzeiro.

Já Bellini, ao ser tratado como uma “figura olímpica”, reforça a ideia da branquitude como “norma” e de versão universal de humanidade, contribuindo para a consolidação de clichês identitários que irão garantir “a manutenção simbólica dos valores do homem branco e europeu no imaginário social”<sup>352</sup>, em detrimento do homem negro, tratado como o oposto e inferior a este mesmo simbolismo branco e europeu.

Ao se comparar a maneira como os dois jogadores campeões mundiais são tratados pela publicação, percebemos um processo de atribuição de valores naturalmente negativos à pele negra, e por outro lado, naturalmente positivos à pele branca, afetando, conseqüentemente, as maneiras como o negro é representado na sociedade, o colocando, em termos hierárquicos, em uma posição subalterna à do branco.

O Cruzeiro, além de tratar diferentemente futebolistas negros e brancos nas páginas desta mesma edição, ainda publica um texto de Vargas Netto, negando a existência de racismo na seleção brasileira, usando para isso, de argumentos baseados em uma suposta meritocracia. Assim escreveu Netto:

“Agora, por exemplo, estão inventando uma possível discriminação racial na formação de nossa equipe de futebol que foi ao Campeonato do Mundo!(...) Que outro preto poderia jogar? Pelé? Pelé seria o titular, e o era, até que se machucou e ficou em tratamento. Que mais outro haveria em condições de ser apontado?! Nenhum. Domingos, Leônidas ou Didi não nascem todos os dias(...) Neste plantel, que está lá na Suécia, figuram sete ou oito atletas de côr. Quase uma equipe inteira! Onde há discriminação, se todos esses já foram empregados e continuam à espera de uma oportunidade?! A cor não importa nada, o que importa é a capacidade técnica.”<sup>353</sup>

Netto afirma que a discriminação racial é algo inventado por jornalistas, a quem ele se refere como “corvos”, e argumenta que a existência de jogadores negros na seleção seria uma prova de inexistência do mesmo racismo. Contudo, ignora a ausência de negros em posições de comando da comissão técnica, ou na elaboração do planejamento para a Copa do Mundo, e relativiza a preferência na

<sup>351</sup> SODRÈ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 159.

<sup>352</sup> BASTHI, Angélica. **Breve reflexão sobre Pelé e a experiência negra no futebol brasileiro**. In ALFONSI, Daniela/ CAMPOS, Flávio de (organizadores). **Futebol objeto das ciências humanas**. São Paulo: Leya, 2014, p. 125.

<sup>353</sup> “Atitudes Incríveis”. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro: 12 de julho de 1958, p. 40.

escalação de brancos, ao invés de negros, entre os titulares nos primeiros jogos no torneio.

Netto ao mencionar que jogadores excepcionais e negros como “Domingos, Leônidas ou Didi não nascem todos os dias”, como justificativa para a não escalação de outros atletas negros, ironicamente, sem saber, reforça uma tese de Nelson Rodrigues sobre a existência do racismo no futebol brasileiro. Nelson, em sua entrevista com Gentil Cardoso, analisada no Capítulo 3, defende a ideia, corroborada pelo treinador, de que os jogadores negros para serem bem sucedidos no futebol, tinham que se esforçar muito mais que os brancos. Ou seja, para Vargas Netto, mesmo negando a existência de racismo na seleção brasileira, ao afirmar que somente jogadores negros que fossem excepcionais, como Domingos ou Leônidas, deveriam ser convocados, está, pelo contrário, confirmando a existência do racismo na seleção.

Mas este racismo não se manifestava apenas pela imprensa, conforme já demonstramos no Capítulo 4, até mesmo no momento em que seu nome era cogitado em negociações com outros clubes, os valores estipulados por seu passe, ou de outros jogadores negros, como Didi, por exemplo, na média, eram menores que os valores estipulados por um jogador branco de nível semelhante, na carreira, a ele, como no caso da negociação de Mazola com o Milan.

Ao longo da carreira profissional de Pelé, vemos uma transformação constante de sua imagem, transformação essa já perceptível desde o início de sua trajetória, analisada neste trabalho. Entretanto, apesar de todas as mutações, algo se faz constante no decorrer deste percurso, a presença de um discurso racista. E mesmo que com estas sucessivas ressignificações de sua imagem, tenhamos uma multiplicidade de imagens do jogador, a percepção que temos ao analisar a biografia de Pelé como um todo, é a de que ele, seja como futebolista, seja como pessoa pública, jamais “esteve imune ao enfrentamento do preconceito e da discriminação racial, seja de forma explícita ou de forma dissimulada”<sup>354</sup>.

Mesmo que o próprio Pelé tenha afirmado inúmeras vezes ao longo de sua vida que jamais teria sido vítima do racismo no Brasil, e em outras tenha até negado a existência deste mesmo racismo em seu país, frequentemente a imprensa e os torcedores usaram de discursos com teor racista para se referir a ele.

---

<sup>354</sup> BASTHI, Angélica. Op. cit, p.127.

Seja quando ainda aparecia pelas primeiras vezes nas páginas dos periódicos esportivos e era chamado de “esse negrinho”, seja quando foi alçado por Nelson Rodrigues, à revelia de sua vontade, como um símbolo do orgulho racial negro, seja quando ele era chamado simplesmente de “negrão” ou “criolo” por cronistas e torcedores, ou ainda, quando mesmo já campeão do mundo, foi chamado de “saci”, discursos com a temática racial serão recorrentes em grande parte dos momentos em que seu nome é mencionado.

Contudo, esta postura omissa de Pelé em relação ao racismo no Brasil, não pode diminuir a importância de sua figura para a luta contra este mesmo racismo, ao menos no campo simbólico. Todo o sucesso alcançado por ele o coloca, enquanto um homem negro, em uma posição de destaque positivo dentro do imaginário brasileiro, apesar das tentativas de invisibilização ou de estereotipização de sua identidade racial, por parte da crônica esportiva. Em outras palavras, o sucesso e a visibilidade alcançados por Pelé, serão desafios e afrontas constantes ao racismo, por mais que o próprio Pelé não questionasse publicamente este traço marcante da sociedade brasileira.

Mas se por um lado dentro de uma perspectiva racista, principalmente por parte da imprensa brasileira, ele será comparado a um saci, para parte da imprensa europeia a comparação deve ser feita com outra figura, o meio-campista Ferenc Puskas, destaque da seleção húngara vice-campeã mundial em 1954. Conforme demonstramos ao longo deste trabalho, Pelé em seu início de carreira sempre foi comparado com outros jogadores ou ex-jogadores já mais consagrados, como Leônidas, Domingos da Guia, Zizinho e Didi, todos eles negros. Após o seu grande desempenho durante a Copa da Suécia, estas comparações continuam a ser feitas, porém de outra maneira.

Esta mudança se deve ao fato de que Pelé já dava provas que era uma estrela com luz própria e, portanto, o modo de comparação obrigatoriamente deveria ser outro. As comparações que serão feitas a partir de agora, pelo menos neste momento de euforia pela conquista do título mundial, não serão no sentido de mostrar que Pelé lembra Zizinho, ou que é semelhante a Leônidas, ou ainda que é a versão atacante de Domingos da Guia. As comparações serão feitas no sentido de demonstrar que ele é na verdade, melhor, que um outro grande jogador consagrado, no caso, melhor que Puskás.

Segundo o *Jornal dos Sports*, periódicos europeus, cujos nomes ele não menciona, prestavam muitas homenagens aos jogadores brasileiros, mas principalmente a Pelé, jogador que era considerado por eles a maior revelação da Copa e, já naquela altura, um futebolista superior a Puskás<sup>355</sup>. Esta comparação, mesmo que sutilmente, coloca Pelé em um nível bem superior ao que ele se encontrava até então, na medida que a analogia feita agora ultrapassa os limites do futebol brasileiro, o comparando com um jogador estrangeiro e que, até recentemente era considerado por muitos o melhor jogador do mundo. Ou seja, o estabelecimento deste novo critério de comparação envolvendo o nome de Pelé não está mais restrito a apenas outros jogadores brasileiros. Nesta nova comparação, agora tendo Puskás como referência, o que está em pauta não é se ele é, ou não é, o melhor jogador do Brasil, mas sim, se ele é ou não é o melhor jogador do mundo.

Mas como dissemos acima, esta comparação apenas coloca Pelé, sutilmente, neste nível, já que o jogador eleito como o melhor da Copa do Mundo de 1958, e conseqüentemente da seleção brasileira, de maneira quase unânime pela imprensa esportiva que cobriu o torneio, foi Didi. Pelé, embora bastante elogiado, era mencionado muito mais como a principal revelação, ou como o melhor jogador jovem do campeonato. Mesmo assim, percebemos nesta comparação entre Pelé e Puskás, algo que viria a ser muito frequente nos anos subsequentes da carreira do jogador brasileiro, menções diretas, ou indiretas, de que ele era o melhor jogador de futebol do mundo, ou que ao menos, poderia estar na lista daqueles que eram considerados os melhores. E uma prova deste status de Pelé é que, neste mesmo contexto, em que ele é comparado a Puskás, o Real Madrid teria supostamente feito uma nova oferta de 15 milhões de cruzeiros ao Santos<sup>356</sup>, para contar com o futebol do jovem jogador e assim possibilitar que Pelé e jogador húngaro atuassem juntos pela equipe espanhola. Mas isso nunca ocorreu.

Contudo, com esta suposta nova proposta feita pelo Real Madrid, segundo o *Jornal dos Sports*, percebemos que a mudança do status de Pelé, após a Copa do Mundo, também ocorre em termos financeiros. Se nas vésperas da partida contra a União Soviética, conforme mostramos no capítulo anterior, o clube espanhol teria feito uma oferta de 8 milhões de cruzeiros por seu passe, passado um pouco mais

---

<sup>355</sup> "Pelé é superior a Ferenc Puskas". **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 1 de julho de 1958, p. 9.

<sup>356</sup> "O Real Madrid ofereceu quinze milhões por Pelé". **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 1 de julho de 1958, p. 6.

de duas semanas, os espanhóis quase que dobraram a sua proposta. Tamanha inflação no “preço” de Pelé, em um espaço tão curto de tempo, mesmo não seja possível averiguar se as propostas do Real Madrid realmente existiram, dá uma dimensão da maneira como Pelé começava a ser percebido, e qual era o seu novo “tamanho” dentro do universo do futebol. Entretanto, os 15 milhões ofertados pelos merengues, pelo negro Pelé, ainda eram menores do que os 25 milhões pagos pelo Milan, pelo passe do branco Mazola, evidenciando, conforme já discutimos anteriormente, que jogadores negros, por melhor que sejam, neste contexto, eram menos valorizados do que jogadores brancos.

Seja qual fosse o valor exato de Pelé, em termos financeiros, fato é que ele não era mais apenas uma revelação, ou apenas mais uma promessa do futebol. No dia que antecedeu a chegada da seleção brasileira, o próprio atleta, segundo um de seus colegas de equipe da conquista na Suécia, o lateral-esquerdo Nilton Santos, Pelé parecia perceber este seu novo patamar, ao imaginar seu papel já para para a próxima Copa do Mundo, em 1962, no Chile.

De acordo com Santos, em depoimento concedido ao cronista Geraldo Romualdo da Silva, e publicado no *Jornal dos Sports*, Pelé lhe teria perguntado que: “Se, aos 17 anos, conquistei uma Copa do Mundo, é natural que aos 21 pense noutra - ou será que estou exagerando?”<sup>357</sup>. Segundo outro companheiro de seleção, Didi, o mesmo com o qual Pelé era frequentemente comparado, o jovem atleta não estava exagerando. Didi, no dia da chegada da delegação brasileira ao Rio de Janeiro, disse à *Gazeta Esportiva* que “Pelé tem muito futebol pela frente. Será um dos mais destacados jogadores de futebol do mundo. Brilhou neste certame, e, acredito, será outra sensação no campeonato a realizar-se no Chile.”<sup>358</sup> Pelé a partir de agora, não era mais um atleta ao qual eventualmente se insinuava a possibilidade de um futuro promissor. Seja para seus colegas, seja para a maioria da crônica esportiva, seja para a maioria dos torcedores, ou até para ele mesmo, Pelé já era um grande jogador, ou conforme disse Didi, um dos melhores do mundo.

A recepção feita para os jogadores da seleção em seu retorno para o Brasil foi, conforme repetiam os periódicos da época, um verdadeiro carnaval. Segundo o

---

<sup>357</sup> “Meu uniforme irá para casa”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro: 2 de julho de 1958, p. 11.

<sup>358</sup> “E um jogador extraordinário e com muito futebol pela frente”. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo: 4 de julho de 1958, p. 5.

Última Hora o “carnaval renasceu na euforia do campeonato”<sup>359</sup>, enquanto “o povo chorava com os campeões”<sup>360</sup>. Para o *Jornal dos Sports* o “Rei Momo reinou fora do reinado”<sup>361</sup> com chegada do *scratch* ao Rio de Janeiro. A revista *Manchete Esportiva*, inclusive, afirmou que o quinto gol do Brasil contra Suécia, marcado por Pelé, foi o estopim “para festejar o maior carnaval de todos os tempos.”<sup>362</sup> E neste carnaval, que se mostrou verdadeiramente grandioso, Pelé foi um dos mais homenageados.

Duarte Gralheiro, em sua coluna “Ponta de Lança”, sintetizou o cenário de festa que se encontrava o país, extasiada pela chegada dos vencedores da Copa do Mundo. Segundo o cronista,

“Os artistas da bola estão transformados em heróis nacionais. A cidade saiu ontem à rua para recebê-los, libertando um recalque de oito anos. Aquela mocinha de blusa azul que chorou no Maracanã, numa tarde clara e seca de 50, passeou seu contentamento na Avenida. Ia num bloco sacolejante de brotos e levava os olhos iluminados pela vitória. O Presidente, o ministro, o general, o magistrado, o deputado, o vereador, o advogado, o comerciante e o comerciário, foram abraçar os *cracks*. Era apoteose do *football* como desporto de uma nação.”<sup>363</sup>

Ao se ler os jornais e as revistas daqueles dias de 1958, fica a impressão que realmente o clima do país era dos mais alegres por conta do título trazido pela seleção. Nelson Rodrigues, em uma de suas crônicas publicadas pela *Manchete Esportiva*, embalado pela euforia da vitória, chega a afirmar que a conquista da Copa do Mundo operou um milagre no Brasil: “Se analfabetos existiam, sumiram-se na vertigem do triunfo”<sup>364</sup>. De acordo com Nelson, todos queriam saber como haviam corrido as coisas na Suécia, todos liam e reliam os jornais em busca de informação, até mesmo, segundo ele, os analfabetos. Exageros à parte, Nelson Rodrigues tinha lá sua razão. Conforme escreveu Gralheiro, do presidente da república ao simples comerciário, todos queriam saber dos jogadores da seleção e abraçá-los. E Juscelino fez questão de recepcionar pessoalmente os jogadores.

Kubitschek disponibilizou o avião presidencial para a delegação brasileira, para que assim que chegassem ao território nacional, em Recife, trocassem de

<sup>359</sup> “Carnaval renasceu na euforia do campeonato”. *Última Hora*. Rio de Janeiro: 3 de julho de 1958, p. 1.

<sup>360</sup> “Delírio nas ruas: o povo chorava com os campeões”. *Última Hora*. Rio de Janeiro: 3 de julho de 1958, p. 1.

<sup>361</sup> “Rei Momo reinou fora do reinado”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro: 3 de julho de 1958, p. 1.

<sup>362</sup> “Viva o Brasil”. *Manchete Esportiva*. Rio de Janeiro: 12 de julho de 1958, p. 40.

<sup>363</sup> “Pão e football”. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro: 3 de julho de 1958, p. 6.l

<sup>364</sup> “Meu Personagem da Semana”. *Manchete Esportiva*. Rio de Janeiro: 5 de julho de 1958, p. 36.

aeronave e viessem para o Rio de Janeiro. Já na capital pernambucana uma multidão de torcedores esperava os campeões mundiais no aeroporto, mesmo que para saudá-los rapidamente. Na chegada à então capital federal, e após desfilar em carros de bombeiro pela Avenida Rio Branco, a seleção chegou à sede do poder executivo, o Palácio do Catete, onde o presidente da república, imprensa e familiares dos jogadores os aguardavam.

Imagem 12 - Foto de Juscelino Kubitschek bebendo o “vinho da vitória” na Taça Jules Rimet, publicada pelo **Jornal dos Sports**<sup>365</sup>



JK distribuiu medalhas e diplomas a todos os membros da delegação brasileira, se fez fotografar com jogadores e com a Taça do Mundo, que na verdade não era a taça verdadeira, mas sim, por questões de segurança, uma réplica da taça original<sup>366</sup>, e ainda chegou a tomar o “vinho da vitória”, usando a própria Jules Rimet como copo (Imagem 12). Ainda fez um discurso, comentando a importância

<sup>365</sup> “Na ‘coupe’ o presidente bebeu o vinho da vitória”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 3 de julho de 1958, p.1

<sup>366</sup> “Do Galeão ao Catete, a Taça Jules Rimet”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 3 de julho de 1958, p. 8.



da conquista da Copa do Mundo, concluindo com a seguinte mensagem: “Faço votos para que a nação brasileira continue na mesma senda e na mesma marcha, trazendo para o nosso povo títulos que lhe dão a (medida) de sua grandeza”<sup>367</sup>.

Com esta fala, Juscelino evidentemente parece querer associar o título na Suécia, à mesma marcha que o seu governo desejava colocar o Brasil com o Programa de Metas. Acelerar o desenvolvimento nacional, industrializar o país e construir a nova capital, Brasília, entre várias outras medidas. Ou seja, buscava ligar o sucesso alcançado pelo futebol e a superação das derrotas do passado, ao seu projeto de um país novo, com ares de modernidade e voltado para o futuro.

Mais de dois meses antes do título na Suécia, às vésperas do embarque da seleção para a Europa, a delegação brasileira fez uma visita a Juscelino no Palácio do Catete, descrita por Mário Filho em sua biografia de Pelé. Neste encontro entre o presidente e os atletas, JK foi apresentado a cada um dos jogadores que compunham o grupo. Coube ao dentista da delegação, o brincalhão Mário Trigo, apresentar Pelé a Kubitschek. Segundo as palavras de Mário Filho, o encontro teria transcorrido da seguinte maneira:

“- Pelé, Presidente. O caçula da delegação. Dezesete anos.  
Pelé sorria, seguro de si, Juscelino Kubitschek sentiu um aperto de mão firme.  
- É o Brasil novo que eu vejo - e olhou mais para Pelé para gravar-lhe a fisionomia franca, saudável, confiante.”<sup>368</sup>

Juscelino que, à sua maneira, desejava construir um novo Brasil, e que nesta tentativa de fazê-lo acabou até por inspirar o modelo de organização e preparação da seleção brasileira para a Copa do Mundo de 1958, encontrava ali, ao menos segundo a versão romanceada de Mário Filho, a cara deste novo Brasil imaginado por ele, personificada em um jovem negro, altivo, sorridente e orgulhoso de si.

Não é possível afirmar que este “Brasil novo”, planejado por Juscelino, tenha de fato se realizado plenamente. Contudo, esta fisionomia tão atenciosamente observada por ele, quando foi apresentado a Pelé, se tornaria não necessariamente o rosto de um Brasil novo, mas sobretudo o rosto pelo qual o país seria conhecido mundo afora. Um rosto que se tornaria um dos mais conhecidos no mundo, um rosto que seria visto como sinônimo de Brasil, o rosto de um homem negro sorridente e seguro de si, o rosto de Pelé.

<sup>367</sup> “Recebo a taça para a nação!”. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro: 3 de julho de 1958, p. 8.

<sup>368</sup> FILHO, Mário. **Viagem em torno de Pelé**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963, p. 174.

E esta foi uma tentativa de contar como este rosto surgiu. A história de como aquela “notável revelação peixeira” se tornou Pelé.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

“O Drible” é um romance escrito por Sérgio Rodrigues, que conta a complexa relação entre um filho, revisor de livros de autoajuda, e um pai, velho cronista esportivo, em seus últimos dias. No início da narrativa, que conta a tentativa de aproximação de ambos, o pai descreve para o filho, com riqueza de detalhes, o famoso lance de Pelé na semifinal contra o Uruguai na Copa do Mundo de 1970, em que ele dribla o goleiro Mazurkiewicz, sem sequer tocar na bola após um lançamento de Tostão. Vencido o arqueiro uruguaio, gol vazio, Pelé, desequilibrado, chuta a bola, que passa rente à trave direita de Mazurkiewicz, e sai caprichosamente pela linha de fundo.

A jogada plasticamente maravilhosa de Pelé, e os artifícios utilizados por ele para enganar o goleiro uruguaio, criando a ilusão que agirá de uma maneira, escondendo seu jogo, e por fim agindo de uma terceira maneira surpreendente, é a metáfora perfeita para ilustrar a tumultuada e misteriosa relação entre os dois protagonistas do romance.

A maneira como o velho cronista narra para o seu filho o drible de Pelé, traz vários elementos que marcaram a maneira como a figura de Pelé foi construída pela crônica esportiva ao longo de sua carreira. Mas entre estas várias referências, uma afirmação chama mais atenção, e de certa forma dialoga com os objetivos deste trabalho. É o momento em que ele descreve o porquê de Pelé ter driblado Mazurkiewicz, do jeito que driblou:

“Mas de repente estamos em 1970, a bola é passada pelo Tostão e, aí é que está, Pelé já é Pelé. Está farto de saber que é um mito, um semideus, o que tem a perder tentando ser um deus completo? Aí ele não faz o certo, faz o sublime. Troca o caminho batido do gol, o gol certo que tinha feito tantas vezes, pelo incerto que, como veremos, jamais faria.”<sup>369</sup>

Segundo o pai, em conversa com o filho, Pelé, naquele momento, já era Pelé e já sabia que por isso, já era um mito e semideus, faltando para ele “apenas” ser um deus completo. E é justamente esta afirmação, de que Pelé já era Pelé que instigou esta pesquisa, identificar a partir de que momento Pelé se tornou Pelé, ou ao menos, descrever o processo de transformação que levou a “notável revelação peixeira” a, efetivamente, se tornar Pelé.

Umberto Eco escreveu certa vez que planejar uma pesquisa é como planejar uma viagem de férias. Neste planejamento da viagem, definimos o destino para onde vamos, qual trajeto faremos, quais serão as roupas e itens necessários

---

<sup>369</sup> RODRIGUES, Sérgio. **O Drible**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 11

levados na mala, qual o meio de transporte utilizado, entre outras questões. Mas diz ainda o escritor italiano, por mais que façamos um esboço de todas as necessidades da viagem, alterações de última hora sempre ocorrerão neste planejamento. É uma modificação na rota, é uma peça de roupa que esquecemos ou um pneu do carro que fura. Imprevistos e mudanças são itens constantes em qualquer viagem que se planeje. O mesmo vale para o planejamento de uma pesquisa, e esta não foi diferente.

Assim como Pelé com Mazurkiewicz, que deu a entender que faria uma coisa, foi fazer uma segunda e, por fim, fez uma terceira, da mesma forma, o “objeto” Pelé se “apresentou” para nós, conforme mais estudávamos sobre ele.

O propósito inicial deste trabalho era estudar o milésimo gol de Pelé, analisando o seu contexto histórico e como a figura do próprio Pelé dialogava à época com este mesmo contexto. Mas para isso se fazia necessário entender como foi construída, pela imprensa, a imagem de Pelé até aquele momento, em que ele marcou seu gol de número mil. Aí o primeiro drible.

Para se compreender como a figura de Pelé foi construída pela crônica esportiva, tivemos que retornar ao início de sua carreira, pesquisando as primeiras menções de seu nome nos periódicos da época. E conforme mais a pesquisa se aprofundava, mais evidente que a imagem de Pelé não nasceu pronta, e que a maneira que ele era visto em 1969, obviamente não era igual ao modo como ele era percebido em 1956, que também não era mesma em 1957, muito menos a mesma em 1958, antes da Copa do Mundo, tão pouco, ainda em 1958, após a Copa do Mundo.

Estas intensas e rápidas transformações na imagem de Pelé, e a maneira como elas refletem uma multiplicidade de fatores, tais como as diversas formas de racismo, os contextos políticos, o cenário do futebol brasileiro, mostraram a dificuldade de analisar sua carreira dentro de uma perspectiva temporal mais longa. Caso optássemos traçar um longo cenário que abrangesse a trajetória de 12 anos entre o início da carreira profissional de Pelé, em 1957, e o seu milésimo gol em 1969, corríamos o risco de fazer um trabalho amplo, porém superficial, na medida em que seríamos obrigados a ignorar ou a tratar apenas rapidamente toda esta multiplicidade de fatores. Eis o segundo drible.

Daí a razão por termos optado em restringir nossa pesquisa ao período compreendido entre o início da carreira de Pelé, desde as primeiras menções ao

seu nome na crônica esportiva, até ao seu primeiro grande feito mais significativo no futebol, a Copa do Mundo de 1958. Torneio no qual ele foi eleito a sua principal revelação, e que o tornou não apenas mais conhecido dentro do próprio Brasil, como internacionalmente também. Além de ser um episódio divisor de águas dentro da história do futebol brasileiro, por se tratar de seu primeiro título mundial.

De mais a mais, ao acompanharmos a evolução da figura de Pelé dentro deste período, acreditamos que é justamente a partir da Copa do Mundo da Suécia, que Pelé se torna Pelé, muito embora, esta mesma imagem continue a passar por transformações nas décadas seguintes. Contudo, conforme disse o velho cronista, personagem do romance de Sérgio Rodrigues, em 1970 Pelé já era Pelé, e já era Pelé pelo menos desde 1958. Mas qual era este Pelé surgido em 1958?

Ao tomar como base a trajetória que buscamos remontar neste trabalho, a imagem de Pelé que surge após a conquista da Suécia é a de um jogador extraordinário, e que por conta de sua pouca idade, prometia realizações semelhantes em um futuro próximo. Mas mais importante do que as perspectivas prometidas por seu futebol, é a trajetória até então curta de Pelé que cristaliza o espírito da época que ele vivia.

A começar pela própria história pessoal do jogador e de sua família, que reflete as transformações pelas quais passava o Brasil de então. Saídos do interior de Minas Gerais, rumo à uma cidade, que embora não fosse uma capital, no caso Bauru, era maior e um importante entroncamento ferroviário, os Nascimento buscavam melhores condições de vida e quem sabe um futuro mais promissor. Esta migração da família de Pelé, é apenas um caso, entre milhares de outros, de brasileiros e brasileiras que buscavam nos centros urbanos oportunidades de trabalho. Mais um sintoma do intenso processo de urbanização pelo qual o país passou a partir das décadas de 40 e 50 do século XX.

A própria prática e popularização do futebol neste contexto, é também mais uma consequência do crescimento das cidades no Brasil de então. O futebol se torna um dos passatempos preferidos da classe trabalhadora, e não à toa, que a maioria dos atletas surgidos neste período, inclusive o próprio Pelé, seja oriundo desta classe social. Além disso, em uma sociedade rigidamente estratificada como a brasileira, marcada por uma desigualdade social gritante, o futebol acaba sendo para muitos garotos, uma das raras oportunidades de ascender socialmente.

E se as possibilidades para os jovens romperem as barreiras da pobreza eram poucas, para os jovens negros como Pelé, eram mais difíceis. Apesar da ideia da existência de uma suposta democracia racial no Brasil, o racismo era e é um fato incontestável. E por mais que Pelé, somente ao final de sua vida tenha admitido a existência de racismo no Brasil, e que em várias oportunidades ao longo de sua vida tenha negado a existência do racismo, sua trajetória é permeada por episódios racistas.

Seja pelos apelidos que eram atribuídos à ele, seja pelas críticas recebidas pela imprensa, seja pelas diferenças nos valores entre passes de jogadores negros e brancos, seja pela diferença de cobrança entre jogadores negros e brancos, seja pela quase ausência de dirigentes negros, ou ainda pela diferença de oportunidades dadas a técnicos negros e brancos, o racismo foi presença constante ao longo de toda trajetória de Pelé.

E foi algo tão recorrente, que até nas homenagens recebidas pelo ex-atleta, por conta de seu falecimento, o racismo se fez presente. Só para citar um exemplo bem mais recente, um texto da revista *Veja*, publicado neste contexto, minimiza o racismo praticado contra o jogador:

“Negrinho, pretinho, crioulo. Era assim que chamavam Pelé, sem nenhum viés de racismo ou preconceito. Não passava de um jeito de se referir a um jovem de pele escura numa época em que nem sequer se supunha que isso no futuro seria inaceitável.”<sup>370</sup>

Uma das formas do racismo é justamente negar a sua existência, ou ainda alegar que o racismo é uma “invenção” dos dias atuais, e portanto, inexistente no passado. Segundo o texto da *Veja*, a maneira como se referiam a Pelé no passado o chamando de “crioulo”, “negrinho” ou “pretinho”, não era racismo, nem preconceito. De acordo com a revista, tais ofensas racistas só passaram a ser encaradas assim na atualidade, afirmando que pessoas pretas não se importavam no passado em serem chamados por estes termos e conseqüentemente, que o racismo no passado não existia.

O próprio Pelé, conforme já dissemos, ao longo da maior parte da vida pouco se posicionou sobre o tema, chegando até mesmo negar a existência do racismo no Brasil. Contudo, em 2017, ele admite, indiretamente a existência do racismo no

---

<sup>370</sup> “Ele não era mesmo deste mundo”. *Veja*. São Paulo: 4 de janeiro de 2023, p. 52.

Brasil, além de assumir orgulhosamente a sua negritude, em uma entrevista à mesma revista *Veja*, quando diz:

“Nunca neguei minha cor da pele, eu gosto de ser negro. Sempre admirei muito meus pais, meus irmãos, toda a minha família, de pessoas negras. Mas Deus me pôs num caminho diferente do da maioria da população brasileira e, desde criança, nunca tive problema com racismo.”<sup>371</sup>

Em outro contexto, quando foi Ministro Extraordinário dos Esportes, em 1995, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, ele afirmou que negros deveriam votar em negros, “para defender a nossa raça”<sup>372</sup>. Uma posição bem mais ativa, e bem menos isenta do que as anteriores.

Estas diferentes posturas de Pelé, fazem dele, como bem aponta Ana Paula da Silva, um paradigma dos discursos raciais na segunda metade do século XX<sup>373</sup>, e isso se dá muito por conta da centralidade que sua figura ocupa dentro de um certo imaginário nacional. Além do mais, estas mudanças, refletem a multiplicidade de imagens que não só serão feitas sobre ele, assim como, ele fará de si próprio.

Se suas posturas, nem sempre foram, na maioria das vezes, abertamente contra o racismo, mesmo nos momentos em que ele se omitiu sobre a questão, involuntariamente acabou agindo como um importante catalisador para discussões sobre o tema. A sua presença destacada e contínua enquanto um homem negro, dentro de uma sociedade estruturalmente racista, contribuiu, a revelia de suas falas e atitudes, contra a invisibilização dos negros nesta mesma sociedade.

Os feitos de Pelé no futebol falam por si sós, feitos que dificilmente outro atleta tão cedo igualará, contudo, é tamanha a grandeza de sua figura, que ela não é possível de ser reduzida apenas ao futebol. Pelé foi uma daquelas raras figuras que personificam o espírito do seu tempo, e por isso, a partir dele podemos compreender muito do que foi o Brasil da segunda metade do século XX, sob as mais diferentes perspectivas.

As discussões expostas ao longo deste trabalho, enquanto tratávamos do início de sua carreira, foram tentativas de demonstrar isso. Contudo, quanto mais

<sup>371</sup> “O Rei (quase) sem medo”. *Veja*. São Paulo: 8 de fevereiro de 2017, p. 50.

<sup>372</sup> WESTIN, Ricardo. Papéis históricos do Senado mostram luta de Pelé contra o racismo: ‘negro vota em negro’. *Senado Federal*, 2023. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/papeis-historicos-do-senado-mostram-luta-d-e-pele-contr-o-racismo-negro-vota-em-negro> . Acesso em: 6 de julho de 2023.

<sup>373</sup> SILVA, Ana Paula da. *Pelé e o complexo de vira-latas*. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2017, p. 171.



pesquisamos sobre Pelé, mais temos noção da complexidade de sua figura, e conseqüentemente, a possibilidade de estudos e abordagens que ele pode suscitar. Dentro desta lógica podemos dizer, inspirado no famoso ensaio “Por que ler os clássicos?” de Ítalo Calvino, que “estudar” Pelé, é como ler um dos clássicos da literatura. Em sua tentativa de definir o que é um clássico, o escritor italiano afirma que “a leitura de um clássico deve oferecer alguma surpresa em relação à imagem que dele tínhamos”<sup>374</sup>, ou seja, quanto mais lemos um “clássico”, mais descobrimos algo novo sobre ele. E é justamente isso que ocorre ao “lermos” Pelé.

---

<sup>374</sup> CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?** São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 12..

## FONTES DOCUMENTAIS

### Periódicos:

- A Gazeta Esportiva (1956 - 1959) - Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e Museu do Futebol.
- Jornal dos Sports (1956 - 1959) - Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
- Manchete Esportiva (1955 - 1958) - Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
- O Cruzeiro (1956 - 1958) - Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).
- O Estado de São Paulo (1957 - 1958) - Acervo virtual do Arquivo Público do Estado de São Paulo.
- Placar (edição de janeiro de 2023) - Acervo pessoal.
- Playboy (Edições de agosto de 1980 e de agosto de 1993) - Site Inside Playboy Brasil.
- Quilombo (1948 - 1950) - Acervo virtual do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO).
- Última Hora (1956 - 1958) - Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.
- Veja (1969 - 2023) - Acervo Digital da Revista Veja.

### Audiovisual:

- FIFA. Brazil 3-1 Uruguay | Extended Highlights | 1970 FIFA World Cup. Youtube, 22 de junho de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/WDquEvAsweQ> . Acesso em: 03 de julho de 2023.
- Figura2000. 'Os 3 minutos mais incríveis da história do futebol' - Brasil x URSS, Copa 1958. Youtube, 9 de maio de 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ojLKzLuvni8&t=18s> . Acesso em: 12 de julho de 2023.
- O Rádio nas Copas de 58 e 62: Brasil 5 X 2 França - semifinal da Copa de 1958 - Rádio Nacional #8. [Locução de]: Jorge Cury e Oswaldo Moreira. [S.l.]. Acervo de Thiago Uberreich, fevereiro de 2020. Podcast. Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/1gWlkeVUMuNvEbrsqGGIGz?si=84c8d4413fe74708> . Acesso em: 06 de abril de 2023.

- Satolep. Brasil x Suécia - Final da Copa de 1958 - Completo. Youtube, 22 de agosto de 2012. Disponível em: <https://youtu.be/kjWe7ATSjPU> . Acesso em: 12 de julho de 2023.

## BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2002.

ANASTASIA, Carla Maria Junho. *De Drummond a Rodrigues: venturas e desventuras dos brasileiros no governo JK*. In: MIRANDA, Wander Melo (organizador). *Anos JK: margens da modernidade*, São Paulo; Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado/Casa de Lúcio Costa, 2002.

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. *“Com o brasileiro não há quem possa”*: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BARBOSA, Nathan Pereira. *Entre o “rei” e o “réu”*: atualizações, disputas e usos da memória de Pelé nas narrativas biográficas. Tese de doutorado: Programa de Pós-graduação em História Social, FFP/UERJ, São Gonçalo: 2020.

\_\_\_\_\_. *Raça, futebol e identidade nacional*: disputas e atualizações da memória em torno das narrativas biográficas de Pelé. Revista Escritas do Tempo: Marabá, v. 2, n. 4, março-junho de 2020.

BASTHI, Angélica. *Breve reflexão sobre Pelé e a experiência negra no futebol brasileiro*. In ALFONSI, Daniela/ CAMPOS, Flávio de (organizadores). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014,

\_\_\_\_\_. *Pelé: estrela negra em campos verdes*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/ Garamond, 2008.

BASTIDE, Roger/ FERNANDES, Florestan. *Branços e negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. São Paulo: Global, 2008.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *O Governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política, 1956 - 1961*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BENJAMIN, Walter. *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: Coleção os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BUARQUE, Paulo Planet. *Uma vida no plural: jornal, rádio, televisão, política, justiça e muito futebol*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

BURLAMAQUI, Luiz Guilherme. *A Dança das Cadeiras: política externa, organização dirigente e circulação de elites transnacionais na eleição de Havelange à presidência da FIFA (1968 – 1976)*. Tese de doutorado: Programa de

- Pós-graduação em História Social, FFLCH/USP, São Paulo: 2019.
- CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CARDOSO, Tom; ROCKMANN, Roberto. *O Marechal da Vitória*. Uma história de rádio, tv e futebol. São Paulo: A Girafa Editora, 2005.
- CASTELLO, José. *Pelé: os dez corações do rei*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- CASTRO, Marcos de; MÁXIMO, João. *Gigantes do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- CASTRO, Ruy. *Estrela Solitária: um brasileiro chamado Garrincha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Os Garotos do Brasil: um passeio pela alma dos craques*. Rio de Janeiro: Foz. 2014.
- CASTRO, Sílvio. *O Futebol Brasileiro: bicampeão do mundo*. Rio de Janeiro: Anuário da Literatura Brasileira, 1962.
- CHAIM, Aníbal Renan Martinot. *A Bola e o Chumbo: futebol e política nos anos de chumbo da ditadura militar brasileira*. Dissertação de Mestrado: Departamento de Ciência Política, FFLCH/USP, São Paulo: 2014.
- CLAUSSEN, Detlev. *Béla Guttmann: uma lenda do futebol do século XX*. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.
- CORDEIRO, Janaína Martins. *A ditadura em tempos de milagre: Comemorações, orgulho e consentimento*. Rio de Janeiro: FGV Editora; FAPERJ, 2015.
- CORDEIRO, Luiz Carlos. *De Edson a Pelé: a infância do rei em Bauru*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 1997.
- COUTO, André Alexandre Guimarães. *O discurso pela imagem: Manchete Esportiva e sua proposta fotojornalística (1955-1959 e 1977-1979)*. In: HOLLANDA, Bernardo Borges de/ MELO, Victor Andrade de (organizadores). *O esporte e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2012.
- CUNHA, Odir. *Time dos sonhos: história completa do Santos F.C.*. São Paulo: Códex, 2003.
- DAMATTA, Roberto (org.). *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.
- DI GIANO, Roberto. *Fútbol y cultura política en la Argentina: identidades en crisis*. Buenos Aires: Leviatán, 2005.
- DI STÉFANO, Alfredo. *Gracias, Vieja: las memorias del mayor mito del fútbol*. Madrid: Aguilar, 2000.

DOWNIE, Andrew. *México 70: a mais bela Copa do Mundo contada por seus protagonistas*. Campinas: Editora Grande Área, 2022.

DUBY, Georges. *O domingo de Bouvines: 27 de julho de 1214*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1993.

DUNNING, Eric/ ELIAS, Norbert. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1992.

FILHO, Mario. *Copa do Mundo 62*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1962.

\_\_\_\_\_. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro, FAPERJ; Mauad, 2003.

\_\_\_\_\_. *Viagem em torno de Pelé*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.

FLORENZANO, José Paulo. A cena do boxe: Pelé no Harlem (parte V). Ludopédio, São Paulo, v. 131, n. 14, 2020.

\_\_\_\_\_. A cerimônia do adeus: “a nação traída” (I parte). Ludopédio, São Paulo, v. 123, n. 5, 2019.

\_\_\_\_\_. A cerimônia do adeus: “o atleta-desertor” (II parte). Ludopédio, São Paulo, v. 124, n. 3, 2019.

\_\_\_\_\_. A cerimônia do adeus: a rebeldia de Pelé (III parte). Ludopédio, São Paulo, v. 125, n. 8, 2019.

\_\_\_\_\_. A cerimônia do adeus: “cadê Pelé?” (última parte). Ludopédio, São Paulo, v. 126, n. 5, 2019.

\_\_\_\_\_. *A Democracia Corinthiana*. Práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: EDUC/ FAPESP, 2010.

\_\_\_\_\_. *A Dimensão Política do Futebol-Arte*. In: GIGLIO, Sérgio Settani/ PRONI, Marcelo Weishaupt (organizadores). *O futebol nas ciências humanas no Brasil*. Campinas, Editora da Unicamp: 2020.

\_\_\_\_\_. A guerra do Santos: 50 anos de uma viagem histórica – Ritual antropofágico (parte I). Ludopédio, São Paulo, v. 115, n. 17, 2019.

\_\_\_\_\_. A guerra do Santos: 50 anos de uma viagem histórica – O jogo de Calabar (parte II). Ludopédio, São Paulo, v. 115, n. 18, 2019.

\_\_\_\_\_. A guerra do Santos: 50 anos de uma viagem histórica – A guerra civil (parte III). Ludopédio, São Paulo, v. 115, n. 19, 2019.

\_\_\_\_\_. A guerra do Santos: 50 anos de uma viagem histórica – A lenda do soldado Nascimento (parte IV). Ludopédio, São Paulo, v. 115, n. 20, 2019.

\_\_\_\_\_. A guerra do Santos: 50 anos de uma viagem histórica – O futebol no campo dos refugiados (parte V). *Ludopédio*, São Paulo, v. 115, n. 21, 2019.

\_\_\_\_\_. Santos: o time da diáspora. *Ludopédio*, São Paulo, v. 115, n. 3, 2019.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FINKELBERG, Margalit (org.). *The Homer Encyclopedia*. Chichester: Blackwell Publishing, 2011.

FREITAS JÚNIOR, Miguel Archanjo de. *Plano Paulo Machado de Carvalho: um projeto modernizador ou uma tentativa de civilizar os jogadores brasileiros?* *Recorde: Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, 2014.

GIGLIO, Sérgio Settani. *A História Política do Futebol Olímpico (1894 - 1988)*. São Paulo: Intermeios, Fapesp, 2018.

\_\_\_\_\_. “A minha preocupação era jogar futebol”: relações entre futebol e ditadura. In: \_\_\_\_\_ . ;PRONI, Marcelo Weishaupt (organizadores). *O futebol nas ciências humanas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

GINZBURG, Carlo. *Medo, reverência, terror: Quatro ensaios de iconografia política*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol - Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOMES, Eduardo de Souza. *O fortalecimento de uma classe: o caso da greve geral do futebol argentino em 1948*. *Ludopédio*, São Paulo, v. 85, n. 12, 2016.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In: \_\_\_\_\_ ...et al. *A Torcida Brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980*. In: \_\_\_\_\_ / MELO, Victor Andrade de (organizadores). *O esporte e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *O Clube como vontade e representação. O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras/FAPERJ, 2010.

\_\_\_\_\_. / MELO, Victor Andrade de (organizadores). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *Subversivos futebol clube*. Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, pp. 34-37, nº118, julho de 2015.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MACHADO, Tiago Rosa. *A medicalização no futebol brasileiro: discursos, saberes e práticas (1950 - 1966)*. Dissertação de mestrado: Programa de Pós-graduação em História Social, FFLCH/USP, São Paulo: 2014.

MARQUES, José Carlos. *O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2003.

MILENA, Lilian. *Kabengele Munanga, o antropólogo que desmistificou a democracia racial no Brasil*. Diálogos do Sul: 22 de maio de 2019. Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/58614/kabengele-munanga-o-antropologo-que-desmistificou-a-democracia-racial-no-brasil> . Acessado em 17 de dezembro de 2022.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917 - 1964)*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

NASCIMENTO, Edson Arantes do. *Eu sou Pelé*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1961.

\_\_\_\_\_. *Pelé: A autobiografia*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2006.

NEGRÃO, João Henrique Botteri. *Selvagens e Incendiários: O discurso anticomunista do governo Vargas*. São Paulo: Humanitas, 2005.

NEIVA, Adriano. *A Verdade sobre Pelé: as fantasias, os exageros, o mito e a história de um desertor*. São Paulo: Cia. Lithografica Ypiranga, 1975.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Tempos de JK: a construção do futuro e a preservação do passado*. In: MIRANDA, Wander Melo (organizador). *Anos JK: margens da modernidade*, São Paulo/ Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado/Casa de Lúcio Costa, 2002.

O'NEILL, Eugene. *Quatro Peças*. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1964.

PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. Porto Alegre: L & PM, 1986.

PORTO, Roberto. *Didi: treino é treino, jogo é jogo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará,



2001.

RAMOS, Guerreiro Alberto. *Negro sou: A questão étnico racial e o Brasil: ensaios, artigos e outros textos (1949 - 1973)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

RIBEIRO, André. *O Diamante Eterno: biografia de Leônidas da Silva*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

RIBEIRO, Fernando Campos. *Lula: o campeão esquecido*. Petrópolis: Editora Corner, 2022.

RIBEIRO, Luiz Carlos. *Futebol e Política*. In: GIGLIO, Sérgio Settani/ PRONI, Marcelo Weishaupt (organizadores). *O futebol nas ciências humanas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

RABELO, Adriano de Paula. *Formas do trágico moderno nas obras teatrais de Eugene O'Neill e de Nelson Rodrigues / São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (Tese de doutorado)*, 2004.

RODRIGUES, Nelson. *O berro impresso das manchetes*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

ROLDÁN, David Leonardo Quintian. *El Dorado: un bocado internacional con sabor rioplatense*. Ludopédio, São Paulo, v.81, n. 11, 2016.

SAHLINS, Marshall. *História e Cultura: apologias a Tucídides*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SANDER, Roberto. *Anos 40: viagem à década sem Copa*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

SANTOS, Daniel de Araújo dos. *Onde a Arena vai mal, um time no Nacional: A criação do Campeonato Brasileiro de Futebol em 1971*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2015.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *Feliz 1958; o ano que não devia terminar*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Futebol e História*. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (organizadores). *O futebol nas ciências humanas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. *Brasil: Uma autobiografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SEBRELI, Juan José. *La Era del Fútbol*. Buenos Aires: Debolsillo, 2005.

SHAKESPEARE, William. *O rei Lear*. Porto Alegre: L & PM, 2021.

SILVA, Ana Paula da. *Pelé e o complexo de vira-latas: discursos sobre raça e modernidade no Brasil*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

SILVA, Diana Mendes Machado da. Futebol e cultura visual: a construção da figura do craque. Marcos Carneiro de Mendonça e Leônidas da Silva (1910-1942). Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

\_\_\_\_\_. *Quem desloca tem preferência: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura*. Belo Horizonte: Relicário, 2014.

SILVA, Thomaz Soares da. *Verdades e Mentiras no Futebol*. Niterói: Imprensa Oficial, 2001.

SLOOP, John M. How apartheid, European racism and Pelé helped cultivate a culture of diversity in US soccer that endures into the MLS. *Ludopédio*, São Paulo, v. 165, n. 4, 2023.

SODRÈ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999

SOUZA, Denaldo Alchorne de. Mário Filho e o messianismo de Pelé (1958-1966)(1ª parte). *Ludopédio*, São Paulo, v. 123, n. 12, 2019.

\_\_\_\_\_. Mário Filho e o Maracanazo (1950-1958)(2ª e última parte). *Ludopédio*, São Paulo, v. 121, n. 5, 2019.

\_\_\_\_\_. *Mitos, Futebol e Identidade Nacional (1930-1983)*. In: GIGLIO, Sérgio Settani/ PRONI, Marcelo Weishaupt (organizadores). *O futebol nas ciências humanas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

\_\_\_\_\_. *Pra frente Brasil! Do Maracanazo aos mitos de Pelé e Garrincha, a dialética da ordem e da desordem (1950 - 1983)*. São Paulo: Intermeios, 2018.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *A cidade e o jornal: a Gazeta Esportiva e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século XX*. In: HOLLANDA, Bernardo Borges de; MELO, Victor Andrade de (organizadores). *O esporte e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *Garrincha, Pelé e Maradona: o sagrado esportivizado em tempos de iconoclastia futebolística*. In: GIGLIO, Sérgio Settani/ PRONI, Marcelo Weishaupt (organizadores). *O futebol nas ciências humanas no*

Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

\_\_\_\_\_. *Lógicas no Futebol*. São Paulo; Editora Hucitec/ FAPESP, 2002.

\_\_\_\_\_. Torcer: a metafísica do homem comum. *Revista de História da USP*, São Paulo, nº 163, pp. 175-189, 2010.

\_\_\_\_\_. "Pelé: os mil corpos de um rei". [on line]. In: NAU: Núcleo de Antropologia Urbana da USP. Disponível em: www no url <http://www.n-au.org/osmilcorposdeumrei.html>. Acesso em 28/05/2018.

TONINI, Marcel Diego. *Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

\_\_\_\_\_. *Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu*. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

VASCONCELLOS, Jorge. *Recados da bola: depoimentos de doze mestres do futebol brasileiro*. São Paulo: Cosac/ Naify, 2010.